

LIVIA STOCCO

O Reino Maldito

MUNDO DE
BHARDO

- LIVRO II -



Edição de Aurora





El mundo de Bhcardo

o Reino Maldito

Livia R. Stocco

~ **MUNDO DE BHARDO** ~

O REINO MALDITO

L. T. R. Stocco

Título Original
MUNDO DE BHARDO - O REINO MALDITO

Livro III da Saga “Mundo de Bhardo”

Direitos autorais do texto original © 2014 Livia Taisa Rolim Stocco
Todos os direitos reservados.

ISBN: 978-85-918540-2-8

Primeira publicação no Brasil em 2014 na Amazon.com.br em formato digital; na Saraiva e pelo Clube de Autores em formato impresso.



Este livro é uma obra independente. Todos os seus elementos – texto, diagramação, preparo para publicação e arte da capa — foram elaborados pela autora, com a colaboração de leitores amigos que auxiliaram na revisão do texto.

*Para Rafael e Emmanuel,
com quem aprendi que as histórias mais fantásticas
precisam de pessoas fascinantes,
brigas inesquecíveis
e amizades inquebrantáveis.*

~ ÍNDICE ~

O aliado

A ascensão do general

A Porta Que Não Abria

Passados Cruzados

Uma missão para o rei

Decisão

Treinamento, magia e um casamento

As revelações da Caçadora

Viajando com velhos amigos

Cataclisma

Ruptura

Por uma gota de chuva

Selvagens

Uma Carona Indesejada

Disfarce de pirata

Dragões do Breu

Os desejos de Dominique

A maldição da sereia

Coelho em toca de serpente

Partidários de Ayana

Convergência

Traidor

A escadaria resplandecente

O Rei

A inimiga de Zebarã

Reencontro

A Fortaleza dos Muros Dourados

Epílogo

O aliado

Decaiko esperava no mínimo uma repreensão. Por causa do pacto firmado séculos atrás, Macrux não poderia lhe tirar a vida, mas o dragão tinha falhado com ele. Tinha se deixado vencer por sete moleques que mal tinham saído das fraldas, com quase conhecimento nenhum de magia. Ele, que tinha mais de mil anos, tinha sido derrotado por um bando de maltrapilhos usando pequenas joias mágicas. Ele sabia que as sentinelas só o tinham vencido por que usavam aqueles tais Objetos Supremos, as relíquias mágicas mais poderosas e destrutivas do mundo, mas também sabia que só estava vivo graças à magia de Macrux que o prendia ao corpo. Tinha subestimado o poder daquelas relíquias e também das sentinelas. Sim, ele merecia um castigo.

No entanto, o mestre o tinha resgatado quando ele caíra semimorto no deserto, com as asas arreventadas e a consciência quilômetros distante. E agora, lá estava Macrux, usando seu próprio poder para curar as feridas do rei dragão. Decaiko se lembrava da dívida de gratidão que o bruxo tinha com ele, afinal, quase um milênio atrás, o ramaddron tinha salvo a vida daquele homem. Mesmo assim, Macrux levava sua palavra de honra mais a sério do que Decaiko suspeitava.

— Você foi imprudente, Ulon — o bruxo falou, enquanto transferia sua energia vital para a fera através das próprias mãos. — Eu disse que os Tesouros eram poderosos, muito mais do que você poderia compreender. Você é imortal, mas sabe que a magia tem suas falhas. Existem feridas que nem eu poderia curar.

Decaiko bufou. Ele sabia bem do que Macrux falava, e tinha certeza de que, se permanecesse no deserto sozinho, depois de ter sofrer tantos golpes e ter mais do que toda a energia vital drenada para a Pedra das Vaidades, a sombra da loucura o atingiria, e ele jamais retornaria à lucidez. — Não imaginei que os sete conseguiriam usar aquelas coisas. Pensei que a magia fosse destruí-los! — exclamou.

Macrux suspirou, e pela primeira vez, Decaiko viu uma ruga formar-se no meio da testa dele.

— Para ser sincero com você, velho amigo, eu também. Tem um dedo de Lhênus por trás disso, o velho simplesmente não consegue manter o nariz longe dos negócios dos outros. Ele nunca vai respeitar a Lei da Neutralidade dos Senhores. Mesmo assim, desta vez ele selecionou muito bem suas sentinelas. Eu não acreditaria que existisse uma só pessoa capaz de aprender a usar os artefatos se não visse com meus próprios olhos. Muito menos sete...

O dragão pestanejou. Sua voz cavernosa estava fraca, ainda recuperando a potência.

— Mesmo assim, eu falhei. Deixei-me apanhar em uma rede de feitiços que teriam tirado minha vida, se não fosse...

— A investida contra Agerta foi um fiasco, mas você não é o responsável. Houve uma trama muito bem engendrada para me ludibriar. Eu fui sabotado.

— Por Zebarãn, mestre?

Macrux sentou-se apoiando as costas no dragão. O ruivo tinha os cachos mais compridos do que nunca e sua barba se enrolava no queixo. Parecia muito cansado, mas ainda assim, o dragão percebeu o brilho vidrado nos olhos do homem.

— Zebarãn tem muitas contas a prestar, mas não seria capaz de tramar nenhum plano contra mim. Ele ter fugido do campo de batalha foi um ato de covardia, não um desafio. Ele vai me pagar em tempo. A sabotagem de que falo veio de uma pessoa um tanto inesperada...

Macrux sentiu o interesse do dragão criar um formigamento em seu braço e um zunido estático nos ouvidos; mesmo moribunda, a fera estava curiosa. O homem tomou fôlego e continuou:

— É intrigante o fato de Octoforte ter se envolvido desta maneira. A Fortaleza Dourada não dava as caras há mais de quatrocentos anos, mas eu suspeitei que a arquitetura deste plano mirabolante fosse de Lhênus. Mesmo assim, houve situações inexplicáveis... Fugas, caminhos escolhidos, escapadas sem lógica. Mudanças de rumo que estão fora dos limites de atuação dos Senhores.

— A não ser que eles tenham quebrado suas próprias leis, mas isso levaria a um colapso na organização dos Senhores... — o dragão sugeriu intrigado. Se a Ordem dos Senhores tivesse sido rompida, todos os planos do mestre teriam que ser alterados, e as coisas ficariam mais fáceis.

— Cheguei a pensar nesta possibilidade e é o que eu estive verificando. Mas acabei descobrindo que o mistério é bem mais simples. Há alguém mais auxiliando as sentinelas, mas este alguém não é um Senhor. É Ariell.

— Ariell?! — o ramaddron exclamou num rugido, surpreso. — Mas ele está...

— Sim, ele está, mas de alguma forma conseguiu uma maneira de interferir no caminho dos moleques. Ainda não descobri o canal que ele está usando, mas definitivamente, é ele. Foi quem bloqueou minha visão de Agerta, e conseguiu esconder as mudanças que os moradores estavam fazendo por lá.

— E o mestre não pode fazer nada para impedi-lo?

— Poderia, mas teria que sacrificar meu melhor espião, e os serviços dele continuam sendo muito úteis. Deixe estar e vamos ver até onde vai a influência desse imbecil. Quem sabe, esta conexão pode até ser proveitosa.

“Além do mais, tenho que admitir, é uma atitude corajosa esta de Ariell. Ele não permaneceu estagnado durante todo esse tempo como era de se esperar, pelo contrário: conseguiu um meio de desenvolver sua magia e seu *mac*, e isso é louvável. Mesmo sendo meu inimigo, sou obrigado a enxergar seu mérito” — Macrux concluiu com um sorriso no canto do lábio, deixando o dragão com uma ruga preocupada. O bruxo podia sentir a inquietação do rei dragão, mas ele sabia que estava tudo bem. Ariell que fizesse o que quisesse, nada seria suficiente para mudar o rumo das coisas.

A ascensão do general

Márcio se recostava na parede do forte com um livro nas mãos. Ele havia passado as últimas duas horas tentando entender a mesma coisa que os autores daquele livro tentavam compreender: o fenômeno da Lua Oculta, que influenciava tudo, desde as marés à posição das estrelas, as estações do ano, o crescimento das plantas, a temperatura e o misterioso clareamento do espaço em certas regiões do Mundo de Bhardo. Era como se existisse uma lua física, com massa e dimensões definidas e mensuráveis pelos astrônomos, mas que ninguém pudesse vê-la. Agora sua velha conhecida enxaqueca dava sinais de que queria aparecer e ele esfregava as têmporas apressado, tentando absorver o máximo de informações que podia antes de ter que abandonar a leitura. Pablo e Diana estavam sentados à mesa comendo sopa no pão, ambos desanimados. Os irmãos tinham discutido horas antes, e Diana, naturalmente, defendera Pablo, embora ela também fosse parte interessada da conversa. Nos últimos dias, Pablo vinha se tornando cada vez mais taciturno e começou a ter pesadelos à noite, e Diana explicou que o motivo não eram as cenas constantes que perturbavam os outros — lembranças recentes de pessoas morrendo diante dos olhos deles, caindo pelas garras de arquedemon'z e malditos enquanto lutavam para defender seu lar. Eram os fantasmas que ele desenterrara do passado. A brutalidade dos mercenários que atacaram a vila onde os três nasceram voltava em fragmentos de sonhos desordenados e Pablo sofria com as lembranças; mas, por mais que Márcio pedisse, seu irmão não queria compartilhar nenhuma memória com ele, e fora por isso que os dois se estranharam.

— Ele sempre agradeceu a Dhonmen por não nos lembrarmos de nada. Contar é reviver, Márcio, e Pablo não está preparado para isso — disse Diana.

Márcio entendia, mas achava que tinha direito de saber.

Lá fora, no alto patamar, a sombra de Shenu se delineava através da luz azulada do portal, certamente segurando um livro numa mão e uma garrafa de bebida na outra. Aos pés da escadaria um pequeno monte de cacos de vidro tinha se formado, restos das garrafas que Shenu jogava no portal só para vê-las voarem sobre a escadaria e se espatifarem em frente ao portão do Forte. Quinze dias, e nenhum progresso. Ártemis havia trazido uma centena de livros de magia para a ilha, e quase todos haviam sido virados do avesso pelas sentinelas, que tentaram vários feitiços e contrafeitiços diferentes para arrombar, abrir, desemperrar e invadir portas e portões, usando os Objetos Supremos de várias maneiras. Naquele momento estavam dando uma pausa, pois Ártemis viajara para Algavar com a promessa de trazer mais livros para que continuassem com a busca. Enquanto isso,

Márcio se sentia finalmente livre para espiar os livros que não tinham exatamente relação com a procura deles, mas que eram interessantíssimos, como aquele de astronomia. Achava que estava finalmente começando a compreender aquelas estranhas equações matemáticas quando Verônica entrou no salão, o queixo erguido, os olhos correndo da cadeira onde se amontoavam alguns casacos à mesa com farelos de pão.

— Isso aqui virou uma pocilga — ela disse enfática.

Márcio pensou estar ouvindo errado, afinal, Verônica não falava com eles havia pelo menos uma semana. Desde o início das reformas na ilha, após a batalha contra o dragão Decaiko, as hordas de arquedemon'z, os Sambuk'z e os malditos, Verônica mal cruzava o caminho das sentinelas, mesmo que os jovens passassem boa parte do tempo na cidadela, e quando o fazia enviesava os olhos e bufava como um cavalo. Agora mesmo, Jadhe e Dominique estavam na cidade, uma comprando itens para a despensa, o outro ajudando na lavoura, e a aparição da gárgula só podia significar que, o que quer que ela quisesse ali, não era coisa boa.

— Dá licença... Como é que é? — Diana perguntou, franzindo o cenho.

— Isso aqui virou uma pocilga. Um chiqueiro.

— E quem você pensa que é para falar assim com a gente? — Diana levantou-se.

Uma tensão palpável impregnou o ar. Diana e Verônica costumavam ser como irmãs, mas Verônica tinha se tornado tão distante e estranha que nenhuma aproximação parecia possível, e o súbito peso que dominou o ambiente foi sucedido por uma onda suave, como uma brisa fresca passando pelo cérebro: algo que Márcio tinha aprendido a reconhecer como o toque da mente de Jadhe na dele, unindo as consciências das sete sentinelas.

— Eu preciso te lembrar? — Verônica perguntou, segurando as mãos na frente do corpo, os olhos cravados em Diana. — Não faz mal, eu lembro: sou esposa do líder desta ilha e, sendo assim, sou também governanta de Agerta, portanto tenho direito a reclamar qualquer espaço dentro do meu território.

O toque de Jadhe ficou mais evidente e a onda de tensão cresceu; Márcio percebeu que todas as sentinelas estavam ouvindo a discussão, atentas a qualquer sinal de que ela pudesse se tornar um problema verdadeiro. Mas, então, Pablo quebrou a corrente nervosa e deu um passo à frente, concentrado apenas em Verônica.

— Na verdade não é bem assim, não é? — ele perguntou, e Verônica voltou seus olhos para ele. — Segundo as leis de concessão de Octoforte, é considerado Território Ausente de Bhardo, e portanto território pertencente à Octoforte, a área esférica de três batumes, centralizado no portal para Cermalháct.

Como este Forte aqui foi erguido dentro da área de *dois batumes e meio*, o Forte de Agerta fica dentro do território de Cermalháct e, portanto, pertence à Octoforte.

— De onde tirou isso? Você inventou isso!

— Não, não inventei. Na verdade, eu praticamente decorei o Documento Fundamental da Fortaleza. Como você sabe, eu realmente queria viver lá *pra sempre*, mas também queria me casar e ter minha vida pessoal. Então, eu sei de cor cada parágrafo dos fundamentos de Octoforte. Desse jeito, quando eu tivesse oportunidade, poderia contestar os costumes que não fazem parte das leis, como não poder formar família ou viajar.

Verônica pareceu ter levado uma bofetada na cara e precisou de alguns segundos para se recuperar. Márcio percebeu o rosto dela ficando roxo e seus olhos injetados antes de falar:

— Este Forte foi erguido com trabalho dos moradores desta ilha...

— Aos quais agradecemos muito — Pablo atalhou e Márcio sentiu, através da conexão que Jadhe mantinha, que ele não pretendia deixar a gárgula falar. — E, assim que tivermos acesso ao tesouro da Fortaleza Dourada, pretendemos pagar por todas as expensas que vocês tiveram, assim como remunerar o trabalho dos moradores da ilha que comprovem ter realizado parte do trabalho. Você deve ter essas anotações por aí, não Verônica?

— Isso era pra ser parte do *nosso* patrimônio, *desta* ilha!

— E com certeza será! Octoforte jamais deixará a ilha descoberta, você sabe disso. Assim que chegarmos ao nosso lar do outro lado, designaremos soldados para permanecer no Forte, guardando a ilha. Tenho certeza de que teremos muitos voluntários, uma vez que vários soldados já criaram raízes aqui.

Era quase possível tocar as fagulhas que saíam dos olhos de Verônica, mas Pablo permanecia calmo. Impressionantemente, ele estava completamente seguro do que dizia e isso o deixava tranquilo, mesmo com aqueles olhos esbugalhados e a pele arroxeadada de raiva de Verônica demonstrando vivamente sua ira.

— Você não veio aqui só pra azucrinar a gente, veio “Vê”? — Pablo provocou.

— Não, eu não vim — a gárgula respondeu, fazendo um bico enorme. — Vocês têm visitas.

— Que visitas? — Diana perguntou, e Márcio imaginou quem seria. Na última semana, sete equipes de repórteres de diferentes cidades e reinos do Continente Maior tinham desembarcado na ilha para ouvir relatos sobre a inesperada Batalha de Agerta, onde cidadãos praticamente sem conhecimento bélico de uma ilha quase esquecida do mundo haviam erguido um Forte e

enfrentado bestas que só existiam nos pesadelos mais profundos dos habitantes do mundo.

— Representantes da Aliança Maior — disse Verônica, com desdém.

— Representantes do que? — Diana perguntou, e Pablo respondeu:

— A aliança formada entre os países do Continente Maior para subsidiar a Fortaleza. No passado, todos os reinos e países do Continente faziam parte, mas agora só restaram quatro: Zebelim, Gehenmy, Algavar e Ylhuah. São eles que mantêm a verba de Octoforte. O que querem conosco?

— Falar com as sentinelas e seu general. Como vocês não têm mais general, se virem — a gárgula disse, e um calafrio percorreu a espinha de Márcio ao ouvi-la falar com tanto desprezo: nem parecia que Verônica estava falando sobre seu próprio pai. — Eles querem saber onde podem ser recebidos para uma reunião. Devo mandá-los para cá?

A mulher franziu o nariz para os casacos na cadeira, a pilha de livros que Márcio tinha amontoado ao seu lado e as migalhas sobre a mesa, mas, no geral, Márcio pensou que não precisariam de mais que cinco minutos para deixar tudo arrumado.

— Se não for muito trabalhoso para Vossa Excelência — Pablo provocou.

— Eles estarão aqui em quinze minutos, é o bastante para vocês chamarem seus amiguinhos? — ela perguntou, e Pablo apenas acenou afirmativamente. Na verdade, os outros quatro membros do grupo já estavam perto do salão. Aquela conexão mental de Jadhe podia ser inconveniente às vezes, mas, na maior parte do tempo, ajudava um bocado.

A gárgula saiu e apenas alguns minutos haviam se passado quando as sentinelas, já reunidas no alto de uma das torres, viram na estrada sinais de um grupo de pessoas subindo o caminho para o Forte, trajando capas e carregando lamparinas. Márcio e Pablo trocaram olhares nervosos: embora todos estivessem um pouco ansiosos com a visita, os irmãos estavam preocupados com Shenu, amuado num canto e ligeiramente embriagado. Desceram apressados e voltaram ao salão. Nervosa, Diana alisou os cabelos e perguntou se deviam servir algo para beber ou comer.

— Não sei, devemos? — Yoná perguntou de volta. — Não conheço o protocolo destas ocasiões.

— Eles não avisaram que viriam, portanto não precisamos preparar nada — Jadhe falou com segurança.

— Vamos colocar uma moringa de água na mesa e alguns copos, acho que é o bastante — Pablo respondeu, tirando os casacos e atirando-os em um

armário cheio de armas. Os livros os jovens deixaram ali, afinal faziam parte de seu trabalho.

Mais alguns minutos se passaram antes da comitiva adentrar o salão do Forte de Agerta, seis pessoas acompanhadas de Verônica e Miriér, esposo da gárgula. Eram quatro homens e duas mulheres, uma delas usando muita maquiagem e um excesso de colares e anéis.

— Senhoras e senhores, estas são as sentinelas de Octoforte — Miriér os apresentou, estendendo a mão num gesto amplo para abarcar todos os jovens. — Estes, sentinelas, são os representantes da Aliança Maior. Por favor, fiquem à vontade.

Miriér deixou os visitantes livres para escolherem assentos à mesa, mas nenhum deles se sentou, o que as sentinelas muito sabiamente tomaram como um sinal de que a conversa não seria exatamente amigável. Cumprimentaram-se à moda de Octoforte, cruzando os braços sobre o peito formando um “X”, os punhos fechados, um sinal que representava a resistência da fortaleza nos tempos de sua criação. Márcio, que foi incumbido de falar pelo grupo, apresentou cada um de seus companheiros e seus postos, mas, do outro lado, não houve tal introdução. A primeira pessoa a falar foi um dos homens, alto, calvo, usando um monóculo de armação preta sobre o olho esquerdo.

— Senhores, meu nome é Doniel, sou conselheiro do presidente de Ylhuah, e este é Carelát — ele apresentou o rapaz mais jovem do grupo, um adolescente negro e obeso com pose de poucos amigos — filho mais jovem do presidente. Imagino que saibam por que estamos aqui.

— Acredito que tenha algo a ver com a recente batalha na ilha — Márcio sugeriu.

— Certamente vocês souberam atrair atenção — falou um homem grande de pele vermelha e um cabelo que parecia a crina de um galo. — Ninguém neste mundo poderia acreditar que qualquer das criaturas que estiveram aqui fosse real, mas vocês não só as enfrentaram como as venceram. Uma grande conquista para soldados de uma fortaleza praticamente obsoleta.

— Senhor Silderéver, preciso lembrá-lo que os bons homens desta ilha participaram com todas as suas forças da batalha em questão... — Verônica começou a dizer, mas foi interrompida pela mulher de maquiagem.

— Sim, mas sem estes sete jovens e suas mágicas conquistas, vencer a batalha não seria possível — ela disse, e Márcio começou a entender o que aquele grupo tinha ido fazer ali. Não era sobre parabenizá-los, como Jadhe tinha imaginado, nem sobre uma condecoração ou um aumento do efetivo em Octoforte, como pensou Dominique.

Aquilo era sobre as joias.

A mulher estendeu a mão. — Perdão. Vocês podem já ter ouvido falar de mim, sou Jhália, mais conhecida como a cantora do grupo Corvo Escarlate. Mas também sou Comendadora de Paz de Algarvar, e estou junto com Brendo, comandante da guarda ministerial.

Jhália apertou as mãos de cada sentinela e apresentou Brendo, o rapaz bonitão e forte que a acompanhava. Depois, abrindo seu melhor sorriso, continuou: — E essas conquistas merecem ser lembradas para sempre. Talvez numa canção. Contudo...

— Contudo — a outra mulher, que era um pouco mais velha e mais sisuda que Jhália, falou — muito embora todo o Continente tenha ficado impressionado com a história dramática da batalha, agora estamos num impasse.

— Que tipo de impasse, senhora... — Márcio perguntou, sem saber se a pergunta tinha surgido dele mesmo ou do pensamento de algum de seus amigos.

— Nianca. Prima da princesa Enara de Zebelim, e representante da casa real. Vejam bem: neste momento, todos os países do nosso querido Continente Maior, em especial os da região do Meio do Mundo, estão preocupados. E se Zebarân enlouquecer novamente e decidir enviar seus monstros para nos atacar, como fez com esta ilha? E se fizer isso agora, enquanto estamos aqui?

Márcio ficou um pouco perdido, sem saber nem o que pensar. As ideias do grupo estavam um pouco confusas, nenhum dos jovens se sentia exatamente seguro conversando com pessoas tão ilustres. Então Pablo, que achava que sabia onde aquela conversa ia dar, interveio.

— Não podemos prever as ações de Zebarân, mas acreditamos que o foco dele seja esta ilha. Entretanto, podemos garantir nossa presença caso seja necessário defender qualquer território da Aliança Maior, como é a prerrogativa de nossa Fortaleza.

— Ah... Sentinela do Trovão, é isso? — a mulher perguntou, e Pablo assentiu. — Rapaz, a presença de vocês não seria suficiente nem para garantir nossa proteção individual. Precisamos de um meio de nos defender de qualquer ameaça, e isso só será possível se cada um de nós possuir um artefato poderoso, capaz de criar uma barreira mágica protetora como a que vocês fizeram aqui.

Todas as sentinelas fizeram menção de responder, mas Pablo lançou um olhar enviesado para os companheiros e pediu que o deixassem falar. De repente, entre todas as mentes inseguras e nervosas conectadas por aquela telepatia que os fazia sentir os pensamentos uns dos outros como um ruído difuso, Pablo ascendia claro e firme, como uma melodia bem executada. O rapaz respirou fundo, e Márcio ficou se perguntando de onde estava brotando toda aquela confiança — talvez do fato de que ninguém mais sabia tanto sobre a política da Aliança quanto ele, o que o tornava o único capaz de debater com aquela gente.

— Seria de extrema valia para um governante ter um Tesouro Supremo nas mãos. Entretanto, as joias foram conquistadas *das sentinelas de Octoforte*, e não de um governo único. Ainda não conseguimos acesso à Fortaleza, portanto elas ainda não foram afixadas ao tesouro, então ainda são conquistas individuais e não podem nem ser emprestadas oficialmente como parte do Material Bélico ou Mágico de Defesa Coletiva, que é de acesso dos reinos para empréstimo mediante a avaliação do general. Além disso, elas foram apanhadas para um fim específico que é o de reabrir o portal. Portanto elas não deixarão a ilha Agerta, a não ser que seja para atravessar o portal e ficar dentro da Fortaleza, uma entidade neutra, sem pátria, que é o lugar mais seguro para elas.

Márcio entendeu que seus amigos estavam em choque tanto quanto ele quando o zunido de pensamentos cessou. De repente se fez um segundo de silêncio, mas no instante seguinte houve uma ameaça de tumulto; Carelát, o filho do presidente de Ylhuah, se irritou, começou a xingar e tentou agredir Pablo, no que foi contido pelo grandalhão Silderéver.

— Seu imbecil! *Nós* pagamos o seu soldo! *Nós*, entendeu bem? Podemos tirar o pagamento na hora que a gente quiser! Podemos parar de pagar vocês, e aí vocês vão ter que comer lixo revirado por abutres sarnentos, seu monte de bosta! — o rapaz esbravejou.

Pablo coçou o queixo e passou os olhos por todos no salão. Miriér e Verônica, num canto, não davam palpites, mas pareciam apreensivos; seus companheiros aguardavam instruções e os visitantes estavam claramente reprimindo um impulso assassino que Pablo reconheceu imediatamente. Já tinha visto a sombra daquilo antes várias vezes nos olhos de seus amigos.

— Yoná, por favor, traga a Pérola aqui — ele pediu com a voz baixa, mas todo o salão ficou em silêncio. Mesmo os pensamentos dos jovens ficaram mudos. A moça não se moveu imediatamente, mas Pablo acenou com as sobranceiras de modo tão confiante que ela assentiu e, em um minuto, trouxe a Pedra das Vaidades para o recinto.

Foi instantâneo. Quando a relíquia entrou na sala, sua magia permeou o ar como um gás venenoso. As sentinelas, cientes da magia do Objeto, dominaram facilmente suas emoções, e o poder da Pérola Negra não conseguiu atingi-los como acontecera nas primeiras vezes que tocaram cada um dos artefatos supremos, mas a Pedra seduziu cada um dos outros indivíduos naquele salão. Pablo permitiu que o sortilégio agisse por alguns instantes, deixando seus companheiros absurdamente tensos, até que Jhália adiantou-se para tocar o Objeto. Neste momento o rapaz cobriu a Pérola com o tecido com que Yoná a trouxe embrulhada e a devolveu à garota, que imediatamente a tirou do recinto.

— Levou semanas para conseguirmos dominar este primeiro impulso que vocês tiveram — Pablo falou, e parecia cansado. — Em algumas ocasiões, ferimos e quase matamos um ao outro. Os Tesouros ainda têm um poder avassalador sobre nós; aprendemos a usar sua magia, mas não a nos defender deles. Não saímos ilesos da batalha. A magia que usamos contra o rei dragão também nos atingiu. Hoje, nós os respeitamos. E, por saber o quão poderosos e destrutivos eles são, não vamos permitir que saiam de nossa guarda.

Márcio sentiu o efeito daquelas palavras sobre os representantes da Aliança, mas, sobretudo, sentiu um respeito orgulhoso crescer dentro dele. Ali estava o Pablo que ele conhecia, sempre disposto a assumir a direção de um barco à deriva e se responsabilizar por tudo o que pudesse dar errado.

Mas Doniel sorriu desdenhoso e disse:

— Para nossa sorte e azar de vocês, não é você quem decide isso — ele falou. — A guarda de qualquer objeto mágico por parte de Octoforte ou de seus membros deve ser decidida pelo general. E, como o general de vocês está desaparecido...

— Ele morreu — Verônica falou de seu canto, surpreendendo a todos. Cabisbaixa, ela suspirou de forma a parecer que segurava uma lágrima, no que Márcio claramente entendeu ser uma bela encenação para aquelas figuras importantes.

— Bem, como ele está morto...

— A Aliança deve designar um novo general para a Fortaleza, o que faremos em cinco dias — falou o comandante Brendo. — Aguardem aqui e esse general se apresentará...

— Não, um de nós pode ser o general — Shenu sugeriu de repente.

— Uma sentinela não pode ser general, isso é inaceitável! — Brendo contestou, mas Pablo rebateu:

— Na verdade, não só é aceitável como já aconteceu. Na ocasião, a sentinela conclamada general foi o grande líder Radamés, sentinela da torre do fogo, o que aconteceu após a morte do general Ubaldo no campo de batalha. Para isso, a sentinela escolhida deve ter demonstrado bravura no campo de batalha, moral incontestável e inegável conhecimento dos regimentos de Octoforte e de sua história.

— Não basta só isso, a sentinela precisa ser aclamada com unanimidade pelo grupo!

Pablo baixou a cabeça, pois previu o que viria a seguir. Surpreendeu-se, porém, por ser justamente Shenu o primeiro a dizer as palavras que, um após o outro, seus amigos repetiram:

— Eu conclamo Pablo Adenetti, sentinela da Torre do Trovão, como meu general.

— Faltou uma sentinela, senhor Pablo — Carelát desdenhou, olhando para Verônica.

— Não, não faltou — Dominique disse prontamente. — Verônica desertou há quinze dias. Somos só sete, e Pablo é nosso general.

— Isso é uma aberração, nós não viemos aqui para isso! — Nianca reclamou, colocando a mão na testa suada, e Jhália começou a caminhar de um lado para o outro.

— Muito bem — Silderéver murmurou. — Muito bem, *general*. Espero que saiba o que está fazendo.

— É, todos esperamos — Doniel falou desgostoso, e depois em tom de ameaça, chamou: — Vamos, Carelát, precisamos debater com o presidente *imediatamente*.

— Brendo, vamos também, essa situação precisa ser informada para o ministro de Algarvar agora mesmo — disse Jhália, depois falou a guisa de despedida: — até breve, general. Passar bem.

Em um instante todos os visitantes se retiraram do salão. Verônica nem olhou para os colegas ao se retirar para acompanhar o grupo até o porto, mas Miriér lançou um olhar astuto para Pablo, nitidamente satisfeito com o rumo que aquela reunião havia tomado. Quando as sentinelas estavam enfim sozinhas, Diana suspirou e parabenizou o namorado com um beijo orgulhoso. Os outros apertaram sua mão, deixando-o constrangido.

— Eu não sabia que você sabia tanto sobre a Fortaleza! — Jadhe exclamou.

— Eu nem sabia que havia tanto para saber! — Dominique riu.

— Mas, e agora? Acha que funcionou? Que vão nos deixar em paz? — Shenu questionou com ar preocupado.

Pablo suspirou. — Não, com certeza vão voltar. E quando fizerem isso trarão reforços. Vão tentar nos tirar as joias à força.

— Acha que tentarão invadir a ilha? Que criarão uma guerra por causa destes Tesouros?

— As pessoas não começam guerras por coisas bem menores? — Diana respondeu.

— É, mas não acho que esse seja o caso — Pablo falou. — Os moradores da ilha e até nossos soldados só lutaram conosco porque estavam defendendo a terra que consideram deles, e não tinham mais nenhum lugar para ir.

— Entendo. Numa batalha pelos Tesouros eles podem não ficar do nosso lado — Jadhe concluiu.

— E o que você sugere general? — Dominique perguntou, e Pablo sorriu entristecido à palavra “general”.

— Precisamos reabrir o portal, e precisamos fazer isso já. Vamos revirar todos os livros e usar todas as magias possíveis. Do lado de lá podemos conseguir apoio do nosso pessoal e, se eles tiverem fugido (Diana estremeceu), ao menos estaremos no nosso lar, e ninguém ousaria invadir Octoforte com todo nosso armamento. Mas, se não conseguirmos isso rápido, é provável que tenhamos que fugir com as joias ou entregá-las para evitar uma batalha sem sentido, e voltar à Fortaleza será um sonho perdido para sempre.

— Nós já tentamos tanta coisa, você ainda tem esperança de conseguir destravar essa magia? — Yoná perguntou, um tantinho desiludida.

— Se existe um feitiço para trancar, tem que existir um para abrir. E, agora que estão conosco, temos que proteger esses Objetos. Eles não podem parar nas mãos de governantes, se transformariam em armas de guerra. Seria o caos.

Verônica olhava das paredes gosmentas para o homem a sua frente. Aquela não era nem de perto a mais bela das grutas de Agerta; as outras, onde tinham descoberto diamantes, estavam bem iluminadas e arejadas. Onde estavam não passava de um buraco aberto na rocha, onde a maresia entrava e descartava algas fedorentas em cantos limosos cheios de aranhas-do-mar. Mesmo assim, o homem mantinha um apetite voraz, devorava o terceiro pão que ela trouxera como se não comesse há dias.

— Mas isso tudo é muito injusto, Verônica! Afinal, você não os acompanhou não por não querer, simplesmente não estava em condições de ir! Se são sete os Objetos mais esta... bússola, você deve ter direito a um deles! Você também é sentinela!

A gárgula respirou fundo, analisando o homem antes de responder. Tinha gasto uma hora inteira contando a ele todos os detalhes (ou quase todos) que ela sabia da viagem das sentinelas. Tinha dito, inclusive, que achava que seus antigos amigos não tinham lhe contado tudo. Só não tinha mencionado o que estava prestes a confessar.

— *Era* sentinela — ela disse, fazendo o homem parar de comer por um segundo. — Eu desertei dias atrás, quando eles acharam que iam conseguir destravar o portal.

— E por que fez isso?

— Porque não quero voltar para lá, *papai* — ela respondeu, enfatizando o “papai”. — Eu me casei com Miriér, atual governante da ilha depois que o pai dele morreu. Quero criar uma família aqui.

— Bem — o homem prosseguiu lentamente. — É uma pena... Mas isso te torna ainda mais merecedora da guarda dos Tesouros. De todos eles! Afinal, você é governante do local onde eles estão armazenados. Tem todo o direito de guardá-los junto ao tesouro da ilha!

— Não é bem assim, *pai querido* — Verônica prosseguiu, fitando o fundo dos olhos de Ólie Fauret. — O Forte está dentro do Território Ausente de Bhardo, o que significa que pertence a Cermalháct. Está sob a responsabilidade do novo general de Octoforte...

— Novo general? Que novo general?

— Pablo. Acredita? Conclamaram o idiota do Pablo. Aquele garoto nunca prestou pra nada. Agora o tornaram *general*...

— Bem, mas ainda assim, ele não foi construído com verba da ilha Agerta? Você pode cobrar direitos sobre a propriedade a partir da verba usada para sua construção...

— Pablo prometeu que pagará as despesas com a montagem do Forte. Eu até poderia retrucar, mas a verdade é que as minas de diamantes de que tiramos a verba tanto para construir o Forte quanto para restaurar a cidadela ficam dentro do Território Ausente. Eles ainda não sabem desse detalhe, mas, quando souberem, poderão até cobrar da ilha.

— E você não pode esconder essa informação?

— Eu poderia até tentar, apesar de ser um tanto pública, mas Ártemis sabe. Ela não está na ilha, mas quando chegar, se algum deles trocar duas palavras com ela, ela falará disso na mesma hora.

— E não há nada que você possa fazer? — Fauret provocou. — Nada que você possa usar para convencer Ártemis? Para... *manipulá-la*?

Verônica riu.

— Manipular Ártemis Caçadora? A mulher é incontrolável! Se tem algum ponto fraco, ela o esconde muito bem. E tentar atingir os discípulos dela não é uma ideia muito genial... Eu não sei o que aconteceu com eles, mas não estão muito mais fáceis de lidar do que com a própria Caçadora.

— Hm... Então, você está num beco sem saída...

Verônica coçou o queixo, tinha se cansado daquela conversinha.

— Muito bem, *papai*. Acho que contei tudo o que eu sabia e podia pra você. É hora de ser um pouquinho honesto comigo também, não é? — então perguntou bem devagar, sublinhando cada palavra: — Quem diabos é você?

Limpando a boca com as costas da mão, o homem respondeu atordoado. — Do que está falando, filha? Já não passamos por isso? Eu já não expliquei tudo o que passei? Que fiquei atordoado, vagando por essas rochas sem memória, até você me encontrar uns dias atrás? A pessoa que encontraram, você mesma disse,

estava irreconhecível, poderia ser um pescador ou até um mercenário dos Sambuk'z, quem sabe? Não era eu! *Eu estou aqui!*

— Acontece que Ólie Fauret não pode estar vivo — a gárgula acusou, cruzando os braços em uma postura de desafio.

— Como pode dizer uma coisa des...

Bem devagar, Verônica pronunciou sua resposta:

— Porque *eu* matei Ólie Fauret.

A mulher esperou sua confissão surtir efeito e percebeu o homem mudar de postura. Ele não alterou sua aparência, mas ajeitou as costas, empinou o nariz e seu olhar mudou — agora ele tinha o olhar de um predador.

— Por que você faria isso? Por que mataria seu próprio pai?

— Ólie Fauret não era meu pai, era um sequestrador! — Verônica disparou, e, de repente, a postura dela tinha mudado também. Seus olhos, sua respiração, tudo denunciava sua euforia por, finalmente, contar a alguém sua verdade. — Ele ganhava a vida assim, fazendo os trambiques dele entre as dimensões, usando os portais a seu bel prazer. Levou-me do meu mundo, me tirou de Agharta e pediu um resgate para me devolver; só que, ao invés de acatar o pedido, os habitantes de lá decidiram fechar a passagem do lado deles e construíram uma pirâmide sem saída sobre o portal, cheia de venenos e armadilhas, para que ninguém mais entrasse naquele mundo nunca mais! Eu tinha três anos, não era um bebê como ele disse a todos, e essa é uma verdade que nem ele sabia que eu conhecia e me lembrava!

— Hm... Curioso... — refletiu o homem. — Então Fauret, na verdade, te tirou da sua família...

— Foi muito mais do que isso. Ele me tirou do meu mundo! Privou-me do direito de viver com membros da minha raça! E, por culpa dele, eu não posso voltar, ninguém pode! Agharta está fechada para sempre!

Verônica arfava molhada de suor, e sua cauda se agitava de um lado para o outro, as garras dos pés cravadas no chão. Ela pressentia que algo viria daquele homem, que começou a andar calmamente, circundando-a, estudando-a. Quando falou, sua voz era macia e sedutora, muito diferente da voz que ele fingia ter quando simulava a do finado Fauret.

— Entendo... Então, o que você mais quer é voltar ao seu mundo Agharta, não é?

— Ninguém pode voltar lá.

— Senhora gárgula, tão ingênua... — o impostor falou. — Eu já estive em muitos mundos, Verônica, e garanto: é possível entrar em Agharta, embora eu não tenha encontrado nenhum atrativo naquele planeta... Enfim, cada um com seus

desejos... Eu posso oferecer isto a você: um caminho seguro para voltar ao seu mundo de origem.

Por alguns instantes, a mulher fitou o desconhecido sem enxergá-lo. Ela não tinha ideia de quem ele era, mas tinha plena consciência de que compactuar com aquele homem seria como dormir num ninho de escorpiões; mesmo assim, ela achava que não tinha mais nada a perder. Há anos vinha procurando nos livros misteriosos guardados em Octoforte uma solução que a permitisse burlar o sistema de segurança da passagem de Agharta e, quando achou que finalmente estava se aproximando de uma resposta, aquele feitiço de Zebarân colocou tudo a perder. Ela sabia que podia continuar aliada das sentinelas fingindo uma amizade que jamais tinha sentido, mas simplesmente não conseguia mais interpretar, não sem ter esperanças de se livrar daquele papel de filha adotiva do general bonzinho, e o caminho seria mais curto se, simplesmente, tivesse ajuda de alguém com um poder maior, mesmo que esse alguém fosse o próprio Zebarân.

— O que você quer? As joias?

— Quero aquele portal trancado. Não me importo com as joias enquanto estiverem inativas, como agora. Mas quero garantias de que não serão usadas para desfazer a magia.

— Por que você não continua com esse disfarce e aparece no Forte? Todos teriam que aceitá-lo, Fauret era o general! Pegaria os Tesouros em um segundo!

Verônica já tinha pensado em todas as perguntas, o impostor percebeu.

— Infelizmente, parece que aquela sua coleguinha Jadhe criou uma conexão muito forte e muito peculiar entre as mentes das sentinelas. Ela perceberia que não sou o Fauret real no momento em que me visse, e isso alertaria os outros imediatamente. Matá-la não é uma opção viável... Jadhe tem certa... aura... algo que ainda não compreendi. Além disso, ela não é a única telepata do grupo.

— Shenu fica bêbado o tempo todo nos últimos dias.

— Ah, ele está muito mais lúcido do que você imagina. E continua sendo telepata, mesmo embriagado.

— Então, você quer que eu pegue os Tesouros e os traga pra você? Que os roube?

A gárgula viu o homem sorrir de um jeito malicioso que o verdadeiro Fauret jamais seria capaz de reproduzir.

— Você *nunca* pegaria aquelas relíquias, querida. Não, o que eu preciso é bem mais simples: quero vigilância. Tenho meu próprio espião, mas ele não é leal. Se algo mudar, se seus amiguinhos decidirem fazer alguma outra coisa, você me dá notícias. É só voltar a esta caverna que eu aparecerei.

— Só isso? Vigilância? É só o que quer?

— É. Em troca, você permanece como governante de Agerta, meu braço direito nesta ilha, e quando a hora chegar o Forte será mais uma barreira contra qualquer um que pensar em fugir deste mundo. E você, apenas você, terá livre acesso ao mundo Agharta. Será rainha nesta ilha e terá a vida que quiser no seu mundo natal. Está bom assim?

Um calafrio percorreu o corpo da gárgula em ondas elétricas de excitação. Estava bom, estava muito bom. Eles deram as mãos, fecharam o pacto, e Verônica sentiu um formigamento quase imperceptível das vibrações próprias da magia que o misterioso impostor usou para selar seu acordo. Ela não perguntou qual seria o preço a pagar caso quebrasse o acordo, mas não era sua intenção fazê-lo: estava satisfeita. Ainda sentindo a grande excitação da nova perspectiva, ela deu as costas para sair da gruta, mas antes se voltou para o homem e perguntou:

— Você é Zebarãn, não é?

— Não. Ele é meu aliado, não posso negar. Mas não sou ele.

— E como devo te chamar? Não vai se revelar?

— Não. Pode continuar me chamando tratando como Fauret. Vai ser divertido ter alguém me chamando de “*papai*” — ele sorriu, e viu o rabo da gárgula contornando a rocha, balançando de um lado para o outro.

A Porta Que Não Abria

Jadhe tinha postura de uma líder nata. Dominique era muito corajoso. Yoná era destemida e determinada. Márcio era ousado. Shenu, que até pouco tempo demonstrava ser um covarde por natureza, tinha sozinho bolado o esquema de feitiços em que protegeu e salvou todas as pessoas da ilha Agerta durante a batalha. Diana poderia conseguir que um exército inteiro a seguisse só com seu jeito e suas convicções.

Por todas essas razões, Pablo tinha certeza de que só tinha sido conclamado general por conta de seu conhecimento das regras de Octoforte. Não fosse por isso, qualquer de seus companheiros estaria mais habilitado que ele. Márcio captou este pensamento no momento em que as sentinelas se viram sozinhas no salão do Forte de Agerta, antes de Jadhe cessar a comunicação mental entre os sete. O fluxo de pensamentos compartilhados durou apenas um instante, mas foi o suficiente para Márcio perceber o quanto seu irmão estava equivocado.

Certamente, Pablo havia demonstrado que aproveitara mais as aulas no Educandário da Fortaleza do que ele tinha deixado transparecer até aquele dia, mas essa não era a única razão do grupo todo ter confiado a ele a liderança, algo que acarretaria uma apresentação formal aos soldados e aos moradores da ilha, um novo juramento, a responsabilidade por algumas burocracias quando retornassem ao prédio em Cermalháct e, sobretudo, a obrigação das sentinelas de obedecerem às ordens do general. Aquela jornada insana em busca dos Objetos Supremos tinha, de certa forma, transformado os jovens, e revelado o que cada uma tinha de melhor e de pior dentro de si e, dentre todos, Pablo era o único que tinha realmente um interesse coletivo na busca pelas joias. Jadhe queria a joia do povo dela, Yoná queria glória, Shenu queria riquezas, Dominique e Márcio queriam aventuras, e até Diana queria um meio de chegar à Ondily, sua protegida, e se a menina não estivesse do outro lado do portal, sua convicção não seria a mesma. O único objetivo da sentinela do trovão na busca pelas joias era destrancar o portal, mas se em sua mente estavam Nini, Paladóç e Randel, sua família e seus melhores amigos de criação do outro lado como parte da razão, sua determinação seria a mesma ainda que Octoforte estivesse vazia. Pablo respeitava a história da Fortaleza Dourada, e apesar de ter pavor do Mundo de Bhardo na época em que o portal foi trancado, também tinha certo orgulho de fazer parte de Octoforte, com todo seu passado brilhante.

Nas discussões que ameaçaram dissipar o grupo, o discurso de Pablo, de que todos deveriam se sentir livres para abandonar a busca pelas joias quando quisessem, deixou a decisão nas mãos de cada um e, a partir daquele momento, os

sete prosseguiram por livre escolha, e não por imposição. Também foi ele o primeiro a defender Jadhe e Shenu quando Yoná começou uma perseguição por causa da telepatia deles, o que tanto fez com que aumentassem a confiança uns nos outros, como abriu caminho para que os sete se sentissem seguros para usar todos os recursos que possuíam, fosse a magia, o uso do mac, disfarces ou até telepatia.

Além disso tudo, Pablo havia demonstrado uma perícia com armas e uma liderança em combate que Márcio desconhecia. E todos sabiam que o rapaz tinha um grande coração, que se preocupava com cada companheiro todos os dias durante a jornada, tanto com a alimentação de cada um, como com as roupas adequadas, o abrigo, e verificando se todos estavam bem. Pablo não tinha se dado conta de que os outros observaram quando ele perguntava para as meninas se não estava na hora de trocar as bandagens de Dominique quando o gênio quebrou as asas, nem que não passou despercebido que ele deu sua água toda para Márcio no deserto quando estavam alucinando de sede, ou que, nos últimos dias, vinha fazendo um controle velado da quantidade de bebida ingerida por Shenu, para não deixar que o amigo, porventura, sofresse algum acidente de tão embriagado. Pablo não sabia, mas o respeito por ele vinha crescendo gradativamente dia após dia. Ele não era o mais astuto, o mais talentoso, o mais destemido ou o mais imponente, mas era por causa dele que aquelas sete pessoas tinham se tornado um grupo, e isso era mais que o suficiente.

Márcio queria dizer tudo isso ao irmão ainda com a conexão telepática ativa, mas logo que Jadhe percebeu o quanto os tinha ligado, tratou de se controlar e encerrar qualquer comunicação. Logo depois, os jovens trataram de preparar e fazer o comunicado sobre a escolha do novo general, e isso os deixou com pouca liberdade para falarem entre si. Mais tarde, de volta ao salão, Pablo incumbiu Diana e Márcio de continuarem procurando feitiços que pudessem usar nos livros que tinham à disposição, sugeriu que Jadhe se retirasse e treinasse um pouco o controle de sua telepatia; pediu a Shenu que continuasse experimentando os feitiços que já tinham selecionado em busca de um que funcionasse, no que Yoná se ofereceu para ajudar, e ele mesmo, junto com Dominique, subiram os degraus da escadaria para pensarem em um plano de fuga, caso fosse necessário, onde, é claro, ele poderia continuar com um olho em Shenu. A última coisa que a telepatia tinha captado após a conclamação, fora o determinado pensamento de Pablo, de que faria tudo para realmente merecer ser chamado de general.

Márcio achava que aquele fardo ia pesar demais nos ombros do irmão, embora tivesse consciência de que o rapaz sempre fora cuidadoso com as pessoas em geral. Portanto, embora pudesse, naturalmente, conversar em pessoa com Pablo, achou que o melhor que podia fazer, naquele momento, era seguir as ordens dele e se enfurnar em alguma braçada de livros até sua cabeça explodir em estrelas

de tanto doer; assim, talvez, poderia encontrar aquele encantamento que destravaria o portal para casa. Apanhou o máximo que conseguiu carregar e levou para o velho casebre abandonado no alto do rochedo, o qual agora, depois de uma bela reforma, servia de residência para as sentinelas. Alguns meses atrás ele tiraria um cochilo antes de começar a virar as páginas dos livros, mas, agora, o sono o levava de volta ao campo de Batalha, ou ao Larócora, o barquinho afundado por um gigantesco dragão dourado, e, quando a canção da sereia Yara resolvia aparecer nos sonhos, Márcio acordava e sentia o espírito chacoalhar em pânico no corpo, exatamente como aconteceu quando Diana atirou água encantada nele e nos amigos quando desmoronaram sob o efeito das flores da Floresta Adormecida. Então espreguiçou-se, preparou uma caneca de chá forte, e foi se sentar numa esteira do lado de fora, abaixo da janela do cômodo principal, de onde podia ver o mar.

Depois de duas horas, deu uma olhada na pequena pilha de resultados ao seu lado. Havia montes de rascunhos com feitiços tirados dos livros com as finalidades de destrancar, destravar, desbloquear, abrir, arrombar, derrubar, desbarricar, todos com anotações das páginas e dos títulos de onde ele os tinha tirado para o caso de precisar de alguma consulta. Eram livros com títulos estranhos: passavam a impressão de um apanhado de receitas culinárias, como o *“Como desarmar feitiços para trancar portas”*, ou *“Bruxarias para refazer caminhos destruídos”*. Havia mais uma porção ao lado dele, mas nenhum era mais promissor. Ele precisava parar por uns minutos, ou seu cérebro iria fritar.

Mordeu um chumaço de ervas amargas que Jadhe lhe dera dizendo que ajudariam a parar as dores de cabeça e começou a mascá-las. Quando finalmente a dor começou a ceder ele adormeceu, e despertou uma hora mais tarde com a cabeça estranhamente leve e desatenta, como se todo o conteúdo de seu cérebro tivesse sido drenado. Então apanhou um livro de astronomia e o estudou com cuidado. O assunto não tinha nada a ver com o Portal, mas manteve Márcio ocupado por um tempão, absorto em explicações e teorias sobre o fenômeno da Lua Oculta, o que fez voltar, aos poucos, sua concentração.

Perdido em equações absurdas que confirmavam os resultados dos estudiosos, Márcio só percebeu que havia alguém dentro da casa quando ouviu a voz afiada da mulher, e não era com ele que ela estava falando:

— Lhênus — ela saudou, mas Márcio percebeu um desgosto nítido na voz dela. — Que surpresa agradável te encontrar por aqui. Meu coração até palpita — ela disse, carregando, cuidadosamente, cada palavra de um entusiasmo fingido.

— Ora, Ana — ele respondeu, e Márcio olhou para cima. A voz vinha de um canto da janela logo acima dele, mais precisamente do vaso de girassóis que Diana tinha colocado ali para decorar a casa. Até alguns minutos atrás a planta estava sem flores, mas agora uma enorme flor amarela tinha se aberto, e estava

voltada para dentro da casa, para Ártemis. — Não precisa me tratar com tanto sarcasmo. Nós dois sabemos que você não me odeia tanto quanto quer fazer parecer. Afinal, eu sou a única pessoa que te conhece de verdade...

A mulher riu.

— Me conhece *de verdade*? — ela perguntou. — Você é um *Senhor*. Você conhece *de verdade* qualquer pessoa deste mundo. A diferença é que, como eu tenho uma vida mais agitada do que a da maioria, você grudou nas minhas costas feito um bicho preguiça preso numa árvore, e nunca mais saiu.

Márcio pensou em se levantar e anunciar sua presença, mas alguma coisa o manteve no lugar. Ele tinha a impressão de que aquela conversa não era para os ouvidos dele, o que, obviamente, tinha aguçado sua curiosidade a níveis extraordinários. Ouviu um som de coisas sendo despejadas e arriscou um olhar pela porta, e assim viu que Ártemis depositara uma sacola grande na mesa, de onde saíam alguns livros pesados: certamente era a nova leva de livros de magia que as sentinelas esperavam.

— O que está fazendo, Ayana? — Lhênus perguntou. Márcio não sabia por que, mas era por Ayana que o Senhor tratava Ártemis. Ele perguntou outra vez: — O que ainda está fazendo aqui?

Ártemis não respondeu, mas Márcio a ouviu apanhar algumas panelas e acender o pequeno fogareiro a óleo. Pelo cheiro, ela estava preparando café. Não se aguentou, colocou-se mais perto da porta de onde conseguiu espiar lá dentro através do reflexo numa bandeja pendurada na parede. Ártemis encarava a flor Lhênus de uma forma tão ácida e voraz, que Márcio prendeu a respiração.

— Por que continua trazendo livros para esses garotos? Se Zebarân fez seu encantamento para ser eterno, é provável que tenha acrescentado elementos que só ele teria poder para retirar. Feitiços comuns do Meio do Mundo não vão funcionar.

Se Lhênus fosse uma pessoa normal, Márcio pensou, teria sido petrificado pelo olhar daquela mulher.

— Como é que é?

— Ana... Você sempre soube disso, Ana...

— Eu sempre *soube*? Eu sempre pensei que devia ter sangue do velho nessa cosia, que, provavelmente, ele nunca seria desfeito nem com todo o poder do mundo. Mas você me fez acreditar que havia uma chance! Que havia uma possibilidade!

— Ayana...

— Por que me levou a crer que os meninos precisavam desses Objetos?! Que eles conseguiriam alguma coisa com essas joias?!

— Ayana, você deve me entender...

A mulher sentou-se bruscamente numa cadeira à mesa da ceia e bateu um copo fumegante no tampo.

— Explique-se — ela ordenou.

— O portal precisa ser reaberto, Ayana. Octoforte foi construída em menos de um mês, logicamente, porque teve ajuda da Senhora da Terra Inish para isso. Na época, Zebarân tinha dominado o Continente Aduna e decidira que não era o suficiente, então montou seu exército para invadir o Continente Maior. Os povos estavam enfraquecidos depois das guerras contra o Imperador e contra o próprio Zebarân por Aduna, então tinham poucas chances individualmente. Octoforte representava a Aliança Maior, a única aliança já feita entre todos os países e reinos, e foi ela que expulsou o tirano do Continente. Foi então que construíram a Fortaleza Dourada, e colocaram sentinelas e soldados nela.

“O rei tirano não se deu por derrotado pra sempre, mas quando tentou invadir de novo, encontrou os soldados de Octoforte prontos para confrontarem seu exército. Octoforte expulsou os demônios de volta para Aduna, investiram contra as terras dominadas, mas Zebarân criou a barreira mágica que você conhece, que deixa todos entrarem, mas de onde ninguém sai. — Como Ártemis continuasse calada, Lhênus continuou: — O portal tem que permanecer aberto, Ayana. Não só representa o último refúgio, caso haja um ataque massivo contra todos os países livres, como também é uma rota de fuga, a única se todas as terras livres do Continente Maior forem dominadas da mesma forma que Zebarân dominou Aduna. Pelo portal as pessoas poderiam fugir para a Terra, onde os sobreviventes poderiam viver. O portal precisa permanecer aberto.”

A mulher escutou impassível, mas levou alguns instantes para responder. Quando falou, sua voz era gelada:

— Ainda não me respondeu Lhênus. Foi você que ficou resmungando no meu ouvido me fazendo crer que os Objetos Supremos seriam necessários para destravar essa magia. Se isso não tinha utilidade nenhuma, porque mandar as sentinelas procurá-los? — Então berrou: — Por que mandar os meninos nessa viagem insana, cheia de perigos mortais? Está louco?!

— Por que, Ayana, — Lhênus disse calmamente — a única chance que eles têm é com as joias nas mãos. O poder da Fortaleza sozinha, mesmo com todos os seus soldados e capitães, não faria nem cócegas em Zebarân. Mas, com as joias nas mãos...

— NÃO!!! — a mulher berrou, e Márcio levou um susto. — Você não está dizendo... *EU NÃO VOU PERMITIR QUE VOCÊ MANDE MEUS MENINOS PARA AQUELE LUGAR!!!*

— De que meninos está falando Caçadora, dos seus dois pupilos, ou de todas as sentinelas?

— São sete *crianças*! Sete moleques, com uma vida normal pela frente! *VOCÊ É DOENTE!* Eles não vão para lá, eu não vou deixar!

Ártemis falou um monte de impropérios para Lhênus, coisas que Márcio só vira bêbados falando uns para os outros, e o garoto se perguntou se ela se lembrava de que estava falando com um Senhor, aquele que tinha criado todas as coisas verdes e que tinha o poder da sabedoria naquele mundo. Parecia que não. Parecia que ela falava com a criatura mais vil da face de Bhardo. Mas Lhênus, mesmo em forma de flor, manteve uma postura quase entediada.

— Infelizmente para você, Ana, a decisão não está nas suas mãos — ele disse.

— Eles nunca vão aceitar essa missão suicida! E você não pode obrigá-los!

— Ah, agora chegamos ao lugar certo! Há, há, como é bom falar com você, uma pessoa inteligente! Não muito sensata, mas quem pode culpá-la? Mas muito inteligente. Sim, a decisão é deles. Mas cada um deles tem motivos de sobra pra fazer de tudo para confrontar o rei. E você sabe disso.

Uma pessoa normal ficaria vermelha de raiva, mas Ártemis, com olhos saltados e dentes arreganhados, tinha ficado enegrecida, e veias escuras esparramaram-se pela pele do rosto dela.

— Você não vai contar nada a eles...

— Mas eles já sabem a maior parte! Só falta uma ajudinha pra que liguem todos os pontos...

— Você fez isso! Me usou desde o começo! Me usou para treinar os meninos, para aproveitá-los quando quisesse!

— Eu nunca deixei Octoforte desamparada, Ana — a voz do Senhor parecia cansada, quase triste. — Quando começaram a relaxar na escolha das sentinelas, eu tive que dar meus empurrõezinhos. Eu não fiz nada demais, mas, sim, fiz com que jovens que tivessem motivos pessoais para se comprometer com a causa da Fortaleza fossem selecionados. Não é garantia de nada, mas é uma vantagem...

— *VOCÊ É UM CANALHA!* Se aproveitou da desgraça de crianças...

— Que iriam morrer se eu não interferisse — retrucou o Senhor, perdendo um tantinho da paciência. — Eu os encaminhei para Octoforte, porque você acha que o lugar se tornou um ponto de acolhimento de tantos órfãos vítimas de tragédias?

— Para que tivessem uma dívida de gratidão com você — a Caçadora acusou.

— Assim como eu teria feito com você — Lhênus disse, e essa informação pareceu desestabilizar Ártemis por um momento. — Sim, quando você

caiu daquela carroça de nômades, eu a teria conduzido até aqui, e você teria levado uma vida normal, sem contratempos. Mas Mávelo te encontrou primeiro...

— Então, ao invés de interceder para que eu encontrasse meus pais, você me traria para cá. Para Octoforte. Para viver como órfã, crescer, treinar, virar soldado, quem sabe sentinela, para que, caso um dia houvesse um ataque, pessoas com este tipo de passado se sentissem motivadas a lutar pelo lugar que as acolheu. É isso?

— Do jeito que você coloca as coisas fica tudo tão grosseiro!

Ártemis respirou fundo várias vezes antes de falar:

— Se acha que vai conseguir levar esses meninos para o Nepcoutem, pode acordar do sonho. Eu não vou deixar que saibam mais do que já sabem, e não vou tirar os olhos deles.

— Acontece, cara Ayana, que já é tarde. Um deles ouviu tudo o que dissemos aqui, talvez todos eles, se lembrarmos da telepatia da sua protegida...

Ártemis ficou quieta, dura feito uma estátua, enquanto Márcio, lentamente, se levantava e se deixava ver, sem saber o que dizer ou o que pensar. A mulher nada disse quando passou por ele saindo da casa, mas parou na soleira da janela e falou bem claramente para o girassol-Lhênus:

— Eu vou procurar, Lhênus. Eu vou buscar onde for. Se algum dia eu descobrir que é possível ferir um Senhor, vou fazer de tudo pra que você sinta muita, mas muita dor.

Ela saiu sem mais palavras, deixando Márcio sozinho com a flor-Senhor. Quando este voltou sua face para a sentinela, o garoto viu um rosto meio felino se desenhando nas sementes de girassol.

— Reúna seus amigos, Márcio Adenetti. Acho que você deve ter um punhado de perguntas.

Passados Cruzados

Dominique vasculhava a praia escura, onde o luar apagado da lua vermelha minguante mal conseguia tocar. A noite estava pontilhada de estrelas, mas a lua branca, a que mais trazia luz ao céu eternamente negro, também estava minguante e desaparecendo atrás das rochas, e sua pouca luz fazia as coisas todas parecerem iguais lá embaixo, então o gênio teria de se contentar com o que tinha. Planava aproveitando-se de uma corrente ascendente de vento, que o permitia ficar quase parado no ar sem esforço e deixava sua mente livre para pensar. Tinha passado as últimas horas junto com Pablo tentando colocar os pensamentos em ordem, e também buscando um plano de fuga, caso fosse necessário esconder os Tesouros. No fim, não tinham chegado a nenhuma conclusão. Escolher um lugar para se esconder nem era o maior problema, uma vez que, em último caso, poderiam arranjar uma caverna na própria ilha, ou em Gehenmy, ou um quarto simples no meio de I’Jaboris, ou até a cabana onde Nique e Jadhe tinham vivido, no meio da Grande Floresta.

No entanto, havia um problema maior. Se no início da busca pelos Objetos Supremos os grandes perigos eram os guardiões das próprias joias, mais tarde as coisas se tornaram mais complicadas. A destruição das linhas dos bondes talvez pudesse ser atribuída aos dragões de forma coordenada e sem relação com as sentinelas e seus tesouros, não fosse a presença de um ramaddron sobre as ruínas esquecidas onde estava o Medalhão dos Elementos, afinal, aparentemente, o dragão não estava lá antes. Depois receberam a visita inusitada de um maldito; o navio onde alguns deles estavam foi atacado por arquedemon’z no meio do Oceano, coisa que não acontecia com muita frequência; outros malditos perseguiram o grupo de Jadhe em Crimehuór, num local onde não havia outras pessoas por perto, e mais um bando atacou e perseguiu o grupo de Márcio num vilarejo deserto. Por fim, foram atacados na praia quando os sete já estavam juntos, e só escaparam por um triz. O que quer que o inimigo estivesse usando, estava claro que ele tinha algum meio de espionar as sentinelas, e os jovens tinham que descobrir qual era antes de bolar um plano que os pusesse indefesos no meio do deserto, deixando as joias desprotegidas.

Sem descobrir que meio de espionagem seria esse as sentinelas não tinham como bolar um plano eficaz, então não chegaram a lugar nenhum. Por isso, quando Nique sentiu que já não conseguia assimilar nenhuma informação mais, o gênio saiu para dar uma volta sozinho e colocar os pensamentos no lugar, mas resolveu procurar Jadhe e ver o que ela estava fazendo.

A moça estava sentada junto ao mar, num rochedo próximo às plantações. Ela balançava as pernas, a ponta dos dedos dos pés roçando a superfície salina, e olhava para o uma pequena ilhota redonda repleta de pelicanos que Dominique sabia ser o topo do casco de Melvim. Os cabelos dela, agora curtos, balançavam soltos ao vento forte e quente que soprava do oceano. Ela havia ganhado um pouco de peso e tinha um ar um pouco mais saudável — os sete tinham voltado da jornada muito mais esqueléticos do que eram quando partiram, e estavam se recuperando aos poucos. Pensando em como os dois estiveram perto da morte no campo de batalha Dominique sentiu uma ardência na garganta; pousou com suavidade e chegou bem perto do ouvido da garota antes de pronunciar seu nome. Jadhe se desequilibrou e quase caiu da pedra.

— Se assustou? Mesmo? Eu nem sabia que isso era possível!

— O quê?

— Te assustar! Lembra quando morávamos na floresta? Quantas vezes eu tentei te pegar de surpresa e nunca consegui? No Educandário achei que as coisas iam mudar um pouquinho, mas você sempre estava preparada, sempre alerta pra tudo...

— É que... — Nique não podia ter certeza por causa da escuridão, mas podia jurar que viu Jadhe corar. — Bom, eu nunca aprimorei a telepatia, mas, mesmo não entendendo os pensamentos dos outros, eu... pressentia quando alguém se aproximava...

— Mesmo? — Nique perguntou, sentando-se ao lado dela. Depois de se descobrir inocente pela tragédia em sua terra natal Jadhe estava muito mais alegre e faladeira, e Nique suspeitava que aquela felicidade nova que tomava conta dela, e que às vezes fazia com que ela perdesse o controle sobre a telepatia, podia muito bem ser o que estava mantendo a sanidade dos amigos, tão nervosos por causa do portal e assombrados por pesadelos com os homens que perderam suas vidas na Batalha de Agerta. Além do mais, era muito bom ouvi-la se abrir finalmente, depois do rapaz tentar, por tantos anos, descobrir os mistérios por trás da distância dela. — E como isso funciona?

— Hm, acho que... — ela pensou um pouquinho, nitidamente envergonhada. — Lembra daquele garoto que estudou com você, Jardel?

— O que era cego de nascença?

— É. Lembra de como ele não precisava que ninguém falasse com ele pra saber quando uma pessoa estava perto? Uma vez ele disse que era quase um sentido novo: o som dos passos de uma pessoa, o movimento do deslocamento de ar, o modo como ela respirava, tudo isso era o bastante pra ele saber que não estava sozinho e quem estava com ele, mesmo que a pessoa fizesse bastante silêncio. É mais ou menos isso que é com a telepatia, é como uma sensação.

— Certo... Então, por que não me percebeu chegando agora há pouco?

— Ah, porque a mestra esteve comigo!

— A mestra está na ilha? Onde, eu não a vi!

— Ela trouxe um monte de livros novos, deve ter levado para o Forte ou para a cabana — ela disse. Depois, vendo Dominique esticar as pernas sossegado, perguntou: — Não vai procurá-la?

— Agora não — ele respondeu, e entendeu o porquê da amiga erguer uma sobrancelha. Desde criança, sempre que a mestra se ausentava, ele corria para recepcioná-la quando a mulher voltava, como um filho legítimo faria ao ver a mãe. Mas, naquele momento, tudo o que ele queria era permanecer ali e aproveitar a brecha que Jadhe deixara aberta para conversarem. — O que foi que ela te ensinou?

— Bom... Ela me deu um monte de lições e conselhos sobre como dominar a telepatia. Eu estava me concentrando, não é muito bom ficar entrando na cabeça dos outros o tempo todo. As pessoas se incomodam e eu também, na verdade. Em alguns momentos a coisa fica muito confusa! Sabe, acho que ela é telepata também, ela sabe muito a respeito do assunto. Mostrou-me como fazer para não ler o pensamento dos outros e para fechar a minha mente; ela disse que, para outro telepata, a minha falta de controle é como uma tocha acesa no meio do nada, e isso não é nada bom...

— Não é mesmo — Dominique preocupou-se. — Shenu talvez precise desse treino também... Zebarân pode ser um telepata, e se não for, ele deve ter algum laçao treinado pra invadir a mente das pessoas. Precisamos estar preparados, caso ele ataque outra vez.

— Foi mais ou menos isso o que ela disse — Jadhe concordou. — Ela falou que Shenu não é igual a mim porque ele mais ouve do que comunica, que ele precisa se concentrar muito pra transmitir alguma coisa pra alguém... — Então a moça abaixou a voz. — Mas a mestra me ensinou mais. Ela me mostrou como fazer pra usar a telepatia a meu favor. Como... *invadir* a mente de uma pessoa e arrancar uma informação à força.

— Sério? E isso é possível? — desta vez, Nique ficou ligeiramente assustado.

— É, e acho que nisso a mestra é perita. E ela me fez testar a lição. Ver alguma coisa na mente dela.

— Mesmo? — Dominique fitou Jadhe bem no fundo dos olhos dela. Ele sabia que ela pensava do mesmo jeito que ele: que era errado querer saber da vida privada da mestra, mas era irresistível pensar a respeito. E agora a mulher havia dado uma permissão... — E o que você viu?

Jadhe suspirou e respondeu um tanto decepcionada:

— Não muita coisa, pra falar a verdade. Ela disse que ia pensar em alguém que ela conheceu há muito tempo, e que eu devia me concentrar e tentar ver o rosto que ela estava pensando. Mas tudo o que consegui enxergar foram umas faixas coloridas... Faixas de cores brilhantes, meio azul, meio turquesa, faixas fluídas. E ela disse que estava ótimo. Não entendi nada...

Dominique soltou um muxoxo desapontado, mas ele não esperava nada diferente. Então uma ideia lhe ocorreu, uma ideia um tanto absurda.

— Tente comigo!

— O que? — a garota se espantou. Os olhos miúdos ficaram enormes. — Nã-não, de jeito nenhum!

— Por que não? Eu estou deixando, você não estará fazendo nada contra a minha vontade!

— Nique eu... Eu posso acabar vendo coisas que você não quer que eu veja — ela falou baixinho.

Na eternidade de um instante, Dominique pensou em tudo o que não queria que Jadhe soubesse. Pensou que seria constrangedor se Jadhe visse alguma lembrança dele com alguma de suas ex-namoradas, mas lhe ocorreu que, além de ela já saber sobre elas, tinham sido casos tão passageiros que ele não se incomodaria se ela desse uma olhada. Pensou nas conversas nas rodinhas de amigos do Educandário, nas idas às casas de jogos na cidade, e em como tudo o que se lembrava e que poderia constrangê-lo estava irremediavelmente ligado à Jadhe. Ela estava sempre em seu pensamento quando ele começava a namorar alguém. Ela sempre estava em sua visão quando algum colega falava dela. Ele sempre a defendia se alguém implicava com ela, mas era o primeiro a incomodá-la de todas as formas que podia. De repente, ele se deu conta do quanto de seu pensamento era dominado por Jadhe. E junto com essa constatação, percebeu que seu coração estava fora de compasso e que rosto formigava de um jeito que ele nunca tinha sentido antes, a não ser quando o uma corrente estranha de vento o derrubou no ar e ele ficara preso e pendurado de cabeça para baixo numa árvore. Jadhe o resgatara naquele dia. E ele, adolescente, tinha ficado envergonhado. Se tivesse sido a namorada dele da ocasião, uma tal de Belme (ou seria Elandra?), tanto fazia. Provavelmente ele nem teria ligado.

— Não tem nada que você possa ver que eu queira esconder de você, princesa — Nique disse, sem entender por que tinha sussurrado. “Princesa”. Ela tinha deixado sua coroa e seu lar para trás, e ele não podia deixar de pensar que, talvez, um dos motivos fosse ele.

Jadhe ainda relutou um momento, mas depois respirou fundo e mordiscou o lábio. — Tudo bem — ela disse. — Mas vamos fazer do jeito que Ártemis fez. Pense numa imagem... Em alguma coisa que você *queira* me mostrar.

Os dois fixaram o olhar um no outro, e Nique percebeu Jadhe tremer, embora estivesse quente. Ele sentiu o toque dela em sua mente, como uma brisa leve passando por seus cabelos, e soube que, naquele instante, tudo o que ela podia ver era a si mesma através dos olhos do gênio, porque ele não pensava em mais nada. Ele notou a respiração entrecortada dela, e como ela fazia força para se acalmar e controlar os batimentos cardíacos, e se perguntou se aquele nervosismo era por usar seu poder sobre alguém, ou por usá-lo sobre *ele*.

— Não está fazendo direito, Nique — Jadhe falou, mas sua voz não era mais que um sopro suave e tremulante. Ela não conseguia manter a respiração normal, e Nique se deu conta de que as próprias mãos estavam geladas e pegajosas. — Não pode esvasiar a mente, isso é uma técnica *contra* a invasão telepática. Se quer que eu leia o que você pensa, precisa pensar em algo, se não vou ficar me vendo através dos seus olhos...

Ela disse tentando ser casual, mas os dois sabiam que ele não estava apenas olhando para a garota. Estava em frente a ela e estava pensando nela, libertando as próprias ideias, as próprias vontades, e ela sabia disso. A garganta arranhava, a língua estava seca, e ele deixou de sentir as pernas e as asas. Todo o seu corpo estava dormente e, se passou vagamente por seu pensamento dizer alguma coisa ao invés de traduzir o sentimento por telepatia, a ideia lhe escapou e fugiu, porque ele não conseguiria pronunciar nenhuma palavra coerente. Precisava explicar a ela, fazê-la entender de uma vez, confessar a si mesmo e à garota aquilo que vinha sufocando no peito há tantos anos. Tentou se concentrar em algo que pudesse materializar na mente, uma imagem forte e clara o suficiente para que Jadhe não tivesse dúvidas. Ela olhou de novo nos olhos dele, e seus lábios tremeram. Um suspiro saiu da moça quando ela enxergou a imagem que a mente de Dominique projetava, e era ela, os olhos dela, o rosto dela, os lábios dela. Só os lábios dela. Naquele instante a amiga desapareceu do coração do gênio, e em seu lugar só ficou a mulher.

Não havia nada a ser dito, e nenhum pensamento poderia ser traduzido. O gênio tocou o rosto macio da garota puxando-o para perto dele, para perto de seu, enquanto sentia a mão dela na sua. Aproximou o rosto dela e avançou devagar, os lábios ligeiramente abertos, o tremor o dominando, os dedos sentindo a jovem que, graciosamente, estava com o rosto quente. Fechou os olhos, pois quando tocassem os lábios daquela mulher o estrondo seria esmagador, galáxias nasceriam bem diante dele, e poderiam cegá-lo... Ela chegou ainda mais perto, seus lábios roçaram os dela...

— Dominique, Jadhe! Depressa! Precisamos de vocês no Forte o mais rápido possível. Tenho novidades...

“*Márcio é um homem morto*”, o gênio pensou.

Dominique tinha certeza de que Márcio tinha percebido que interrompera alguma coisa, porque enquanto caminhavam de volta à cidade o colega não disse uma palavra e ficou o tempo todo olhando para o chão. Depois que atravessaram o arco da entrada, Jadhe passou na frente dos dois e atravessou a ponte da praça central, por baixo da qual corria o raso Riacho Brilhantino e seguiu ligeira para o Forte de Agerta.

— Nique eu... Eu não fazia ideia! — Márcio começou, e o gênio percebeu que a voz dele estava fina. Se ele não estivesse totalmente furioso talvez até o tivesse acalmado, dizendo que não precisava se preocupar tanto, mas naquele momento ele só conseguia pensar se nos livros de magia que Ártemis tinha trazido haveria algum feitiço que transformasse um ser humano numa folha de papel bem grande pra ele poder amassar Márcio.

— Mantenha essa sua boca fechada e a língua bem guardada, ou eu a corto fora — disse seco. — Vou voar o resto do caminho. Onde estão os outros?

— No patamar do Portal... Escute, eu não teria chegado daquele jeito se não fosse extremamente importante...

Mas Dominique não quis ouvir o resto; impulsionou o voo, forçando as asas a levá-lo para cima e, mesmo sabendo que estava sendo irracional, deixou o amigo terminar o caminho sozinho, enquanto se preocupava em como iria encarar Jadhe agora.

Em poucos instantes, atravessou a primeira muralha do Forte e passou acenando para Alin, que fora soldado em Octoforte do pelotão de Dominique, e que agora estava na vigília de uma das torres. Era um bom homem, que tinha encontrado a paz vivendo na ilha, ao lado de uma boa mulher que estava esperando um filho seu. Tinha convidado o gênio para abençoar o filho dele quando nascesse, o que deixara a sentinela extremamente honrada: ele jamais tinha estendido a *primeira bênção* a nenhuma criança.

Nique atravessou a muralha e pousou no patamar, tomando cuidado para evitar a luz do portal azulado, já que o feitiço de Zebarân não só bloqueava a passagem como também lançava longe quem tocava nele. Lá encontrou Pablo, Yoná e Shenu, e esperou alguns minutos até Márcio e Jadhe se reunirem a eles. Quando a moça chegou, lançou um olhar furtivo ao rapaz. Por último chegou Diana, trazendo uma panela grande e fumegante que segurava pelas alças com a ajuda de panos grossos. Aos pés dela seguiam-na, miando e fazendo estardalhaço, os três gatos que Pablo resgatara nas ruínas em que apanharam o Cetro da Luz, e que agora que já não eram tão filhotes estavam gordos e danados, sempre brincando uns com os outros.

— Não sei o que quer, Márcio, mas como estamos todos juntos, achei que podiam experimentar doce de goiaba com hortelã e mel — ela disse, sentando-se, colocando a panela no meio do grupo, e apanhando a gata fêmea no colo. — E não me olhe deste jeito, Pablo, estou procurando feitiços há horas. Precisamos de energia também.

Enquanto cada um apanhava uma colher, Diana distribuiu cuias de casca de coco. Os amigos se serviram e Márcio começou a narrar a conversa que tinha ouvido. Quando estava prestes a contar a única opção que o Senhor havia assinalado que tinham, Ártemis surgiu no penúltimo degrau, sorrateira como uma pantera, seguida por um homem estranho, baixo e gordo, cuja pele parecia feita de pequenas pétalas de flores champanhe, com uma barba enorme de palha, e mancando apoiado num cajado torto. Indiscutivelmente, aquele era Lhênus.

O Senhor apoiou a cabeça nas mãos que se debruçavam no cajado, e quando falou sua voz era grave e cansada. Se o velho queria conquistar a simpatia das sentinelas, aquele era o jeito perfeito, mas Márcio percebeu que os olhos de Ártemis permaneciam inabaláveis.

— Meu caro Márcio, você estava no lugar errado e na hora errada. Ouviu uma conversa que não era para os seus ouvidos, e agora está cheio de dúvidas...

— Não seja hipócrita — Ártemis atalhou. — Você queria que ele ouvisse a conversa, até bloqueou meus sentidos! Se não tivesse feito isso, eu teria percebido a presença dele há quilômetros de distância.

— Você permanecerá aqui, Ayana? Presente? — Lhênus perguntou incomodado.

— E por que não? Afinal, *eu* sou a pessoa que mais conhece você *de verdade* — ela disse, caprichando no sarcasmo.

Lhênus suspirou antes de falar com um tantinho de impaciência:

— Muito bem. Mais uma vez estou diante de vocês, e mais uma vez digo: eu não posso lhes contar muito mais do que vocês podem deduzir sozinhos. Sei que vocês devem ter muitas dúvidas agora, portanto, podem começar a perguntar.

Até então as sentinelas nada tinham falado, mas mantinham a sintonia telepática ativa o tempo todo, ainda que Jadhe estivesse tão perturbada com as reviravoltas da última hora que usou toda sua concentração para não dividir com os outros a cena na praia. À medida que as palavras de Márcio ecoavam na mente de cada um os outros problemas os abandonaram, uma onda de ansiedade se instalou nos corações dos jovens, e centenas de perguntas mal formuladas ficaram bailando na corrente de pensamentos. Márcio achou que jamais conseguiria organizar tudo aquilo e dar sentido a uma só pergunta, e aparentemente os amigos estavam tão

confusos quanto ele. E em Pablo recaiu a tarefa de dar forma aos protestos que se formavam, cada vez com maior intensidade, na cabeça dos sete.

— Você nos usou — ele disse, depois de vários minutos. — Nos acolheu crianças, quando estávamos desgraçados e sem destino... Nos mandou para onde quis, para que fôssemos moldados de acordo com sua vontade.

— Não foi bem assim, Pablo. Eu não provoquei as tragédias. E eu não podia deixar a Fortaleza Dourada descoberta. A maioria de vocês morreria sem a minha intervenção... Só juntei uma coisa com a outra. As pessoas de hoje não têm o mesmo orgulho de servir a uma causa, como no passado. E Octoforte se esqueceu da sua causa — disse o velho, sua voz cavernosa, com todo o peso dos anos do mundo.

— Então você nos escolheu por causa de nossas tragédias. Para que tivéssemos porquê ter raiva de Zebarân. Sabe de uma coisa, Lhênus? — Márcio sentiu a raiva crescendo dentro do peito, e não soube se era dele ou de Pablo ou de qualquer um dos outros. — Eu não me lembro de nada do meu passado. Tudo o que eu consigo me lembrar da minha vila e dos meus pais se resume ao dia em que foram mortos. Tudo o que eu me lembro da nossa casa é de como eu conseguia enxergá-la através da folhagem que nos manteve escondidos daqueles homens. Eu nem sei se tínhamos mais irmãos! Diga-me, Lhênus, porque eu também não me lembro: foi você quem nos tirou da estrada e nos trouxe para Agerta? Foi você que nos atravessou pelo portal? Nem Diana nem Pablo se lembram disso também, mas acho que ao menos uma lembrancinha eu teria desses dias de viagem até aqui!

Lhênus abaixara a cabeça mais um tantinho, quase como pedindo clemência, mas os sentimentos conflitantes dos amigos não permitiam que Márcio sequer ousasse sentir simpatia por ele. Aos poucos sua pele descamava, e uma nova pele, sedosa como uma única pétala de rosa, surgiu sobre a antiga, conferindo-lhe uma aparência mais jovem e esguia. Seus cabelos cresceram como galhos secos e seus olhos eram pequenas ameixas molhadas.

— Sim, eu os resgatei. Provavelmente, vocês jamais voltariam a falar comigo outra vez, a não ser em orações. Mas apagar as lembranças passadas, nisso eu não tive participação. É provável que esse foi o jeito de sua própria mente lidar com a situação difícil.

— Certo. Então, todos da minha vila morreram em luta contra os Sambuk'z de Zebarân, o que nos dá um motivo para querer vingá-los, é isso? — Pablo questionou com praticidade, o maior dos gatos aninhado em seu colo.

O Senhor ficou em silêncio e sua cabeça pendeu um pouco, de um jeito que fez Pablo ter certeza de que havia algo mais a considerar naquela equação sem sentido. Então seus olhos se arregalaram e Márcio sentiu, através da ponte entre as

mentes, que aquilo que vinha atormentando Pablo em pesadelos tinha vindo à tona. Uma dúvida, uma simples e horrenda dúvida. E se...

— Nem todos estão mortos, estão? — ele perguntou, e seus amigos aguçaram os ouvidos. E o velho respondeu devagar:

— Muitos morreram, com certeza. Mas nem todos...

— Explique-se direito, velho — Ártemis interferiu, a voz carregada de ódio. — Não tem nenhum morador daquela vila andando feliz e sorridente por aí.

— Não. É verdade. Vocês podem imaginar o que aconteceu com eles? — Lhênus devolveu a conversa às sentinelas.

— Foram capturados. Pelos Sambuk'z. — Pablo afirmou, engolindo em seco.

— E enviados para o Nepcoutem como escravos — Ártemis completou friamente.

A revelação recaiu sobre eles como uma bomba. Um zunido surdo preencheu as ondas de pensamento entre os sete, e Márcio percebeu que Jadhe tentou cessar a conexão, mas as emoções dela atrapalhavam. Lampejos de imagens de mar e dos olhos dourados de Dominique passaram ligeiros pela mente de Márcio, e Jadhe se encolheu tremendo até conseguir voltar a segurar os pensamentos.

— Então... foi isso o que aconteceu com as pessoas da minha vila? — Nique perguntou, quebrando o silêncio. — Da minha... raça?

Não havia como ter dúvidas: Ártemis evitou deliberadamente olhar para o gênio.

— Eu vim daquela vila Miwa, não é mesmo? Uma vila de gênios vendida pelo rei Agamenon para os Sambuk'z. O mundo todo sabe da loucura do rei e da tragédia que aconteceu lá, mas eu nunca tive certeza, nunca conheci ninguém da minha raça.

— Existem outros, Nique — Ártemis falou, mas olhava para o longe, para algum ponto através da ilha. — Outras pessoas sobreviveram, mas eu nunca consegui convencê-los a saírem das cavernas de Gehenmy. Vivem escondidos, isolados e assustados. São poucos, seis ou sete... Mas você fazia parte daquele povo sim.

— E existem muitos aprisionados, como os habitantes de Etténe?

— Não muitos, — Lhênus falou, — mas existem alguns. Muitos gênios morreram naquela ocasião. O que Agamenon fez foi genocídio. Ele não tinha o direito de culpar os gênios por um tornado ocorrido há mil quilômetros de distância, e que matou não só a filha dele, mas outras sete pessoas.

— Você sabia disso, mestra? — Nique perguntou, o coração disparando sem querer. Ártemis não respondeu, nem olhou para o garoto.

— Mas não foi isso o que aconteceu na minha cidade, não é? — Jadhe perguntou, e uma pontada indistinta fez os corações darem um disparo. Embora não pudesse ter certeza, Márcio achava que a origem da sensação era Dominique. — Foi um só homem que atacou minha cidade, e não houve escravos levados por Sambuk'z, houve?

— O homem que atacou sua vila era, indiscutivelmente, um grande aliado de Zebarân. — Lhênus disse. — Mas ele não estava atrás de escravos. Estava procurando outra coisa...

— Mas, o que... O Tesouro! — a moça exclamou, a compreensão se estendendo por seu rosto. — Mas ele não conseguiu pegá-lo, e o deixou no Palácio...

— Ele não conseguiu pegá-lo porque teve quem o impedisse, Jadhe.

— Eu.

Lhênus e Ártemis não disseram nada, o que só confirmou o que Jadhe pensava. Então, no caso dela, a conexão com Zebarân devia ser algo vingativo, a não ser que o tal aliado do rei, ou o próprio rei, quisessem também vingança contra Jadhe por ter se colocado no caminho deles.

— E onde entram Yoná e Shenu nisso? — Márcio quis saber, pois, apesar da ponte telepática, só as sensações recentes e as ideias momentâneas estavam sendo transmitidas de um para o outro, e Márcio não conseguia saber o que Shenu e Yoná tinham em comum com o passado deles e os ataques de Zebarân. Não havia nenhuma tragédia enorme no passado deles; se existia, não era algo que todos soubessem.

Yoná olhou de Márcio para Lhênus, e perguntou:

— Eu sou obrigada a falar?

— Você é livre para fazer o que quiser, Yoná — o Senhor respondeu.

— E por que você não quer falar? Já sabemos do que aconteceu com quase todo mundo, o que pode ser tão ruim pra você não nos dizer? — Márcio quis saber, meio curioso, meio magoado.

Yoná trocou um rápido olhar com Ártemis, e Márcio teve certeza de que a Caçadora e a sentinela compartilhavam algum mistério. Entretanto a mulher nada falou, mas voltou seus olhos para o chão, fazendo o rapaz se lembrar imediatamente daquela conversa que as duas tiveram tempos atrás, antes das sentinelas conquistarem o Cetro da Luz, e que Márcio testemunhou secretamente. Yoná nunca tinha contado a Márcio do que aquilo se tratava. Então a moça voltou-se para Jadhe, com cara de quem poderia esfolá-la viva ali mesmo, usando uma lixa de unhas.

— Será que você pode parar com isso? — ela perguntou, se referindo à conexão entre os sete.

Jadhe mordeu o lábio e olhou aflita de Yoná para Ártemis, num pedido mudo de ajuda.

— Ela não pode — disse a Caçadora.

— Como “não pode”? Então ela vai ficar assim, lendo minha mente? Vendo cada lembrança que eu tenho? Que *todos* nós temos?

Uma onda de angústia navegou entre eles, propagada diretamente de Jadhe que parecia apavorada.

— A telepatia não é como uma comporta que se ativa e desativa. Jadhe conteve este poder a vida toda evitando suas memórias e suas emoções. Estivemos treinando, mas uma vez liberado, é difícil controlar este poder novamente. Mas ela não está lendo os pensamentos de ninguém. Este é o limite ao qual ela consegue chegar por enquanto: limitar-se a dispersar suas emoções e captar a de vocês, só de vocês sete, por causa do elo familiar que vocês criaram. Jadhe consegue evitar os sentimentos de todos os demais.

— E os seus? — Yoná perguntou, irritadíssima. — Os seus sentimentos ela consegue captar?

Lhênus baixou a cabeça e Márcio viu um sorriso nos lábios dele; o velho, cuja pele agora era translúcida e líquida como água, e refletia em ondas brilhantes a luz azul do portal como uma piscina, parecia se divertir. Ártemis respondeu, misteriosa:

— Não. Mas eu tenho meus truques.

Yoná voltou a olhar para Jadhe, que ainda tinha a expressão petrificada numa angústia sem tamanho.

— Você não pode ler meu pensamento? — Jadhe fez um “não” com a cabeça. — Nem ver minhas lembranças? — outro “não”.

— Mas, quando conversamos...

— Quando conversamos, mandamos uma mensagem clara e direcionada, é mais fácil entender. Mas esse tipo de leitura de pensamento... Concentrar em lembranças exatas... É como tentar encontrar o som de uma abelha específica no meio de um enxame!

Yoná continuava bicuda, mas um tantinho menos do que antes. Ela olhou para os colegas, e Márcio soube que estava tentando captar alguma lembrança ou pensamento de algum deles através da mente de Jadhe. Por curiosidade ele tentou fazer o mesmo, mas tudo o que conseguiu foi fazer a enxaqueca, que tinha melhorado, dar marretadas no cérebro, como alguém que bate à porta pedindo para entrar, e ter aumentadas as sensações dos amigos: a tensão de Jadhe, a raiva de Pablo, a angústia desmedida de Shenu. “*Por que será que Shenu está assim*”, pensou.

— Se quiser... Se *quiserem*, eu posso sair daqui. Posso ir para a praia, depois alguém me conta o que aconteceu — ela sugeriu, e Márcio sentiu que a moça tentava, a todo custo, reduzir a extensão de sua influência.

— Não, tudo bem — Yoná respondeu suspirando, fazendo os companheiros respirarem de alívio. — Mas eu não quero falar sobre o meu passado.

— Mas, Yoná...

— Basta que vocês saibam que eu sei o que me conecta a Zebarã, e pronto!

— Você não é índia de nascimento, não é mesmo? — Diana levantou a hipótese. — Não nasceu na tribo Sanai. Foi adotada, ou coisa assim, e seus pais de verdade morreram de algum jeito horroroso nas mãos dos mercenários dos Sambuk'z.

Yoná fez um “não” aborrecido com a cabeça, olhando Diana como se não acreditasse no que ela falava. Tudo bem que a família parecia não acolhê-la muito bem, mas a jovem tinha todas as características dos membros da tribo...

— Então... — Dominique falou — foi alguma coisa que aconteceu com você *depois*. No Educandário que você frequentou! Foi isso?

— Não! — ela esbravejou. — Vocês não vão desistir? — Todos os olhos estavam cravados nela, especialmente o de Ártemis. — Olhem, tem a ver com a morte da minha mãe, tá certo?

— Da sua mãe? Ela não foi picada por um bicho ou coisa assim? Não foi por isso que você ficou tão nervosa naquele túnel cheio de insetos? — Márcio perguntou, e ficou imaginando por que a garota olhara outra vez para Ártemis, como se procurando amparo.

— Não... De onde você tirou essa ideia?! Enfim, o que aconteceu foi causado por Zebarã, de certa forma. Eu entendi isso agora.

Ela não falou mais nada, e, diante de sua recusa em dizer qualquer coisa mais, todos os olhos se voltaram para Shenu, que não tinha pronunciado uma palavra sequer em toda aquela conversa, e sua expressão era soturna, acentuada pela magresa doentia, pela visível ressaca e pela barba por fazer. Mas o rapaz não devolveu o olhar para nenhum dos colegas, e quando começaram a lhe fazer perguntas, simplesmente desceu a escadaria sem olhar para trás.

— O que é que deu nele? — Márcio perguntou.

— Deve estar apavorado — sugeriu Dominique. — Ele não tem tragédias no passado, conhecemos os irmãos dele, ouvimos Maiga falar sobre os pais e a infância, se há algo que o ligue a Zebarã, não deve ser alguma tragédia tão grave...

— Ah! Um julgamento às cegas! — falou o Senhor Lhênus, e sua aparência já tinha mudado de novo, pela quarta vez. Agora ele tinha o aspecto de uma árvore, com pés e mãos nodosos e a pele como uma casca cinzenta e fina. Havia umas poucas folhas em sua cabeça, e estas estavam amarronzadas e secas, prestes a cair. Intrigados, os gatinhos o rondaram e a fêmea começou a afiar as unhas naquele tronco. Márcio se perguntou se ele mudava de forma daquele jeito por que queria, ou se não podia evitar.

“Shenu não é esse covarde que vocês imaginam, ainda que eu mesmo tenha corroborado com essa imagem quando estivemos reunidos no cerne de Crimehuór” — ele falou. — Na verdade, Shenu é o que primeiro reconheceu a ligação entre vocês, porque ele sempre viveu à sombra de seus fantasmas, o que moldou a pessoa que ele é. Mas eu não vou contar mais que isso a vocês. Se um dia ele quiser compartilhar esta informação, a atitude deve partir dele.

— Muito bem — disse Pablo depois de toda aquela explanação. — Então, todos temos nossas tragédias pessoais, todos tivemos nossas vidas modificadas por terem se cruzado com Zebarân ou seu lacaios em algum ponto. Então, você nos escolheu.

— Este foi um dos motivos. Havia outras pessoas, é claro, com passados trágicos e parecidos, mas havia algo interessante no espírito de vocês que me fez escolhê-los. Uma espécie de luz diferente que eu não vejo com frequência...

— Você sabia que seríamos capazes de usar os Objetos Supremos — Pablo afirmou, e até o Senhor se surpreendeu com a dedução.

— Como pensou nisso, meu rapaz?

— Porque é algo que já tínhamos notado. Há tempos percebemos que somos um grupo bem estranho. Não é fácil encontrar telepatas por aí, quais são as chances de haver dois entre sete pessoas? E magos? Os grandes magos se foram, não é? Pensamos que Shenu fosse o único e que fosse um bruxo de araque, mas aquele escudo que ele criou só mostra que estava escondendo seus talentos. Nique sabe lançar um feitiço de disfarce tão bom que enganou uma rainha. E quanto ao *mac*? Mesmo com muito treino, quantas pessoas neste mundo são capazes de fazer o que Jadhe faz? O que Márcio faz? De sentir o perigo no ventre da terra, como Diana? E, então, quantas pessoas são capazes de resistir ao toque de um Objeto Supremo sem enlouquecer? Vi como as pessoas os desejam. Sabemos como matariam por eles. Estamos sendo tentados o tempo todo, mas ainda conseguimos usá-los e nos manter inteiros. E foi por isso que você nos escolheu.

Mais uma vez silêncio, opressor, claustrofóbico, um silêncio mental, a conexão psíquica reverberando numa perplexidade muda.

— Quem diria, Pablo! Eu diria, é óbvio! Você, realmente, é o melhor general que este grupo poderia ter! — o rapaz teria corado se não estivesse tão

chocado com tudo aquilo. — O caso é que vocês têm que decidir o que fazer com as informações que têm. Podem não fazer nada, mas se continuarem com os Tesouros em mãos, logo chamarão a atenção de pessoas dispostas a pagar muito caro para obtê-los, e estarão colocando todos os que conhecem vocês em perigo. Além disso, não sei se poderão continuar tentando desfazer esse feitiço de Zebarã por muitos dias mais...

— Não, não poderemos — Jadhe concordou. — Não com os líderes da Aliança Maior tentando arrumar um jeito de por as mãos neles...

— E Zebarã sabe que estamos com as sete joias — Diana disse, timidamente. — Usamos todas durante a batalha...

— Ele pode resolver invadir a ilha a qualquer momento para tentar apanhá-las.

— Vocês podem escondê-las outra vez — disse Ártemis sem muita firmeza.

— E seríamos caçados do mesmo jeito para dizer onde estão — Yoná sentenciou.

— E, se nos escondermos junto com as joias, seremos caçados ainda mais... E sem saber como Zebarã conseguiu descobrir cada passo que demos, como encontrar um esconderijo seguro? — Pablo disse.

— Sem contar que estaríamos desertando, e fugitivos não conseguem trabalho fácil. Nossa vida financeira não ficaria nada boa... — observou Diana. Podia parecer mesquinho pensar em ouro com aquele peso enorme sobre suas cabeças, mas a jornada através do mundo em busca das joias tinha consumido todas as suas economias e mais boa parte do prêmio que Pablo ganhara no Hiperbólico de Zefim. Se não tivessem recebido o soldo acumulado dos meses de viagem alguns dias após a batalha, só restaria um colar de sblinc'z. Uma provável fuga indefinidamente longa através do mundo sem eira nem beira e nenhuma verba os transformaria em pedintes.

— Podemos resistir. Fortalecer os soldados e a ilha, garantir proteção a todos e enfrentar o rei e seus amaldiçoados quando vierem — falou Yoná, os olhos brilhando, mas Pablo a cortou:

— O tirano pode nunca mais sair de seu trono. Pode mandar ondas e mais ondas de malditos, e podemos ter que enfrentar os membros da Aliança antes ou depois. Nunca teríamos poder suficiente para conter tantos assim.

— Mas, então... A única saída é...

Márcio não conseguiu completar a frase, a ideia lhe pareceu tão absurda que até enuncia-la em voz alta lhe deu calafrios. Mas não importava, ela já havia se formado. Já estava irremediavelmente enraizada nas almas dos jovens como um novo caminho espinhoso e cinzento pela frente.

— Bater na porta do próprio Zebarã — concluiu Diana, e a ideia ficou ainda mais absurda na voz sempre bondosa da garota. — Entrar lá e enfrentar o rei cara a cara.

Uma sombra assustadora se abateu sobre o grupo, uma mortalha de teias e trevas, engolfando-os, sufocando-os, tirando toda a energia e a esperança dos jovens. Entrar no Nepcoutem? Ir a casa daquele que era a personificação do mal sobre o mundo?

— Então, é esta a alternativa que você deixou a eles, velho? — Ártemis esbravejou. — Acham que não são capazes de enfrentar o que quer que venha por aí aqui na ilha?

— Ayana...

— Isso é suicídio! Aliás, é pior que suicídio!

Pablo ergueu a mão.

— Mestre Ártemis, por favor. Senhor Lhênus, ouça o seguinte: eu não posso e não vou obrigar nenhuma sentinela a adentrar o Nepcoutem. Sei dos preceitos da Fortaleza Dourada, mas também conheço a história de Octoforte, e sei a quantidade de soldados mandados pra lá para enfrentar o rei e que nunca retornaram. Vamos decidir o que fazer como um grupo, mas a decisão será individual. Se alguém quiser fazer diferente, não vou me opor como general. Vamos pensar, e depois lhe contaremos nossa decisão.

— Eu não esperava nada diferente de você, caro Pablo — a árvore Lhênus, mais escura, cascuda e cheia de frutos secos presos aos galhos, falou, e desapareceu de repente, deixando apenas um tronco seco e sem raízes no lugar onde sumiu.

Uma missão para o rei

— Então querem levar as joias para o Nepcoutem. Interessante...

— Você vai permitir? — A mulher perguntou num tom insolente. Macrux não se importou, ela não fazia ideia de quem ele era ou do poder que tinha, nem que tipo de pacto tinha feito com ele. Mas trazia informações regulares e era agradável ouvir a voz de uma jovem inconsequente, pra variar, depois de tantos anos lidando só com velhos de alma podre. — Não vai fazer nada?

— Fazer o quê? Os Tesouros estão se afastando do Portal, exatamente como eu queria. Melhor ainda: estão indo para o Nepcoutem, direto para as mãos de Zebarân.

— Mas eles estão indo *enfrentar* Zebarân, vão causar problemas! Ou podem perder as joias no caminho! Seria uma tragédia!

— Amiga Verônica, parece que você foi arrebatada pela magia dos Tesouros. É compreensível. Mas elas não são para o seu bico. Pessoas efusivas, como você, enlouquecem fácil quando caem em tentação por relíquias como aquelas. Quanto aos seus amigos, não se preocupe: ninguém sai do Nepcoutem. Lhênus está pensando que vai conseguir um grande feito desses sete, mas só vai destruir qualquer esperança de retorno pra casa que eles têm.

A gárgula continuou com um olhar emburrado e descrente, mas Macrux a dispensou com um aceno de mão, fingindo não notar sua expressão.

— Sossegue gárgula. Volte para sua cidade e para o seu marido. Descubra o caminho que seus amigos vão tomar e me avise. Posso ter uma tarefa pra você muito em breve.

Verônica bufou, mas afastou-se com um andar irritado, mais uma vez abanando o rabo como um gato furioso.

— Essa mulher pode te dar algum trabalho — disse uma voz às costas de Macrux.

Saindo da penumbra da caverna, uma morena alta de longos cabelos negros surgiu ao lado do homem. Sua voz forte ecoou na gruta junto com o gotejar da água salgada que se infiltrava pelas paredes.

— Verônica? Não. Está completamente obcecada pelos Objetos Supremos desde a primeira vez que os viu. Para uma pessoa instável como ela que matou o pai, a magia das joias é imperiosa. Com o tempo, eles crescerão em sua mente até dominá-la por completo. Mas ela ainda não sabe disso. Por enquanto, ela me servirá bem, e quando deixar de servir, vai quebrar seu pacto e dará fim a si mesma. Ou pode permanecer fiel, vamos ver o que acontece.

— Então, é verdade o que estão dizendo? Zebarân usou sangue dele para preparar o feitiço? Usou *o veneno*?

— Não, ele não usou — o bruxo respondeu, e a mulher viu o que ninguém mais conseguia enxergar, nem o próprio Macrux. O peso dos anos podia não transparecer no rosto ou no corpo, mas exalava através da aura de Macrux. O feiticeiro estava cansado, exausto. A mulher sabia que o tempo dele estava se esgotando. Cada vez mais cedo aquela hibernação involuntária tomava conta do corpo dele, fazendo-o adormecer por décadas. Agora que acordara e decidira finalmente agir sua mente se mantinha focada, mas ela o vira apagar por vezes sem conta em outros lugares e em outros tempos, e temia que ele perdesse a determinação cedo demais. Porém ela também sabia que Macrux havia preparado aquela reviravolta minuciosamente, e achava que agora, nada, a não ser a morte, o faria recuar, e esta possibilidade estava fora do jogo. — Zebarân não usa aquele veneno fora do reino dele há quase quinhentos anos. Ele o teme demais. A última vez que o usou em alguém pensou que ela enlouqueceria, mas acabou criando uma inimiga tão poderosa quanto ele, talvez até mais.

— Mas, então, Lhênus mentiu para as sentinelas? Por que ele faria isso?

— Ele não mentiu, só levantou uma possibilidade, mas usou as palavras com maestria, de forma a jogar para Ártemis a constatação de que não havia dúvidas se há ou não veneno nesse feitiço.

— Então... Se não há...

— Mais cedo ou mais tarde as sentinelas descobririam um contra feitiço efetivo pra rebater a magia do velhote. Mais cedo, eu acredito. Acho que um dos livros que a mulher trouxe hoje tem alguma coisa... Por que Lhênus fez isso? — Macrux se perguntou, fitou um olhar perdido no mar escuro e violento lá fora, e depois de algum tempo refletindo, respondeu com segurança: — Lhênus não quer destruir só este pequeno pedaço do meu plano, ele quer criar um inimigo para mim. Ele sabe que reabrir o portal agora não faria sentido contra minha investida: Octoforte possui uma série de armamentos e relíquias mágicas, mas não há pessoas bastantes para usá-los. Não poderiam parar meu exército, só criariam uma rota de fuga para uns poucos escaparem para a Terra.

— Então ele está afastando as joias do Portal pra ninguém poder usá-las? Está traindo as sentinelas, tirando o que poderia levá-las pra casa? Para que? Para proteger aquele mundo Terra? Pra que ninguém vá para lá? — a mulher perguntou um tantinho indignada. Soube da exaustiva viagem que aqueles sete tiveram para recuperar os crimedéct'z e, sem querer, sentia simpatia por eles.

— Os moleques te conquistaram, Adnail? Eu não a culpo. Mas não é assim que Lhênus está pensando. O que ele quer é criar um adversário para mim,

alguém com competência e motivos para me enfrentar, coisa que não existe mais neste mundo.

— Um adversário?

— Ele recolheu uma porção de crianças ao longo dos anos que, de uma maneira ou de outra, tiveram o curso de sua vida alterado por causa de Zebarã, e conseqüentemente, por minha causa. Ele vem fazendo isso há séculos... Quando há uma nova seleção de sentinelas, ele sempre dá um jeito de interferir e colocar nas torres algumas crianças dele, as mais talentosas. Desta vez, ele conseguiu selecionar sete deles, todos com talentos além do esperado. Só Verônica não entrou assim. — ele sorriu. — Chega a ser irônico, o pai brigou por este posto para ela, e tudo o que ela queria era vê-lo morto... Enfim, Lhênus deve estar bem confiante para mandar as sete sentinelas com os sete Tesouros para o Nepcoutem, ou está bem desesperado. Ele já mandou sentinelas para lá antes em várias missões, e todas acabaram mal, mas nunca envolveu as joias supremas nisso, elas são perigosas. O Senhor pode estar pensando que é sua última chance de fazer alguma coisa.

— Ele acha que os garotinhos vão dar cabo de Zebarã?

— Talvez seja o pensamento dele. O que mais poderia me enfraquecer, do que perder meu maior aliado junto com o exército inteiro dele?

— E você acha que eles têm alguma chance? De derrotar Zebarã?

Macrux deu uma risada debochada.

— A magia do velho pode ser arcaica, mas é poderosa. A barreira de Zebarã não permite que Lhênus veja o que acontece lá. Só uma pessoa em quase mil anos saiu daquele território, e, mesmo assim, foi com consentimento de Zebarã. Aliás, vou fazer uma visita para o meu amigo, ele precisa saber que vai receber visitas. Os sete vão levar as joias diretamente para as mãos do rei, e de lambujem vão se tornar escravos bem fortes para o meu amigo. O que me espanta que Lhênus esteja interferindo tanto assim, alterando o curso natural das coisas. Um Senhor, desafiando as próprias regras... Talvez ele esteja pensando em desistir da própria natureza, quem sabe? Pra mim, as coisas estão melhores que o planejado.

O homem parou. Seus olhos perscrutaram o amplo salão por um instante, e ele soltou um suspiro. Girou nos calcanhares e retomou a caminhada inútil em círculos pelo tapete de veludo negro, mas chegando ao centro do salão sentiu os joelhos falharem e as solas dos pés arderem em brasa dentro das botas grossas de couro. Refez os primeiros passos e subiu os degraus de granito que levavam ao altar, então afastou a capa preta pesada e largou-a no trono de espaldar de ouro estofado com veludo escuro. Esticou o pescoço para trás e contemplou, lá em cima,

o reflexo fugaz dos relâmpagos refulgindo palidamente no cristal rosado na cobertura. Depois desceu os olhos e deixou-os se deleitarem longamente com o espaço ao redor: a disposição perfeita das colunas de mármore que sustentavam o teto refulgente; as tapeçarias negras bordadas em ouro e prata, penduradas meticulosamente do alto a espaços calculados; o tapete carmim com arabescos de ouro que levava da entrada da sala do trono até o portal para o corredor de piso floreado; a tonalidade delicadamente iridescente do mármore raro que revestia todo o prédio e lhe dava o nome de “Palácio Nácar”; a luminosidade escarlate que se infiltrava através do cristal precioso que coroava o torreão do Palácio e o fazia rutilar e ser visto mesmo à distância; as luzes dos candelabros majestosos incidindo delicadamente sobre superfícies talhadas em ouro e pedrarias, sobre o portão de ébano e bronze, sobre as maçanetas de ônix...

Mas, em nenhum momento enquanto contemplava seu palácio de arquitetura perfeita, Zebarân se sentiu tranquilo. Macrux chegaria logo e viria cobrá-lo, ele estava certo.

Sentou-se, colocou as mãos enrugadas sobre os joelhos e acariciou uma à outra atentamente, com uma ligeira repugnância. “*Quantas centenas de anos elas carregavam?*” Ainda estavam fortes, mas eram mãos grossas e vermelhas, sua pele era quebradiça e suas unhas estavam lascadas. Apalpou o rosto, os cabelos... Ele já não sentia calor ou frio; seu rosto estava inflexível, preso para sempre numa expressão assustadoramente rude. Mal percebia o peso da imponente coroa de ouro, rubis e ônix na cabeça. Seus cabelos tinham perdido o viço; se já tinham sido macios, brilhantes e negros, agora eram cinzentos e duros, sempre espetados sobre as orelhas. Ele já não podia distinguir odores e perfumes, e seu paladar era quase nulo, fazendo-o exigir temperos muito fortes. Sabia que era uma questão de tempo até parar de vez de enxergar as cores. Seu corpo estava desgastado. “*Afinal*”, ele se perguntava, “*será que aquela imortalidade era mesmo para sempre?*”

Sentou-se ao trono e seus olhos se cravaram no portal à frente quando uma pancada ecoou pelo salão e fez os lustres tilintarem; a esta altura, o feiticeiro devia ter ficado ainda mais irritado por encontrar as portas cerradas. Então o trinco de ferro, uma pesada barra do tamanho de um homem, ergueu-se sozinho dos suportes presos ao portão e tombou de lado num estrondo. E as folhas da porta começaram a se deslocar.

— Zebarân — a voz ecoou grave e pungente pelo palácio, e o rei sentiu o sangue gelar.

— Mestre Macrux — ele respondeu, com uma reverência exagerada.

Macrux suspirou, detendo-se. Seus olhos percorreram o mármore do amplo recinto, demorando-se nos belíssimos arabescos em relevo que decoravam a base das colunas; depois acompanhou uma delas até o alto, e, enquanto fitava a

grande pedra translúcida e rosada suspensa na abóbada da torre central, perguntou suavemente:

— Diga-me, Zebarãn, não lhe dei ordens para que fosse pessoalmente cuidar de Agerta? Será que já se esqueceu do nosso pequeno trato?

— Claro que não me, mestre! — Zebarãn respondeu, apertando os dedos nodosos nos braços de seu trono. — Enviei três hordas de demon'z, e eles se juntaram a um *semínemo* de malditos para dar conta de *seus* assuntos.

— Você é um covarde, *rei* Zebarãn — Macrux falou, enfatizando a palavra “rei”. — Desde que criou seu monstro, vive com medo dele. Eu criei você, mas não o temo. Mas você sabe que não pode com a sua cria... Não passa de uma criança assustada.

— Mestre, eu não sei do que...

Macrux subiu os degraus do altar e tocou no espaldar da cadeira fitando o fundo do salão, enquanto o rei, congelado no assento, mirava as portas da frente. Um pensamento correu pela mente do homem: “*e se eu mesmo desfizer o feitiço? E se usar o Portal e partir para a Terra, para longe de Macrux?*”

— Eu não tenho a intenção de te tirar a vida, velhote — Macrux falou enquanto caminhava de um lado para o outro. — Só vim aqui lhe dar um aviso.

“Seus queridos amigos sentinelas, que venceram suas hordas, seu *semínemo* e seus Sambuk'z, estão vindo para cá. Eles vêm sozinhos, mas trazem os sete Objetos Supremos. Tudo o que quero, Zebarãn, é que fique de olho neles. Capture-os, tire os Tesouros das mãos deles, coloque-os nas celas mais escuras para nunca mais saírem; enlouqueça-os como você faz com seus escravos”.

O rei engoliu em seco e percebeu que suava, não por ter sentido o suor, mas porque uma gota escorreu por seu queixo e caiu na roupa. Ele acenou, confirmando ter entendido. Dentre tudo o que o mestre poderia ter feito, pedir que permanecesse em seu reino aguardando os intrusos era quase um presente pela covardia. Pensou se Macrux não estava ficando velho, senão de corpo, talvez de alma, afinal o homem não costumava demonstrar compaixão. Logo, porém, varreu o pensamento da cabeça: bondade nunca fora uma virtude de Macrux nem na infância, e o que quer que ele estivesse planejando agora, a reclusão de Zebarãn era certamente bem planejada. Mas o rei estava satisfeito: aquela criatura não poderia entrar em seu reino, então era melhor permanecer lá dentro, protegido dela. Se sua missão era dentro de suas terras, ele não tinha com o que se preocupar.

Porém, como se tivesse lido a ideia furtiva que passou pela cabeça de Zebarãn, Macrux esboçou um sorriso com o canto do lábio.

— Só para garantir que você não vai embora, meu caro amigo... — ele falou. Virou de costas para o rei e executou uma sequência de movimentos intrincados com frases murmuradas e complexas que criaram luzes e sombras no

salão. Petrificado, Zebarãn o assistiu fazer um talho no próprio braço para usar seu sangue no feitiço, o que assegurava que ele só pudesse ser desfeito com sua morte, coisa que Zebarãn sabia ser impossível. Quando acabou, voltou-se para o aliado: — Só para garantir que você também não vai *poder* sair. Igualzinho aos seus escravos.

Ele se foi, deixando Zebarãn numa atônita perplexidade.

Decisão

Nique chegou de mansinho perto da mulher. Ela estava no ponto mais alto do rochedo e ventava muito, o que tornaria seu voo instável, por isso ele decidiu pousar um pouco mais baixo e chegar até ela caminhando. Mesmo assim, mesmo com o zunido da corrente e com o marulho lá em baixo, ela soube que o rapaz estava atrás dela antes de ele se aproximar cinquenta metros dela.

— Você deve querer satisfações — ela falou numa voz sem emoção, sem voltar o rosto para ele.

Dominique se sentou ao lado dela e ficou um tempo pensando no que dizer. Ele tinha mais ou menos entendido o que acontecera no passado, e, na verdade, não precisava de explicações. Só o queria era dizer a Ártemis que tudo estava bem. Mas a mulher tornou a falar antes que ele dissesse uma só palavra:

— Eu encontrei você assustado... e apaguei sua memória. Achei que seria mais prudente se você não se lembrasse do que tinha acontecido ao seu clã.

O gênio suspirou e deixou o vento varrer seus cabelos para longe dos olhos. A uma grande distância, raios avermelhados cortavam o céu, lembrando os pequenos choques de estática que aconteciam quando se esfregava um cobertor sobre os pelos dos braços. Ou sobre penas. A estática as deixava engraçadas.

— Sabe, é verdade que eu não tenho lembranças da minha vida... Mas eu tenho sonhos. E acho que estes sonhos são memórias que ficaram guardadas, e que vêm de vez em quando. Você não me encontrou vagando por aí, não é?

Ártemis baixou os olhos e balançou a cabeça, parecendo torturada. “Não”, ela disse lentamente.

— Eu estava sendo perseguido... Tinha cachorros atrás de mim. Cachorros fortes e pretos, de patas finas e focinho comprido. Acho que é por isso que nunca gostei muito de cachorros...

Nique sabia que a afirmação devia mexer um pouco com o ânimo de Ártemis, e a mulher pareceu sair de sua redoma de infelicidade por um instante.

— Nunca gostou de cachorros? E quanto a Bóris, Boni, Césio e Dendéu? — ela indagou, lembrando-se desses quatro cachorros em particular. Na verdade, eles tinham criado quinze ou vinte cães na cabana de Crimehuór, mas só os quatro eram tidos como “de estimação”. Os outros iam e vinham quando queriam.

— Ah, eu ficava com eles mais por causa de Jadhe... — era parcialmente verdade: Jadhe adorava cães, e depois que ela trouxe o primeiro, a casa nunca mais ficou sem eles. Dominique tinha medo mesmo, mas logo perdeu o receio e agora sentia falta da companhia dos amigos peludos. Os Bigodes — os gatos que Pablo e os outros tinham trazido — eram legais, mas não como cachorros.

— Nique, quando eu apaguei sua memória eu apaguei mais que a lembrança de uma tragédia — a Caçadora falou com a voz dura, finalmente encarando o rapaz. Os olhos dela, aqueles olhos cinzentos, viram o fundo da alma de Dominique, e o gênio se viu dentro deles como se olhasse num espelho. — Eu apaguei tudo. Você já era um menino de cinco anos, já sabia correr e falar direitinho, já sabia voar. E eu te tirei tudo isso. Você se tornou um bebê. Era como se tivesse voltado a ter um ano!

Nique não tinha lembrança desse período, mas espreguiçou-se sem se abalar.

— Eu podia ter tirado mais de você. Você podia ter ficado com um atraso de idade, ter aprendido as coisas com dificuldade. E eu podia ter tirado a sua capacidade de aprender. O seu instinto. A sua consciência de ser humano! Podia ter transformado você em um vegetal!

— Hm... Mas não transformou.

— O caso, Nique, é que não há nada capaz de mudar o que eu fiz. Você perdeu seu passado. Eu tirei sua identidade. E não posso fazer nada para compensar isso.

O gênio viu a angústia de sua mestra, e compreendeu que ela devia estar carregando aquela culpa há muitos anos.

— Mas você já fez... — ele disse baixinho, captando a atenção da mulher. — Você apagou meu passado, mas me deu um novo. Me deu uma história, me deu um lar.

Ártemis arregalou os olhos só um tantinho. — Lar? — ela repetiu, com se aquela palavra soasse estranha. — Eu não chamo um lugar de lar desde...

— Desde o navio pirata em que você passou a infância, eu sei!

— Sempre pensei naquela cabana como um refúgio, um lugar para desaparecer...

— É, mas também era o lugar para onde eu e Jadhe sempre podíamos voltar. Aquela cabana era nossa casa, mestra. Foi onde passei minha infância, onde Jadhe se recuperou, para onde eu voltava quando o Educandário dava uma folga e onde eu pretendia passar meus dias de descanso do trabalho quando os tivesse.

— O que está querendo dizer, Dominique de Crimehuór? — Ártemis perguntou, e uma sombra de sorriso passava por seus lábios, que não passou despercebida pelo gênio. — Não guarda raiva de mim?

— Como eu poderia? Você é minha m...

Quase bloqueou a palavra que queria falar. A mulher diante dele tinha feições tão jovens quanto as dele, parecia nunca ter passado dos vinte e poucos anos. O rapaz, por vezes ainda chamado de “garoto”, já tinha vinte e cinco, mas a jornada atrás dos Tesouros o tinha envelhecido e ele parecia mais velho. Mesmo

assim, ele sabia que Ártemis era mais sábia e mais antiga, muito mais antiga que ele.

— Você é minha *mãe*.

Uma estranha confusão de cores turvou a visão de Dominique e ele se sentiu estranho, elétrico e tenso ao mesmo tempo. Seu coração deu uma pequena acelerada e depois ele ficou sem fôlego. Se nunca tivesse passado por aquela experiência, pensaria que eram apenas suas emoções contidas que tinham extravasado e o deixado louco, mas a experiência com a telepatia de Jadhe lhe ensinara o que era aquela confusão de sentimentos: entre os seus próprios anseios e expectativas, Ártemis tinha perdido o autocontrole e transbordava, e Nique compreendeu que ela estava pura e simplesmente feliz.

— Você não é órfão, Dominique. Você tinha uma mãe. Eu te fiz esquecer dela...

— Você me salvou de ser morto. Se minha mãe era viva naquela época, ou ela morreu ou foi levada pelos Sambuk'z, e ambas as possibilidades me deixam órfão do mesmo jeito. Tenho certeza de que, se ela soubesse de tudo o que você fez por mim, ficaria feliz de saber como eu te vejo. Você é minha mestra, e minha mãe também. Mas não de Jadhe — ele completou de repente. — Pra ela, você é só a mestra.

Ártemis sorriu, como há muito tempo Dominique não a via sorrir.

— Jadhe tem o passado dela, passarinho — ela disse, com sua nota muito própria de carinho. A aura dela se dissipou e o gênio deixou de percebê-la, não antes de notar que a mulher sentia um leve divertimento. — Seria estranho pra você se ela também me visse como... *mãe* — ela estremeceu à palavra. — Vocês seriam como irmãos, e isso não seria nada bom, não é?

— Não, não seria... — ele sorriu envergonhado, sabendo que Ártemis podia ler a alma dele sem precisar recorrer a telepatia nenhuma.

— Falei com ela agora a pouco — disse a Caçadora, voltando ao seu distante tom habitual. — Ela não quer ir, Dominique, quer ficar e viver uma vida tranquila. Já falou com ela?

— Ainda não — ele admitiu, mas ficou abalado. — Mas eu não posso virar as costas para essa história, mestra. Pode haver outros gênios lá. Outros da minha raça... Posso ter até parentes presos naquele lugar.

Ártemis suspirou, de repente parecendo muito velha por trás daquela máscara de mocidade.

— Você sempre foi um garoto teimoso... — ela falou, cansada. — Entendo os seus motivos, mas eu gostaria que não fosse. Faça o seguinte: converse com seus amigos. Ouça o que Jadhe tem a dizer e pese suas possibilidades. Se,

apesar de tudo, algum de vocês sentinelas decidir partir, eu conto tudo o que sei sobre aquele lugar. Eu prometo.

— Você é filha de Zebarân — Márcio disse, e Yoná se viu obrigada a parar de escovar o pelo da gata malhada e olhar para o amigo.

— O quê?!

— Sua mãe era uma Sanai e... esteve com ele — o rapaz continuou, e pausava as palavras à medida que inventava a hipótese. — Daí ela viu que ele era mesmo um homem mau e fugiu. E... Voltou para a tribo... Daí ela conheceu o pajé e... E Zebarân descobriu o paradeiro dela! Daí mandou matá-la e o pajé mandou você para o Educandário para te proteger do rei.

Boquiaberta, Yoná sacudiu a cabeça.

— Isso não tem o menor cabimento! Vocês deviam parar de ficar imaginando minha história, Diana já esteve aqui também com um punhado de ideias descabidas.

— Qual é? Depois de tudo o que passamos juntos, nós sete, você não vai contar? — a garota fez um bico aborrecido porque a gata fugiu do pente dela. Márcio se sentou de frente a ela. — Poxa Yoná, você ouviu a história de Jadhe, imagina só como foi pra ela relembrar tudo aquilo! Não é possível que sua história seja mais cabulosa.

Márcio falou, mas o brilho gelado que os olhos negros da garota emitiram o fez duvidar da questão.

— Sabe, se vocês tivessem perguntado isso pra mim assim que nos conhecemos, eu ficaria bem contente em contar. Mas, depois de toda essa viagem e da batalha... Bom, essa história envolve outra pessoa, e ficou mais difícil colocá-la na linha das flechas.

Yoná não explicou, mas Márcio tinha certeza, depois daquela conversa misteriosa que ele testemunhara, de que essa outra pessoa era Ártemis. Ele sorriu admirado, enquanto a amiga atravessava o quarto do casebre e apanhava o material que ela vinha usando para trançar esteiras de palha que os jovens usavam para fabricar móveis e cestos para o casebre.

— Olha só você, se preocupando com outra pessoa! Impressionante.

Cabisbaixa, a garota respondeu:

— Eu não sou um monstro, Márcio.

— Eu nunca disse isso — ele falou, e puxou Yoná para o lado dele, forçando-a a encará-lo. — Você é interessante, bonita, esperta, determinada, corajosa, e tem um monte de outras qualidades. Mas eu não entendo o porquê de você agir como age. Por que tratou Jadhe daquele jeito? Ela não merecia!

A garota revirou os olhos.

— Ah! Jadhe, Jadhe, Jadhe, o que é que essa garota tem que deixa vocês todos babando por ela?

Márcio franziu o cenho, esforçando-se para fazer a frase se encaixar na conversa que tinham começado. Como foi que Yoná conseguiu pensar numa coisa tão absurda no meio de um assunto tão diferente?

— Do que é que você... Eu não fico babando por Jadhe! Você está louca? Jadhe é minha amiga, do mesmo jeito que Diana, do mesmo jeito que...

Ele ia dizer “Verônica”, mas engoliu a frase, afinal a gárgula já não podia mais ser incluída em sua categoria de “amigos”.

— Que *eu*? — Yoná completou e o encarou, achando que ele iria se referir a ela.

Márcio a fitou de volta, percebendo um desafio no rosto da garota. Ele tinha certeza de que Yoná estava ciente de como ele a via, e que não era bem como uma *amiga*, mas não ia dar o gostinho de vitória a ela.

— É... Mais ou menos — ele disse finalmente. — Escuta, eu só estou dizendo que você precisa acalmar os nervos. Sabe, ser um pouquinho mais flexível não faria mal a ninguém. Isso é uma prova de sensatez.

A moça soltou uma risada debochada.

— Justo você me falar de sensatez? — Márcio não compreendeu, mas Yoná explicou rápido. — Acha que eu não sei por que você está louco para aceitar a missão? Ah, mas eu sei. E não é pra procurar algum parente que pode, por acaso, ter sobrevivido e ido parar naquele lugar, não senhor! Você quer ir pra lá porque você é louco! Está curioso! Quer ver o reino proibido de perto, ver se é mesmo tudo isso que falam dele, vasculhá-lo para conhecer seus cantos, eu sei disso!

Enquanto a garota falava o queixo de Márcio caía aos poucos e, no fim, a boca dele já estava bem aberta. *Como é que aquela menina conseguia ler nas entrelinhas do pensamento dele sem ser telepata?*

— Você... Ah, eu desisto, é verdade. Mas sabe, depois de tantos e tantos anos vendo sempre a mesma paisagem de Octoforte e sonhando com viagens, e agora depois de uma jornada como a que vivemos, acho que fiquei obcecado pela aventura. É absurdo aceitar que exista um continente inteiro, amaldiçoado como está.

— Hm, claro. É um argumento realmente bom esse seu — a garota falou com sarcasmo. — Olha, você tem razão, eu preciso melhorar meu jeito de tratar a Jadhe, mas faça uma coisa por mim: tente se lembrar daquele velho ditado.

— Qual?

— *Quem muito espia se estropia!*

— Ora! — Márcio exclamou, Yoná era mesmo impossível. Como ela podia falar alguma coisa dele? Mesmo que tivesse razão para querer se vingar de Zebarân, a engrenagem que mais a movia era a vaidade, o que sempre lhe dava uma vontade insana de conquistar coisas impossíveis para provar o quanto era heroica. — Olha, eu vou procurar meu irmão. Só... Se resolver ir para aquele lugar, veja... Veja se fica perto de mim — ele disse, e percebeu um sorrisinho matreiro no canto dos lábios dela. — Eu prefiro estar por perto se você descobrir que não é a última heroína desse mundo se precisar de ajuda.

Ele saiu, mas Yoná o alcançou um minuto depois. Sem mais falar, rumaram para o local onde algumas silhuetas se destacavam nos rochedos ao longe, os dois com sorrisos cheios de significado nos cantos dos lábios.

Quando o gênio pousou ao lado de Jadhe na praia soube no mesmo instante que ela estava aborrecida. Pelo visto, tinha desistido de treinar a telepatia, e deixava sua aura fluir ao redor dela por todo lado, transbordando descontentamento. Ela nem se moveu quando ele chegou, mas Nique tinha certeza de que ela sabia que ele estava ali.

— Então, você não vai?

— Aonde, a uma missão suicida? — Jadhe perguntou numa inédita voz esganiçada.

— É diferente pra você, você não tem ninguém lá — ele falou, o coração apertado, tocando o ombro dela. — Eu não posso dar as costas a isso, Jadhe! Podem ser os últimos da minha raça!

— Então você vai dar as costas pra mim, não é? — ela se virou, e seus olhos estavam cheios de lágrimas. Isso assustou o gênio: ele já a tinha visto assim antes, mas só uma vez, e numa ocasião muito delicada.

— Do que é que você está falando?

— Eu não posso ir. Não depois de ter passado a vida me escondendo, não agora que eu posso viver! Não agora que eu posso te olhar nos olhos e...

O coração do rapaz acelerou, e não era por causa de nenhuma influência telepática. Sua vista ficou borrada de repente e ele se aproximou um passo de Jadhe, tomando sua mão. Sentiu um calafrio descer pela espinha e vislumbrou, como num sonho, as infinitas possibilidades de largar tudo, deixar a Fortaleza, as sentinelas, os Objetos Supremos, e simplesmente viver uma vida normal... Com Jadhe.

Mas sua língua falou mais rápido que o próprio pensamento, e ele se odiou por isso.

— Eu não posso deixar tudo de lado, Jadhe. Simplesmente não posso! Algum gênio deve restar lá dentro, trancafiado, esperando que alguém o ajude. Não posso esquecer! E se minha família estiver lá? E se eu tiver um irmão ou uma irmã?

— Ou uma companheira da sua raça... — Jadhe murmurou, e Nique ficou gelado.

— O que? — perguntou atordoado, mas ela sacudiu a cabeça e exclamou:

— Isso é injusto!

— E quanto aos outros... Acha que vão deixar pra lá?

Ela não respondeu, mas não precisava. Os sete não tinham se reunido ainda para conversar, mas tinham muitos motivos a considerar para aquela missão insana ao Nepcoutem. Razões que, se fossem deixadas de lado, poderiam crescer na mente deles e consumi-los, levando embora toda a alegria da liberdade que poderiam ter vivendo longe de Octoforte ou dos Tesouros.

— Não posso deixar pra lá. Me desculpa — Dominique reafirmou, e virou para o outro lado.

Lá longe, no rochedo perto da cabana onde viviam, vultos indistintos vagueavam lentamente. O gênio fechou os olhos, tomou impulso, e foi se juntar a eles, deixando Jadhe sozinha chorando em silêncio, e seu coração junto dela.

Shenu parecia ter perdido a capacidade de falar. Quando se sentou ao lado dele, Pablo notou que os nós das mãos do amigo estavam esbranquiçados e o olhar fixo num ponto distante do oceano, aquele onde fulguravam minúsculos relâmpagos avermelhados, ao longe. Aquela era a direção do Nepcoutem, mas ninguém podia navegar o oceano direto para aquele lugar por causa da Tormenta Infinita: um grande e interminável furacão que varria aquelas águas há séculos, tornando a navegação impraticável. Aquela formação, num passado longínquo tomada por maldição, era, na verdade, um fenômeno natural, hoje considerado uma bênção de Zizarâm, Senhor dos Ventos: também era impossível para os Sambuk'z atravessarem por ali, portanto nenhum navio do Nepcoutem vinha daquela direção.

— Ninguém é obrigado a ir, Shenu — Pablo falou, depois de contemplar a silenciosa e distante tempestade por um instante.

O corpo de Shenu tinha enrijecido naquele rochedo, pensava Pablo, pois o amigo mal se moveu ao responder.

— E você acha que eu não vou.

— Eu só disse que você tem opções, como todos nós.

— Eu sou um covarde, Pablo — disse a sentinela das sombras, num tom que assustou o amigo. Pablo nunca vira Shenu falar com tanta gravidade.

— Não. Isso era o que pensávamos de você antes... Antes disso tudo começar — respondeu o general. — Você não pode reclamar também, deu muitos motivos pra questionarmos seu caráter. Mas você mudou ao longo dessa nossa aventura. E defendeu esta ilha com sua própria vida.

O silêncio continuou reverberando no silvo do vento, no roncar das ondas, no ruflar das folhas das árvores escuras.

— Você não é um covarde, amigo — disse Pablo. — É meu irmão. Tanto quanto Márcio ou Dominique.

Um leve sorriso brotou no canto do lábio de Shenu quando uma voz alegre falou atrás deles:

— Hm, então é por isso que brigam tanto! — Diana, ofegante, vinha subindo as rochas, e sentou-se do outro lado de Shenu. Como Pablo ela ficou calada, embora espiasse Shenu pelo canto dos olhos de tempos em tempos, até não se aguentar mais e dizer:

— Só não vá tomar sua decisão por causa *dela*, Shenu. Não faça nada de cabeça quente.

Pablo enrugou a testa confuso, mas Shenu pareceu entender muito bem do que Diana falava. Olhou discretamente sobre o ombro na direção do cais e da Nalvim, onde a sentinela da água devia estar treinando a concentração. Então uma cortina se abriu e a compreensão se abateu sobre o general, algo que Diana, sem precisar de confissões, já tinha entendido há bastante tempo. Os doces oferecidos, as flores colhidas para ela, a decisão de viajar para as terras geladas junto com ela...

— Ela... Não. Foi só uma ideia boba que já passou — disse o rapaz, mas não pareceu nem um pouco confiante. — Eu nunca poderia entrar no coração dela, nem que me esforçasse mais. Lá já é morada de outro há muitos anos...

— Então... — Diana continuou com cuidado — ela não tem nada a ver com sua mudança... Com essa sua tristeza nos últimos dias?

Shenu inspirou fundo e soltou o ar aos poucos, voltando a olhar na direção da Tormenta. Apesar de não responder nada, Pablo teve certeza de que *ela* tinha muito a ver com o estado de espírito de Shenu, mas que não era a maior razão do amigo estar daquele jeito. O casal permaneceu num silêncio respeitoso até que o próprio Shenu o quebrou:

— Eu vou — disse de repente. — Sempre soube que ia acabar indo para lá. Só que fiquei inventando desculpas... Dizendo que queria fazer outras coisas primeiro... No fim, apesar de adiar o máximo que pude, o destino me colocou no caminho daquele lugar. Não posso mais evitar isso.

— O destino é uma forcinha de Lhênus... — Diana observou baixinho.

— O que vocês vão fazer? — Shenu perguntou, encarando Pablo pela primeira vez naquela conversa.

O general suspirou, voltou-se para Diana, e deu um sorriso nervoso.

— Bom, eu não posso deixar um soldado meu ir sozinho para o campo de batalha, não é? E como eu poderia dormir pensando que pode ter alguém da minha família preso naquele lugar?

— Além disso, — completou a moça — ainda precisamos destrancar o Portal. Ainda não soubemos nada sobre Octoforte, sobre quem ficou lá dentro...

A voz dela morreu lentamente e seu olhar ficou perdido no espaço. Depois, Diana voltou o rosto na direção que Shenu fitara por vários minutos, mas sem realmente enxergar nada. Pablo e Shenu se entreolharam, os dois muito mais aflitos do que queriam transparecer. Diana, sempre tão alegre, não parecia capaz de manter o otimismo por muito tempo.

— E quando é que vocês pretendiam falar comigo? — questionou uma voz brava, logo atrás deles. Vindo pela mesma trilha Márcio subia resfolegante, mas não se sentou quando chegou ao cume: manteve-se de pé, atrás dos colegas, com uma expressão emburrada.

— Márcio, essa decisão é de cada um... É individual...

— Sei, e quando é que você fez alguma coisa sem mim? — Márcio perguntou para Pablo. — É óbvio que eu vou — completou, mas não quis dizer mais nada que pudesse comprometê-lo, como mentir sobre o que o motivava. Talvez ele tivesse algum problema de cabeça, pois Yoná acertara em cheio. Márcio estava curioso. Eram tantas as histórias rondando aquele lugar que ele queria ver por si mesmo. Queria entrar naquele continente que gigantesco, e descobrir se Zebarân era mesmo tudo aquilo o que diziam. Ele achava que não. Achava que os escravos estavam tão assustados que não conseguiam fazer nada contra o rei, mas que, na verdade, ele não devia ser tão poderoso assim. Era isso: Zebarân assustava muita gente, mas talvez não tivesse nem metade da força que todos acreditavam, e ele achava que, junto com os amigos, podia tirá-lo do trono com pouco esforço.

“Ou talvez tenha e você não passe de um idiota curioso, que vai mesmo se estropiar”, falava uma vozinha no fundo de sua consciência.

Mas também havia o fato de que o irmão e a cunhada, e agora também um dos amigos, tinham decidido abraçar a missão. Ainda nem tinha entendido muito bem o que fariam no Nepcoutem, mas ficar na ilha esperando notícias do grupo não lhe parecia nem muito bom, nem muito justo.

Antes que notasse, Yoná também os alcançou e postou-se ao lado de Márcio, os braços cruzados; logo em seguida Dominique pousou, parecendo inquieto. Como os outros, ele voltou o olhar para o fim do oceano, para o

horizonte, onde os relâmpagos infundáveis marcavam o limite navegável daquela porção do mundo.

— Decidiram o que vão fazer? — Nique perguntou, colocando uma mão no bolso da calça, passando a outra pelos cabelos, e em seguida agitando as asas. Estava ficando frio lá em cima, mas a agitação dele não tinha nada a ver com temperatura. — Vou arriscar. É insanidade, eu sei, mas...

— Mas é algo que devemos fazer — disse Yoná, e Pablo voltou-se para olhar para ela. A pele da garota resplandecia feito ébano polido, e ela tinha um brilho incandescente nos olhos; não piscava, e mantinha o queixo um tantinho erguido em sua orgulhosa pose peculiar, que sempre tinha deixado os outros desconfortáveis. Agora, no entanto, todos tinham um pouquinho daquele orgulho dentro deles.

— Você... Pode ter alguém preso lá dentro que você conheça? — Márcio quis saber, mas Yoná acenou um “não”.

— Eu sinto que preciso agir — ela disse. — Se pensar bem, é por culpa dele sou sentinela do som: por causa do que aconteceu fui mandada para o Educandário, depois para o Templo, depois para a disputa de Octoforte. A devastação dele moldou quem eu sou.

Márcio coçou a barba do pescoço, irritadíssimo por Yoná se negar veementemente a contar o que é que havia de tão grave no passado dela, e que ela fazia questão de mencionar daquele jeito misterioso. Fez menção de falar alguma coisa, mas sentiu um leve toque gelado correr pela mente, e ele viu todos olhando para trás.

— Mas você poderia desistir — disse Jadhe, juntando-se ao grupo. — Dar a si mesma uma chance de viver uma vida normal.

Márcio olhou para ela tentando apreender o que a garota sentia, mas percebeu que a jovem lutava com tudo o que tinha para impedir sua comunicação de se espalhar.

— *Você* pode fazer isso se quiser — disse Yoná. — Mas eu não vejo como eu conseguiria. Passar por tudo o que passamos pra conseguir essas joias, lutar pela ilha com a dignidade que lutamos, sentir o coração dessas pessoas unidos para defender seu território, e, agora, ter a chance de fazer parte do grupo que pode exterminar de vez o grande vilão mitológico do nosso mundo. É a glória!

Ninguém disse palavra, mas muitas sobranceiras se levantaram, provavelmente duvidando da sanidade de Yoná. A garota tinha uma necessidade muito estranha de se testar.

— Isso é uma grande loucura. Vocês todos estão malucos. Malucos! — disse Jadhe, estridente. Dominique baixou os olhos. — Mas eu não sou muito diferente, afinal. Quando partimos?

Treinamento, magia e um casamento

— Esta não é uma decisão racional, e vocês sabem disso — Ártemis disse, e Pablo suspirou. Ele também achava aquilo absurdo, mas Diana estava cada dia mais soturna e andava falando em Ondily e em outras pessoas que ficaram presas em Octoforte com frequência. Ele não queria levantar o assunto com ela, mas tinha a convicção de que, de um jeito ou de outro, não havia mais ninguém na Fortaleza Dourada: ou não tinham resistido ou já tinham deixado o lugar há tempos, e ele queria acreditar na segunda opção. Agora os sete estavam ali, esperando conseguir pelo menos alguma orientação, o que Dominique tinha dito que Ártemis lhes daria. — O que Lhênus está fazendo é uma canalhice, um jogo sujo... Ele não se importa com vocês, só os está usando!

— Ele jogou iscas difíceis de resistir... — Dominique comentou cabisbaixo.

— E vocês caíram como trutas — ela falou, e ficou um longo tempo em silêncio depois, pensando com os próprios botões. As sentinelas deixaram a mulher quieta até ela decidir levantar de novo a cabeça e falar, desta vez com o tom frio e prático que costumava ter. — Não vão partir em dois dias. Não posso fazer nada neste tempo. Vão ficar comigo por quinze dias. É pouco, preferia que fossem três meses, mas é o tempo que a Aliança Maior deve levar para organizar uma investida de caçadores para tentar enfrentar vocês e buscar as joias.

— Não acha que eles vão querer invadir a ilha com um batalhão? — Márcio indagou.

— Não de imediato. Eles só veem sete pessoas como ameaças, e não faz sentido deslocar um batalhão inteiro por causa de um grupinho tão pequeno. Não se deram conta do quanto vocês são perigosos, é claro, ou pulariam esta etapa.

— E o que vai fazer conosco nesses quinze dias? — questionou Shenu.

— Ensinar alguns truques mágicos. Cinco, pra ser exata. Todos precisam aprender porque podem ficar sozinhos em algum momento, isolados do grupo, e precisam saber algumas coisas que só poderiam resolver com o talento de um ou de outro.

“Vocês já sabem caçar, então será útil aprender um truque que mostra o caminho da fonte de água mais próxima. Precisam aprender feitiços mais complexos de cura. Não com a finalidade de tirar cicatrizes, mas para fechar um ferimento importante que os levaria à morte. Vou ensinar um feitiço de localização, para que consigam ao menos saber onde fica o norte, caso se separem. Vou ensiná-los a controlar os pensamentos e a identificar um contato mental, para que não fiquem à mercê de telepatas que podem lhes roubar os segredos. Jadhe, em

particular, preciso treinar para que controle suas transmissões psíquicas. Por último, vou ensinar algumas técnicas de camuflagem, não só através de magia, mas com coisas que encontramos por aí.”

— Tudo bem — disse Pablo. — Vamos almoçar agora e, após o descanso, nos reuniremos aqui para começar...

Mas Ártemis atalhou, e o brilho de aço nos olhos não deu espaço para ninguém retrucar:

— Vamos começar aqui e agora mesmo, senhor general. Zebarân não esperaria que vocês terminassem o almoço.

Imediatamente se puseram a trabalhar.

— Eles não sabem com quem estão lidando — disse a princesa, cuja roupagem rebuscada pesava duas vezes o próprio peso. — Nem de nossa parte, nem da parte daquele rei amaldiçoado. Pensam que podem com Zebarân? O homem é uma lenda! Isso se ele for realmente o mesmo de tantos séculos atrás, o que, pessoalmente, eu duvido muito.

— É um ultraje que a Aliança tenha tido que se submeter às vontades das sentinelas — falou Nolassér, o rei. — É inadmissível. *Nós* devíamos ter controle sobre Octoforte.

— Vossa Majestade, me permite a honra de lhe dirigir a palavra? — adiantou-se um dos rapazes da comitiva, ajoelhando-se e abaixando a cabeça perante o soberano de Zebelim.

— Adiante — o rei autorizou.

— Majestade, meu nome é Lavoér e sou o responsável pelo controle das finanças e do ordenamento de soldados da Aliança Maior. Majestade, é meu dever lembrar-lhe que, desde que as outras nações deixaram a Aliança e pararam de contribuir com sua manutenção, a única coisa alterada nos Autos de Funcionamento de Octoforte foi a quantidade de soldados. A finalidade da Fortaleza Dourada permaneceu inalterada, ou seja, servir e proteger aos diversos povos pertencentes à Aliança, tendo, portanto, a obrigatoriedade de manter também a neutralidade das nações, o que impede um posicionamento efetivo do general, das sentinelas e de seus soldados no compartilhamento de quaisquer objetos ou tesouros adquiridos e...

O rei ergue a mão.

— Pare o falatório e explique de uma vez onde está querendo chegar, meu jovem.

— Majestade, pelas próprias leis da Aliança, as sentinelas estão agindo da única forma que poderiam agir. Entregar as joias conquistadas seria o mesmo

que contrariar o próprio juramento!

— Então, o que está dizendo rapaz? Quer que cruzemos os braços e esperemos que aquelas coisas os deixem livres pra nos atacar? Ou que esperemos um ataque do ensandecido Zebarân, louco por sangue? Vivemos em terras de paz, Dhonmen nos ouve! — esbravejou a princesa Enara, com Nianca, sua prima e representante da Casa Real, ao seu lado.

— Bem, se me permitem... Proponho que seja enviada uma comitiva pequena para argumentar novos termos de posse de Objetos Mágicos com as sentinelas, uma comitiva formada por pessoas que entendam a burocracia da Fortaleza Dourada tanto quanto Pablo — Lavoér respondeu numa segurança que surpreendeu os reis, acostumados que estavam em lidar com pessoas que temiam até olhar nos olhos de pessoas tão poderosas.

A Casa Real ficou em silêncio. Nem o rei, nem a rainha, nem sua filha ou os convidados — outros membros da Aliança Maior, reunidos à mesa horizontal de frente para a família real — conheciam os autos ou regimentos ou quaisquer que fossem os nomes que recebiam as leis de Octoforte.

— A ideia é razoável, e parece a melhor que temos para argumentar com eles, antes, claro, de enviar caçadores em seu encalço — disse Silderéver, General e atual Mandatário Interino, o líder do governo de Gehenmy. — Você conhece as leis, senhor Lavoér?

Lavoér ficou um tantinho mais pálido do que já era, e quem não o conhecesse poderia pensar que era porque a voz de Silderéver indicasse que era um homem de poucos amigos e tinha o dobro da altura dele. Mas a verdade era outra. Lavoér antecipara os rumos da conversa e mal podia acreditar no que estava para acontecer.

— Bastante, senhor. Tive que estudá-las a fundo para conseguir meu emprego.

Os soberanos e os nobres ali reunidos discutiram por um minuto entre eles, fazendo o coração do homem acelerar. Por fim, Jhália, aquela talentosa cantora que só estava na Aliança por algum motivo obscuro, abriu um sorriso triunfante e disse:

— Senhor Lavoér, escolha quatro pessoas de sua confiança e prepare sua bagagem. Está oficialmente designado para chefiar a Comitiva de Inspeção da Aliança, que partirá em três dias para a ilha Agerta — ela sorriu com mais malícia, e Lavoér percebeu que os outros nobres ou sorriam do mesmo jeito, ou demonstravam desprezo. — Sua missão é supervisionar a posse das joias, tornar as leis mais maleáveis para nós, os mantenedores daquele lugar, e, como o senhor é também o responsável pelas finanças, ficará encarregado de vistoriar a construção

daquele tal Forte e da atuação dos soldados. Queremos ter certeza de que não estamos sendo passados para trás, entendeu?

O homem engoliu em seco.

— Relatórios semanais — exigiu a princesa Enara, aborrecida. — Inclusive das despesas. Vamos fornecer uma quantidade de ouro para você e seu grupo se manterem naquele lugar por um mês. Depois disso, queremos as joias em nossas mãos, entendeu?

— S-sim, Vossa Alteza — gaguejou ele.

— Agora vá. Apresente sua lista de nomes para acompanhá-lo a Nianca, no Salão da Casa Real, amanhã ao meio-dia — o rei encerrou, dispensando o homem com um aceno de mão. Com uma reverência, Lavoér se despediu, saiu do salão e atravessou os jardins apressadamente, quase não contendo os passos. Ele ouviu atrás dele as risadas de alguns dos nobres, caçoando do nervosismo daquele pobre coitado, apavorado por ter sido designado para lidar diretamente com as sentinelas, detentoras dos Objetos Supremos, cuja fama tinha se espalhado pelo Meio do Mundo como folhas na ventania. Ao sair do terreno da Casa Real recostou-se ao muro, ligeiramente ofegante.

Ele estava nervoso, os nobres nem imaginavam o quanto ele estava nervoso. Mas não era de medo. Lavoér estava extremamente feliz.

Os quinze dias tinham passado como um borrão, e Márcio não estava certo de que tinha conseguido aprender tudo o que Ártemis tentara lhes passar. A mulher era habilidosa com suas explicações e exemplos, mas cada coisa que a Caçadora queria ensinar abrangia um número muito grande de possibilidades, e compreender tudo estava fora de cogitação.

— Mesmo assim, foram dias proveitosos — ela avaliara quando testou os jovens um por um.

Proveitosos certamente que foram, Márcio nunca tinha passado por uma bateria de estudos semelhante — a mestra mal lhes dera tempo para ir ao banheiro. Nos quinze dias dormiram no máximo cinco ou seis horas por noite, e Ártemis acordara cada um no meio do sono com gritos assustadores com a finalidade de para prepará-los, caso algo acontecesse. Para treinar os feitiços de cura a mulher feriu cada sentinela algumas vezes, pois, segundo ela, não havia outro modo de treinar aquela magia, senão em carne real. Foram cortes superficiais, e, quando o feitiço ensinado demorava a sair, ela mesma curava o machucado sem deixar nenhum vestígio. A telepatia foi a parte mais problemática: embora fosse fácil reconhecer quando um telepata invadia sua mente, a mulher não teve nenhum constrangimento de mostrar para todos eles que era uma telepata de grande poder,

e era muito difícil impedir alguém com a habilidade de Ártemis de conseguir o que queria. Jadhe, no entanto, tivera êxito: suas explosões psíquicas envolvendo todos estavam bem menos frequentes, e ela tinha conseguido visualizar uma lembrança de Márcio em Octoforte, num dia em que ele estava na biblioteca da Fortaleza com Traylór, seu melhor amigo de lá, espiando um daqueles estranhos “silenciosos”, os vigias de capuz sempre vestidos de preto dos pés à cabeça, que não faziam barulho e vigiavam as salas proibidas.

“*Traylór. Onde estará?*”, pensou Márcio com saudade, o que lhe deu mais um motivo para se dedicar bastante.

No entanto, não fora só o curto espaço de tempo e a quantidade excessiva de coisas a aprender que dificultaram a vida das sentinelas naqueles dias. Ártemis não estava contente com a decisão do grupo, discutira com Jadhe algumas vezes e com Dominique várias vezes, tentando dissuadi-los. Márcio não tinha certeza se era só o humor da mulher, mas a Caçadora se mostrava também um tanto instável — trêmula, ofegante, em alguns momentos sem propósito, como se estivesse doente, e com aquele olhar vidrado de predadora mais voraz do que era o normal dela. Além disso, Verônica passara a observá-los sem participar dos treinos, embora tivesse sido convidada por Ártemis. Isso tanto deixava Márcio intrigado — às vezes ela passava horas sentada ali, olhando-os com uma raiva nada disfarçada, — quanto deixava Diana desconfortável, e a fazia errar os exercícios e levar broncas de Ártemis.

Por último, havia os soldados e os moradores da vila. Logo que a batalha tinha cessado e nas primeiras semanas que se seguiram havia tanta bagunça e tanto nervosismo que todos colaboraram com todos na restauração das casas e da vila. Os homens e mulheres tinham se tornado amigáveis, pessoas sofridas apoiando umas às outras e, acima de tudo, saudando aquele que os tinham liderado: as sentinelas, Verônica, Ártemis e Miriér. Mas isso tinha mudado nos últimos dias. O modo como os homens os olhavam era diferente. As conversas silenciavam quando um dos sete chegava. Vultos passaram a ser avistados próximos à cabana durante as horas de sono. Pablo percebia o que estava acontecendo, tinha reconhecido aquilo e alertara os companheiros.

Eram as joias novamente. O poder sedutor das joias.

Na última noite, após uma tentativa furtiva de invasão da cabana, ficou ainda mais claro que os Tesouros não podiam ficar na ilha. Mesmo que fugissem, teriam que deixar os Objetos Supremos em algum lugar se quisessem ter uma vida normal: aquelas coisas transformavam pessoas em bandidas e as atraíam como mel atrai formigas. Mas os garotos não tinham intenção de abrir mão das joias tão cedo. O caminho para o Nepcoutem parecia, cada dia mais, o único possível, e perigosas ou não, elas eram a melhor arma que tinham.

Se algo agradável aconteceu naqueles dias foi a apressada celebração de casamento entre Pablo e Diana. Não era nada inesperado que os dois quisessem passar a vida juntos, mas tudo foi feito muito de repente, deixando os convidados tanto felizes quanto apreensivos.

Faltando três dias para sua partida, Diana e Pablo foram juntos falar com Ártemis logo após a sessão de treino, enquanto a mulher recolhia pedras redondas e balbuciava coisas para si mesma.

— Não vão descansar? — ela perguntou.

— Queremos pedir uma coisa — disse Pablo, e Diana não esperou que Ártemis perguntasse “o que?”.

— Case-nos!

A mulher ergueu as sobrancelhas, e os outros companheiros, que já se dirigiam para a cabana, pararam para ouvir, um tanto espantados.

— Vocês estão estudando para uma missão suicida, vão viajar em poucos dias, e estão pensando em *casar*? — ela questionou. — É a coisa mais incoerente que já vi!

— Não é não — Pablo retrucou. — Afinal, se morrermos no caminho, que chance teremos depois?

Um silêncio se abateu pesado naquele rochedo, e os olhos dos observadores se arregalaram. Até Ártemis, sempre tão fria, mordiscou o lábio e prendeu a respiração. Afinal, era a coisa *mais coerente* que ela já tinha ouvido.

— Certo, mas por que eu? Quem celebra a união de um casal...

— Tradicionalmente se torna parte da família do casal. Um irmão, sabemos disso — Pablo falou num tom casual, despreocupado com as caretas tristes dos amigos.

— Verônica está fora de cogitação — disse Diana bruscamente. Era pra ser ela, mas a gárgula virou as costas pra nós. Então... bom, Márcio já é da família de sangue, e os outros...

— Não podemos escolher entre eles — Pablo deu de ombros, lançando um olhar sorridente para os amigos. — Simplesmente não podemos e não queremos. Acho que já são todos da nossa família, de qualquer jeito.

— Então pensamos... Você tem sido uma mestra pra nós também...

Jadhe não aguentou daquela vez: deixou uma brisa de alegria correr entre eles e chegar até a Caçadora. A mulher olhou para seus pupilos — seus sete pupilos — e sorriu timidamente.

— Amanhã — ela assentiu. — Após os treinos. Vamos terminar uma hora mais cedo, nos arrumar e arranjar alguma coisa bonita pra vocês trocarem. Eu os caso em frente ao Portal, que simboliza o lugar onde se conheceram e que

conheceram como lar — ela suspirou. — E que seja um motivo para desejarem mais ainda se manter inteiros e retornar!

Assim, no dia seguinte em frente ao Portal, duas tochas flamejantes foram acesas para que aquela luz azul não transformasse os jovens em fantasmas desbotados. Ártemis disse palavras desajeitadas, que pouco foram ouvidas por causa do vento. Diana, com flores brancas nos cabelos, num gracioso vestido verde-água, entrelaçou as mãos com as de Pablo, ele com roupas normais e um casaco preto emprestado de Shenu, e os dois trocaram presentes que deviam simbolizar sua união por toda a vida: Pablo deu a Diana um anel de prata com um rubi engastado, e os filamentos que prendiam a pedra ao anel eram pequenos raios de ouro. E Diana deu a Pablo um colar de prata e havia uma pedra translúcida, do tamanho de uma noz, como um pingente: aquele era o primeiro diamante que Diana conseguiu criar com seu *mac* durante a busca pelos Tesouros, depois de quinze dias de dedicação total. Foi uma cerimônia simples, sem pompa, mas Shenu conseguiu uma rabeca e arranjou ânimo para tocar uma canção festiva para o casal. Alguns poucos soldados mais próximos acompanharam a celebração, e trouxeram pães, bolos, bebidas e alguns presentes, e os últimos ficariam guardados na cabana até o casal retornar.

As revelações da Caçadora

Mais tarde naquele mesmo dia, as sentinelas se reuniram na praia e se sentaram em círculo ao redor de uma fogueira, no local onde embarcariam, no dia seguinte, na Nalvim mais uma vez. Uma viagem submarina, mais longa que aquela que os levara ao Continente Maior no ano anterior e, embora Ártemis mantivesse sua posição contra a missão, ela ia cumprir a palavra que dera.

— Como prometi, vou contar a vocês o que sei sobre o Nepcoutem. São coisas que nenhuma outra pessoa de fora de lá sabe, e essas informações podem ser úteis de alguma forma. Mas tenho uma condição — ela disse, e passou os olhos por cada um dos jovens, e Márcio pensou em como ela parecia uma boneca de porcelana naquele dia, excepcionalmente rígida e séria. — Vocês não vão me perguntar como sei o que sei. Aceitem como verdades, sem questionar.

— Por que eles deveriam aceitar assim? — interferiu uma voz arrastada vinda da praia. Exatamente, de dentro da água.

Um vulto ergueu-se lentamente e tomou forma. Tinha um metro de altura, e parecia ser formado de lama. A coisa se arrastou para a areia, o lodo formando braços e pernas gosmentas, e parou perto do grupo. As luas daquela noite, a vermelha e a verde, iluminaram a criatura de costas, e delinearam os contornos de um monte de lama, que abriu olhos leitosos e grandes, como olhos de uma baleia.

— Claro, como você poderia ficar de fora? — Ártemis disse desgostosa, sentando-se junto aos garotos com as mãos apoiando o queixo.

— Conte algo a eles que os faça acreditar nas suas informações, Ayana.

Ártemis fitou o lamacento Lhênus por tanto tempo que Márcio teve certeza de que ela delirava a respeito de jeitos diferentes de destruir aquele monte de barro. Depois se voltou para as sentinelas (Dominique e Jadhe cheios de expectativa), e disse:

— Vão acreditar porque tudo o que sei é por experiência pessoal. E, se conseguirem voltar ao Continente Maior, conhecerão a história completa: está na nossa casa, garotos, num livro sob as tábuas da varanda.

Jadhe prendeu a respiração, parte do treinamento para segurar as emoções e a telepatia, mas não era preciso compartilhar pensamentos para compreender que ela e Nique pensaram seriamente em abandonar a empreitada naquele exato instante para colocar as mãos no tal livro.

— Primeiro, vocês precisam saber a respeito da barreira do Nepcoutem. Quando desembarcarem no Continente Menor, qualquer rocha que vocês toquem além da areia da praia os levará para um ponto dentro do reino de Zebarân. Não

para qualquer ponto aleatório: só existem alguns lugares para onde vocês podem ser transportados, e patrulhas de demon'z são alertadas cada vez que alguém toca um dos pontos mais próximos às cidades. Isso porque Zebarân tem seus limites: não é todo o país que está preso no feitiço do rei. Embora ninguém saia, todos os que entraram estão concentrados numa região bem menor ao redor do palácio dele e, uma vez lá dentro, não conseguirão sair. Se tentarem, quando chegarem ao limite da barreira, serão simplesmente transportados de volta para algum dos pontos de desemboque do feitiço. Vou marcar os pontos em mapas para vocês.

“*Bom*”, pensou Márcio, “*já é um começo saber onde podemos ir parar.*”

— Uma vez lá dentro, perderão a noção de horas do dia, horas da noite, horas em geral. É impossível saber a passagem do tempo pelo céu. Aqui fora temos as estrelas, mas lá dentro o céu é revoltado o tempo todo, com nuvens vermelhas pesadas que despejam raios arroxeados. Não são nuvens nem raios de chuva. Nunca chove no Nepcoutem.

Pablo passou uma mão pela barba e a outra apertou a de Diana. Jadhe chegou um pouquinho para trás. Certamente aquilo os preocupava.

— A terceira coisa... — a Caçadora falou hesitando, aparentemente aquela era a informação mais perturbadora dentre todas. Ela esperou que Lhênus terminasse sua mutação esquisita e se transformasse numa mistura de cavalo-marinho com pernas de pato antes de continuar. — Vocês querem saber se pode haver algum sobrevivente dentre as pessoas que foram levadas para aquele lugar como escravos. Eu respondo com certeza que sim. Todos os que entraram lá estão vivos... Porque naquele lugar *ninguém* pode morrer.

Lhênus torceu a cabeça de cavalo-marinho para poder observar as reações dos jovens. Ártemis ficou em silêncio, a cabeça um tanto abaixada, enquanto seus olhos perscrutavam o rosto de cada membro daquela comitiva. “*Ninguém pode morrer?*”, Jadhe pensou, e agora abandonara completamente a determinação de manter os pensamentos só para ela. Sua voz quase gritou na cabeça de Márcio, e ele ouviu os pensamentos dos amigos todos de uma vez, embora ninguém dissesse palavra. “*Como ‘não se pode morrer’?*”

— Mas, você passou os últimos quinze dias nos ensinando técnicas para sobreviver! — Dominique argumentou, vocalizando uma dúvida que ninguém sabia se vinha dele.

— A mesma barreira mágica que impede as pessoas de saírem também as mantém vivas, escravas para sempre. Eu não sei como funciona exatamente, mas parece haver uma espécie de “ponto limite”. Se você para de comer, vai definhar até ficar quase puro osso. A partir daí, quando você mal se mantém em pé, você para de emagrecer e continua vivo. Por um ano, dez anos, cem anos. E continua sentindo uma fome tão voraz que é capaz de enlouquecer.

— Mas você nos ensinou a curar feridas...

— A magia também faz com que os escravos se curem sozinhos, mesmo quando o ferimento causaria a morte. Mesmo se você for decapitado, a magia dá um jeito de fazer você se recuperar. Mas isso pode demorar muito, muito tempo. E você sente dor o tempo todo até tudo se ajeitar.

Desta vez a informação provocou uma onda de ansiedade e náuseas. Márcio sentiu pontadas na cabeça, como se pregos fininhos estivessem sendo martelados de repente em seu cérebro, provocando uma dor que ele sabia que não passaria nos próximos dias. A emoção mais intensa veio de Shenu, que abaixou a testa e a apoiou nas mãos, suando frio. O nervosismo dele atraiu a atenção dos outros, e ainda que a enxaqueca de Márcio se intensificasse exponencialmente a cada minuto, ele não pode deixar de imaginar o que Shenu estaria escondendo que o fazia sentir tão culpado.

— Então... Se isso é verdade... — Pablo começou, e, em seguida, se corrigiu: — ou melhor, se esse feitiço provoca imortalidade e cura os corpos feridos, então o rei Zebarân também não pode ser morto. Ficaremos presos numa batalha eterna!

Angústia. Ansiedade. Preocupação.

— Por que não ajudá-los, Ana? — o cavalo-marinho, que agora era um crustáceo enorme batendo pinças, cuja carapaça estava cheia de pérolas e tralhas marinhas salientes, falou, e a voz de Lhênus também mudava conforme ele falava. Tornava-se mais jovem, mais infantil. — Sabe que pode. É a única que pode.

— Eu só tenho suspeitas, velho! — a mulher ralhou. — Não posso garantir que o que tenho vá servir para alguma coisa!

— Ah, mas você sabe a verdade. Sabe que o rei tem medo do que ele fez tanto tempo atrás...

As mentes dos sete continuavam conectadas, e Márcio soube desse jeito que, se Jadhe tivesse total controle da sua capacidade, arriscaria uma espiada no que se passava atrás dos olhos da mestra. Ártemis não explicava, não dizia nada. Mas, sem querer, Márcio se lembrou (e dividiu a lembrança) daquilo que ele tinha visto na praia durante a batalha em Agerta: uma criatura voraz na pele da Caçadora, atacando os mercenários com garras e dentes, tirando-lhes a vida como um morcego sanguessuga. Já tinham entendido que Ártemis estivera realmente no Nepcoutem em algum ponto do passado. Dominique lançou ao grupo a questão da idade dela. *A mulher não envelhecia. No Nepcoutem não se podia morrer. A magia de Zebarân não deixava ninguém morrer.* Lhênus falava sobre algo ou alguém criado por Zebarân e de quem o rei tinha medo. Seria Ártemis? Ele a amaldiçoara e a transformara em alguma aberração, e agora tinha medo do poder da mulher? Eram só conjecturas, mas faziam todo sentido.

De um bolso da roupa, Ártemis Caçadora tirou pequena ampola dourada e entregou-a nas mãos de Jadhe.

— Este veneno — ela disse — é a única coisa capaz de assustar Zebarân. Eu não sei se poderá matá-lo, mas, no mínimo, sei que pode desestabilizá-lo. Deve ser o suficiente para, pelo menos, lhes dar uma chance de vencer a luta. Porque a única forma que vocês têm de sair de lá é lutar com o rei.

Lhênus estendeu uma estranha boca de crustáceo de forma parecida a um sorriso. Certamente o Senhor estava satisfeito, muito satisfeito, mas ali ao lado, Yoná tamborilava os dedos nas pernas de um jeito que Márcio conhecia: a sentinela estava prestes a estourar com alguém.

— Se você sabe tanto, por que não vai com a gente? — ela perguntou num tom de desafio. — O que é, você tem medo também? Nos dá o que tem na manga, mas não tem coragem pra enfrentar o que seus pupilos vão enfrentar?

Márcio queria ter uma meia pra enfiar na goela da amiga.

— Não devia, não devia mesmo, falar sobre o que não sabe menina — o Senhor comentou lentamente.

— Se você soubesse de tudo e eu dissesse a você que tenho medo de voltar, você teria que engolir cada letrinha das suas palavras com suco concentrado de pimenta roxa — Ártemis falou entortando a cabeça para o lado, num tom que fez os pelos da nuca de Márcio se arrepiarem. Ele olhou para o irmão e encontrou-o com o olhar duro, mas entendeu que o general não iria interferir, afinal Yoná precisava mesmo de uma boa resposta. — Mas a verdade é que eu não posso voltar. Simplesmente, não posso. A magia que impede a saída dos escravos também bloqueia minha entrada — só a *minha* entrada. A única alternativa que eu tenho é esperar por vocês do lado de fora.

— Ah, mas essa não é sua única alternativa não, senhora Ayana — Lhênus falou, transformando-se num meio-homem escamoso nada parecido com as sereias. Ele continuava chamando-a de Ayana. — Há uma forma de você entrar, e você a conhece.

Ártemis juntou ligeiramente as sobrancelhas, intrigada. — O único modo de eu poder entrar é destruir a barreira mágica, e ela só cairá se Zebarân estiver morto — disse lentamente, olhando o tempo todo nos olhos de fogo do Senhor, e continuou olhando até seu foco se perder em alguma lembrança escura. — A não ser... que a magia não seja alimentada diretamente por Zebarân... A não ser... que ele tenha acumulado sua energia em algum lugar ao longo dos anos... para não gastar toda sua concentração na barreira mágica...

— Um objeto mágico — disse Jadhe, chamando a atenção da mestra. — Como os Objetos Supremos.

— Mas poderia ser qualquer coisa! Estar em qualquer lugar! — Diana se alarmou, mas Ártemis sorriu triunfante.

— Não. Não poderia. O rei não pensa em nenhuma possibilidade de invasão. Nunca passaria pela cabeça dele... E ele nunca faria um artefato mágico dessa importância com “qualquer” coisa. Suas cidades são de ouro, de pedrarias, de cristal. Ele gosta de joias. Se é uma joia que mantém a barreira funcionando, então ela é a joia mais cara e mais preciosa do reino. Aquela que ele mais venera.

Ela trocou mais um olhar com Lhênus, e este acenou com a cabeça em consentimento. Ártemis entendera. Pelo visto, ela sempre soubera. E estava maravilhada.

— *Salcraléctér*.

O tal “Saldraléctér” era um cristal rosa, nas palavras de Ártemis, “uma grande pedra engastada na abóbada que cobria o salão principal do palácio onde Zebarán vivia”. Com essa informação, as sentinelas e Ártemis traçaram um plano, uma loucura que, por algum motivo irracional, Márcio achava que poderia funcionar, e que deixou até a Caçadora animada. Ártemis mostrou os pontos para onde os jovens poderiam ser mandados assim que entrassem no reino: uma floresta, uma região próxima à Cidade do Rei, uma área erma no norte e um ponto ao sul, próximo às minas onde se concentrava a maior parte dos escravos.

— É possível ser mandado direto para a Cidade Alta, bem perto do palácio, mas só se você for apanhado por mercenários e eu não sei como os bandidos transportam essas pessoas direto pra lá. Havia rebeldes vivendo nos entornos da Cidade Baixa, — ela disse — mas eles não faziam muita coisa. Não protestavam, nem lutavam. Só fugiam. Talvez, se ainda estiverem resistindo, vocês possam convencê-los a fazer alguma coisa, mas não tenham esperanças: são homens de alma mutilada, não devem ter noção nenhuma de tempo e nunca acreditariam em uma chance de fuga.

Havia arquedemon’z no Nepcoutem, centenas, milhares deles, e marrotes, coisas que Ártemis explicou o que eram e que Márcio ficaria feliz se não encontrasse pelo caminho. Os mercenários não seriam problema, pois não pisavam lá dentro. E os malditos, pelo que Ártemis dissera, não existiam dentro do Nepcoutem: se ninguém morria, não existiam mortos-vivos dentro das terras do tirano.

— É possível entrar no Palácio pelas portas laterais que se abrem para a Cidade Baixa, mas só se você for convidado pelo rei, e na qualidade de escravo. Desse jeito, a pessoa recebe uma marca que a permite fazer só o que ela foi designada para fazer; se sair da linha, é expulsa por magia. Nunca vi acontecer.

Para desafiar Zebarã só existe uma opção: subir a escadaria da frente. São duzentos degraus de ouro e, pisando nos últimos quinze, o intruso recebe uma marca que comprova que ele venceu o desafio da escada. Quem consegue isso pode pedir o que quiser a Zebarã, um pedido para si mesmo.

— E por que as pessoas não sobem sempre? — Márcio indagou. — É tão difícil assim despistar os guardas reais?

Ártemis encarou-o de volta com um olhar de fel.

— A escadaria tem uma magia como a do portal... Ela repele quem tenta subir. Com tortura.

Silêncio. Gargantas engolindo em seco.

— E foi assim que você saiu — disse Yoná. Não era uma pergunta, era uma afirmação, e Ártemis se limitou a olhar para ela em resposta, um olhar que disse tudo.

— Uma última coisa: vocês sentiram o que os Tesouros podem provocar nas pessoas. Pode ser que não tenham influência nos escravos, pois a maioria já está senil há tempos, mas é possível também que seu efeito seja intensificado. Por isso quero vê-los.

Num instante, alguns dos garotos ficaram surpresos, como se Ártemis estivesse pedindo que ficassem pelados; outros, como Yoná e Diana, se retraíram desconfiados. O Senhor, cujas escamas descascavam e caíam secas ao chão, gargalhou.

— Lhênus me disse que vocês resistiram melhor aos efeitos das joias, mas elas também estão seduzindo vocês — ela disse, com um sorriso astuto. — Eu não quero que me entreguem, não tenho intenção de ficar com nenhuma delas. Só quero que as segurem.

Ainda relutantes, os sete tiraram os artefatos de seus esconderijos de tecido: os bolsos, o interior das roupas, as mochilas. Só Márcio não tinha como esconder o Cetro da Luz, que ele carregava para todos os lados. Ártemis também tirou algo de dentro de uma volumosa bolsa de lona que tinha sob a capa de viagem: sete longas e grossas correntes de metal. Ela se levantou e passou de pessoa a pessoa prendendo uma corrente a cada joia, além de um cilindro pequeno e metálico a cada corrente.

— Prendam nos seus corpos da maneira que acharem menos desconfortável. É preciso que a corrente fique em contato com a pele — ela disse, e depois que cada um prendeu ao corpo, recitou uma porção de palavras difíceis e os elos se fecharam. Márcio sentiu que a corrente que prendera ao braço aderira à pele como cola. Ele conseguiu movê-la através do braço, mas quando tentava puxá-la para fora, ela grudava em sua mão e não saía de jeito nenhum.

— Usei uma poção e três feitiços — Ártemis falou. — As joias estão presas às correntes, e as correntes à pele de vocês. Nenhuma outra pessoa conseguirá tomá-las de vocês sem matá-los, a não ser que vocês desejem do fundo do coração entregá-las; como não vão morrer, não correrão riscos. A corrente também tem um encantamento que os impede de serem... bem... de terem partes do corpo arrancadas. — ela falou de um jeito quase casual, e um arrepio sinistro percorreu os jovens. — Se tudo correr bem estarão livres da magia dentro de dois meses.

— Será o suficiente? — Pablo perguntou, examinando o efeito da corrente presa ao corpo.

— Tem que ser. Vocês precisam fazer tudo o mais rápido que puderem. Quanto mais tempo passarem naquele lugar, mais perderão a noção dele, e mais sua mente ficará embaçada. Um dia se torna uma eternidade quando não se distingue diferença entre os dias.

Por último, Ártemis mostrou o que havia dentro dos cilindros que ela trouxera: em cada um, um exemplar do mapa do mundo, que ela havia enfeitiçado com uma cópia do feitiço da Cuzpola, assim cada um deles poderia localizar os outros, caso o grupo se separasse. Mas cada mapa só poderia ser consultado duas vezes, então tinham que ser precavidos. Além disso, o espaço restante poderia comportar uma faquinha pequena ou alguma outra miudeza que eles poderiam precisar.

O general Pablo ficaria com a Cuzpola, que Ártemis prendeu à corrente e a ele da mesma forma que fez com os Objetos Supremos. Então os sete se levantaram, apagaram a fogueira, e tomaram fôlego uma última vez.

— Boa sorte — Ártemis disse, e fez uma reverência que os deixou desconcertados. — Não me lembro de ter conhecido na vida pessoas tão corajosas. E eu vivi muito... — Ela deixou as últimas palavras vogarem sem rumo pelo espaço; depois voltou a si e puxou Dominique e Jadhe para um desajeitado abraço. Então os largou para apertar as mãos de cada uma das sentinelas, mas acabou envolvida num abraço intenso e emocionado. Despediu-se com ar desolado, deixando os sete rumarem para a cabana onde dormiriam e fariam as últimas refeições antes de partir.

Márcio, o último a se retirar, ainda pode ouvi-la dizer, entredentes, ao Senhor Lhênus naquela voz mortífera de sempre:

— Se isso não der certo, eu arrebento essa dimensão com meus dentes e te mando para o reino de Zey pessoalmente. Eu juro, eu consigo arrumar um jeito.

Ao que Lhênus respondeu cansado:

— Não duvido, Ayana Ártemis, eu não duvido... Acho que eu não estou tão longe desse destino, afinal...

Viajando com velhos amigos

Às primeiras horas do dia os sete guerreiros se reuniram na praia de Agerta, cada um carregando seu Tesouro e uma mochila com alguns poucos pertences. Dominique sorriu ao perceber que Diana estava com os cabelos curtos: finalmente ela tinha conseguido convencer Yoná a cortá-los da mesma forma que a amiga tinha feito com o cabelo de Jadhe. Logo Jadhe chegou, e diferente das roupas esvoaçantes e claras que costumava usar, vestia um par de calças escuras e uma blusa preta justa, que simplesmente tiraram o fôlego de Dominique. Desde a interrupção na praia o rapaz não criara coragem para falar na interrupção na praia, e agora não havia nada que ele pudesse fazer: iam viajar trancafiados debaixo d'água por dias, sem a menor possibilidade de ficarem sozinhos e conversar, e não restava alternativa senão esperar por uma nova chance, o que deixava o gênio atormentado só de pensar — paciência não era seu forte. Mas o pior é que Jadhe parecia querer se distanciar o máximo possível do rapaz. Talvez fosse só a necessidade de controlar a telepatia, coisa difícil se tentassem falar de assuntos tão particulares, mas Nique temia que a garota pudesse ter se arrependido do que quase tinha acontecido entre eles.

Loberto veio recepcioná-los e, para surpresa de Dominique, o homem miúdo tinha as duas pontas das tranças de seus bigodes pintadas de louro clarinho.

— B-b-b-bom d-d-dia, meus ra-ra-rapazes!

— Olá, senhor Loberto! — cumprimentaram as meninas, e Nique sentiu um toque de simpatia passar pelo peito: Jadhe devia estar achando graça daqueles bigodes também.

— Senhor Loberto! Em nome de Octoforte, agradeço por ter aceitado nos transportar nessa viagem — Pablo apertou a mão do homem. — Pensamos em outras alternativas, mas nenhum navio, nem os balões de Zebelim nos transportariam até tão perto de nosso destino, muito menos com a velocidade que precisamos.

— Pintou os bigodes? — Márcio não se conteve.

— S-s-sim! — Loberto abriu um enorme sorriso ao responder. — E-eu enc-contre-ei minha cara met-t-tade! Ela é um-u-uito ligadd-d-da em moda, sab-bem? E esssssa é a últim-ma mod-d-da em Ylhuah!

Apesar do sorriso no rosto do homem, Dominique não pôde deixar de perceber que muitos fios de cabelo tinham desaparecido de sua cabeça e que ele gaguejava três vezes mais do que o de costume.

— V-vamos ent-t-tão! Promet-t-ti a Lh... Lh... Lh... ao Senhor da Sab... ah, vocês sab-bem! Promet-ti levá-los até ond-d-de fffor poss-ssível! Dep-pois

volto pra casa, pro meu b-b-bem, e f-f-fico longe do m-mar por um b-b-bom tempo!

Aliviado por não conversar muito mais com o homem, cujo nervosismo transparecia a cada inspiração, Dominique seguiu-o junto com os amigos pelo caminho de pedras que atravessava o arco na entrada da cidade até a praia onde, ao sul do cais para os navios, ficava a pequena doca onde a Nalvim os esperava, e embora todos estivessem em relativa calma, já que o Nepcoutem e seu terror absoluto ainda era um destino remoto, Diana caminhava angustiada carregando dois dos três gatos nos braços. A gata gorda e branca vinha nos braços de Jadhe, que não estava menos apreensiva: aqueles bichanos tinham se apoderado de mais do que de alguns nacos de carne do jantar, e os corações dos garotos, em maior ou menor grau, estavam apertados por ter que deixá-los.

Quando chegaram mais perto, porém, foram surpreendidos por uma comitiva de cerca de vinte moradores e ex-soldados que, empinando pipas gigantes de boa-viagem e lanternas de papel coloridas, vieram se despedir. Miriér estava entre eles, mas não viram Verônica em lugar nenhum.

— Não sabemos exatamente qual loucura os acometeu para se entregarem a uma missão como essa — disse Urias, um homem forte que ganhava a vida como pescador, mas que fora um ótimo arqueiro durante a Batalha de Agerta, — mas estamos com vocês.

— Vocês levam nossos corações — uma mulher com uma criança de colo falou. Nique se lembrou dela no funeral coletivo logo após a batalha, chorando sobre o corpo do marido.

— Senhor Dominique — o soldado Alin chamou, segurando uma cesta de vime com a tampa fechada. Quando abriu a aba viram um interior estofado e macio, e as meninas, enxugando lágrimas, entenderam que aquele seria o novo dormitório dos bichanos, que elas depositaram com cuidado dentro do balaio. Alin fechou a tampa e, colocando as mãos em volta da cintura da esposa, cuja barriga anunciava que o nascimento do filho era uma questão de dias, talvez horas, falou: — Sentinelas. Nós cuidaremos do Sr. Bigodes, do Sr. Pelos e da Sr^a. Patinhas como membros da nossa família, até a volta de vocês.

— E como chefe desta ilha — disse Miriér sorrindo — garanto que sua rota ficará em segredo. Muito embora, eu não acho que alguém tentará segui-los aonde vão.

— Nós agradecemos, senhor Miriér — Pablo respondeu, cruzando os braços sobre o peito num “X” em sinal de respeito. Os outros seis repetiram o mesmo sinal em respeito àqueles poucos moradores que ainda não tinham sido completamente cegados pela magia dos crimedéct’z e permaneciam ao seu lado, e

aceitaram os presentes que trouxeram: pães, licores, capas de viagem. Então se dirigiram à plataforma que dava acesso à Nalvim.

Nique sabia muito bem como seria a viagem que o aguardava, já tinha se sentado naquele mesmo banquinho de madeira envernizada duas vezes, mas continuava sentindo o peito apertar só de chegar perto dele. A Nalvim era uma balsa pequena e quadrada, com muretinhas baixas cercando seu perímetro, mas estava um pouco mudada: agora havia uma série de baús grandes com trancas respeitosas ao fundo, onde Loberto indicou que poderiam guardar seus pertences, e as miúdas luzinhas azuis que cintilavam nas bordas da balsa tinham sido substituídas por lamparinas maiores de luz amarela, que iluminavam muito mais. O gênio também notou que Loberto tinha colocado encostos em todos os bancos, tornando mais cômoda a viagem, e que havia até mesmo algumas almofadas, para os viajantes se sentirem confortáveis. Para os negócios de Loberto, a fama repentina da ilha Agerta tinha sido proveitosa.

— D-de-depois que a ilha se t-t-tornou p-pont-to turíst-tico, as viag-gens da Na-a-a-alvim aument-taram, e eu pud-d-de melhorá-la um p-pouquinh-nho — o barqueiro falou, adivinhando o pensamento do gênio.

Os jovens acomodaram as bagagens dentro dos baús ao fundo, que Loberto prendeu com as travas grandes de cobre. Depois pediu para que todos se sentassem, pois iniciariam a descida imediatamente.

— Espere! — pediu Márcio. — Será que não podemos ver Melvim só um pouquinho?

Dominique sorriu. Conhecia o fascínio que a grande tartaruga exercia sobre Márcio.

— Oh! — Loberto exclamou, e abriu um sorriso enorme que levantou seus bigodes recém-coloridos, parecendo encantado. — F-Fantástico! Fabu-uloso! A ma-maioria só se p-p-preocup-pa com a viaaagem, com os peixes lá em b-baixo... Melvim! Melv-vim, meu rapaz, apareç-ça! O jo-jovem aqui quer v-ver você!

A balsa sacolejou de um lado para o outro levemente, mas não atrapalhou o equilíbrio dos jovens dentro dela. As pessoas na praia soltaram exclamações e comentários: era impossível não se maravilhar com ele. Melvim, a gigante tartaruga marinha, com mais de noventa metros de casco, tinha dobrado o pescoço para olhar com aqueles olhos severos e senhoris para o topo do próprio casco onde, pequenininha, equilibrava-se a Nalvim, a embarcação que a tartaruga carregava.

— Ele c-cresceu! Ou me-melhor, consegui medi-lo int-t-teiro; o dia estaaava quent-t-t-t-inho e ele esticou o pescoço to-o-odinho! Já est-tá com noventa e o-o-oito metros! D-daqui a pouco t-temp-po vai emb-bora enc-contrar um-m-ma parc-c-ceira...

Com lentidão, Melvim afundou a cabeça de volta dentro do mar, escondendo seus enormes olhos castanhos e brilhantes dos curiosos e das exclamações maravilhadas das pessoas, levando consigo o resto de seu corpo e a Nalvim. E, como alguém que chega ao topo de uma montanha e desce sua encosta escorregando num carrinho de madeira, a balsa desceu para o mar, fazendo o estômago de Dominique borbulhar, como se cheio de borboletas. Melvim, a magnífica *Donaeér*, estava de volta ao seu habitat, onde ela era soberana.

Na praia a multidão se dispersou, mas por quase uma hora Miriér permaneceu ali, olhando o ponto onde Melvim tinha desaparecido. Lembrava-se de quando Loberto tinha apontado naquela ilha anos atrás, quando Miriér ainda era um garoto, e de como seu pai o havia acolhido depois de saber da história de sua quase captura pelos Sambuk'z de Zebarân. Os mercenários queriam a Donaeér, mas Loberto a defendeu, mesmo sabendo que o máximo que poderia fazer era ir com ela para o Nepcoutem. No entanto, por algum milagre, os dois conseguiram escapar para o mar, onde homem e tartaruga compartilharam intuitivamente suas magias pela primeira vez, e foram guiados por Lhênus, que os conduziu na direção de Agerta.

Zebarân tinha feito tantas vítimas... Tantos haviam sido sequestrados das praias da própria Agerta... Por que Verônica estava tão incomodada por seus amigos tentarem aquela missão? Era tão arriscada, eles não precisavam que uma antiga aliada se transformasse em inimiga. A gárgula dissera que o que eles precisavam era defender a ilha, que poderia ser atacada a qualquer momento, e que as joias deviam estar por perto para ajudá-los. Mas, depois, ela tinha se tornado soturna e arredia; rondava os treinos dos sete sem nada dizer, a não ser comentar que aquilo tinha que terminar logo para o grupo debandar para sempre da ilha. Talvez ela estivesse apenas com medo. Mas, talvez, houvesse mais alguma coisa que Verônica não queria contar... talvez.

Miriér já estava pronto para partir quando percebeu, ao longe, uma grande vela iluminada pelas três luas surgindo na beirada do mundo. Ficou intrigado, os navios de Agerta estavam todos na ilha. Aquele vinha de fora. Sentou-se e esperou que se aproximasse mais; quando a embarcação chegou perto o suficiente lançou dois pequenos barcos ao mar e, em cada um, Miriér divisou três pessoas. Aguardou que chegassem até a praia, depois foi recepcioná-las.

A reunião dos membros da Aliança junto aos soberanos de Zebelim tinha acontecido sete dias após a decisão das sentinelas de partirem para o Nepcoutem. Lavoér teve alguma dificuldade para escolher as pessoas que iriam com ele naquela estranha missão, mas, no fim, tinha Alibeth, uma de suas irmãs, Sália e Elzira com ele, todas jovens escritoras de espírito aventureiro, além de Oneil, o responsável pelos relatórios mais precisos e seu braço direito no setor administrativo da Aliança.

Lavoér sentia uma excitação dominando seus sentidos enquanto o vento cálido do leste sacudia suas roupas. A ilha se aproximava, e o comandante já dera o aviso para que a comitiva se aprontasse. Após seis dias de viagem, finalmente iriam desembarcar em Agerta e conhecer as sentinelas, detentoras dos Objetos Supremos.

Diferente do que os nobres líderes de Agerta pensavam, o nervosismo de Lavoér não era medo por conhecer os jovens guerreiros, muito pelo contrário. O pai de Lavoér, o Sr. Lavóy, fora um dos órfãos de Octoforte. Crescera dentro dos muros dourados da Fortaleza, mas nunca se tornou soldado. A seleção que escolhera Mayala e os outros integrantes do grupo de sentinelas anterior acontecera quando Lavóy tinha doze anos, um ano mais jovem do que o mínimo permitido para participar da competição. Mais tarde, o Sr. Lavóy agradeceu a Dhonmen por não ter tido a chance de se tornar sentinela, pois se apaixonou por Ghara, a mulher com quem se casou e com quem, aos dezesseis anos, já tinha um filho.

Apesar de não ter continuado sua vida dentro da Encruzilhada, o Sr. Lavóy era apaixonado pela Fortaleza, e passara essa paixão para o filho. Era um homem deslumbrado, que se entusiasmava quando se lembrava das histórias antigas passadas no Educandário Dourado, que contava aos filhos histórias sobre sua infância, sobre os duelos com garotos três vezes mais velhos e mais fortes, e sobre como os órfãos burlavam a vigilância das antigas sentinelas para passar pelo Portal e visitar Bhardo e também a Terra, coisa perigosa, já que não era possível saber por quanto tempo a passagem se manteria aberta do outro lado. Uma vez uma garota tinha ficado presa na Terra, e quatro sentinelas procuraram por ela por seis dias antes de localizá-la, toda suja de terra e extremamente assustada, nos escombros de um prédio abandonado em uma cidade grande. Na época a menina ficara tão traumatizada com o que tinha acontecido a ela que precisou ser mandada para o Lar para Crianças Delicadas de Zefim, uma espécie de casa de repouso para crianças com problemas na alma. Ela só voltou a Octoforte um ano depois, mas nunca falou sobre o que aconteceu na Terra, e a passagem para aquele lugar ficou

terminantemente proibida e demasiadamente vigiada. No que dependia de Lavoér, a Terra, lá sim, era um lugar a se temer, talvez tanto quanto o Nepcoutem.

Lavoér cresceu encantado com as histórias do pai, que se tornaram nostálgicas depois que o Sr. Lavóy faleceu. No entanto, rapaz sempre soube que tinha poucas chances de viver alguma aventura ligada à Octoforte. Era um garoto gordinho e preguiçoso, que não servia para ser soldado. Não era órfão: tinha mãe viva e quatro irmãs, o que não o classificava para ser enviado para viver lá. Com o tempo, as fantasias de infância tinham cedido espaço para as preocupações de adulto, e Lavoér começou a procurar trabalho na cidade grande. Acabou conquistando um posto de *Aprendiz de Astrolunólogo* no grupo de relojoeiros da cidade de I’Jaboris, graças a seus conhecimentos matemáticos e a sua facilidade de aprendizado. Dois anos mais tarde, conseguiu se tornar *Chefe de Estudos Matemáticos* no mesmo grupo. Mas, apesar de ganhar muito bem e se sentir relativamente feliz com seu trabalho, não conseguiu resistir quando a sede da Aliança Maior (que não por acaso ficava em I’Jaboris, afinal, porque mais Lavoér se mudaria da pequena e bucólica vila Madenis para a agitada capital?) anunciou que precisava de um Calculador, foi o primeiro candidato.

Isso tudo tinha acontecido há dez anos. No ano anterior, Lavoér fora um dos candidatos à sentinela na seleção, mas não tinha esperança nenhuma de passar nos testes, afinal, não sabia nada de magia, nem tinha nenhum talento com mac. Mas participar das provas lhe deu a chance de conhecer de perto o prédio da Fortaleza Dourada e ver quem seriam as novas sentinelas.

Agora, com os barcos a remo aproximando-se da praia, Lavoér sentia o vento no rosto e uma alegria entusiasmada. Aos trinta e quatro, depois de anos de uma vida solitária e pacata, talvez, finalmente, o destino estivesse lhe preparando uma aventura.

— Bom dia — ele disse, desembarcando depois de Sália e Alibeth, para quem um homem negro e forte, de cabelos enormes e cheios de trancinhas, ofereceu sua mão.

— Posso ajudá-los em alguma coisa? — o homem das trancinhas perguntou.

— Sim! — Lavoér respondeu entusiasmado. — Somos a Comissão de Inspeção da Aliança Maior, estamos aqui para falar com o líder desta ilha e com o novo general de Octoforte. Pode nos levar até eles?

O homem mirou os estrangeiros cauteloso, ergueu as sobrancelhas e respondeu:

— Não será fácil conversar com o general agora, mas quanto ao líder da ilha, está diante dele. Sou Miriér, governante de Agerta. Mas permitam-me que eu

os receba em acomodações mais apropriadas. Queiram me acompanhar até o Forte de Ageta, lá vocês poderão descansar e conversaremos com mais tranquilidade.

Sorrindo, a comitiva seguiu o governante ao Forte, um sorriso de orelha a orelha estampado no rosto de Lavoér.

Márcio sentou-se no chão apoiado na mureta da Nalvim, sentindo a água salgada passar bem perto de sua cabeça como se fosse vento. Um zunido em um dos ouvidos o deixou surdo por um momento e ele decidiu voltar ao assento estofado: aquilo era um sinal de que, dentro de uma ou duas horas, sua cabeça estaria explodindo de dor. Era o terceiro dia seguido de enxaquecas, e ele esperava que pelo menos durante a viagem a dor lhe desse trégua, mas parecia que as pontadas tinham outros planos. Esticou o pescoço para espiar sobre o ombro de Yoná, e descobriu qual era o livro que ela tinha nas mãos. Suspirou aborrecido, não passava de um daqueles romances bobos sem ação nenhuma, em que um dos dois sempre morria no final. Ele não entendia como a amiga gostava tanto daquelas coisas: se não havia aventura, como podia ser interessante?

Ao seu lado, Diana tinha adormecido enrolada no banco, com a cabeça no colo de Pablo. O general trocou um olhar com Márcio e o rapaz soube que seu irmão desejava poder fazer o mesmo que Márcio queria: conversar de irmão para irmão. Desde que Pablo se tornara general e logo depois se casara, os dois não tinham conseguido nenhum tempo para se falarem, e Márcio sabia que Pablo precisava desabafar. Eram muitas novidades em pouco tempo, e por vezes parecia que estavam girando num turbilhão que ficava cada vez mais rápido, sem poder parar para olhar ao redor.

O garoto sabia que não era o único que se sentia perdido no meio daquilo tudo. O gênio Dominique tinha apanhado o baralho dourado de detalhes vermelhos e azuis, e passava as cartas de mão para mão detidamente, observando cada uma com a mesma atenção que Yoná dispensava às páginas do livro que lia. Márcio sentou-se ao lado dele e, em dois minutos, os dois iniciaram uma partida silenciosa de *Escorpião*, apesar de Márcio perceber que nem metade da atenção do gênio estava concentrada no jogo. O amigo, um homem de vinte e cinco anos, cujas asas podiam levá-lo ao cume das montanhas mais altas, cuja espada já tinha dado cabo de tantos arquedemon'z, não era mais que um garoto assustado a cada vez que erguia os olhos para Jadhe, o que acontecia o tempo todo. Márcio percebeu que as mãos do gênio tremiam e que ele secava um suor frio da testa de tempos em tempos, e que não parava de procurar a garota com o olhar, mas desviava o rosto cada vez que ela parecia encará-lo gênio de volta. Engoliu em seco, lembrando-se do dia na praia em que interrompera o encontro muito particular dos dois, e torceu

para que os dois conseguissem se acertar, para que Dominique não descontasse nele a mesma raiva que descarregava nas cartas a cada vez que baixava uma que aniquilava as jogadas de Márcio.

Jadhe, por outro lado, parecia doente, mais pálida do que o normal, e Márcio se perguntou se a inquietação que vinha sentindo, mais do que ansiedade pela tarefa que os aguardava na terra maldita, não se devia ao estranho silêncio mental que Jadhe lutava para manter depois de tantos dias compartilhando sensações e emoções. A moça treinara a maior parte do tempo o controle da telepatia, e agora se enrolara num banco na ponta da balsa, tentando manter seus dons sob controle, até porque, Márcio sabia, ela estava apavorada com a viagem.

Dentre todos, porém, quem mais causava preocupação ainda era Shenu. Se Jadhe pudesse controlar a comunicação mental, pediria que ela intermediasse uma conversa dele com Pablo sobre o andarilho, mas isso não era possível porque a garota não conseguiria garantir que Shenu não ouvisse também. Fosse qual fosse o segredo que Shenu escondia, estava tirando as estruturas do rapaz. Márcio nem imaginava como Pablo tinha convencido o amigo a deixar as duas garrafas de rum na ilha, mas ele mantinha o pequeno cantil com meio litro de licor que os soldados lhe deram de presente pendurado junto ao corpo, mais seguro talvez do que o próprio Objeto Supremo. O rapaz estava cada dia mais melancólico e mais calado e, além disso, Márcio via, com frequência alarmante, fragmentos dos relâmpagos do Lampejo dos Desesperados que Shenu passara a fitar por vários minutos.

Suspirou. Enquanto estivessem dentro da Nalvim com Loberto aboletado em sua cadeira de condutor, não teriam liberdade para conversar abertamente, e Melvim deveria levá-los até o Pontal da Lua, em Terem, através do gelado Oceano Bruzombo, uma jornada que poderia levar até cinco dias.

— A guerra avança sobre os planaltos virgens no sudoeste do Continente Maior — disse a mulher de pedra. Seu tronco se erguia do solo a partir da cintura, os cabelos de calcário descendo em camadas até o chão, uma rocha com feições femininas de três metros de altura. Enquanto falava cristais e rochas empoeiradas de variadas cores brotavam e caíam de suas juntas.

— Eu sei Inish — Lhênus falou cansado. Seu corpo era um grande cacto e seu rosto, a única flor roxa de pétalas espadaúdas que desabrochava nele. — É uma pena... Existem plantas naquele lugar que não se encontram em lugar nenhum.

— Existem plantas diferentes em cada região do mundo — Inish respondeu com sua voz poderosa. — Tenho certeza de que você pode fazê-las

brotarem outra vez. Mas as pedras nunca vão se livrar das marcas de sangue e fogo. Isso vai ficar para sempre.

— Muito sangue já foi derramado, Senhora das Pedras — Lhênus respondeu. — O que foi feito, foi feito. Mas você pode evitar que mais perdas aconteçam. Basta direcionar os homens certos aos lugares necessários.

— Já falamos sobre isso, velho — a mulher respondeu. Seu corpo cresceu em tamanho e, de repente, ela era um morro debruçado sobre Lhênus, e sal caía de sua cabeça, em uma cascata ininterrupta que formava seus cabelos. — Não podemos intervir. Veja o que aconteceu da última vez.

— O que acontece agora — o Senhor respondeu com uma voz extremamente paciente. Muitos espinhos brotaram na superfície do cacto enquanto ele falava. — é resultado de nosso erro do passado. Pois antes escolhemos o homem errado e demos um conhecimento a ele que ele não estava preparado para possuir, e que dividiu com aqueles que também não tinham o discernimento necessário. — Então a voz dele se tornou mais eloquente: — É nosso dever ajudá-los, Inish! Ou destruirão tudo o que Dhonmen construiu, e a troco de nada! Se continuarem com essa guerra, todo o nosso mundo ficará manchado de ódio! Como tirar essa mancha depois? Se *ele* continuar com essa batalha, vai destruir tudo antes de conquistar o que quer.

Inish ficou calada, imóvel a não ser pela cascata de sal, que se transformava em areia. Lhênus estava impaciente, sua forma começou a se transformar muito depressa, primeiro para outro tipo de cacto, depois para uma árvore enorme de tronco claro e folhas miúdas, lá no alto. E só quando todas as folhas começaram a cair e seus galhos se estenderam formando uma grande araucária, a Senhora respondeu:

— Vou conduzir o povo das areias a uma interferência do meu jeito. Veja bem, não faço isso por você, mas se essa guerra continuar eles também serão atingidos e não quero que avancem sobre solo imaculado. Agora, ouça minhas condições: encontre os outros Senhores e peça a colaboração deles. Se seu plano funcionar, todos desejarão estar presentes no momento em que aquela barreira cair. Enquanto isso...

— Não acho necessário mais nada, Inish. Você não precisa interferir pessoalmente.

— Ah, eu não preciso, mas quero. Há muito tempo meu terremoto arrebentou certo local e quase o separou do Continente. Mas, agora, se eu não o separar de vez, os homens vão invadi-lo também, e eu gosto demais das jazidas sob a floresta para deixar que as tirem de lá.

— Você quer desmembrar o Continente Maior? — O Senhor da Sabedoria perguntou, ligeiramente surpreso.

— Você vai tentar me impedir? — a Senhora desafiou.

— Imagine, minha cara! — Lhênus riu gostoso. — Você se esquece de que o mesmo Senhor que te deu à luz também me trouxe à vida! Só fiquei curioso. Pra quem não queria interferir, de repente sua ação parece um tanto dramática.

A Senhora Inish balançou o pescoço, que estalou com o som de rochas sendo trituradas. Ela sorriu.

— Lhênus, o mais velho dos Senhores, acha que todo o mundo funciona só por causa da sua queridinha raça de homens e mulheres? Eles são só parte, meu caro, só parte... Já faz um bom tempo que o mapa do mundo está do mesmo jeito. Está mesmo na hora de mudar um pouco o visual...

Dominique não gostava muito de água, mas tinha que admitir: a vista era fabulosa. Dentro da cabine, as novas lamparinas de cor amarela produziam uma luz agradável e acolhedora. Lá fora, no entanto, o oceano, antes escuro e misterioso, estava sendo descortinado sem nenhuma gentileza por dois grandes holofotes mágicos instalados na beirada da Nalvim. As fontes de luz ficavam circundando a embarcação e podiam iluminar até cinco metros à frente, e o que Dominique enxergava agora era um cenário vivo e colorido, com cardumes de sardinhas girando como turbilhões de vento, procurando se proteger de golfinhos ferozes em busca de alimento. Enormes tubarões brancos passavam próximos à Nalvim, mas suas presas tinham destino certo na quantidade de peixes que encontravam. Por duas vezes uma mesma estrela do mar arrebentou a magia de ar de Loberto e caiu dentro da cabina, e teve que se arrastar para longe dali.

Era a única coisa que amenizava o clima pesado dentro da Nalvim, pois, assim que Melvim submergiu, ao invés de relaxar e aproveitar o passeio, como seria o recomendado, a mente do gênio resolveu não parar de trabalhar, e todas as coisas em que ele não pensara antes vieram à tona, fazendo sua convicção vacilar. *“Eternidade”, Ártemis dissera. “Nunca mais morrer. Uma eternidade prisioneira, provavelmente como um escravo com asas, algo muito útil num campo de concentração em que se era obrigado a construir e construir sem parar.”* Com vinte e cinco anos ele já não conseguia se lembrar direito de como era sua vida aos quinze, imagine então ser feito prisioneiro e chegar cem anos tendo passado setenta e cinco deles como escravo? Será que não devia ter pensado um pouco melhor?

A temperatura dentro da embarcação estava agradável, mas Nique tinha as mãos grudentas. Estava suando frio, e isso o deixou envergonhado. Abriu o cantil e tomou um gole de água gelada, depois puxou seu baralho elegante e ficou passando as cartas uma por uma. Em dois minutos, Márcio sentou-se ao lado dele e os dois começaram a jogar *Escorpião*, o jogo febre do momento, mas a ideia de

estar debaixo de tamanho volume era claustrofóbica, e ele continuava nervoso. Principalmente com Jadhe ali em frente, olhando (ou não olhando) para ele.

Imaginava aquela água toda sendo despejada dentro da cabine e ele batendo asas, desesperado, procurando fugir sem êxito. Depois se lembrava do que não tinha chegado a acontecer na praia, e a voz de Márcio o chamando e, quando percebia que era sua vez de dar as cartas, fazia o possível para não deixar nenhuma das jogadas do amigo passar incólume. Só depois que percebeu que estava amassando o baralho novinho resolveu respirar fundo e parar de agir como bobo, mas seu espírito não se acalmou. Jadhe e Márcio ainda estavam ali, ainda o fazendo lembrar do acontecido e, pior, ainda estava dentro da Nalvim com toda aquela água do lado de fora pressionando terrivelmente a magia. Depois dos primeiros momentos, especialmente depois do primeiro salto de Melvim, porém, esse sentimento diminuiu. Dominique entendeu que não seria o único a não conseguiria fugir caso algo saísse errado, pois a profundidade a que Melvim chegava era muitíssimo grande, e nenhuma pessoa poderia nadar de volta à superfície e ainda chegar à terra firme com ou sem asas para atrapalhar... Bom, talvez Jadhe conseguisse.

Na primeira viagem, depois de se tranquilizar da melhor maneira possível, Nique passara o tempo exibindo-se para duas mocinhas de rostos bonitos, abanando as asas para espantar o calor e contando histórias fantasiosas de sua adolescência em Ylhuah com os rapazes festeiros do Educandário em que estudara. Naquela ocasião, ele fizera de tudo para chamar a atenção de Jadhe, fazê-la se incomodar, quem sabe se intrometer na conversa e dizer que o falatório era todo mentira. Ele esperava que isso acontecesse, desejava até, mas só porque queria ter certeza de que ainda era capaz de tirá-la do sério com pouca coisa. Naquele tempo, ele tinha pavor de pensar no motivo verdadeiro de gostar tanto de irritar a garota. Mas Jadhe não se levantara. Não falara nada, nem ao menos se juntara à conversa. Foi uma viagem frustrante e abafada.

Agora, porém, ele gostaria de estar em qualquer outro lugar. Gostaria de estar de costas para a amiga, de modo que não precisasse cruzar seus olhos com os dela. Mas, ao mesmo tempo que queria isso, também não conseguia parar de olhar para ela de minuto em minuto, e se perguntar o porquê da garota não fazer o mesmo. Ele queria que ela retomasse a conexão, queria experimentar o que ela sentia. Talvez conseguisse entender o que se passava na mente daquela mulher. Ou, talvez, ele devesse voltar a pensar na missão que tinha pela frente, e que abraçara sem muito pensar. Podia encontrar parentes vivos... Pais, irmãos... Talvez uma gênio bonita com quem conversar, e aí Jadhe teria que dar atenção a ele. Se saíssem vivos, é claro...

Depois de seis partidas Nique guardou o baralho, a dupla se juntou aos amigos, e os jovens apenas ficaram ali, admirando as formas de vida mais extraordinárias, por um tempo que não era possível precisar. À medida que Melvim avançava ele também levava a Nalvim mais para o fundo, e coisas mais e mais mágicas surgiam no campo de visão dos viajantes. E eram arraiaias, com suas asas enormes sobre o chão de areia, e caranguejos com patas fininhas, e polvos com seus oito tentáculos, e tartarugas... sim! Tartarugas, mas tartarugas normais, de cascos grandes e belas nadadeiras, que se esforçavam para acompanhar a colega gigante.

E Márcio percebeu que Melvim devia estar viajando muito rápido, pois embora ele mesmo não percebesse a velocidade em que ia o animal, as coisas passavam muito velozes lá fora. E ele viu baleias, e cavalos marinhos, e águas-vivas, e plantas que pareciam dançar. E, pela primeira vez desde que descobrira os estranhos poderes de Jadhe, ele duvidou de que mesmo ela pudesse chegar tão fundo se não estivesse no casco da donaeér. Seus companheiros, tão dispersos nos próprios pensamentos, despertaram para o presente, e até Shenu se juntou ao grupo para assistir ao espetáculo. Pois, lá fora, peixes estranhíssimos que eles jamais imaginaram existir surgiram, e estes eram luminosos, como se possuíssem sua própria magia, e seus corpos lembravam figuras de histórias de terror para assustar crianças, pois tinham olhos cegos e dentes enormes. E outras coisas cresciam como plantas, mas Márcio enxergou nelas bocas e até olhos, e duvidou de que pudesse entender que tipo de criaturas seriam aquelas.

Risonho, afundado em sua poltrona à frente da embarcação, Loberto fazia círculos com as pontinhas do bigode recém-pintado, e sorria orgulhoso.

— É magnífico, senhor Loberto — Dominique comentou, massageando o pescoço.

— S-Sim, é sim — ele disse, olhando para fora. — Melv-vim, m-meu garoto... Ele gossstou da ideia. Diss-sse que as pess-ssoas fic-cariam maravilhad-das quand-do viss-ssem as coisas daq-qui de ba-baaixo, que gostariam de exxxperimentar essa vid-da...

— Você consegue *se comunicar* com ele? — Diana perguntou curiosa.

— S-sim, m-mas não sei exp-p-licar como iss-sso acontece. Nã-não s-s-são palavras. Eu só ent-t-tendo ele, e sinto-o-o que ele me entend-d-de.

— E por que ele quer que as pessoas vejam como é aqui em baixo? — Shenu indagou e Márcio olhou para ele; já tinha até se esquecido de como era a voz do amigo.

— Ele ach-cha que é um b-bom modo de tentar faz-zer as pess-ssoas pararem de jog-gar coisas ao mar... Sabem, joga-gam todo o tipo de coisa aqui. Ach-cham que estão se purificando livr... livr... livrando-se das quinquilharias assim. Já vimos t-tanta coisa ...

— Engraçado...

— Não é engr-graçado, senhorita Yoná, — Loberto respondeu com veemencia. — é tr-triste ver os peixes se escondendo at-t-trás de botas e bolas de canh... canhão ou se enroland-d-do em corrent-tes de ouro que alg-guém não quer mais...

— Engraçado — Yoná se virou para o barqueiro. — É que você gagueja bem menos aqui em baixo do que em terra firme — a índia disse, virando-se para o homem. Ela tinha uma expressão tão sagaz que Nique não pôde deixar de ficar curioso sobre o que ela estaria pensando. Pelo que soubesse, Loberto devia estar nervoso por levá-los às terras malditas de Bhardo, apenas isso.

— Ah!... — o barqueiro disse com um suspiro, Seu rosto enrubesceu e, num instante, todas as sentinelas estavam olhando para ele.

— Tem alguma coisa que não sabemos, senhor Loberto? — Pablo perguntou.

— Talvez alguma ideia... algum plano para nos deixar bem longe de onde combinou com o Senhor Lhênus... — Yoná sugeriu, os olhos negros impregnados de astúcia.

— Nã-não diga uma coisa d-dessas! — Loberto esbravejou e até Melvim, lá na frente, parou de nadar por um instante e virou sua grande cabeça para olhar por sobre o casco. Nique vislumbrou, ao longe, o brilhante olho de Melvim intrigado com o motivo de seu parceiro ter ficado tão nervoso. Mas Loberto se acalmou em um instante e a viagem prosseguiu tranquila. — S-s-sou um hom-mem de palavra! Se dei minha pa-palavra a Lh... Lh... Lhêênus..., por *Dhonmen*, d-dei minha palavra a um Senhor! Nad... da me faria quebrá-la... Só... Só ando um p-pouco nervoso... C-com o c-c-comp-p-pr-romiss-sso, entendem?

— Com a mulher de quem você falou? — Diana perguntou, um tantinho curiosa. — Mas por quê?

— Ela é a um-mulher da mi-minha viiiida, eu sei... — o homem falou tristemente, abaixando a cabeça para mostrar a enorme careca. — Mas...

— Mas o quê? — Márcio insistiu.

O homem hesitou. Tomou fôlego duas vezes e, na terceira, falou por fim:

— Ela j-já m-me fez até pi-pintar os big-godes!

Uma risada gostosa desprende-se dos garotos, fazendo Loberto rir também. O barqueiro começou a falar de Jéssa, sua namorada e futura esposa, e

sentaram-se mais próximos uns dos outros enquanto ouviam as lamentações e os conselhos ocasionais de um ou outro viajante, especialmente de Diana.

“Bom”, pensou Dominique, “esta pode ser nossa última oportunidade de conversar sobre algo tão normal”.

Cataclisma

Shiali estava preocupada. Não que seu povo jamais tivesse lutado em uma guerra, longe disso; ela, aliás, acreditava que nenhuma civilização tinha fugido desta sina. No entanto, todas as batalhas em que sua gente havia participado estavam esquecidas num passado remoto, e a maior parte de seus homens só tinha segurado o cabo de espadas de madeira, feitas para aprender os movimentos de lutas que hoje só eram usadas em competições, não para guerrear. Estavam assustados. A maior parte do povo de Chivin era nômade, não participava da vida política do Meio do Mundo, e pouco comercializava com o oeste. Mas interferir na guerra deles fora um pedido da própria Senhora de Pedra, e a ela ninguém negaria a própria vida, se ela exigisse.

A Senhora Inish, soberana das pedras, das rochas e das areias do mundo, só tinha aparecido para os antigos Xátras algumas vezes na história, nenhuma delas há menos de dois séculos. Não era como aquele Senhor Lhênus, que ia e vinha tomando a forma de cactos de tempos em tempos, e em quem o povo não confiava. Os *flachinte'z*, o povo das areias, não acreditavam que Lhênus fosse tão sábio assim: do contrário, por que suas decisões teriam saído tão erradas no passado?

Fosse como fosse, desta vez a própria Senhora tinha aparecido para eles, e *Nela* os *flachinte'z* confiavam. E ela não surgira apenas para Shiali: levantara-se das rochas atrás do Oásis Amardél, na cidade de areia Irnэш Gamarshát'z, o Vale das Tocas de Dunas, e falara a todas as pessoas. Seus cabelos eram de vidro, seu corpo quartzo escuro, os olhos esmeraldas e seus dentes pequenos cristais. Suas vestes eram como o véu das cascatas feitas de areia branca, que deslizava suavemente sobre seu corpo para cair num redemoinho de poeira aos pés Dela.

E a Senhora contou-lhes sobre uma guerra que acontecia no sul e que poderia se espalhar por todos os vales próximos e os afetaria também. A Xátra Shiali cogitou organizar as defesas de sua cidade e enviar caravanas com crianças e idosos para os acampamentos no deserto, onde os povos das cidades úmidas não conseguiam resistir por muito tempo, mas não era isso o que a Senhora queria: segundo ela, fugir seria apenas adiar o inevitável, pois o inimigo que se erguia tomaria diversas formas, e atacaria nas dunas como ninguém nunca tinha ousado fazer. O que a Inish pediu era muito mais arriscado, pois envolvia recrutar soldados inexperientes por todo o povo. A Senhora queria que o povo marchasse em seus camelos para o oeste e para o sul, para que estivessem preparados quando o ataque viesse. Todavia, ela não explicou como marchar para um campo de guerra poderia ajudar a proteger pessoas ameaçadas pela própria guerra.

Mas Inish sabia dos medos do coração de Shiali e prometeu que não deixaria seu povo desprotegido. Ela assegurou que estaria presente em todos os momentos e que olharia pelos os filhos das areias, e também disse que o pedido parecia absurdo, mas que Ela sabia o que fazia.

Assim a Senhora tinha invadido os corações dos homens e insuflado neles o orgulho de executar uma tarefa que a própria Inish tinha solicitado. Mas agora, que estavam viajando havia mais de uma semana e apenas a dois dias de seu destino, a Senhora havia aparecido novamente para alertá-los. *“Estejam preparados”,* ela disse. *“Pois o mundo como conhecem será transformado e eu serei a ordenadora de tal mudança. Nenhum mal chegará a vocês, por isso não percam as batidas de seus corações quando os ventos soprarem forte demais.”*

O que a Senhora queria dizer, afinal? O que ela iria fazer? De qualquer forma, estava longe da alçada da Xátra julgar as atitudes de Inish, mas saber que ela iria intervir nas coisas dos homens a deixava perturbada. *“Que proporções, afinal, essa guerra teria tomado para tirar os Senhores de sua distância dos homens?”*

Do longínquo oceano um ronco profundo se fez ouvir, vindo de dentro do mundo, gelando as almas dos homens e da Xátra. Todos os que descansavam se puseram de pé, e os camelos se mexeram inquietos. E o ronco cresceu subindo à superfície, e chegou aos ouvidos dos homens levantando uma nuvem fina de areia. E, quando o som desapareceu e a caravana acreditou que tudo tinha acabado, um ronco mais alto e mais profundo soou, e com ele o deserto saiu de seu lugar; tremeu, e com ele as dunas de areia se transformaram, e os animais se desesperaram e tentaram fugir, e os homens gritaram, e Shiali chamou o nome da Senhora.

Mas, tão rápido quanto começou o tremor terminou, deixando uma nuvem grossa de areia no ar, impregnando a noite clara com partículas brilhantes iluminadas pela cheia lua vermelha e pela fina curva prateada da lua branca.

Só depois de muito tempo a poeira levantada voltou ao chão, descortinando um cenário de dunas muito diferentes de antes. As dunas estavam sempre mudando, isso não era novidade para Shiali nem para nenhum *flachinte*, mas as colunas pontiagudas de rocha que se erguiam vários metros do solo em direção ao céu, como dedos de um naufrago procurando salvação, estas eram novidade. Shiali e os *flachinte*'z se apavoraram.

O deserto nunca tremia. Não havia terremotos em Namor'n Chivin. Se Inish tinha decidido fazer a terra tremer em algum lugar, certamente não fora lá. E, onde quer que fosse o epicentro do terremoto, a devastação devia ter sido enorme.

Convocando seus oito generais, a Xátra pediu urgência. Que os soldados preparassem o acampamento e refizessem as fogueiras para o jantar, pois a comida

seria leve e o sono seria curto. Eles tinham que se apressar.

Embora Loberto tivesse instalado várias melhorias que proporcionavam maior conforto aos passageiros, a Nalvim não era equipada para viagens tão longas e não havia instalações para dormir, por isso ir à superfície em locais estratégicos era crucial para que pudessem acampar, coisa que já tinham feito duas vezes. Da primeira vez, Melvim nadou por quatorze horas até sair do mar numa praia tranquila de Algavar próxima às Colinas Tuzom, onde conseguiram hospedagem em Agrite, cidade de mineradores e pescadores que ficava à beira-mar. Passaram um dia agradável no lugar, e voltaram ao mar só quando as horas da noite já chegavam. Na segunda parada, após mais dezesseis horas navegando contra uma corrente intensa e gelada Melvim tentou emergir no Cabo Turvelíneo, o pontal do país Algavar, mas acabou desistindo por causa do mal tempo, que forçou Loberto a gastar muita força para manter a barreira mágica, e eles acabaram retrocedendo e chegando a uma praia de cascalho e lodo, onde tiveram que montar barracas pela primeira vez. Agora, já haviam se passado doze horas desde que Melvim submergira, e até agora a tartaruga só fora à superfície para respirar, e Márcio se perguntava quando Melvim decidiria sair da água para que pudessem descansar.

De repente, uma inquietação difusa dominou seus pensamentos e sua cabeça doeu imediatamente. Olhou para os outros, a mão na testa, e todos sentiram um baque forte que era o toque mental de Jadhe, mas mais parecido com um murro no meio da testa.

— *NÃO T-TOQUE AÍ!!!*

A voz de Loberto soou urgente e nervosa e Márcio se voltou rapidamente para ver o que estava acontecendo. Ele não tinha percebido que a garota havia se levantado e se aproximado da borda da Nalvim. Os dedos dela quase tocavam a água que passava na velocidade de um furacão, o que deixara Loberto nervoso: tocar a lâmina d'água poderia desestabilizar a magia, e Jadhe podia ser puxada para fora.

O gênio levantou-se depressa para puxar a moça antes que Loberto chegasse até ela.

— É m-muito perigoso! Não coloq-que a mão aí, por favor!

Jadhe virou o rosto e seus olhos estavam vidrados, aquela perigosa luz branca emanando deles.

— Tem alguma coisa errada — ela disse num sussurro, sua voz mais dura que antes. — Tem algo errado na água.

Em silêncio Loberto baixou a cabeça, e Márcio entendeu que ele estava entrando em contato com a mente de Melvim.

— O q-que está ac-co-contecend-do? — ele murmurou, e Jadhe, aproveitando-se da distração do barqueiro, esticou os dedos e tocou na água, deixando rastros na redoma de ar.

Um segundo... Dois segundos...

— Melvim f-fuja, meu amigo! — o pequeno homem gritou, a face vermelha tomada de horror.

— *O que está acontecendo?!*

— Eu não sei, o mar está nervoso! — Jadhe respondeu com um grito também. Então ela se desesperou e, agitada, começou a gritar: — *É tarde demais, tarde demais!!!*

Os dedos da jovem continuavam na lâmina de água e, através dela e daquela conexão, os outros puderam entender o que ela via. Como se algo pesado tivesse caído sobre seus ombros, Márcio sentiu pela telepatia todo o peso gelado da água, e ela o pressionava para baixo tirando seu fôlego.

— *O que é isso?!!!*

Um ronco estrondoso cresceu das profundezas abissais, e com ele o oceano girou. “Suba, suba, meu rapaz!”, gritava Loberto, e Melvim guinou seu corpo imenso para cima e lutou contra as águas com suas nadadeiras. Mas um tremor reverberou pelo mar empurrando o animal, e deixou a tartaruga e a balsa fora do eixo, e todos foram jogados de lado dentro da embarcação e gritaram com o susto.

— Segurem-se! — Shenu berrou, mas nem era preciso mandar. A magia que também controlava a gravidade falhou, e os viajantes foram lançados para o alto e ficaram presos ao limite da bolha, como se houvesse um teto de vidro. E Melvim, desesperado, emitiu um lamento profundo, que se fundiu ao turbilhão e ao som gutural das entranhas do oceano.

E peixes e baleias giraram com a tartaruga, e os holofotes mágicos se desprenderam do casco do animal e iluminaram o mar ao redor, e Márcio entendeu que estavam presos num vórtex de caos anormal, e que não havia escapatória. De repente, a lâmina de ar se tornou fina demais e Márcio se viu jogado de um lado para o outro num oceano que parecia feito de pedras. Tentou manter os braços presos ao corpo, mas não tinha forças nem para dominar a si mesmo. Qualquer sombra de pensamento coerente o abandonou, e tudo o que Márcio soube é que havia água e havia dor. E, em algum ponto daquela tortura, seu corpo se despedaçava em sal, terror e escombros.

O escuro. Uma ligeira consciência de que não estava mais perdido no abismo da inconsciência. Uma memória. “*Vivo. O que sou? Uma pessoa... Tenho*

dedos...” A sensação de frio e de viscosidade na pele. Um pequeno movimento, um dedo da mão. “*São cinco dedos, posso mexer todos? Da mão direita sim. Da esquerda... um de cada vez.*” Não sentiu um deles. Não soube se não conseguia movê-lo ou se só não o sentia.

Respiração. Frio, muito frio. O resto do corpo se tornou ligeiramente sensível. Abriu os olhos, pareciam cerrados com barras de ferro. Devagar, as coisas entraram em foco. O céu, lá no alto. Estrelas. A lua vermelha emprestava um brilho sangrento às nuvens espaçadas. Perdeu o fôlego; o solo estava coalhado de gente ferida e morta. Respirou de novo e piscou: não havia ninguém ao redor. Só alucinações, fantasmas da batalha vencida. *Imagine então se tivesse perdido?* Não ia chover. Desviou o olhar para baixo. Larehssu em forma de foice perto do horizonte não conseguia romper a escuridão, e ele não enxergava quase nada.

Sentou-se, veio a dor. Geral e lancinante, tomando cada membro e impedindo a respiração. Um urro foi inevitável, e não parecia humano. Não conseguiu ouvir direito. O corpo começou a tremer incontrolável, o som dentro dos ouvidos era o estrondo do fundo do mar. Respiração... respiração...

Testou os dedos dos pés um por um dentro da bota. Depois as asas. Conseguiu mover toda sua extensão, mas cada movimento era extremamente doloroso. A realidade começou a voltar à mente aos pouquinhos, depois as últimas lembranças ficaram claras. Conseguiu ficar de pé e tateou o corpo. Entre frangalhos de roupas encharcadas, localizou a corrente presa ao corpo por magia, o Relógio do Último Tempo atado a ela. Ergueu o Objeto tentando enxergá-lo; a joia não emanava nenhuma luz, mas refletia até o brilho vermelho da semioculta Ramadissu. Estava sujo, mas Nique não distinguiu estragos.

Conseguiu dar um passo, depois o outro. Veio um acesso de tosse, sentiu o sal queimando a garganta. Não conseguia pensar com clareza. Precisava encontrar alguém. Não tinha nenhuma ideia de que direção seguir. Ao fundo, o céu era ligeiramente mais claro que a terra, mas fora contornos de montes distantes e disformes e reflexos em rios lamacentos por todo lado, não via nada que pudesse lhe dar uma localização. Se aquilo algum dia fora uma praia, o que quer que tivesse acontecido ao lugar tinha levado a faixa de areia, a linha do mar e qualquer coisa que lembrasse o mundo real.

Nique pensou nos rostos dos amigos e principalmente em Jadhe, sem conseguir formular o nome dela nem no pensamento, e começou a andar. Deu três passos e foi ao chão, andar no breu dava a impressão de que não estava saindo do lugar. Precisava de luz. Ergueu a mão direita e posicionou-a em forma de garra. “*Enxergar.*” Ele sabia que não era exigência da magia o uso de palavras nem na língua antiga nem na comum, mas Ártemis havia ensinado que, associando o *mac* com palavras determinadas para o que se queria obter, era mais fácil produzir um

feitiço ou encantamento. Mas Nique não conseguia se lembrar das palavras para “luz”, “iluminar”, nem na língua antiga nem na sua própria, não conseguia pensar com clareza. Mas a magia aconteceu mesmo assim, e o ponto luminoso que conseguiu produzir era uma chama pequenina e sem calor, que pairou no centro de sua mão e estendeu dedinhos brilhantes por vários metros.

Primeiro o gênio caiu de joelhos. Seu corpo tremia tanto e estava tão fraco que foi impossível se manter em pé. Arrastou-se, obrigando-se a se mover, e os músculos se dissolviam em dor a cada movimento. O que via ao redor não ajudava em nada: montes de pedras, entulhos, restos de árvores e corais, peixes mortos por toda parte e corpos de animais terrestres espalhados aqui e acolá. Girou o pescoço, mas não encontrou nada. Conseguiu ficar em pé outra vez e se esforçou para conseguir raciocinar. Esticou as asas e as examinou como pode: não conseguiu enxergar toda sua extensão, mas conseguiu abri-las mais um pouco, sinal de que não estavam quebradas, apesar da quantidade de penas reviradas e arrancadas. A melhor chance que tinha era usá-las para ver aquele estrago de cima e tentar encontrar alguém, mas depois da primeira tentativa percebeu que não conseguiria se sustentar no ar por dois minutos. Então escolheu uma direção e seguiu por ela da forma que conseguiu.

À medida que a consciência retornava, Nique percebia as dores se acentuando em locais específicos e a sede o dominou. A magia de luz era suave e ele conseguiu energia suficiente para expandi-la e aumentar a área iluminada. Nada, não enxergava nada. Mas continuou andando e, de repente, uma dor repentina instalou-se na sua cabeça e logo passou: um toque de telepatia, mas não o de Jadhe.

Localizou-o minutos depois jogado no meio da lama. Ajudou o amigo a se levantar e, como uma miragem, viu a silhueta de Yoná surgir do meio dos destroços e se aproximar do ponto de luz criado por Nique. A garota tinha a boca ligeiramente aberta, e, quando tentou abraçar o gênio, apenas encostou a testa no peito dele e deixou-se cair ao lado de Shenu.

— Vi luz — ela disse. — Estamos vivos.

— Eu estava duvidando disso — Shenu comentou, a voz morrendo aos pouquinhos.

Nos minutos seguintes, Nique pediu que Yoná verificasse se ele não tinha ferimentos graves nas costas ou em algum lugar que não via. Havia escoriações por todo o corpo, vários hematomas nas costas e muitas penas estavam faltando, mas Nique estava inteiro. Yoná fez o mesmo com Shenu e Nique analisou Yoná. Ele não encontrou nada grave o bastante para acreditar que a vida dela estivesse em perigo, e achou que deviam sair rapidamente para procurar os outros. Yoná fez que não e disse que esperaria com Shenu onde estavam.

— Não há nada aqui, Yoná. E os outros podem precisar de nós...

A garota fez um “não” discreto com a cabeça e olhou para Shenu. Cabisbaixo, o amigo tirou a mão que apertava a barriga e deixou à mostra uma perfuração horrível.

— Ele não vai aguentar caminhar — ela disse, depois acrescentou cheia de culpa: — Mas eu estou bem. Usei... Eu usei a magia da *Pérola*. Sinto muito... Era isso ou morrer. Vire-se, vou tratar das suas asas. E vou cuidar de Shenu depois. Volte pra cá, e vamos estar bem.

O gênio deixou a garota realizar três pequenos encantamentos que o livraram das dores mais intensas e deixaram suas asas mais fortes para permitir que ele voasse, mas Yoná tinha que começar a tratar Shenu imediatamente se quisesse salvá-lo. Desconsolado, o gênio os deixou sob a luz bruxuleante do Lampejo dos Desesperados, e teve certeza de que nem o Lampejo nem a Pérola Negra eram coisas pra se ter por perto num momento tão desolador. Usou magia outra vez e colocou fogo num galho retorcido e cheio de lama que, de outra forma, não teria queimado. Voou baixo, mantendo-se próximo ao chão e atento à luz que marcava o lugar onde seus amigos estavam.

A Pérola das Vaidades dava vitalidade e juventude para quem a utilizasse, mas retirava este poder de outra criatura viva. Nique sabia que a Pérola estava carregada com a energia do dragão Decaiko, e que Yoná tinha tomado o cuidado de ficar longe da joia após a batalha de Agerta, temendo ser seduzida por seu encanto. Se ela usara aquela magia, é porque devia ter despertado tão ferida quanto Shenu. Mas o Relógio não podia ser usado assim, sua magia era unicamente destrutiva... Ou será que não?

Sem ter certeza do que fazia, Nique abandonou o feixe de fogo, que se apagou no mesmo instante, desejando de coração que conseguisse fazer uma magia decente, que tivesse ter poder o bastante para expandir sua luz e enxergar tudo o que precisava ver. Ouviu um zunido no fundo dos ouvidos e um estalido como um galho quebrando. Então criou outro ponto de luz mágico e o deixou se estender ao redor ao mesmo tempo em que acomodava seu mac ao Tesouro colado ao corpo. Imediatamente se sentiu capaz de aumentar a luz, e quando o fez a luminosidade clareou um raio de cem metros partindo dele, e o rapaz só não continuou aumentando a magia porque seu corpo ainda estava muito fraco e sua mente vacilou. Quando estabilizou o poder acabou se sentindo feliz por estar tão debilitado: se não fosse assim, tinha certeza de que o Relógio do Último Tempo o teria consumido.

A mente do gênio começou a ficar turva outra vez à medida que o tempo passava e ele não via sinal de viva alma. Pensou que, pelo menos, conseguiria localizar o casco de Melvim com facilidade, dadas as suas proporções, mas a

destruição era tanta e a noite tão profunda que ele não via nada. Começou a se desesperar e tentou gritar os nomes dos companheiros, mas estava rouco, a voz não saiu, e sua luz começou a falhar.

Subitamente sentiu uma dor na cabeça como uma martelada, e soube que era um toque psíquico de Shenu. O amigo não era nada sutil, mas mesmo doendo Nique sorriu por sentir a presença de mais alguém naquele caos.

"Nique!" — ele gritou na mente do gênio.

— Estou te ouvindo!

Diana está logo abaixo de você!

— Diana? — o rapaz pousou e vasculhou rapidamente os arredores. No meio de um monte de troncos e pedras, dedinhos claros apareciam e Nique começou a tirar o entulho.

Bem aí! — e o toque cessou.

— Encontrei! Você está bem? Shenu?

Mas Shenu não respondeu e a pressão que sentia na cabeça desapareceu. Enjoado, Dominique imaginou o enorme esforço que o amigo tinha feito para conseguir encontrar alguém em meio àquela loucura, e passou por sua cabeça que, talvez, Shenu nem estivesse consciente.

Quando conseguiu puxar uma Diana desmaiada para fora percebeu uma pessoa se aproximando e aumentou a intensidade da magia de luz. A claridade iluminou Pablo, manquitolando, tão perdido quanto desesperado. Nique levou um instante demorado para reconhecê-lo, porque o amigo estava tão coberto de cacos e lama que mal era possível distinguir um par de olhos em meio à sujeira. Seus olhos correram rapidamente pelo corpo do general em busca de ferimentos muito graves, mas achou que os cortes enormes que sangravam não o matariam.

Pablo não disse nada, não era preciso. Esboçou um sorriso com o canto dos lábios, e toda a emoção do mundo estava contida naquele pequeno gesto. A constatação de que não estava sozinho, de que não era o único vivo. De que sua amada, ainda que precariamente, estava viva.

— Ela não está acordada — Dominique falou, entendendo que Pablo ainda não recuperara a fala — mas está respirando.

Pablo acenou e tomou o lugar de Dominique, puxou Diana para seu colo e começou a procurar indícios de ferimentos graves nela. A moça tinha vários cortes e hematomas, mas Nique estava preocupado com a possibilidade de ela ter muita água nos pulmões.

— Como você está? — Pablo perguntou rouco, sem tirar os olhos de Diana.

— Inteiro — o gênio respondeu, analisando, rapidamente, as costas de Pablo. — Viu mais alguém?

— Ouvi um barulho naquela direção há poucos minutos — ele apontou, e acendeu seu próprio ponto mágico de luz bruxulente entre os dedos. — Mas vi sua luz... Di precisa de tratamento. Eu fico aqui, ache os outros.

— Yoná está com Shenu. Espere por mim, eu volto pra te buscar.

Pablo assentiu e o gênio alçou voo novamente, desta vez mais cansado e atormentado. Onde estava Jadhe? Ele não achava que a moça estivesse em apuros, afinal, Jadhe podia fazer o que quisesse com a água. Mas, se ela estava bem, onde estava?

Tinha se distanciado alguns metros quando sentiu um toque psíquico outra vez, e reconheceu imediatamente que não se tratava de Shenu.

— Jadhe! Onde você está? — ele gritou.

A mente da garota não respondeu com palavras, mas com imagens e sensações que fizeram o rapaz se localizar e o guiaram exatamente para ela. Quando chegou ao lugar pousou na frente dela, e se sua mente já estava turva, perdeu mais um pouquinho do juízo. A garota estava lá e Márcio estava nos braços dela, e Nique a viu, numa emoção que foi da alegria à fúria, que Jadhe beijava Márcio nos lábios.

Avançou dois passos na direção dos dois. A cena lhe pareceu tão bizarra naquele cenário deturpado que ele teve que olhar outra vez. Não, eles não estavam abraçados, Márcio estava no chão e Jadhe colocava suas mãos sobre ele. E não estavam se beijando, Jadhe fazia respiração boca-a-boca no amigo, e lágrimas rolavam pela face dela enquanto revezava o movimento com uma massagem cardíaca.

Imediatamente Dominique assumiu a massagem e Jadhe continuou com a respiração, e ambos já perdiam as esperanças quando Márcio começou a tossir e cuspir água, e sorveu ar como quem jamais tinha respirado na vida. E, com o amigo de volta à vida, Jadhe desabou num pranto convulsivo que levou vários minutos para cessar.

— Eu pensei que tivéssemos chegado lá — Shenu comentou, o olhar perdido entre as chamas. O maior esforço que Márcio conseguira realizar fora acender a chama que se tornara a labareda que crepitava e os aquecia. Os sete tinham finalmente se reunido depois que Dominique carregara Márcio à companhia de Shenu e Yoná, e depois voltara para ajudar Jadhe, Pablo e Diana a localizarem a clareira que os dois tinham aberto. O gênio procurara Loberto por um bom tempo ainda, mas nem de Melvim teve sinal. Agora ele escorara num monte de galhos, totalmente exausto e incapaz de produzir uma fagulha mágica sequer.

Não dava para ter certeza se aquelas pessoas estavam realmente vivas. Com certeza não estavam mortas, mas seu estado era tão deplorável que talvez a morte fosse menos violenta. Márcio, Jadhe, Diana e Shenu estavam encolhidos, Pablo, Dominique e Yoná, estirados, como se não fossem mais capazes nem de controlar os próprios movimentos. Todos sentiam fome e sede — uma sede avassaladora, e um cansaço que sabiam que não teria fim. Do momento em que acordou até aquele, em torno do fogo, Nique achava que havia se passado um dia inteiro, mas não podia ter certeza porque não prestara atenção ao céu e não tinha ideia de como calcular a hora a partir da posição daquelas estrelas. Ele conhecia algumas, mas pareciam um tanto diferentes do que quando as via de Agerta. Depois de conseguirem se juntar novamente tinham passado horas curando uns aos outros, e o que os salvou foi, novamente, a Pedra das Vaidades, aquela odiosa Pérola Negra, que uma vez quase tirara a vida de mais da metade do grupo. Cortes profundos, água nos pulmões, ossos quebrados, hemorragias internas, concussões, tudo isso foi corrigido pela magia de cura de Yoná usando o poder da joia, mas os machucados menos graves — os arranhões, os hematomas, as unhas lascadas, — e também as cicatrizes ficariam ali por um bom tempo, alguns para sempre.

— Ainda estamos longe — disse Márcio entre um soluço e outro. Quando se dera conta de que tinha morrido por alguns minutos caíra num repentino choro convulsivo ao lado de Pablo. Friccionou o rosto para enxugá-lo e disse: — Me desculpem. Homens não devem chorar.

— Sentinelas não devem chorar — Jadhe falou, secando as lágrimas nas costas da mão. A máxima que “sentinelas não devem chorar” era uma das orientações primordiais de Octoforte, à qual nenhum dos sete tinha conseguido seguir em meio a tudo aquilo.

— É... — suspirou Dominique. Agora ele conseguia colocar os pensamentos para funcionar e tentava racionalizar a situação, mas só o que lhe vinha à cabeça em meio àquilo tudo era a imagem do salvamento de Márcio por Jadhe. Era absurdo, mas, como uma vaca comendo capim, ele remoía a lembrança de que ela tinha colocado os lábios dela nos dele... E como tinha chorado e se desesperado por ele... — não devíamos chorar e também não devíamos passar por uma situação como esta. Como foi que você deixou isso passar, Jadhe?

A moça olhou espantada para o gênio enquanto os outros pareceram ser despertados de repente de seu estupor.

— Que quer dizer? — ela perguntou.

— Bom, você sabe! — a altura da voz do rapaz se elevou um tantinho. — Você não é a “princesa” do mar? Quem criou aquela onda enorme que levou os arquedemon’z embora, e que abriu um caminho de gelo na água? Você *tinha* que ter visto isso chegar!

— Nique, você voou sobre este lugar — Pablo interferiu, mesmo rouco como estava. — Não pode estar falando sério, você viu a devastação que aconteceu aqui!

— Mas Jadhe podia ter evitado isso! Não podia? Claro que podia.

— Evitado?! Como eu poderia evitar tudo *isso*? — Jadhe abarcou o entorno todo com um gesto dos braços.

— Mas ela viu — falou Yoná. — Ela sentiu a coisa acontecendo e mandou Melvim subir, até Melvim subiu, mas já era tarde demais.

— Se ela tivesse falado antes...

— Aí o que? — Jadhe rebateu com uma raiva explosiva que assustou o próprio gênio. — O que você teria feito se Melvim conseguisse sair da água a tempo? Teria fugido feito um coelhinho e nos deixado nos afogar? Provavelmente, mas sabe de uma coisa? Não teria funcionado!

— Cara, aquela coisa levou embora esta praia todinha — Shenu tentou apaziguar os ânimos. — E engoliu uma donaeér de cem metros! Nem sabemos se Melvim ou Loberto sobreviveram. O que é que Jadhe poderia ter feito?

— Você lembra do que ela fez com a água do mar, não lembra?

— Por favor, parem com isso... — Diana murmurou, levando a mão à cabeça. Como Márcio, sua cabeça doía horrivelmente, dor agravada pelas pancadas que criaram marcas roxas do alto da testa dela até perto do pescoço.

— Claro, vamos deixar sua responsabilidade de lado e...

— Cale a boca, Dominique! — Pablo mandou, e o gênio obedeceu imediatamente. Não era normal deixar Pablo tão irritado, e não era prudente irritá-lo ainda mais. — Jadhe não poderia evitar o que passamos, nem haveria condições de salvar nenhum de nós. Estávamos na maior profundidade do oceano e nada perto da praia. O que precisamos agora é saber onde estamos e o que aconteceu.

— O que aconteceu eu sei — Jadhe falou, e a tensão que a garota espalhara com a mente diminuiu um pouquinho. — *Uldomaratha*.

— O que é isso?

— É a palavra para “onda gigante” — Yoná respondeu, as sobrancelhas erguidas.

— Mas provocada pelo que? — Márcio quis saber.

Pablo apanhou a Cuzpola e colocou-a no meio do grupo. Recitou palavras em bhardanathé antigo e o mapa exibiu a região onde estavam. Seu queixo caiu.

— Estamos em Terem... Mas...

— Isso não se parece com Terem.

No mapa que viam agora o litoral norte de Terem e o sul do Continente Maior tinham se transformado. A água tinha adentrado uma faixa de cinco a quinze

quilômetros da terra, invadindo, destruindo e submergindo tudo o que encontrou pela frente. O delta do rio Ut'thienx, o Rio da Noite no qual as sentinelas tinham navegado alguns meses atrás, tinha desaparecido; o Golfo Belo tinha estendido suas margens e engolido o pontal sul de Zefim e todo o litoral de Yatzarem tinha sido afetado. O Pântano Essebel, que ficava em Algavar, sumira, e a destruição em todos os cantos levava com ela pelo menos duas dúzias de pequenas vilas e vilarejos ao longo do caminho da onda, como aquele em que, menos de seis meses atrás, Nique, Jadhe e Shenu tinham conseguido uma carona no barco do simpático pescador Athenmo.

A causa, por mais inacreditável que fosse, era evidente: O Estreito de Bergháta, a faixa de rochas que ligava o Continente Maior à região de Terem, não existia mais.

— Foi um terremoto — constatou Diana, engolindo em seco. — Um baita terremoto. Uma coisa de outro mundo de um terremoto!

— E o tremor causou isso tudo? — Nique perguntou. — A onda também?

— As ondas, Nique, várias delas — Yoná corrigiu.

— O abalo destruiu a ligação entre dois Continentes! O que é que você acha poderia criar uma superonda como essa? Deve ter morrido muita gente...

Pablo se levantou e ficou girando a Cuzpola nas mãos, tentando enxergar algo que ninguém mais via.

— Olhem, tudo o que sabemos é que estamos em Terem, que aconteceu um cataclisma, e que estamos no meio dele. Não temos água, comida, roupas, armas, nada, e não temos ideia de onde conseguir ajuda. Estamos debilitados e feridos, este Continente nunca teve muitas cidades, e as poucas vilas que há aqui ficam... *ficavam*...

— No litoral norte — Yoná completou. — E não sobrou nada.

— Não temos pra onde ir. Precisamos de ideias.

Diana apanhou a Cuzpola das mãos de Pablo e girou-a nas mãos algumas vezes. — Por que não? — ela perguntou e, em seguida, fez um pedido à bússola: — Cuzpola, sou Diana, sentinela sucessora de Ariell. Eu te peço, mostre-nos uma saída deste lugar. Por favor!

Por um momento nada aconteceu, mas então a Cuzpola perdeu sua luz e se transformou num globo de cristal transparente. Um pequeno ponto verde brilhou dentro dele e cresceu, e tomou toda a Cuzpola, então disparou um feixe brilhante e mágico que se projetou por um caminho em meio aos escombros da floresta de Terem. O feixe não iluminava muita coisa, e até onde as vistas dos jovens alcançavam, não havia nada à frente.

Sem opções, os sete começaram a seguir pelo caminho indicado pela Cuzpola num ritmo lento, interrompido por quedas e contornos em locais impossíveis, por novas torções de tornozelo e afundamentos em poças de lama profundas como rios. Caminharam em silêncio até não aguentarem mais, até suas forças se esvaírem e quedarem, inertes, num canto lamacento.

Ruptura

Márcio não era um homem de fé e, pela primeira vez na vida, rezou antes de abrir os olhos. Rezou para que não estivesse naquele lugar e que tudo o que ele vivera no dia anterior não tivesse passado de sonho. Despertou, porém, em meio a um monte gosmento de lama e sujeira, com o corpo rígido e dolorido. Sorveu uma lufada de ar e deixou que ele ficasse em seus pulmões por algum tempo antes de soltá-lo. As palavras de Yoná estavam ecoando no fundo da mente como um presságio malfadado: “quem muito espia se estropia”. Continuava muito escuro, e aquilo o incomodou pela primeira vez em um longo tempo: *Bhardo*, na língua antiga, queria dizer *sombra*, e o mundo todo realmente era de uma escuridão sem fim. Porém era fato que em locais distantes das grandes cidades, como no deserto arenoso Namor n’Chivin ou nas terras geladas de Namor n’Blando, um fenômeno misterioso provocava uma iluminação no céu parecida com o dia. Quando estiveram em Terem pela primeira vez tinham passado por essa experiência, e a claridade só foi quebrada quando adentraram o território mágico da sereia Yara. Agora, novamente não conseguiam ver resquício de claridade, e a sensação de que estava deixando escapar alguma coisa acendeu na sua cabeça. Apesar de tudo indicar que a claridade é que era o fato estranho daquele mundo, ele tinha certeza de que era a noite que era anormal.

Nenhum de seus amigos tinha acordado ainda; nenhum exceto Jadhe. A moça estava a alguns metros de distância ajoelhada no meio da lama, e seu rosto estava ligeiramente iluminado de azul. Márcio se aproximou dela devagar, não querendo assustá-la, e cada junta do seu corpo protestou quando ele se levantou. Quando ficou ao lado dela abaixou-se, e a luz, que vinha do Tesouro de Caularom, foi sumindo devagarinho. Márcio ficou surpreso: não só o brilho apaixonado daquela Jadhe guerreira não estava lá, como ela também tinha muitas lágrimas nos olhos.

— Você está bem? — ele perguntou bem baixinho para não acordar ninguém. Depois pensou em como aquela pergunta era estúpida: com um rasgo na roupa que a obrigara a amarrar os farrapos de qualquer jeito sobre o corpo, escoriações em toda parte visível de pele e um corte na coxa que não fora curado apropriadamente para a moça não absorver muita magia da Pérola de uma só vez, era óbvio que Jadhe não estava nada bem.

— Queira ou não, Nique tem razão — ela disse num sussurro ainda mais baixo que o de Márcio. — Eu devia mesmo ter pressentido o que aconteceu. Mas eu estava...

— Eu sei, nós todos sabemos, Jadhe. Você estava se concentrando para controlar sua capacidade telepática. Nós entendemos. E não teria feito diferença.

Mas a moça se descontrolou de novo, e apertou os olhos bem firme para conseguir segurar o choro.

— Não era só por isso... Eu... Não queria...

Jadhe foi incapaz de terminar o que ia dizer, mas Márcio já tinha entendido tudo. Com um olhar de relance para o lado, os olhos da garota encontraram um dos companheiros adormecidos, um certo gênio muito genioso. O rapaz imaginou como ter um turbilhão de sentimentos por uma pessoa exposto num grupo como o deles e pensou que, se fosse com ele, faria o possível para se controlar também.

— Era o que estava tentando fazer aqui? Controlar a telepatia? Se for, está conseguindo, não percebi nada.

— Não estava pensando em telepatia agora. Eu estava tentando produzir água potável. Só que... Só que eu não...

— Não é possível fazer isso?

— *Eu* é que não consigo! — Jadhe tremeu e esfregou os olhos. Ele sabia do desespero dela: mais cedo, naquele mesmo dia, cada um dos sete tentou uma vez executar o encanto que Ártemis ensinara para encontrar água doce, mas ninguém teve sucesso, e mais um dia sem água os tiraria a lucidez, talvez a vida. — Tenho certeza de que é possível, mas eu não consigo! Não sei se estou fraca, tentei usar o Tesouro de Caularom. Ele devia ser capaz de qualquer coisa, mas não está funcionando...

— Jura, Jadhe! Sério? Então, nem isso você vai conseguir fazer? Verdade?

Márcio respirou fundo e olhou para o dono daquela voz. A essa altura, todos os colegas já tinham despertado e olhavam a cena, e Márcio ficou imaginando como é que uma pessoa podia se transformar em um imbecil completo tão rápido daquele jeito.

— É, Nique, nem isso eu não consigo fazer! Acredita?

Pablo aproximou-se arrastando uma perna.

— O que está acontecendo, Márcio?

— Jadhe estava tentando criar água pra nós, mas não conseguiu. E Dominique acha que ajuda se espezinhar o quanto puder. Qual é Nique, ela não é uma laranja que você espreme e sai o caldo!

Mas Márcio nunca tinha visto o gênio daquele jeito. Ele não esboçou o menor sorriso; pelo contrário, ficou mais irritado.

— Há! Acredito mesmo que seja isso o que estavam fazendo aí sozinhos no escuro, longe de todos nós. Eu tenho certeza de que era!

— O que é que você está sugerindo, seu grande, grande pardal? — Jadhe se levantou rapidamente para encará-lo, e levou a mão à coxa sentindo o corte com o movimento.

— Gente, por favor...

— Vamos parar com isso...

Mas as vozes dos colegas não chegaram aos ouvidos do gênio. Yoná gritou afônica qualquer coisa sobre ele estar deturpando a finalidade da missão, Diana pediu pra que ele esfriasse a cabeça, e Pablo falou um monte de coisas, mas Márcio sabia que ele não estava ouvindo nem uma palavra. Esfregou o peito, sentindo uma ansiedade muito maior que a dele próprio: a telepatia de Jadhe voltara com força total.

— Você não vê a tal uldomaratha chegar, fica de fuxico pelos cantos e não consegue nem fazer, nem achar água potável pra nós...

— Para com isso, cara, você está se exaltando...

— Nique, me ouça, isso é efeito da falta de água, você está alucinando...

— E daí? É tudo verdade mesmo! Qual é sua grande conclusão? Me diga! — Jadhe gritou de volta, tão rouca quanto qualquer um, e Márcio se preparou para apartar qualquer coisa mais séria que pudesse acontecer.

— E se for *você* a culpada por tudo isso? E se você é a espiã que passa informações ao nosso inimigo?

Silêncio. Silêncio constrangedor. Não era possível que Nique estivesse fazendo uma acusação daquelas.

— É isso o que você está pensando? De verdade? — Jadhe indagou, mas com mais sarcasmo do que indignação. Dadas as condições em que a moça estava, uma insinuação daquelas era totalmente fora de propósito.

— Eu não sei! Mas sua telepatia está bem forte, não está? Quem sabe você não consegue se comunicar com Zebarã do mesmo jeito que faz conosco? Quem sabe você não é aliada dele secretamente?

A garota deu três passos cambaleantes na direção do gênio. Márcio trocou olhares com Pablo e com Shenu, e os três se posicionaram de forma a poderem separá-los caso algo acontecesse. — É mesmo, Nique? Quem sabe, não é? Quem sabe a mestra também não está nesse joguinho e nos mandou direto pra Zebarã, é isso o que quer dizer? Porque a mestra vasculhou cada canto da minha cabeça nos últimos quinze dias, então devemos ser todos aliados de Zebarã! É isso mesmo o que você está dizendo?

— Eu só sei, Jadhe, que você fica pelos cantos, cheia de segredos! Aliás, você não queria vir nessa expedição de jeito nenhum. O que será que te fez mudar de ideia, hã? Por que resolver vir conosco de uma hora pra outra, heim? Eu não

confio em você! — os dois estavam a centímetros um do outro, os amigos em volta bem próximos, prontos para separá-los.

— E o que você quer que eu faça?! — ela gritou, cheia de lágrimas nos olhos.

— *Por que não vai embora?!*

A pergunta cessou as hostilidades na mesma hora. Num instante, Márcio sentia o desconforto da raiva e da angústia de Jadhe, e o medo de uma briga real vindo dos amigos; no momento seguinte, tudo o que sentiu foi o frio escorregadio da descrença. *Como Nique podia dizer algo assim?*

Mas, pior que isso, foi Jadhe acatar a ideia.

— Tudo bem — ela disse, e deu três passos para trás antes de se virar e começar a se afastar.

Dominique ficou parado boquiaberto, uma mão meio estendida como que para pegar algo no ar. Jadhe continuou se afastando enquanto os amigos despertavam da surpresa um por um e começavam a gritar por ela. “O que você está fazendo?”, “Onde pensa que vai?”, perguntaram, e Pablo e Yoná correram para alcançá-la enquanto os outros experimentaram um desapontamento tão intenso que fez seus estômagos afundarem. E, como os outros, Dominique levou a mão ao peito, sentindo as emoções da garota embaralhadas com as dele.

Nique não ouvia nada do que os amigos gritavam para ele. Algo dentro do seu cérebro berrava, mandando-o se calar e tentando fazê-lo voltar à sanidade, mas uma vez aberta, sua boca parecia uma latrina estourada que não parava de jorrar porcarias. Ele simplesmente não conseguiu parar. Era inconsequente, desproporcional e despropositado, mas acordar e ver Jadhe e Márcio conversando aos sussurros sozinhos tinha levado seu bom senso para algum lugar distante, e sua memória o obrigou a rever várias vezes o momento em que os lábios dela tocaram os do amigo, mesmo sendo parte do movimento de salvamento do rapaz, e depois o choro da garota por ter quase perdido Márcio. Era insano, era devastador, e ele sabia que, se Márcio perdesse a vida, ele mesmo teria ficado arrasado; mas então, naquele momento, tudo o que ele conseguia pensar era que Jadhe, talvez, tivesse decidido seguir o grupo unicamente por que Márcio estava nele.

Então lá estava ele, vomitando impropérios e destruindo a amizade (e a paixão) de uma vida. Mas, quando ela gritou com ele e perguntou o que ele queria, ele conseguiu fazer o impossível: tornar as coisas irreparáveis. A cereja do bolo, a flor no cabelo da noiva, a coroa na cabeça do rei: ele a mandou embora. E Jadhe acatou a sugestão. Mas a coisa ainda tinha como piorar: embora nenhum dos amigos estivesse ciente do que acontecera, Nique sabia que a aceitação de Jadhe

não fora uma decisão totalmente dela: fora culpa *dele*, de algo que ele fizera sem querer.

Dois dias antes, sentira aquele mesmo estalo quando precisou utilizar a magia da luz e não estava forte o suficiente. Foi a primeira vez. Quando pensou em como seria útil se o Relógio do Último Tempo pudesse fornecer energia para sua luz, percebeu o ruído nos ouvidos e uma ligeira tontura, e imediatamente a magia fluiu de forma tão natural que Dominique mal se percebeu usando o encanto. Desta vez, porém, foi diferente: ele jogou as palavras para a garota esperando uma retaliação, esperando que ela lhe desse um tapa merecido no rosto e que eles ficassem bem depois disso.

Mas “aquilo” aconteceu de novo. O estalo, a breve tontura e, desta vez, pequenos pipocos de luzes nos olhos, faíscas de estática nos ombros, e pronto: um desejo se realizou. Então, todos estavam correndo até ela, tentando chamá-la à razão. Nique não podia ter certeza, mas suspeitou que aquilo tinha uma causa lógica: a raça dos gênios era famosa por possuir grande talento mágico, e tinham a rara habilidade de fazer desejos acontecerem. Quanto mais poderoso o gênio, desejos mais complexos ele poderia realizar. Dominique jamais tinha manifestado este talento antes, mas achava pouco provável que houvesse outra explicação, e se perguntou por que, ao invés de conseguir água ou abrigo, sua magia natural tinha lhe concedido o pedido que ele fizera sem desejar de verdade. Então Shenu, que permanecia ao seu lado de cara amarrada, o fez voltar à realidade com um safanão:

— Vai deixá-la ir embora assim?!

Nique planejou alguns metros até Jadhe e colocou-se em frente à garota, sentindo os músculos todos protestarem. O certo, o que ele devia fazer, o que ele *precisava* fazer, era se desculpar.

— Não pode ir embora — ele disse, a voz endurecida, e os amigos, logo atrás da moça, prenderam a respiração, esperando pelo que viria a seguir. Jadhe crispou os lábios; o coração do gênio ia arrebetar o que sobrara da pele e escapar pelo meio das costelas... Ele estava admitindo, contando pra todo mundo o quanto ela era importante, mostrando-se vulnerável, dependente dela. Todos olhavam para ele, e, de repente, ele sentia como se a pressão da água sob a cabine da Nalvim estivesse de volta, comprimindo-o, estrangulando-o. Sabia que tinha que mantê-la junto ao grupo, mas não queria que seu desespero ficasse tão óbvio.

Então, ao invés de tentar se redimir, fez besteira outra vez e, se pudesse, daria um soco no próprio estômago pelo que disse:

— Não pode levar a joia. Precisamos dela. Precisamos dela pra achar água.

Pronto. Ele, que pensava já ter feito todos os estragos possíveis e impossíveis, quase sufocou com a lufada de raiva que aqueceu a face de Jadhe e se

espalhou por todos os amigos. Ela arrancou o Tesouro de Caularom do pescoço, amassou a joia na mão de Nique e ficou olhando nos olhos dele, que engoliu em seco, mas sustentou o olhar dela. O Tesouro era frio, gelado; as hastes que o circundavam começaram a girar lentamente, contidas pela mão do rapaz; mas, à medida que a pedra se tornava mais fria, mais e mais rapidamente as hastes giravam e começaram a forçar a pele do gênio, cortando-o, enquanto a mão do garoto cobria-se com floquinhos minúsculos de gelo. Por fim ele não suportou: derrubou a pedra no chão, e a joia desapareceu numa pocinha d'água. Jadhe sorriu maliciosa.

— Posso entregar o Tesouro de boa vontade, mas é difícil controlá-lo, não é?

Num instante, a moça abaixou-se e mergulhou a mão na poça, e a água condensou-se e transformou-se novamente na pedra na mão dela. A garota empurrou o gênio com um braço, e continuou a se afastar do grupo.

— Pra onde você vai? — Shenu perguntou em desespero.

Jadhe olhou ao redor nitidamente perdida, mas depois encarou Dominique outra vez, fazendo-o recuar um passo.

— Vou voltar pra Agerta.

— Como?! — Pablo questionou.

— Eu dou um jeito! Eu congelo o Oceano se precisar! — ela respondeu, os olhos cravados no gênio, mas com um ímpeto que fez todos se arrepiarem. — Já fiz isso uma vez, não fiz? Posso fazer de novo!

Virou-se e continuou a andar, deixando os amigos apreensivos. Mas Pablo correu até ela e a segurou pelo braço.

— Não faça isso — ele pediu. — Não posso deixar que parta.

Subitamente a conexão telepática cessou, deixando a mente de Dominique assustadoramente silenciosa. Jadhe segurou o pulso de Pablo e fitou-o com tristeza, e falou devagar e claro para que todos ouvissem:

— Eu deserto. Sinto muito. Boa sorte pra vocês.

E partiu, desaparecendo em meio a um monte de entulhos.

— É isso? — Yoná esbravejou com toda sua rouquidão, indignada. — Você vai simplesmente deixá-la ir? Onde está sua autoridade de general?

— Como quer que eu a segure, Yoná? Ela desertou.

— Ela estava no auge da força quando fez aquele caminho de gelo em que o navio passou, e estava *perto* do porto, ela nunca vai conseguir repetir isso aqui! — a garota gritou de novo, e só metade das palavras saiu. — Ela vai morrer sozinha neste lugar!

— Agradeça ao nosso gênio, colega. Sabem qual é a punição para um desertor? — os cinco o inquiriram com os olhos. — Um ano numa cela em Octoforte, mais uma multa de um ano de soldo da Fortaleza Dourada. Nós liberamos Verônica da punição, mas isso é o máximo que eu poderia aplicar a Jadhe sob qualquer circunstância. Como acham que eu poderia chantageá-la com uma pena dessas aqui, no meio de lugar nenhum? Não tem nada que eu possa fazer para mantê-la conosco.

Um baque seco e Dominique cambaleou com um soco raivoso no queixo.

— Parabéns — exclamou Shenu, esfregando os nós dos dedos. Depois completou num tom sinistro: — Se eu descobrir que aconteceu algo a ela por causa disso, eu acabo com você.

— Você é o gênio mais burro que eu já vi! — Márcio falou irritado.

Dominique mal teve reação. Continuava olhando para o lugar onde Jadhe tinha desaparecido, sabendo que o que estava feito, estava feito. Provavelmente ela o congelaria no ar se ele tentasse se aproximar agora.

— Só pra você saber, — Diana falou de mansinho bem perto dele — Jadhe só resolveu vir nessa missão por causa de uma pessoa. Por você. Só por sua causa, Nique.

O estômago do rapaz afundou de uma vez.

Mas que merda tinha feito.

Por uma gota de chuva

A deserção de Jadhe tinha sido um baque, mas as sentinelas não conseguiram manter este problema na cabeça por muito tempo. Aquele era o terceiro dia sem água, e se não localizassem uma fonte qualquer em poucas horas, até o fim do dia estariam bebendo lama salgada. Caminharam seguindo a direção que a Cuzpola indicava, mas se havia algo naquele caminho de saída, ainda estava longe dos passos dos jovens. Avançavam muito devagar, pois vez por outra tinham que parar e curar um novo ferimento sério causado por galhos e pedras afiadas, até ficarem tão exaustos que simplesmente se largaram onde puderam. Não conversaram, e cada um tinha o olhar perdido em um ponto diferente.

— Precisamos usar a Pérola — disse Yoná de repente. — Para recuperar a força. Precisamos dela.

— A Pérola Negra não vai nos tirar a sede ou a fome — Pablo contestou. — O que precisamos é de água.

— Fracos como estamos, não vamos conseguir água! Precisamos da Pérola!

Mas Pablo sacudiu a cabeça em negativa, e os outros voltaram a olhar a escuridão.

Em meio ao estupor que o dominou, Márcio ouviu a voz de Yoná outra vez brava com alguém, e desejou que ela simplesmente ficasse quieta, mas só até perceber o que estava acontecendo. Nuvens esfarrapadas passavam pelo céu, quebrando os raios de luz aqui e ali, mas não estavam carregadas o suficiente para formar chuva, então nenhum deles tinha esperança. Mas Pablo havia se levantado e erguido as mãos para alto.

— Você está muito fraco pra isso! Vai acabar se matando! — a garota ralhou, mas praticamente nada saiu de sua garganta.

— Se não bebermos água na próxima hora — Pablo disse ofegante — vamos desmaiar e morrer de desidratação. Chuva é nossa melhor chance.

— Mas... é muito arriscado! — desta vez foi Diana quem protestou, e sua voz quase não saiu. — Você não pode arriscar sua vida! Não assim!

Os rapazes olharam para o general, mas não disseram palavra. Não era uma questão de heroísmo, era sobrevivência. Usar o *mac* com a saúde tão frágil beirava o suicídio, mas não usá-lo seria suicídio com certeza. Havia os Tesouros, mas nenhum deles poderia ser usado naquelas condições: sem saúde para manter a lucidez, tomar a magia de joias tão extravagantes seria, no mínimo, imprudente, por isso esta possibilidade nem foi cogitada.

— Se der certo, — ele disse, — e conseguirmos água, vou me reestabelecer rápido. Se não der certo... Bem... Vou ser o primeiro a morrer.

As meninas não disseram mais nada, mas Diana permaneceu bem perto do esposo mordendo os lábios numa preocupação mortífera enquanto Pablo deixava fluir a pouca energia de seu corpo em direção ao espaço. Sua força traçou uma trilha escura que obliterou o caminho do luar, e, quando Pablo sentiu os dedos se estendendo pelo *mac* e alcançando as nuvens, começou um esforço gigante para unir as nuvens.

Três vezes Pablo puxou uma massa invisível de energia para baixo, e a cada vez que fazia isso seu rosto ficava mais escuro, cheio de manchas arroxeadas, e ele suava. No céu, as nuvens pareciam atender à sua ordem, e se aglomeravam sobre a cabeça do general, mas nem uma gota despencava de lá.

— Jadhe devia estar aqui. Ela poderia ajudar nesta tarefa... — disse Dominique, ao que Márcio gritou um sonoro “*cale a boca!*” ao mesmo em tempo que o último forte esforço do irmão tanto levou Pablo ao chão quanto trouxe algumas suaves e abençoadas gotas de chuva.

Nem depois do abrasador deserto de areia Chivin, após andar horas a fio sem água; nem depois de sair do túnel da montanha Pirraftér Acchernol, quando caminharam por dias cruzando uma estrada cega só com água salobra descendo em filetes por pedras limosas, nunca antes Márcio sentira a intensidade da vida que correu por seus lábios, preencheu sua boca e desceu pela garganta, irradiando-se para cada fibra, cada veia, cada membro. A água lavou os corpos maltratados dos seis, que pouco a pouco foram se esticando e se levantando, como plantas murchas quando eram regadas. Deixaram a chuva lavar o sal e a sujeira, e a água fez feridas mal fechadas arderem e aparecerem. Trovões foram ouvidos, que soaram como os címbalos cerimoniais dos templos a Zizarâm. Quando as asas de Dominique começaram a parecer brancas outra vez, o gênio ouviu Diana gritar.

Pablo se contorcia tremendo, a cabeça apoiada no colo da garota, os olhos revirados e a mandíbula travada em espasmos convulsivos. Os garotos formaram um círculo em volta dele, cada um querendo ajudar de alguma forma, mas Yoná tomou a liderança e os orientou a apenas deixarem que a crise passasse. Diana manteve a cabeça dele de lado enquanto ela mesma se desmanchava em lágrimas, e Márcio ajudou a conter os braços do irmão para que ele não se ferisse mais, enquanto Shenu, Yoná e Dominique se prontificaram a arrumar meios de estocar a água e não desperdiçar o esforço do general.

Quando tudo passou, Pablo estava inconsciente e os outros estavam apavorados. Não disseram palavra, mas naquele momento não precisavam delas. O temor era uníssono no silêncio. Podia ser que as pessoas não morressem no

Nepcoutem, mas a cada complicação por que passavam ficava mais improvável chegarem lá com vida.

A chuva durou quinze minutos, e os jovens usaram cascas de árvores para armazenar o máximo de água que puderam para carregar. Não foi muito: Márcio calculava que só conseguiram guardar em torno de quatro litros, mas não tinham material para estocar mais água. No céu, nenhuma nuvem restara, mas mesmo se estivesse carregado delas não poderiam contar com a interferência de Pablo outra vez. A convulsão provocada pelo excesso de esforço com o *mac* deixara bem nítido o quanto estavam próximos do limiar da vida.

— Gente, nós temos essas joias fabulosas, precisamos usar o poder delas! Você Márcio, pode usar o Cetro da Luz e iluminar todo o nosso caminho. Di, com o Medalhão nossos encantamentos ficarão muito mais eficientes. Não podemos desprezar um poder como estes! E, agora que matamos a sede, temos que usar a Pérola pra nos recuperar por completo!

— Pablo disse que não — falou Diana resoluta.

— Pablo está desmaiado, sem força nem pra espirrar!

Márcio olhou para Yoná com se a estivesse vendo pela primeira vez. Havia um brilho estranho nos olhos dela aliado a uma escuridão indizível, e o rapaz teve a sensação de que sabia de onde aquilo vinha.

— Vai contestar a ordem de seu general, Yoná? — Shenu perguntou num tom hostil. — Pelo que eu me lembre, de todo o nosso grupo você era a pessoa mais comprometida com Octoforte e com a hierarquia.

A garota franziu o cenho e manteve os olhos cravados em Márcio como se fossem lâminas apontadas para o garoto. Mas, pousando uma mão gentil sobre o ombro da menina, Márcio interferiu.

— Pablo não quer perder você — ele disse, e as palavras quebraram a rigidez de ferro da sentinela. Ele puxou a corrente presa ao corpo de Shenu transpassando o peito do amigo e ergueu o Lampejo dos Desesperados. No diamante, as centelhas que relampejavam lá dentro pareciam mais agitadas que de costume, e Márcio viu Dominique torcer a cara do mesmo jeito que ele: aquela coisa, definitivamente, não era pra qualquer um, e definitivamente o Objeto estava afetando o comportamento do seu portador. — Estamos próximos demais dessas porcarias. São joias, são relíquias, são tesouros mágicos, e também são maldições. Você já mencionou usar a Pérola das Vaidades três vezes desde a última vez em que precisamos fazer isso, justamente quando você rasgou a perna. Talvez você nem tenha percebido, mas eu sei que não havia necessidade de usar a magia dela

naquele arranhão. Você precisa manter a sanidade, Yoná, e usar a joia sem critério não é maneira de fazer isso.

A garota ficou boquiaberta e, em seguida, baixou a cabeça, parecendo um tanto confusa. Cada um dos amigos tinha uma expressão mais destroçada que o outro, e Márcio pensou que, provavelmente, Yoná não tivesse ainda se dado conta do quanto a sedução do Tesouro a tinha envolvido, e agora isso a assustara. De qualquer modo, já tinham passado por uma deserção em Agerta, agora tinham perdido Jadhe, não carregavam mais nenhum pertence e eram praticamente moribundos portando artefatos malditos que se tornavam mais e mais tentadores à medida que o tempo passava. Cada vez que pensava no assunto, mais distante e absurda a missão parecia a Márcio.

Pablo demorou uma hora para acordar, mas convenceu o grupo a permanecer ali por mais algumas horas para descansarem. Não conseguiram acender o fogo e, pelo mesmo motivo que não queriam usar a Pedra das Vaidades, decidiram manter os outros Objetos inativos o máximo possível. Não houve claridade que atenuasse a escuridão, a luz de Ginhãissu ainda era a única no céu, pois a lua vermelha só apareceria dali algumas horas, mesmo assim, em sua fase minguante, e quando o frio se tornou forte demais, partiram seguindo o caminho que a Cuzpola indicava.

A água melhorou o humor e a disposição das sentinelas, mas toda vez que paravam para descansar faziam uma nova tentativa de encontrar outra fonte potável. No dia seguinte, finalmente o encanto pronunciado por Shenu surtiu efeito, e, algum tempo depois, foi a vez de Diana conseguir indicação de água limpa. No caso de Shenu, encontraram um bolsão de pedras que formava uma cuia onde a chuva tinha ficado estocada, escondida dos olhos por uma massa de troncos e folhas que Márcio e Dominique retiraram facilmente. Na vez de Diana o achado foi dentro de um tronco de árvore que tinha se mantido em pé, mesmo inteiramente oco. Havia água em abundância lá dentro, mas encontrar aqueles estoques tinha sido pura sorte. O que precisavam era descobrir um veio d'água, o que não só significaria água por vários dias, como também a possibilidade de conseguir comida e a certeza de que nem tudo estava perdido.

À medida que avançavam, notavam que os sinais de destruição diminuía, pois o solo, cada vez mais íngreme conforme se embrenhavam na floresta, se elevava muitos metros acima do nível do mar, e os ânimos melhoraram. Depois de matar a sede, a nova urgência era por comida, mas enquanto estivessem pisando em destroços só o fato de conseguirem água já estava além de suas expectativas. E depois de longos dias, finalmente pisaram num solo úmido que não era lama, e as árvores que se erguiam à volta estavam firmes em seus lugares, justamente como uma floresta deveria ser.

— Me parece cada vez mais inapropriado nosso cargo — Márcio arfou.
— Quero dizer, na Fortaleza seríamos sentinelas, mas mesmo lá os chefes das torres sempre foram os líderes do exército nas batalhas em que Octoforte se envolveu. Sempre estiveram na linha de frente, e várias vezes foram enviados para missões de campo. Por que será que mantiveram essa denominação? Deveríamos ser “coronéis” ou algo assim...

— Sentinela não se refere à tarefa, Márcio — Pablo explicou, ofegando. Embora conversassem, Márcio estava preocupado: seu irmão tinha diminuído muito o passo e não parecia nada bem. — Em Octoforte, os “vigilantes” fazem o papel que têm as sentinelas, normalmente. Nós somos “sentinelas da justiça”, o que é diferente, e as pessoas confundem as coisas. Uma “sentinela da justiça” deve vigiar não só sua torre, mas o que acontece no mundo. Ela deve liderar batalhão como um comandante, mas também tem o dever de interferir quando acontecem coisas no mundo que envolvam os motivos da construção da Fortaleza.

— Como a aparição de Zebarã? — Diana perguntou.

— E o ataque dele à ilha Agerta — Shenu concluiu. — Então sempre tivemos a obrigação de revidar, com ou sem motivos pessoais.

— E, por falar em motivos... Vocês dois ainda não nos contaram seus motivos secretos de estarem aqui — Márcio disse, emparelhando com Shenu, que nem se deu ao trabalho de encará-lo. — Depois de tudo o que passamos, você ainda quer ficar guardando isso pra você?

— Se não for pra nós — Diana apoiou — pra quem mais você pode contar?

— Que tal *para ninguém*? — o andarilho respondeu rispidamente. Apressou o passo e colocou-se um pouco à frente dos outros sem olhar para trás, o que deixou os outros perturbados. Qualquer que fosse o segredo de Shenu, não devia ser nada bom se ele preferia morrer com ele a dividi-lo com os únicos amigos que tinha no momento.

— E você, Yoná? Não tem nada a dizer? — Diana perguntou e Márcio voltou sua atenção para a moça.

— Sabemos que tem alguma coisa a ver com Ártemis — ele falou, e Dominique, que andava apático ali atrás, ergueu um tantinho a cabeça ao ouvir o nome da mestra.

Yoná virou-se para o garoto e disse:

— Você é como um grande pernilongo, Márcio, sempre zunindo na minha orelha, atraído pelas coisas que eu não quero dizer — ela respondeu e, embora devesse parecer irritada, os cantos dos lábios se esticavam num sorriso.

— Então... Você não vai contar?

Ela sorriu mais um pouquinho.

— Não! Assim eu mantenho o mistério...

Márcio ainda tinha os olhos no sorriso de ébano de Yoná quando uma pontada lhe tirou o fôlego, tudo ficou turvo ao redor, e ele apagou.

Selvagens

Dominique acordou aos poucos e pensou que estivesse de volta ao oceano estilhaçado, mas logo percebeu que podia respirar. Seu primeiro pensamento foi o de localizar Jadhe, e logo em seguida sentiu uma queimação na garganta ao lembrar o que tinha acontecido. Um ponto no pescoço doía horivelmente, mas quando tentou tatear o local percebeu que não podia se mover. As mãos, as pernas e as asas, tudo estava imobilizado. Estava zozzo, e pensou que pudesse ter perdido o movimento do corpo, mas, quando conseguiu focalizar a visão, percebeu o que acontecia realmente: estava preso.

Flashes de fogo passavam por seus olhos enquanto ele voltava à consciência. Piscou bem forte, até fazer com que a vista dessembrasse, e o que viu o apavorou. Estava amarrado com cordas de sisal, e suas pernas e braços estavam atados a uma tábua cheia de lascas onde ele fora pendurado, de modo a possibilitar que fosse carregado por duas pessoas, cada uma segurando uma ponta. Havia cordas apertadas em sua boca, e ao olhar para os lados, encontrou Márcio igualmente pendurado e inconsciente. Todos os seus amigos estavam amarrados e amordaçados do mesmo jeito, como bichos abatidos nas vendas de feiras. Yoná tinha olhos arregalados, e ao ver o gênio acordado tentou se comunicar acenando e balançando a cabeça, mas só o que saiu foi uma profusão de gemidos estrangulados. Ainda atordoado, Nique tentou entender quem os tinha capturado.

Se pudesse gritar, teria soltado um palavrão. Havia tochas nas mãos daqueles homens, e o que o fogo iluminava era assustador; Dominique jamais tinha visto ou ouvido falar de nada parecido. Pois aquelas pessoas tinham a pele negra como a noite, e seus cabelos eram vermelhos como o fogo. Seus rostos eram severos e de traços fortes, olhos amendoados e nenhum pelo no rosto, nem sobrancelhas. Não eram humanos: embora parecessem homens, aquelas criaturas tinham apenas uma única e robusta perna, e o único pé, com só dois dedos, um dianteiro e um traseiro, os fazia se deslocar como se saltassem. Havia vários deles ao redor; Nique não podia ver todos, mas pensou que deviam ser pelo menos trinta, e tinham faixas de tinta vermelha cobrindo a pele e berloques espetados nos rostos. Suas armas — lanças e facas de pedra — eram adornadas com penas e dentes de animais, e não olharam para os prisioneiros enquanto os carregavam morro acima, por uma trilha que pareciam conhecer muito bem.

Márcio despertou tão assustado quanto Dominique, e começou a se balançar na vara tentando se livrar das cordas. Levou uma estocada de cabo de lança no meio das costelas e gemeu de dor. Gotas de sangue escorreram das costas dele, e o gênio arregalou os olhos quando manchas de sangue fresco empapuçaram

os farrapos de roupa que Márcio usava. Ouviram sons de Diana e de Shenu à frente, mas não conseguiu vê-los. À direita, Pablo estava sendo carregado, ainda desacordado. Por um inchaço no rosto dele, similar a um que Yoná tinha na testa, o gênio concluiu que deviam ter sido dopados com algum tipo de veneno e que ainda estavam fracos e torpes.

As sentinelas foram sacudidas montanha acima, deixando para trás os últimos resquícios inundados e enlameados de floresta e sal e adentrando um espaço de mata fechada, onde sons de pássaros e rugidos estranhos de animais podiam ser ouvidos bem perto deles. Aos poucos, a sensibilidade foi voltando à pele de Dominique, e o rapaz sentiu a corrente que prendia o Objeto Supremo ao seu corpo queimando no peito nu, e deduziu que os estranhos tinham tentado arrancar a joia dele de qualquer modo, provocando um vergão sangrento.

Chocalhos sibilantes, como as caudas das serpentes do deserto, preencheram o ambiente, ameaçadores. Dezenas de pés únicos andavam por ali batendo na terra fofa, como gigantescos e oscilantes tambores, circundando-os. Suas vozes se ergueram em sibilos que se uniam aos chocalhos em sons de *sssa... ccci...*, que fizeram as entranhas de Dominique revirarem. Sem saber o que diziam, ele teve certeza de que aquelas sílabas não invocavam nada de bom. Os seis foram amontoados num amplo espaço aberto, mas só conseguiram brevemente olhar uns para os outros antes de terem os tornozelos liberados e serem puxados para cima. A pontapés e bastonadas, foram conduzidos ao centro de uma clareira, onde dois dos diabretes raspavam com longas varas de bambu algo no chão: um “X”, que adornaram com serragem vermelha e contas brancas.

O grupo de raptos posicionou os jovens sentados no meio do X de costas uns para os e, embora estivessem com mãos e tornozelos liberados, nenhuma sentinela conseguiu se mover. Estavam presos num tipo de armadilha mágica, e não seria fácil escapar dela porque, como Nique percebera no breve momento de liberdade, seus movimentos normais também estavam muito limitados pelo efeito da peçonha. A aldeia dos estranhos formou um círculo ao redor dos viajantes, e o gênio viu todo o espetáculo do qual fazia parte.

As criaturas seguravam lanças e batiam os pés em um ritmo constante, que reboava no coração, fazendo-o acelerar. A cada dois, uma tocha flamejante estava intercalada, vários deles usavam máscaras grotescas de madeira cheias de penas, que cobriam não só seus rostos, mas todo o peito, e seguravam lanças de ponta de pedra, que brandiam de forma ameaçadora. Mas os garotos não eram as únicas criaturas vivas naquele circo de horror. Mais três grupos de animais estavam presos iguais a eles em armadilhas em forma de X: animais diversos, de aves a roedores. Em volta de cada grupo de vítimas, três ou quatro criaturas se aglomeravam, trazendo tinas com tinta e penas nas mãos, que usaram para pintar

símbolos nos corpos dos prisioneiros enquanto o ritmo das batidas aumentava. Quando terminaram os desenhos as criaturas se afastaram e apenas um, o que usava a maior quantidade de pintura e de adornos de penas na cabeça, se aproximou, enquanto o resto da aldeia batia os pés rapidamente.

Redemoinhos de vento se ergueram dos pés dos raptos e envolveram cada um; os animais presos guincharam assustados; os sibilos *saaa ciii* se tornaram rápidos e frenéticos, até a criatura que parecia líder parar bem em frente à Dominique, que o encarou nos olhos enquanto toda a movimentação da aldeia cessava num mesmo instante, deixando um rastro de poeira pairando no ar.

— *Sa-ciii* — o estranho disse, erguendo a lança acima da cabeça sem tirar os olhos de Dominique, de forma que a ponta apontava para o gênio bem no coração.

As sentinelas se debateram, precisavam se livrar da magia ou seriam feitos em pedacinhos, e Nique achou que poderia arrebentar os braços, mas não se livraria daquela prisão. Estava acabado: morreria ali, transformado em refeição para criaturas das quais ele jamais ouvira falar, e enregelado pelo frio polar que dominava a floresta.

Frio polar?

Uma pequena bolinha branca pousou no nariz do homem com a lança. Ele não se incomodou, mas antes que baixasse a lâmina no coração do gênio outra bolinha caiu junto daquela. Os selvagens olhavam para cima, e o líder voltou seus olhos para o alto também: uma massa metálica e baixa de nuvens se formara sobre a clareira, e minúsculos flocos de neve desciam do céu, assustando os aldeões. Nique paralisou: até alguns minutos atrás, aqueles tinham sido dias quentes. Percebeu Shenu e Pablo virarem os pescoços para um ponto que ele não conseguia ver; Márcio, ao seu lado, dobrou-se sobre o próprio corpo, desmaiado. O raptor desviou a atenção para onde os jovens olhavam, e Nique sentiu a terra sob ele tornar-se gelada.

A aldeia se agitou; uma névoa fria saiu das árvores e envolveu as criaturas sibilantes, fazendo-as tremer e se encolher. Seguraram as armas com as pontas voltadas para o lugar de onde a névoa vinha, e se aglomeraram tanto para se defender quanto para se esquentar, pois o frio se intensificara. Mas o líder, cujo orgulho era inabalável, se dirigiu para aquele lugar, e contorceu a face numa careta ao ver a estranha adentrar suas terras.

Saindo das sombras das árvores, Jadhe tinha estrelas nos olhos e seu andar era o de uma predadora que não temia a morte. Ela circulou entre as criaturas pernetas e os prisioneiros, sem desviar os olhos uma única vez do rosto do líder dos agressores. Não tinha nada nas mãos e caminhava com os pés descalços, suas vestes sujas e rotas deixavam à mostra muito de seu corpo; a cada passo que dava

deixava uma pegada congelada, e ninguém a atacou. Lançou uma mão à frente do corpo, e um rastro cristalino se formou no chão em frente aos pés dos selvagens, que se encolheram. Ela parou de caminhar e se aproximou dos prisioneiros, sempre encarando o raptor. Colocou-se ao lado deles, inclinou o corpo e abriu os braços, um gesto tanto protetor quanto agressivo. Não pronunciou uma palavra, mas sua atitude dizia tudo.

— *Ash tasha! Saci tás tash!* — o líder bradou, e repetiu a frase daquela língua estranha. Jadhe deu mais um passo e colocou-se entre o homem e os companheiros. A criatura de cabelos de fogo gritou “*saci, saci!*” várias vezes, e ergueu a lança para atacar Jadhe, mas a garota ficou de joelhos e deu um soco violento no chão. O golpe estendeu ranhuras de gelo que chegaram ao pé do diabrete, o braço dela foi envolvido por uma luva de gelo até o cotovelo, e o homem deu um passo para trás. A magia que prendia as sentinelas vacilou, Dominique conseguiu liberar as mãos, mas não conseguiria apartar o golpe do líder: enfurecido, o raptor berrou e baixou a lança de uma vez sobre Jadhe, mas a lâmina estocou no ar e não tocou na garota.

Um novo soco na terra fez a trilha de gelo subir pelo tronco da criatura, e a derrubou. Assustados, os selvagens debandaram batendo violentamente os pés, desaparecendo em redemoinhos que os levaram para o interior da floresta, dois deles carregando o líder incapacitado, sua única perna completamente congelada. A sentinela da água ergueu as duas luvas de neve que aprisionavam seus braços e esmurrou o chão uma última vez, e dois metros de muro de gelo ergueram-se em redoma ao redor das sentinelas, garantindo-lhes proteção contra as criaturas daquela floresta traiçoeira. A armadilha mágica perdeu o efeito no mesmo instante, e Dominique teve tempo de colocar os braços ao redor da moça antes que ela despencasse no chão.

— Você voltou — ele disse.

Jadhe fechou os olhos e apagou.

Márcio passara alguns instantes tentando encontrar uma palavra para descrever o grupo, e aquele velho termo “estropiado” lhe parecia adequado. Era uma palavra esquisita que soava como o resto de alguma coisa, como “bagaço” ou “farrapo”. Pensou em como as palavras de Yoná, dias atrás, tinham soado como uma praga, e como agora elas cabiam tão bem. *Quem muito espia se estropia*. Era verdade. Entretanto, se tivesse pensado melhor sabia que teria escolhido viajar com os amigos do mesmo jeito, mas, pelo menos, não se sentiria tão estúpido por pensar que, desta vez, os perigos não seriam tão grandes, já que tinham alguma ideia do

que iriam enfrentar. Ninguém tinha pensado que passariam por tanta coisa assim *antes* de se aproximarem do território do Nepcoutem.

Estava meio deitado, apoiado numa máscara que ficara abandonada na fuga dos selvagens, e tinha um naco de carne assada na mão. Tinha se sentindo um tanto covarde ao abater os animais que estavam presos como eles nas armadilhas com o X, mas a fome era tão desesperadora que ninguém se deu ao luxo de pensar em opções. Diana, Pablo e Shenu ficaram encarregados de limpar a carne e assá-la enquanto Dominique cuidava de Jadhe e Yoná fazia encantamento atrás de encantamento para curar o machucado de Márcio. No final, carregar os Objetos Supremos presos ao corpo daquela forma não era perigoso apenas por causa de sua magia sedutora, mas pelo próprio formato das joias. O Cetro da Luz, cuja extremidade tinha a pontiaguda forma de foice, havia penetrado na barriga do rapaz e quase o matara. Se Jadhe não tivesse aparecido naquele exato momento, Márcio agora seria cozido de sentinela, o que a fazia sua salvadora pela segunda vez em menos de uma semana. Pensando bem, se ela não tivesse aparecido naquele momento, nenhum dos amigos estaria vivo agora.

O muro de gelo os tinha isolado da mata e lhes garantido algumas horas de descanso seguro pela primeira vez desde que pisaram em Terem, e agora, após o repouso e um farto almoço, as forças pareciam voltar às mãos de Márcio. Nenhum deles estava exatamente bem, Diana tinha vomitado após comer os primeiros nacos de carne e Shenu tinha a pele esverdeada, mas estavam inteiros, e com esperança de que pudessem, de alguma forma, se salvar daquele lugar. A missão evanescera da mente do garoto, que só conseguia pensar em uma cama quente em alguma estalagem barata por aí, um lugar com paredes, copos e cobertores. Enquanto Márcio descansava e Jadhe voltava a si devagar, Pablo orientava os amigos a apanharem o que pudessem da clareira.

Dominique cuidou de dar água a Jadhe, que parecia mais subnutrida que qualquer um dos outros. As omoplatas estavam aparentes e as bochechas afundadas, e a garota tinha dificuldade em respirar. Mas quando os sete se juntaram em torno da fogueira (distante o suficiente do gelo para não derretê-lo mais rápido do que seria normal), ela já estava sentada e bebia água sem ajuda de ninguém.

— Você voltou — Dominique disse de novo, desta vez com a certeza de que Jadhe o ouvia. Ela não tinha falado nada desde que acordara, nem transmitido nenhum pensamento telepático, e Márcio sabia que isso devia estar incomodando o gênio mais que a aparência frágil da garota.

— Você é mesmo muito burro — disse Yoná, com um olhar enviesado.

— Jadhe nunca nos deixou, não é? — Diana indagou, com um sorriso no canto dos lábios.

— E como é que eu iria embora? — ela perguntou, e estava rouca como Yoná tinha ficado após a grande onda.

— Você sabia? — Nique perguntou a Pablo. — O tempo todo?

O general confirmou com a cabeça.

— Por isso andou mais devagar, para dar tempo a ela — Márcio finalmente entendeu.

— Sim e não — Pablo respondeu. — Aquela chuva não fui só eu. Jadhe estava lá o tempo todo, nos ajudando. Mas nem eu nem ela ficamos bem depois de tanto esforço, e eu sabia que ela estava se esforçando pra nos acompanhar. Diana não está bem tampouco, por isso atrasei um pouco o passo.

— Eu estou bem! — Diana protestou, mas a fragilidade de sua voz denunciava a realidade.

— Então... A água que encontramos com os encantos...

— Foi ela, seu asno — Shenu falou com bastante grosseria. — O tempo todo.

— Todo mundo sabia, menos eu?

— Ninguém sabia de nada, mas será que você não imaginou? — Yoná falou outra vez, impaciente, e Dominique baixou a cabeça. Olhou para Jadhe de lado e aproximou a mão para tocar o ombro dela, mas a garota afastou o toque com um tapa sem olhar para o gênio.

Márcio voltou-se para o céu, para a noite gelada e agora sem nuvens, e, entre Larehssu e Ginhaissu, a lua branca e a verde, ambas cheias e em cantos opostos de seu campo de visão, localizou a curiosa Lincariell, a estrela andante do céu de Bhardo. Aquela noite eterna, que a cada dia ficava mais e mais escura, era angustiante, e aquela estrela que aparecia em hemisférios diferentes sem lógica nenhuma, era perturbadora. Pelo que ele soubesse, o mundo era assim desde o início dos tempos de sombra, quando o planeta deixou de ser chamado de *Vasta* para receber o título de Mundo de Bhardo, e ele sabia que não era um moleque criado na pequenina Encruzilhada que achava que havia algo estranho que faria alguma diferença em como as coisas eram ou deixavam de ser. Mesmo assim, a noite de Bhardo o incomodava cada dia mais, especialmente agora, que as feridas estavam curadas, a sede e a fome saciadas, e ele conseguia pensar com clareza outra vez.

— Piratas vivendo no Pontal da Lua... — Dominique comentou, dando voz a um pensamento que o perturbava em meio a tantos outros. — Uma sereia devoradora de gente na nascente de um rio, um dragão louco vivendo dentro do leito de outro, e agora essas... esses... *sacis*... acho que podemos chamá-los assim.

— É, parece que Terem não é o paraíso desabitado e intocado que as pessoas do Continente acreditam, não é? — Shenu deduziu. — Por isso, tanta gente

vem pra cá e nunca mais volta. Não se perdem nem naufragam no meio do caminho: viram comida das coisas que moram aqui.

Pablo suspirou e se levantou, assumindo, de repente, a postura de general.

— E isso nos leva à pergunta: o que vamos fazer? — diante do silêncio, ele continuou. — Vamos ser realistas gente, alguém ainda acha que temos chance de completar nossa missão? Aliás, alguém tem ideia de como faríamos para conseguir chegar ao Nepcoutem?

Imediatamente, Shenu respondeu:

— Eu não vou desistir, Pablo. Levei muito tempo pra tomar esta decisão! Não vou voltar atrás.

— Não estou dizendo isso. Mas temos que considerar um adiamento de planos. Estamos fracos, sem armas, sem bagagem, sem transporte, sem nada, e a meio mundo de distância daquele lugar. Estamos seguros nessa redoma só até o gelo derreter, e depois? As joias não nos ajudaram a combater o veneno dos sacis, e não fazemos ideia de quantos mais existem, ou do que mais há por aqui.

— Você tem razão — Dominique concordou. — E, não sei se notaram, mas Lhênus não parece estar nos acompanhando como disse ter feito na nossa primeira viagem.

— E o que você propõe? — Yoná perguntou. — Voltar pra Agerta? O Continente Maior foi separado de Terem e as cidades do litoral estão submersas. E, mesmo que conseguíssemos um navio...

— Voltar para a ilha não é uma opção, não com a ameaça dos reis — Márcio completou.

— Podemos viajar para Tera — sugeriu Diana. — Eu sei que Shenu não está muito a fim de voltar pra lá nunca mais, desculpa Shenu, mas todo mundo percebe isso, não vou te atormentar pra saber por quê. Mas, já que você saiu de lá pra vir para o Continente Maior, é porque tem cidades por lá e navios também. Deve haver algum porto no sul de Terem, não? Um lugar pra onde podemos ir e tentar uma ajuda.

Shenu esfregou os polegares nas têmporas, parecendo cansado. — É... Há um pequeno ancoradouro numa vilazinha no sul deste lugar. Ou pelo menos havia na época em que eu saí de casa. Eram tão poucas pessoas... Não sei se ainda existe. Se ainda estiver lá é, provavelmente, o único lugar em Terem que podemos alcançar nas nossas condições.

— Talvez nem precisemos ir até Tera; talvez, se as pessoas desse porto forem legais, possamos pedir ajuda e asilo lá mesmo, e descansar, nos reestabelecer... — Diana imaginou.

— E pensar no que fazer — Jadhe completou. — Com ou sem ajuda, não temos mais carona para chegar ao oeste, nada com o que pagar um transporte, nem muito com o que barganhar.

Assim, ficou decidido que os jovens descansariam mais um pouco e que, tão logo quanto organizassem o material que tinham recolhido, partiriam para o tal ancoradouro, confiando que a Cuzpola os guiaria.

As sentinelas tinham partido. Os Objetos Supremos, que atraíam os olhares do mundo como se fossem faróis rosa-choques, estavam longe o bastante para não causar mais nenhum problema. O portal continuava trancado e o Forte de Agerta era mais usado para reuniões de deliberação dos governantes do que como um centro de planejamento de guerra. O comércio de joias estava mais forte que nunca, e parecia que Zebelim tinha acolhido o artesanato agerto como artigos de luxo exótico. Aos poucos, turistas voltavam a frequentar a ilha.

Mesmo assim, Miriér sabia que a calma não passava de uma ilusão, e o principal motivo para seu constante estado de alerta era a própria esposa. É claro que o homem conhecia os contos juvenis em que gárgulas eram sempre criaturas traiçoeiras e violentas, mas Verônica não era nada disso. Ele tinha cuidado da sentinela quando Zebarân a golpeou com força tal que quase a matou. Foi Miriér, também, quem primeiro a viu despertar, quem sentiu seus dedos quentes contornarem o rosto dele e pararem na covinha no seu queixo. Ele estava lá quando Verônica se recuperou mais rápido que qualquer pessoa, e viu quando, imediatamente, a gárgula se colocou em movimento, agitando os soldados de Octoforte e instigando os moradores da ilha a acreditarem que eram melhores do que imaginavam. Ele viu a transformação dos homens quando seguiram as palavras dela.

Foi Miriér quem deu a notícia sobre o corpo que haviam encontrado nos rochedos inalcançáveis, e ele tinha enxergado o choque dela bem dentro dos seus olhos. E, depois, foi a mulher quem o consolou, quando Belgo, seu pai e antigo líder da ilha, sofreu aquele acidente horrível do topo do penhasco durante uma expedição de exploração das cavernas. Verônica o apoiou quando ele precisou de força para assumir o posto de governante de Agerta. Verônica lhe deu carinho, compreensão. Era uma mulher incrível, em nada parecida com as gárgulas das histórias de terror. O amor deles era inegável, e sua união, o desenrolar natural das coisas.

O que ele não podia negar, porém, é que a mulher havia mudado após o casamento. Ele sempre ouvira dizer que as coisas ficavam diferentes depois que se ia viver com a pessoa amada, que cada um *mostrava suas garras* após alguns

meses, mas, com Verônica, aquela expressão era bem literal. Apenas dois dias após o casamento, Miriér notara as primeiras mudanças de comportamento. Impaciência, ansiedade... Pensara que podia ser apenas o estresse de tudo pelo que passavam: perder os pais, se recuperarem da ameaça constante de Zebarãn, assumirem o peso de governar uma cidade — embora, neste último quesito, Verônica se mostrasse bem contente. Em casa, porém, afastava-se do marido, rejeitava seus carinhos e era agressiva quando ele tentava se aproximar. Miriér sempre fora um homem gentil, e jamais poderia esperar receber um arranhão de garras de sete centímetros após entregar um cesto de frutas caras de Ylhuah para a esposa.

A batalha, que tanto preocupara os moradores da ilha, deixara a gárgula mais agitada. Embora ela gritasse para quem quisesse ouvir que precisavam afastar o perigo, que era uma desgraça que Zebarãn os tivesse feito de alvo, Miriér enxergava a luz feroz nos olhos dela quando tinha uma espada na mão. E, durante a luta, Miriér soube que o pelotão dela tinha ficado em apuros porque a gárgula deixou de liderá-los e passou a lutar sozinha, esquecendo-se dos homens e abandonando-os à própria sorte quando lhe conveio.

Tudo ficou ainda pior depois que as sentinelas retornaram e, mesmo contra todas as probabilidades, trazendo os artefatos mágicos que tinham ido procurar. Mais de uma vez o governante tinha ouvido a esposa choramingando de saudade dos amigos, principalmente da grande amiga, a quem ela ajudara a criar como sua protegida, a loirinha Diana, tão linda, tão doce, tão amada. Só que, quando Diana apareceu, tudo o que a gárgula fez foi destruí-la. E não passou despercebido o quanto a gárgula ficava agitada perto daquelas coisas que os sete tinham trazido. Objetos mágicos... Por ele, poderiam ficar exatamente onde estavam, só atraíam confusão. Verônica os desejava, assim como quase todos os moradores da vila, e isso tinha transformado mais da metade das pessoas em aspirantes a psicopatas. Foram várias as interceptações de pessoas que, inexplicavelmente, tinham sentido necessidade de caminhar de forma soturna perto da cabana das sentinelas durante o período de sono, algumas delas portando facões, poções soníferas e coisas do tipo. Miriér achava que as sentinelas só sabiam de uma pequena parte das tentativas de invasão, o restante, ele e um grupo de pessoas menos influenciadas contiveram sem fazer alarde. A ilha estava melhor sem esse tipo de problema, a população tinha voltado ao normal.

Mas também havia os desaparecimentos misteriosos. Verônica não desconfiava, mas Miriér estava atento aos sumiços da esposa, que ele pensava estarem relacionados com seus desejos pelas joias. Só que agora elas estavam longe, e Verônica continuava desaparecendo nos rochedos e reaparecendo de repente, no meio da cidade. Enquanto as coisas continuaram nos seus lugares

Miriér manteve um monitoramento distante, mas, nos últimos dias, enquanto a Comitiva de Inspeção da Aliança trabalhava no levantamento patrimonial e financeiro da ilha e do Forte, uma inquietação foi tomando forma na mente do governante: vultos indistintos nas janelas, silhuetas estranhas aparecendo e desaparecendo entre os cidadãos, um repentino surto de gripe no meio do verão. E a Comitiva tinha descoberto que as minas de rubis e turmalinas de onde Agerta tirava a maior parte das pedras que usava em suas joias, e que tinha financiado a construção do Forte, pertenciam ao território de Octoforte e que, portanto, a Fortaleza Dourada não devia nada à ilha. A gárgula disse não saber de nada disso, mas não convenceu Miriér. Ele se lembrava bem de como a mulher tentara abrir novos caminhos “um pouco mais ao leste”, fora dos limites do território da Encruzilhada.

Por isso tudo, o homem decidiu seguir a esposa naquele dia, quando ela desapareceu no meio do almoço com os membros da Comitiva e alguns soldados. Apesar das nuvens, alguns feixes das luas branca e verde permeavam a escuridão, deixando os rochedos suficientemente claros para que ele pudesse seguir a gárgula, que se movia por entre as pedras como um jaguar. Verônica subiu o caminho à cabana das sentinelas, mas saiu dele e escalou rochas pontudas, desaparecendo no limite do paredão de cem metros que despencava para o mar.

Miriér teve cuidado ao espiar pela borda da rocha, e viu sua esposa, lá embaixo, descendo o paredão pelas pedras sem esforço, igualzinho a uma lagartixa. Engoliu em seco quando a viu parar numa saliência no meio do caminho, espantar um andorinhão de seu ninho e comer seus ovos como se fossem balinha. Depois continuou a descida como se não tivesse feito nada, e Miriér adivinhou, pelo caminho que ela fazia, para onde estava indo.

Voltou e correu pela trilha normal, desceu a rocha e contornou a encosta para seguir pela estreita trilha nas pedras que levava às cavernas de turmalina, e vislumbrou o rabo dela despontando pela abertura daquela gruta específica, aquela em que o corpo de Ólie Fauret foi encontrado. Aproximou-se com cuidado e conseguiu encontrar uma reentrância na rocha onde pode se esconder e espiar dentro da gruta, esperando encontrar Verônica saqueando as minas.

Mas ela estava falando, e havia outra pessoa com ela.

— Não foi certo deixá-los partir, eu não me conformo! Aquelas joias poderiam resolver tudo! — Verônica falou, andando de um lado para o outro como um rato enjaulado.

— Você está obcecada, mulher. Eu não a culpo, mas se quiser continuar com nosso acordo, terá que parar com isso — o homem respondeu, e sua voz era ligeiramente familiar. Ele estava oculto por sombras, e Miriér não via o rosto dele, mas achava que o conhecia de algum lugar.

— Esse pacto não está me cheirando bem, não está. Você quer que os Tesouros cheguem às mãos de Zebarán? Isso pode levar meses! Com as relíquias aqui, poderíamos ter dado fim nessas sentinelas e não haveria mais nenhum problema!

Miriér estremeceu. Verônica estava falando de dar cabo das sentinelas? Seus amigos? Matá-los?

— Você não faz ideia do que está falando, gárgula. Seus coleguinhas são parte de um jogo, mas não são as únicas peças. Matá-los não seria tão fácil como você imagina, mas mesmo que fosse, eu dei meu apoio a essa missão: eles estão levando as relíquias para meu aliado como se fossem presentes.

— E vai demorar quanto tempo pra eu ter o controle da ilha, um mês? Um ano? Já tirei o calhorda do meu pai do caminho, já dei um jeito no gordo porco do Belgo, e pra quê? Ainda estou sentada na sala daquele Forte, aturando um desmiolado sem pulso que se acha governante. Até quando?

Estarrecido, Miriér começou a se afastar da gruta o mais silenciosamente que pode. Seus dedos suados tremiam e ele tentava segurar até as batidas do coração. Tinha que sair dali em segundos, e tinha que denunciar a gárgula. Verônica, a mulher com quem se casara, sua esposa, companheira, golpista e assassina. Ela tinha matado seu pai! Seu amado pai! Voltou-se para a estradinha, mas seus ouvidos captaram uma última frase:

— Quem sabe? A oportunidade pode estar bem aí fora, ouvindo tudo o que nós dizemos — o homem falou.

Não chegou a se distanciar nem dez metros. Apavorado, olhou para o peito e sentiu a mácula da traição, mas, sobretudo, sentiu a chaga aberta pela cauda afiada e cinzenta de Verônica, que transpassara seu peito.

Uma Carona Indesejada

Shenu não se lembrava de onde exatamente a tal vila do ancoradouro ficava mesmo olhando seu mapa várias vezes, e a Cuzpola não parecia querer ajudar: quando estiveram nas ruínas em que recolheram os bichanos e o Cetro da Luz, a bússola mostrou às sentinelas até as rachaduras nos muros do edifício; agora, porém, ela se recusava ampliar seu mapa e mostrar o lugar que procuravam.

Arrumaram três lanças e duas facas dos raptores, todas com lâmina de pedra atadas a varas por cordas de sisal, algumas moringas de juta trançada com barro, e deram um jeito de prender tudo às correntes que sustentavam os Objetos. Ainda retiraram vários metros de corda das máscaras e enfeites, que usaram para improvisar proteções para os pés com folhas e cascas de árvores, pois só Dominique e Diana ainda permaneciam com suas botas de viagem. Conseguiram separar as sobras da carne de duas doninhas, um peru e uma capivara, que prenderam na mesma rede de bambu com que os selvagens tinham capturado os animais. Então ativaram a Cuzpola e fizeram a ela o pedido que os sete tinham formulado escolhendo cuidadosamente as palavras: *“Cuzpola, nos leve a um lugar com pessoas, onde possamos descansar até conseguir carona para a próxima etapa de nossa missão”*. Quando o gelo estava prestes a ruir, fizeram um buraco em sua parede e deixaram aquela clareira, e seguiram o mesmo rastro verde que a bússola disparava, rezando para não encontrar nenhuma daquelas criaturas de uma só perna à espreita.

A atuação de Jadhe, porém, parecia ter espantado os sacis, pois não havia nenhum deles por perto. Passaram, porém, pelas tocas em que viviam: grandes buracos no chão com bordas arredondadas, com padrões riscados nas pedras em volta. Havia tochas espalhadas por toda parte, e restos de fogueiras e carne em varas sobre elas, mas nenhum saci. Contornaram uma pedra grande, que parecia marcar o limite da aldeia, temendo encontrar todo o clã das criaturas atrás dela, mas eles não estavam lá. Coisas semelhantes a crisálidas estavam penduradas nas árvores, mas tinham o tamanho de coelhos, e Márcio assustou os outros quando concluiu o que eram:

— Casulos. É como procriam.

Saíram rapidinho daquele lugar.

Caminharam muitas horas e deixaram os destroços definitivamente para trás. Não viram nenhum sinal de pessoas, mas a mata estava cheia de sons aterradores: grunhidos, gemidos, gritos, uivos, silvos, rugidos, arranhões.

Percebendo-se mais forte, Márcio abandonou a prudência e usou o Cetro para iluminar o caminho durante as primeiras horas, mas quando percebeu que a luz estava ficando mais intensa do que deveria, Pablo o obrigou a parar. Quando o fez, Márcio estava ofegante, e disse não conseguir perceber com clareza o que estava fazendo.

Prepararam tochas que acenderam com magia, tanto para poupar a energia de Márcio quanto para treinar a capacidade de cada um em acender o próprio fogo. Dormiram, depois, num sono intranquilo revezando-se o tempo todo. Quando o vento soprava mais forte e o farfalhar atrapalhava a audição, a tensão se tornava insuportável e Jadhe deixava transbordar sua aflição. Durante a noite, Dominique afastou duas serpentes sorradeiras, Shenu acordou com um feio machucado provocado por formigas carnívoras e Pablo precisou acordar os que dormiam para mudarem de lugar após ouvir passadas furtivas muito próximas, entre a folhagem. No dia seguinte Shenu conduziu o grupo, e seu dom de enxergar à noite com mais clareza que o normal lhes deu a chance de fugir de um bando de morcegos bebedores de sangue, que tinham a altura de crianças de três anos.

No terceiro dia precisaram espantar um felino malhado que mal aparecia sob as árvores, e foram atacados por um bando de macacos de dentes longos que lhes renderam uma briga violenta com lanças e tochas, mas também serviram como uma refeição encorpada e inesperada. E, apesar de todos os ataques, o maior problema continuava sendo os insetos e animais menores, como a pequenina rã amarela que cabiam na ponta do dedão da mão, e cuja peçonha deixou Yoná com as pernas paralisadas por um dia inteiro.

A telepatia que unia os sete ajudou a permanecer alerta o tempo todo como se fossem uma coisa só, pois Pablo se mantinha em um estado de atenção quase surreal. Márcio sabia que, se não fosse por isso, não estaria tão nervoso, não porque fosse mais corajoso do que seu irmão, mas simplesmente porque estava tão absurdamente cansado que mal conseguia ficar de os olhos abertos. Foi um alívio infinito, portanto, ouvir o barulho da praia depois de vinte dias sobrevivendo no meio da mata. Esperavam enxergar a cidadela e o porto assim que as árvores desaparecessem, mas quando isso aconteceu, viram que para leste ou oeste a praia se estendia por quilômetros, sem sinais de civilização até onde a vista alcançava. O feixe de luz da Cuzpola, porém, terminava um pouco mais adiante e no meio a areia, longe de qualquer coisa que parecesse com obra de um ser humano.

— Esta coisa deve estar quebrada — Shenu sugeriu, cheio de ansiedade.
— Ou isso é uma brincadeira. Porque ela nos trouxe aqui?

— Não, não, não, deve haver alguma coisa! — Yoná disse, e ela e Jadhe mancaram pela praia com as mãos estendidas, procurando, desesperadamente, por algo que não pudessem ver, uma construção invisível ou disfarçada, como o Palácio de Landell.

— Nós fomos bem específicos — Diana murmurou. — Fomos bem específicos, não fomos? Por que ela nos trouxe aqui? Nós fomos bem específicos, tenho certeza de que fomos bem específicos!

Pablo passou o braço pelos ombros da esposa e a abraçou forte. Márcio sentiu o desespero dele: aquelas frases repetidas de Diana eram só mais um dos sinais de que ela dera o caminho todo de que não estava nada bem, nem fisicamente, pois vomitara e perdera peso tão rápido quanto Jadhe, nem mentalmente. Não muito diferente do que qualquer um dos outros, pensando bem.

— Fomos bem específicos — Pablo afirmou. — Fomos específicos e a Cuzpola nos trouxe aqui por uma razão. Na praia de Algavar tivemos dúvidas de que Melvim atenderia o chamado de Márcio e quase deixamos o lugar. Tivemos que esperar um pouco. Vamos fazer o mesmo agora: nos sentar, aproveitar a carne que ainda temos, descansar, e esperar.

Desolados, os outros concordaram, mesmo não conseguindo encontrar dentro deles a mesma fé que Pablo conservava.

Os jovens apanharam o máximo possível de lenha que conseguiram e Márcio acendeu uma fogueira bastante grande, ao redor da qual o grupo se posicionou. Depois que pararam de andar sentiram o frio do Polo Sul atingi-los com violência. Aquela era a estação mais quente do ano naquele continente, mas as sentinelas nem poderiam imaginar como a floresta se mantinha tão exuberante sendo açoitada por ventos gélidos como aquele. As árvores da faixa litorânea de Terem perdiam as folhas no inverno, mas os emaranhados de galhos ainda eram densos o suficiente para manter uma barreira natural contra o frio para as áreas mais internas da mata, portanto a maior parte das criaturas vivas não tinha necessidade de hibernar, o que só faziam de três em três anos, quando os ventos se tornavam tão poderosos que nem as árvores conseguiam segurá-los. Naquele momento, o frio que mal incomodava os animais preocupava os sete, desacostumados que eram de temperaturas tão baixas, ainda mais mal vestidos como estavam. Márcio sabia que teria que preparar várias fogueiras como aquela enquanto não encontrassem abrigo, mas adormeceu quase no mesmo instante em que se deitou.

O sono foi pesado, e nem Pablo conseguiu se manter vigilante. Quando despertou, tudo no corpo de Márcio doía, mas uma ligeira claridade, tão fugaz

quanto a esperança que tinha de encontrar uma cidade, dissolvia a noite nos horizontes longínquos, espantando as estrelas e a sensação que Márcio tinha de que estavam abandonados no fim do mundo. Ele olhava para o mar, mas não conseguia ver beleza nas ondas que quebravam na areia grossa: tudo o que sentia era um vazio amargo, pois faltava uma ilha naquela praia: a ilha formada por um casco gigante de tartaruga, e que, talvez, ele jamais voltasse a ver.

— Havia mais luz aqui quando eu parti — ele ouviu a voz de Shenu, e viu que o amigo se sentar e olhar para o horizonte também. Os outros estavam acordados, alguns deitados de olhos abertos, outros se levantando devagar. Shenu prosseguiu: — Em Tera, onde eu nasci, havia dias de claridade e noites que iam embora. Eu demorei um bocado pra me acostumar com a escuridão total. Meu mac das sombras mudava as coisas por aqui. Eu costumava... Escurecer o quarto dos meus irmãos e irmãs durante o dia pra contarmos histórias de terror. Quando vivi com Astur em Darfindor não fazia sentido criar uma noite de mentira para os filhos dele, não com a noite interminável do Continente. Sinto falta da claridade.

— Achei que você detestasse essa luz — Yoná falou. — Foi o que disse quando estivemos em Chivin, que a luz nos deixava expostos.

— E eu achei que você estivesse dormindo — retrucou Shenu.

— Sabem do que sinto falta? Agora, neste momento? — Márcio perguntou, querendo quebrar o clima pesado. — Sapatos. Poxa, meus pés foram feitos pra um belo par de alpargatas!

Dominique sorriu e entrou na brincadeira:

— E eu sinto falta do meu baralho. Já é o segundo que perco desde que virei sentinela! Esse emprego está me custando caro...

— E eu — Diana falou, e Pablo olhou apreensivo para ela esperando que a garota falasse em Ondily outra vez, mas ela apanhou a mão do marido e disse: — sinto falta de privacidade. Gente, somos recém-casados, essa expedição não é bem uma lua-de-mel!

Pablo riu e falou da falta que sentia de banheiros, e os amigos riram juntos, coisa que não faziam há dias e dias, e continuaram a brincadeira por mais algum tempo. Percebendo que Jadhe ainda não tinha dito nada e que fitava o mar sem dar atenção aos companheiros, Márcio perguntou:

— E você, Jadhe, sente falta do que?

Jadhe não respondeu imediatamente, mas levantou-se e se dirigiu para a praia, um vinco no meio da testa, seus olhos perscrutando a água como se procurasse alguma coisa. — Sinto falta... *do mar* — ela disse, e os outros se entreolharam: seria um sinal de que a garota estava perdendo o juízo? Sentir falta do mar com tanto mar em volta?

Mas uma profusão de imagens de água inundou a mente de Márcio, que viu seus amigos levarem as mãos às têmporas também. Voltaram-se para Jadhe: a garota estava concentrada na água, cada vez usando um pouco mais do próprio mac, sem recorrer ao poder do Tesouro de Caularom.

— Tem alguma coisa estranha no mar, bem aqui na nossa frente — ela disse alarmada. — Não consigo enxergar o que está acontecendo, e não há nenhuma criatura viva neste pedaço de praia.

Uma lufada de vento soprou das águas, e o cheio de sal preencheu as narinas das sentinelas com mais intensidade do que nunca. Um arrepio subiu pelos braços dos jovens e a tensão enrijeceu seus músculos, como se até respirar fosse um ato perigoso.

— Apaguem a fogueira e se escondam nas árvores — Pablo mandou imediatamente.

Jogaram areia na madeira e correram para a sombra da mata; mal tinham se abrigado e um zunido estranho se elevou das águas; intensificou-se em segundos, e se transformou num barulho monstruoso; à frente deles um redemoinho se formou, lançando água para os lados e para cima.

Dolmeq, Jadhe pensou, lembrando-se da ocasião em que se deparara com o monstro, transferindo estas imagens para os amigos e fazendo Márcio estremecer.

O monstro não conseguiria chegar tão perto da praia sem que o vissemos, Dominique respondeu, lançando sua contribuição à imagem coletiva que formavam de *Dolmeq*. O gênio não esqueceria fácil dos tentáculos de cem metros daquela criatura.

Uma ventania repentina varreu a praia, jogando areia e sal nos rostos dos viajantes. Do círculo borbulhante que se formara no mar saiu um gigante aro metálico, e logo em seguida mais outro dentro deste, e os dois ficaram bamboleando rapidamente em direções contrárias na superfície do mar, provocando ondas e ventos fortes que diminuía de ritmo até pararem de uma vez e desaparecerem sob a água. E, no centro dos aros, a claridade longínqua delineou a silhueta que se erguia de dentro do mar.

Um Sambuk.

— Isso é alguma piada? Tem algum espírito engraçadinho conduzindo essa coisa? — Shenu questionou, apontando a Cuzpola pendurada junto ao corpo de Pablo.

— Não, não pode ser, só pode ser coincidência — Nique falou, chegando mais para o fundo das árvores.

— Não, não é! — Pablo exclamou nervoso. — O que foi que pedimos mesmo? *Um lugar com pessoas, onde pudéssemos nos reestabelecer, conseguir suprimentos...*

— *E encontrar uma carona para chegar ao Nepcoutem!* — Yoná completou. — A Cuzpola nos deu exatamente o que pedimos!

— Não, não, não, não é o que pedimos! — Diana protestou histérica. — *Não podemos entrar nessa coisa!*

Mas Márcio achava que o aparecimento daquele navio não poderia ter sido mais providencial. — Por que não? — ele perguntou. — Se ele vai exatamente pra onde estamos indo?

— Fala sério, eu nem sei mais pra onde estamos indo! — Diana retrucou.

— Pessoal, não podemos simplesmente pedir carona pra esses homens! — Jadhe falou, a sobrancelha erguida, uma sensação de pânico que não cabia nela mesma espalhando-se para os amigos.

— É claro que não... — Pablo concordou. — Quantas pessoas será que existem num navio desses?

— Umas trinta ou quarenta... — Shenu sugeriu, mas Yoná o corrigiu:

— Entre oito e doze, pra falar a verdade.

— Como sabe disso?

A garota fez um gesto com as mãos e respondeu a Márcio como se fosse a coisa mais óbvia do mundo:

— Estudos intensivos de *Ameaças do Mundo Antigo nos Tempos Atuais*.

— E por que você fez um curso desses, queria escrever um livro? — Márcio questionou, mas a garota o ignorou.

— Até doze... Podemos conseguir expulsá-los e tomar o navio — Pablo cogitou, e Dominique o interrompeu:

— E aí o que? Navegamos até o Nepcoutem?

— Não sei... Jadhe, acha que consegue controlar um Sambuk?

A garota deu um sorriso histérico.

— Isso aí? Você está brincando, né? É claro que não!

— Nem se descobríssemos como pilotar o navio — falou Yoná — não seria fácil levá-lo até lá. O Sambuk navega com magia. Acho que nunca ninguém viu o que vimos aqui: o surgimento de um deles. Aparecem em praias escondidas e navegam pra onde querem, desaparecendo depois quando chegam a outros locais desertos.

— Aqueles bambolês apavorantes — Diana falou — devem ficar embaixo deles, abrir um portal ou coisa do tipo, daí eles afundam e vão parar léguas super longe de onde saíram. Nunca conseguiríamos adivinhar como usar a mágica maquiavélica desses barquinhos esquisitos...

— Certo, então vamos fazer o que? Não podemos tomar o navio, nem deixá-los nos capturar. Nos matariam pra tomar as joias... — Dominique falou.

— Precisamos entrar sem sermos vistos — Márcio sugeriu, mais uma vez dando voz a uma ideia que se formara na mente de outras pessoas, mas não de todos. A maioria dos amigos estava horrorizada demais para cogitar tal possibilidade. — Pensar em algo para distrai-los e nos esconder nos compartimentos internos...

— E esperar que nos levem pra onde temos que ir — Shenu disse, mas sua voz não estava muito convicta.

Continuaram abaixados, tentando encontrar uma maneira de tirar todos os piratas do navio de uma só vez para que pudessem entrar, enquanto os mercenários puxavam para o convés redes lotadas de peixes do tamanho de golfinhos. Todas as ideias envolviam algum tipo de magia ou uso de *mac*, mas todas atraíam a desconfiança dos homens, ou tirariam apenas alguns de dentro do Sambuk. A melhor ideia até agora tinha sido a de Yoná: fazer todos adormecerem com um encantamento e entrarem de fininho, mas havia uma infinidade de variáveis que tornava a coisa quase impraticável, especialmente porque não sabiam se havia outras pessoas nos compartimentos internos da carcaça. Além disso, mesmo tendo usado magia quase o tempo todo para curar machucados novos e antigos, as sentinelas não estavam em sua melhor forma, e, para ser eficiente, o feitiço consumiria muito *mac* e só seria confiável se usassem o poder das joias, coisa que nenhum deles se sentia confiante a fazer.

Já haviam passado duas horas e as sentinelas não tinham tomado uma decisão ainda. Shenu levantou a hipótese de esperar a escuridão retornar e, com a cobertura dela, esconder os sete com um manto de sombra mais denso que os faria praticamente invisíveis, mas começaram a ouvir gritos e a movimentação característica da preparação para zarpar.

— Alguma coisa concreta... Algo precisa acontecer pra tirar todo mundo do navio... — murmurou Márcio, pensando que a opção mais segura que lhes restara era se deixarem ver e ser apanhados.

Levantaram-se hesitantes, prontos para dar um passo à frente e permitirem que os mercenários os levassem como prisioneiros, mas, antes que deixassem a segurança das árvores, ouviram Dominique soltar uma pequena exclamação malcriada. No mesmo instante o gênio puxou os amigos de volta para as árvores, e o viram olhar nervoso de um lado para o outro.

— O que aconteceu? — Pablo perguntou.

— Olhem! — Jadhe exclamou, apontando um ponto escuro no leste, uma silhueta que se movia e crescia na direção deles.

— Parece um pássaro...

— Vários pássaros — observou Diana. Logo além daquela primeira silhueta outras cinco se delineavam batendo asas, voando em velocidade para o navio.

Eram pássaros que se pareciam com mergulhões, mas não com mergulhões comuns: eram enormes, apenas no bico de um deles caberia um homem facilmente, e a camada de penas era quase uma couraça de tão abundante. Os mercenários ficaram agitados, os jovens os viram brandindo arpões como se fossem espadas para afastar os bichos, mas as aves mal se abalaram, e enquanto um deles atacou os marinheiros, os outros avançaram vorazes sobre os enormes atuns estocados no convés; comeram alguns ali mesmo e alçaram voo levando os que restaram. Por último, em meio aos berros dos marujos, a ave que restou apanhou o único peixe restante e o engoliu, então puxou o capitão pelo colarinho e levantou voo, fugindo com ele.

Os mercenários não pensaram duas vezes: apanharam as armas que puderam, inclusive aquelas pavorosas pistolas de pólvora que atiravam balas de chumbo (abolidas em todo o mundo por serem consideradas armas covardes), e partiram atrás do seu capitão, deixando o navio praticamente sozinho.

Era a chance que as sentinelas esperavam. Entreolharam-se, engoliram e seco e correram para o mar, torcendo para que o único vigia no convés olhasse para trás enquanto os mercenários perseguiam as aves traquinas. Dominique voou até o casco da embarcação, pousou em uma portinhola, prendeu uma frágil corda de sisal ao casco e a jogou aos amigos, que vinham nadando lentos demais, e depois voou para ajudar os outros, principalmente Diana, Pablo e Márcio, que só tinham aprendido a nadar há pouco tempo. Mesmo sendo a melhor nadadora e não falando com o gênio, Jadhe não recusou sua ajuda. Um a um subiram pela corda com a ajuda de Nique e se içaram para dentro. Quando Pablo, o último a subir, foi puxado pelos amigos, ouviram a balbúrdia dos marujos voltando ao Sambuk, amaldiçoando a perda dos peixes que lhes renderiam uma verba extra no norte de Gehenmy, e retomando os preparativos para partir.

Molhados, os jovens tremiam demais e mal conseguiam manter a cabeça funcionando. Afinal, correr, nadar e escalar para dentro de um navio numa situação tão deplorável e num lugar gelado como aquele não tinha sido a ideia mais brilhante que tiveram. Enquanto os outros batiam os dentes, Dominique, o único que não tinha se molhado, começou a vasculhar o compartimento em busca de algo para aquecer os amigos.

Havia um pouco de luz à frente, vinda de uma lamparina solitária sobre uma mesa de tampo estreito. Ao lado dela, os dez degraus de uma escada que vinha

do convés terminavam, ligeiramente iluminados pelos três luares, a fina ramadissu apenas beijando suavemente a madeira com seu tom vermelho, e as outras duas em fase crescente emprestando um matiz esverdeado ao lugar. O ambiente todo rescendia um odor estranho e nauseabundo, como carcaças apodrecidas misturadas com rum. O gênio quase colocou as tripas para fora ao imaginar de onde viria o cheiro, mas o navio em si poderia ser a fonte: juntamente com a madeira e os pregos, o Sambuk era feito com ossos gigantescos entremeados às tábuas, e, nos vãos que se formavam, uma substância marrom e viscosa preenchia as lacunas. Apesar de ter a aparência de algas e limo, em um momento Nique teve a impressão de ver a gosma estremecer, assombrada. *“É só um navio”*, disse a si mesmo. *“Só um navio estúpido e inanimado!”*. Havia um buraco retangular e emoldurado no chão, mas não era possível ver o que havia além dele. O compartimento estava repleto de barris empilhados, e Nique conduziu os amigos a um canto atrás de um conjunto deles, onde não poderiam ser vistos caso alguém descesse as escadas.

O Sambuk sacolejou e rangeu; suas tábuas e ossos estremeceram quando duas âncoras foram levantadas e as velas hasteadas. Uma fumaça espessa preencheu toda a sala, e um barulho avassalador de metal contra metal invadiu o lugar, e quando a névoa se dissipou as sentinelas se viram diante de imensas dobras metálicas que se quebravam e se estendiam, subindo e descendo através da abertura no piso. Nique encontrou sacos de lona imundos, o melhor que pode fazer para ajudar a aquecer o grupo. Assustados e cansados, os sete aninharam-se uns nos outros sob os sacos, Dominique com o cuidado de colocar-se bem entre Jadhe e Márcio, e tentaram desfazer a hipotermia que dominava seus sentidos e expulsar a sensação claustrofóbica de terem entrado numa grande ratoeira.

Deitada sob o lençol de seda, a mulher enrolava as pontas dos cabelos nos dedos e observava, com o canto dos olhos, o homem esconder as madeixas vermelhos sob a máscara de metal. Macrux não tinha pressa. Havia cinquenta armaduras completas em seu castelo, e ele colocava a vestimenta completa mais por causa do conforto do que para proteção pessoal. Apesar de se preparar para uma batalha, o homem tinha a serenidade de um monge. Não seria a primeira vez que se paramentava para uma luta da qual não iria participar, por isso a mulher questionou:

— Está se vestindo assim por que vai para a guerra ou só pra saber se ainda cabe nas armaduras velhas? Seria bom dar uma olhada nelas antes de se enfiar aí dentro. Estão aí há tanto tempo, devem estar cheias de pulgas...

Macrux sentou-se, retirou a máscara e ficou olhando detidamente para as ranhuras no metal. Ultimamente ele passava muito tempo assim, olhando para as

coisas, pensando, gastando neurônios com a mente longe.

— Há quanto tempo estamos juntos, Adnail? — ele perguntou.

A mulher levou um longo minuto para responder. A verdade é que, com certeza, ela não sabia quanto tempo fazia que tinha conhecido aquele bruxo; o tempo, ultimamente, tinha se tornado algo tão vago...

— Acho que... Uns trezentos e cinquenta anos, imagino...

— Faz mais que isso — o homem disse. — Você já estava comigo quando Zebarãn cometeu aquele deslize.

— É. É verdade, tínhamos acabado de nos conhecer — ela se lembrou. — E seu amigo fez aquela bobagem enorme. Eu me lembro.

— Pois vou te explicar uma coisa outra vez, Adna, algo que já tentei explicar a Zebarãn, mas que ele não entendeu direito. Talvez você compreenda melhor agora que tanto tempo já se passou.

“Eu sempre persegui a imortalidade, mulher, e minha primeira tentativa foi com a Pérola Negra. Mas, apesar daquela joia manter o portador jovem e belo para sempre, se o portador a perder ele fica sem as dádivas que ela lhe concedeu de uma vez. Viu o aconteceu com Yara? Foi... desagradável — Macrux falou, seu lábio se crispando numa careta enojada. — Por isso procurei uma alternativa, e o que encontrei é o que tenho hoje.”

“Mas esta fórmula tem um preço, e este preço só vem com o tempo. Você deve ter percebido o que é depois de tantos séculos. À medida que o tempo passa, a mente vai se tornando mais e mais fragmentada, e isso faz o corpo se mover mais lentamente. Não morremos, mas, se deixarmos a mente à deriva dessa forma, nosso corpo se torna mais lento e mais rígido, os sentidos vão diminuindo, e nos tornamos mais e mais parecidos com as árvores.”

“O único jeito de fazer com que isso pare é vivenciar frequentemente sentimentos e sensações diferentes, que só um ser humano é capaz de ter. É fazer a mente se lembrar o tempo todo do que somos”.

— Então é isso o que aconteceu com Zebarãn? Por isso ele parece uma carcaça de homem, e não o jovem bonito de antigamente?

— Jovem bonito? — Macrux sorriu, lembrando-se de como Adnail, há muito tempo, perguntara a Macrux por que ele havia imortalizado um homem de aparência tão desconjuntada como Zebarãn. — Não tenho certeza, Zebarãn nunca ficou inativo, mas só usa o tempo dele com as mesmas atividades compulsivas. Sempre construindo cidades onde ninguém vai morar, sempre buscando novas formas de usar o veneno. Acho que a obsessão dele por essas coisas é tão ruim quanto a contemplação, que é o que acontece com meu amigo Decaiko.

— Mas o dragão estava só hibernando...

— Uma hibernação de trezentos anos? Não, ele tinha sucumbido. Se eu não o trouxesse de volta, a mente dele continuaria vagando sozinha e sem rumo enquanto o corpo se mantém preso aqui. De certa forma, isso é uma espécie de morte.

— Hm... Então, por isso esse rebuliço todo? — Adna balançou o indicador no ar e girou o corpo na cama de um jeito bem provocativo. — Quero dizer, nada mais funciona pra te dar estímulos, então você precisa sacudir o mundo todo pra colocar a cabeça no lugar?

Macrux sorriu. Adnail, carinhosamente “Adna”, selecionava as palavras para falar com ele, e ainda assim era descuidada. Se fosse qualquer outra pessoa, ele cortaria a cabeça fora num instante só por entretenimento, mas não era só porque Adna era imortal como ele, mas por que ela tinha um jeito agradável de irritá-lo.

— É verdade que, depois de viver cem vidas em tantos outros mundos, não há muita coisa que me surpreenda. Eu já fui guerreiro, já fui rei, já fui mendigo. Já tive mulher, já tive filhos...

— Já matou todos eles... — ela acrescentou de forma casual. — Já formou famílias só para ser o centro de todas as intrigas...

— Já curei doenças e já fui a causa delas, já estudei de tudo e já destruí muitos estudos... Já fiz muita coisa, mas ainda há muito espaço para viver, sempre há. Esse “rebuliço todo”, como você diz, não estou provocando unicamente pra me fazer despertar; na verdade, faço isso pra chamar a atenção.

Adnail ergueu a sobrelanceira em descrença e Macrux esperou as próximas palavras dela. Ele sabia o que a mulher estava pensando: trancar o Portal de transição entre mundos; provocar uma guerra entre Zefim e Yatzarem; açular os dragões vermelhos contra as linhas de sustentação de bondes; instigar a gárgula louca de Agerta a matar o governante da ilha e assumir o controle dela; despertar os horrorosos malditos, entre outras coisas menores, era um bocado de coisas só pra chamar a atenção. Ela estava morrendo de curiosidade. Macrux jamais tinha dividido nenhuma parte de seu plano ou seu objetivo com ela até aquele momento.

— Você é um tantinho espalhafatoso, não é não?

O bruxo gargalhou gostoso. Adna era a única pessoa em Bhardo ou em qualquer mundo em que ele esteve que o fazia sorrir genuinamente.

— Um pouco, querida, mas pra tudo há um bom motivo. Este é o único modo de chamar a atenção de um certo alguém.

— De verdade? Tudo isso pra chamar a atenção de *uma* única pessoa? Quem?

— Alguém que só aceitará um desafio meu se eu fizer algo tão grandioso que ele não poderá me ignorar. E, se eu o derrotar, não vou precisar mais me

preocupar com os efeitos colaterais da imortalidade. Será uma eternidade real, sem poréns. E você será minha companheira para sempre, sem ter que se preocupar com nada.

Adna levantou-se, passou as mãos em volta do pescoço de Macrux e beijou o ombro dele. Ela usava uma camisola dourada, fina e transparente, e o homem quase se arrependeu por já estar vestido com quarenta quilos de couro e placas de metal.

— E quem é esse homem, Macrux? Lhênus?

— Lhênus? Não, já tenho mais atenção do Lhênus do que eu gostaria. Não, aquele que espero é alguém que só vai me enxergar quando eu tirar um terço das pessoas da face deste nosso Mundo de Bhardo. Talvez metade, vamos ver. Se preciso for, mato todos pra que ele atenda meu desafio.

A mulher arregalou os olhos e Macrux sentiu a perplexidade dela passando por sua própria mente. Adna sabia que seu companheiro era um homem violento, mas não imaginava que ele tivesse intenção de matar tanta gente, ou que pudesse cogitar destruir todos os homens, era insanidade!

— Por que não fazer isso em outro mundo? — Ela perguntou. — Por que não a Terra? Aquele lugar está superpovoado mesmo, seria um favor.

— Por que aqui é minha casa, meu mundo — respondeu, satisfeito com o olhar enviesado que a mulher lançou a ele. Amarrou os cabelos para trás e colocou a segunda máscara de metal da armadura, enquanto Adnail prendeu a capa vermelha nos encaixes das ombreiras escuras.

— Então... Você vai mesmo pra guerra hoje? Pra chamar atenção do cara que você procura?

O feiticeiro se ergueu com o queixo empinado. Inflou o peito corpulento, escolheu um martelo e um escudo dentre as armas encaixadas nos suportes das paredes, e selecionou uma espada longa, que girou algumas vezes na mão. Prendeu sua bainha ornamentada às costas e testou a lâmina em Adna, passando-a quase delicadamente pela superfície do rosto moreno da mulher. Ela nem se moveu, seus olhos verdes se mantiveram presos aos do homem, e quando ele puxou a lâmina de volta testou o filete de sangue no gume da arma com os lábios, sabendo que o corte se fecharia sem deixar vestígios. Os olhos dele refulgiam como os de um lobo à espreita sob a máscara.

— É, eu vou à guerra, mas hoje não é pra chamar a atenção de ninguém. Hoje é só para fazer minha cabeça voltar ao lugar — sorriu. Colocou um objeto redondo nas mãos de Adnail, e disse: — Fique com isso para se distrair. É melhor que aquelas novelas da Terra que você gostava de assistir. Vai poder enxergar tudo o que quiser, você vai ver. Se as coisas ficarem muito entediantes, arrume um amante ou envenene alguém. Distraia-se.

Despediu-se com um beijo caloroso e lascivo, que quase fez Adnail derrubar o presente. Saltou pela janela em seguida, caindo, dez metros abaixo, sob as costas de um corcel de fumaça.

A guerra havia paralisado. A uldomaratha invadira e destruíra tantas aldeias e cidades que os comandantes não puderam manter a determinação dos exércitos, e os reis selaram a trégua. Acampamentos estavam montados onde antes havia um grande campo de batalha, e os desabrigados de ambos os lados eram amparados por soldados e pelos nômades do deserto, aqueles estranhos de coração bondoso que disseram estar atendendo a um chamado de sua Senhora. A ira havia se transformado em solidariedade, e a devastação transformou yatzarem'z e zéfiros num único povo.

E, quando ele chegou, os homens o viram e se apavoraram: o guerreiro negro de cabelos de fogo que cavalgava um cavalo de vento. À sua passagem os homens se desesperaram, pois a morte em pessoa os tinha vindo buscar. Gargantas foram cortadas, vidas foram ceifadas sem nenhuma piedade, e o chão foi tingido de vermelho. Macrux espalhou a crueldade num campo de sofrimento, e o sangue que derramou o cobriu por inteiro. E os que o viram ficaram loucos, pois o riso que surgiu naqueles lábios não poderia ser de um humano.

Disfarce de pirata

O tempo passou devagar dentro do Sambuk. Se algo havia de bom naquele maquinário barulhento que espirrava água e sal é que era quente, e Márcio achava que fora isso o que os salvara da morte certa pelo frio. Dentre todos, Jadhe era a mais assustada. Não apenas não queria estar naquele lugar, como estava apavorada por ter sucumbido a uma hipotermia daquela forma. A princesa do gelo, que nunca precisara se preocupar com o frio, agora o sentia nos ossos, talvez mais ainda que os outros, e isso a fazia lembrar de que estava banida da sua cidade natal para sempre. Márcio achava que a garota já tinha superado isso há tempos, mas, pelo modo como ela mencionara o frio e a expulsão de lá, teve certeza de que aquela ferida jamais cicatrizaria por completo.

Estavam confinados num espaço ínfimo atrás de uma pilha de barris, mas logo perceberam que não precisariam se preocupar demais em não serem vistos. Depois de meio dia, nenhum mercenário tinha aparecido no compartimento nem para checar um parafuso. Dentro dos barris só havia feno, montes de feno, e Diana levantou a hipótese de que o material serviria para alimentar animais do Nepcoutem, afinal, como Ártemis dissera, eles não eram prisioneiros do encanto de imortalidade, e provavelmente precisavam comer e beber normalmente. Como a vegetação do lugar era precária dadas as condições extremas de clima, eles talvez precisassem de alimentação extra.

Estar dentro do navio amaldiçoado, tão presente nas histórias assombradas que corriam o mundo, era aterrador. A embarcação em nada se parecia com um navio comum. Sacolejava e estremecia, ficava completamente imóvel em um momento e, no instante seguinte, mergulhava numa descida que lembrava Melvim afundando, para em seguida retornar à superfície de repente. Por vezes ela parecia pairar sobre a água, para de repente tombar de uma vez nas ondas, bordejando de lado a lado. Se os marujos estavam usando a tecnologia mágica das hastes circulares as sentinelas não sabiam, pois assim que alcançaram alto mar uma cobertura de couro cobriu as portinholas, deixando-os completamente isolados do resto do mundo.

O que os sete mais desejavam era permanecer naquele cantinho escondido até a parada final do navio, e então desembarcar sorrateiramente. Porém, após algumas horas, necessidades urgentes falaram mais alto. Eles não tinham ideia de quanto tempo levaria até o Sambuk voltar ao Nepcoutem: poderia ser o início da viagem da nave, e então eles ficariam presos por semanas. Precisavam de água e comida e, embora o maquinário assombroso produzisse um calor abafado e úmido, ainda usavam apenas restos de roupa apodrecida sobre o corpo. Márcio

lembrou que não seria nada mal se conseguissem sapatos. Assim, quando estavam descansados e o calor das máquinas os tinha aquecido o suficiente para conseguirem pensar com clareza outra vez, começaram a bolar um plano para vasculhar a embarcação.

Decidiram tentar usar o mesmo truque de que tinham lançado mão quando roubaram a joia da rainha de Zefim: disfarçar com magia e camuflagem um dos companheiros para que se parecesse com um mercenário. Tinham passado horas espiando aqueles homens e aprenderam, basicamente, suas feições: não havia mulheres, eram de várias etnias, cabelos tão sujos que mal se podia definir a cor original, montes de adereços pendurados pelo corpo, como colares feitos de alho, brincos de pimenta e pedras, dentes e garras de animais como botões. Um deles tinha um rato empalhado preso à gola da roupa como se fosse um colar.

Não tinham material para providenciar uma camuflagem, então só poderiam contar com magia, e, se não usassem os Objetos Supremos para isso, seria difícil garantir a qualidade do que quer que fosse. O cansaço físico e mental diminuía drasticamente o poder de seus mac'z, e qualquer magia dependia essencialmente desse talento; então, sem alternativas, Pablo concordou que usassem uma das joias para realizar o encantamento e se voluntariou para usar o disfarce, mas Shenu interferiu.

— Da última vez eu te coloquei no Hiperbólico. Desta vez vou eu, amigo — ele disse, mais uma vez deixando todos surpresos.

Quando terminaram o encantamento, Shenu tinha a aparência mais repulsiva do que quando só lhe restava uma calça e a pele cheia de vergões e cicatrizes recentes. O mais difícil fora esconder o Lampejo dos Desesperados, pois a joia não parava de brilhar tremulante, e foi o próprio Shenu que conseguiu cobrir os vestígios dele com uma camada espessa de sombras nas quais ele teria que se concentrar o tempo todo até arrumar um casaco de verdade. Dominique fez as roupas e alterou as feições do amigo com mágica, enquanto os outros trabalharam nos detalhes: amarelando os dentes, pendurando colares de rolhas e calçando os pés dele com botas cheias de pregos. O resultado final era perfeito em termos de magia, e horroroso, se pensassem em como era o companheiro de verdade. No entanto, os trajes eram apenas ilusões, e se alguém o tocasse sentiria pele, não pano, e nem todo o disfarce do mundo poderia ajudá-lo se os homens se conhecessem muito bem e percebessem que Shenu não fazia parte da tripulação.

— Vai dar certo — ele tranquilizou os amigos, mas mais sério do que nunca. — Tem que dar.

Apressou-se, os feitiços não durariam o dia todo, mas antes que saísse do compartimento um som perturbador cresceu das entranhas do navio e se espalhou pelas paredes. De repente, a nave estremeceu e iniciou uma subida; a sensação no

estômago era a mesma de quando elevavam com os bondes nas linhas de sustentação, mas dentro daquela coisa e com o medo de serem apanhados a qualquer momento, um movimento novo dava a impressão de ter sido preparado para estraçalhar as sentinelas. Então tudo parou, e a cobertura sobre as janelas subiu e descortinou o céu lá fora: estavam no meio do oceano, numa noite de dois luas redondos, o branco e o verde, e um vento cálido soprava agradável vindo do litoral de uma ilhota ao longe.

Uma conferência rápida na Cuzpola revelou que estavam em algum lugar no litoral de Zebelim, muito longe de Terem e mais ainda do Nepcoutem. Shenu apressou-se, os homens deviam estar se preparando para desembarcar ou então para descansar e descer no dia seguinte, e qualquer das opções seria uma oportunidade de chamar menos atenção. Subiu os degraus e desapareceu no convés.

Foram horas angustiantes as três de espera pelo retorno do companheiro. Sabiam que, se não tinham ouvido nenhuma balbúrdia, provavelmente Shenu não havia sido pego, mas não tinham como imaginar o que estaria acontecendo lá em cima. Dominique cogitou sair pela janela e voar até a proa, mas Pablo disse que seria arriscado demais ser apanhado, e que criar um encantamento que o camuflasse estava fora de cogitação: transformar Shenu já havia sido uma tarefa excepcional, dado o esgotamento em que estavam. Antes que terminassem de elaborar um plano de resgate que não envolvia magia, porém, ouviram passos descendo as escadas, e viram o amigo adentrar o compartimento acompanhado de outro mercenário, um velho que tinha penas de galinha e agulhas de tricô espetadas num chapéu marrom. Os dois vinham rindo abraçados, ambos com garrafas de gim nas mãos.

O pirata companheiro de Shenu despediu-se com um último gole e quebrou a garrafa no chão. Depois despencou sobre os joelhos, desmaiado, caindo sobre Shenu, que o aparou e o empurrou de volta para o convés. A sentinela desceu logo em seguida, e puxou uma folha da porta do alçapão, deixando a outra aberta e, voltando-se para os amigos, deparou com o olhar zangado de Pablo.

— O que está fazendo? Bebendo? Com os mercenários? Perdeu o juízo? — ele exclamou, mas Shenu sorriu, observando a magia de camuflagem se desprender dele aos pouquinhos, como fumaça.

— Eu não sou tão burro, sabia? — Shenu respondeu, e começou a despir várias camadas de casacos e calças fedidas.

O navio deu um solavanco e a máquina sibilou e soltou fumaça, movendo-se para cima e para baixo outra vez e preenchendo o compartimento com

um som atordoante.

— Sabem todas as histórias que vocês ouviram, leram e viram sobre os Sambuk'z? — Shenu perguntou com a voz alta, passando a última peça de roupa sobressalente para Yoná. — Esqueçam. Isso aqui é muito pior.

— O que tem lá em cima? — Márcio perguntou, e um novo solavanco sacudiu a embarcação para frente e para trás, fazendo os sete despencarem uns sobre os outros.

Shenu conduziu os amigos para trás dos barris e, conforme o feitiço perdia a força, os jovens viam a quantidade de coisas que ele conseguira pendurar em si mesmo e ocultar sob o casaco ilusório. Além dos sapatos que conseguira calçar, apanhara uma quantidade de calçados de lona que pareciam sacos de café, vários cantis e uma sacola cheia de nacos de carne seca e maçãs. O navio voltou a ficar escuro, as janelas foram encobertas, e a embarcação começou a se deslocar, estremecendo sob o rugido das máquinas.

— As velas do navio? Não são velas. Fazem parte da carapaça desta coisa... São asas de dragão, e ficam presas em ripas de ossos e... Eu juro, pode ter sido uma alucinação, mas elas pareciam *se mexer*... Como...

— Como se o navio tivesse vida própria — Dominique murmurou.

— Mas não tem — Yoná disse, numa voz firme. — Estamos muito influenciados e este navio é horrível, mas não está vivo! Parem de besteiras, só vão ficar mais assustados imaginando coisas...

Márcio sentiu um arrepio ao entender que a própria Yoná estava apavorada, mas bastou se lembrar do Cetro da Luz para perceber que ela tinha razão.

— A joia me permite ver o que existe escondido dos olhos — ele disse, segurando o Cetro e fazendo sua visão exergar através da magia dele. — Se estivéssemos num tipo macabro de navio *vivo*, eu poderia ver. Mas só o que eu enxergo é o mesmo buraco sujo que vocês veem.

Concordando e um pouquinho aliviado, Shenu continuou:

— Os homens são um bando violento e sem escrúpulos. Eles desceram aqui pra abandonar dois traidores na ilhota. Não tem água doce e deram uma pistola a eles, com uma bala só. Mas, quando voltaram, trouxeram a bala de volta e os deixaram com uma faca de pão cada um, pra brigarem entre si quando enlouquecerem de fome. Vão voltar mês que vem pra ver o resultado dessa atrocidade...

— Disse que são traidores? De que tipo? Poderiam nos ajudar? — Jadhe perguntou esperançosa, mas Shenu balançou a cabeça.

— Estavam organizando um motim. Prometeram pagamento a outro mercenário se este matasse o capitão, mas o cara não se interessou e entregou os

dois. Os dois não tinham nenhuma causa nobre, queriam o controle do navio para saquear por conta própria, sem usar o nome de Zebarân. Parece que não sabiam que o Sambuk só funciona porque é ligado à magia do Nepcoutem. Vi um homem ser morto na minha frente por que sugeri que o capitão fosse caridoso e desse uma bala para cada um. Tem mais: esta embarcação nada tem de parecido com o *Serpente do Mar* ou com qualquer coisa que eu já tenha visto. Os compartimentos internos não seguem a estrutura de um navio comum. Vi a planta na sala do capitão: a coisa mais parece uma colmeia, cheia de buracos, alguns não se conectam com porta nenhuma, e eu não imagino como fazem para entrar ou sair deles! Tem prisioneiros em celas vedadas penduradas nos mastros, e animais amarrados por toda parte. Lá em cima, a cabine de comando fica num buraco no chão cheio de alavancas e engrenagens, e a coisa dispara fumaça feito um gêiser. Eu não vi timão em lugar nenhum. Mas vi duas coisas... é aterrador... São duas... *estruturas*, eu acho que dá pra chamar assim, que conservam a magia do navio. Ficam no chão, uma na popa e outra na proa. Elas se parecem... Parecem... Pa- parecem com...

— Com o que, Shenu? — Diana insistiu.

O andarilho não encarou nenhum dos amigos quando respondeu, mas acompanhada das palavras a imagem do que ele vira se espalhou nas mentes dos outros. Duas formas orgânicas, negras e pulsantes, que estendiam veias pegajosas à madeira e se fundiam a ela, espalhando a camada de lodo que entranhava e se emaranhava pelo casco da nau.

— Parecem *corações*.

Os sete passaram os olhos pelo revestimento do compartimento e Márcio sentiu, através da telepatia, a repulsa se espalhar entre os amigos, como uma peste. Não precisou trocar palavra com Pablo para entender o que seu irmão queria. Ergueu o Cetro e requisitou a magia do Objeto, cuidando para que ele não emitisse luz e alardeasse sua presença ali. Mas, mesmo com a magia atingindo cada centímetro do que viam, mesmo fazendo com que o poder do Objeto Supremo transpassasse o piso da embarcação e chegasse às formas pulsantes, não conseguiu enxergar nem sinal de vida.

— É tudo visual, tudo faz parte do truque. Como a ilusão que criamos para Shenu.

— É, Zebarân conseguiu mesmo criar uma baita impressão... — Nique disse, e Diana abriu a tampa de um barril de feno ali perto e vomitou dentro dele. Márcio respirou fundo, e se concentrou para fazer passar o impulso de imitar a cunhada. Depois de um minuto, Shenu voltou a falar.

— Falaram de nós — ele disse.

— O que disseram?

— Falaram sobre a guerra na ilha. Ao que parece, restam pouquíssimos Sambuk'z no mar, e os que sobraram não querem ouvir falar de Zebarân ou de Nepcoutem. Parece que o rei garantiu a eles que a vitória seria esmagadora e que poderiam saquear as minas de joias à vontade quando tudo estivesse terminado. Mas isso não aconteceu, e os que sobraram pelo mundo não querem atender a mais nenhuma convocação do rei.

— Bom, — Yoná suspirou — isso não muda muita coisa para nós... Mas, pelo menos, garante algum tempo de paz para Agerta.

— Algum tempo sem uma investida de Sambuk'z, você quer dizer — Pablo falou. — Um inimigo a menos. Mas o Nepcoutem não é o único de olho na ilha agora.

A gárgula andava de um lado para o outro, mas não estava indo muito bem na tentativa de convencer os cidadãos de que estava assustada e não apenas ansiosa. Ela tinha certeza de que tinha feito tudo certinho: o choro, a voz entrecortada, gemidos nas horas exatas, as mãos trêmulas, mas, por algum motivo, as pessoas não se aproximavam dela. Rodearam-na, colocando-a no meio do círculo, e algumas delas apertavam coisas nas mãos. O líder Miriér estava morto, e o sangue dele estava nas mãos da viúva: não poderia haver cena mais comovente que aquela, poderia? Casados havia tão pouco tempo, e a esposa ter que segurar o corpo do marido enquanto ele se despedia da vida numa trágica queda do rochedo, justamente numa daquelas pedras pontiagudas mais perigosas da região, mesmo lugar em que o pai dele morreu. Ela não compreendia por que as eles não disparavam até a praia para recolher o corpo do imprestável.

— Acontece... — disse aquela mulher, a tal Udinia que Márcio nomeara capitã de batalhão, e que vivia se intrometendo nas decisões de Verônica. Desde que a Comissão de Inspeção chegara a Agerta, ela e Evondér tinham colado no grupo e remexiam em todos os cantos possíveis sobre o Forte procurando confusão. — Acontece que estávamos lá.

— Lá? Estavam lá onde?

— No rochedo, Verônica — disse Lavoér, consternado.

— Vimos tudo o que aconteceu — falou Alibeth, cujos olhos caramelo estavam arregalados e a boca ligeiramente aberta.

— Viram? — a gárgula começou a tremer de verdade. — Então vocês viram como ele caiu, não viram? Viram como eu tentei ajudá-lo!

— Eles estão dizendo — desta vez foi um menino de quatorze anos da vila que falou, enfatizando bem as palavras — que *realmente* viram o que aconteceu.

— *Tudo* — Lavoér especificou.

Pás e foices que estavam nas mãos dos trabalhadores foram levantadas como espadas. O círculo se fechou em torno da gárgula, que se posicionou para atacar, enquanto começou a negar e a contradizer as próprias palavras. Vestido com a armadura dos capitães, Evondér ordenou que a mulher se rendesse, pois não haveria escapatória; agora tinham magos e macnór'z entre eles; se ela lutasse colocaria a vida de outras pessoas em risco. Mas a gárgula posicionou-se em defesa, suas mãos se transformaram em garras e a cauda ficou em riste. Os homens apertaram o cerco, avançaram lentamente e em conjunto sobre ela, temendo o que a ex-sentinela poderia fazer.

Antes que qualquer deles pudesse tocá-la, a mulher começou a suar e um som gutural saiu de sua garganta, como um rosnado; os homens se assustaram e deram passos para trás quando as costas da gárgula se deslocaram e delas se desprenderam duas camadas de pele que tomaram a forma de asas pontudas. Antes que os soldados se recuperassem, ela bateu os novos membros e ergueu-se no ar, e bordejando e urrando com uma satisfação assustadora, voou para o continente.

Dragões do Breu

— Sua bonitinha fugiu — disse Adna, deliciando-se com o ar de surpresa de Macrux. Era raro pegá-lo desprevenido, então ela aproveitou aquela oportunidade em que o homem acabara de chegar e ainda despia a armadura cheia de sangue, como um marido comum tirava as roupas suadas depois de um dia na lavoura.

— Verônica?

— Sim, sua... “filha postiça” — Adnail se divertiu. — Abriu as asinhas e escapou voando de ser linchada.

— Voando? Ela não tem asas!

— Agora tem. Ela tem o mac da fauna? De certo conseguiu um jeito de criar asas no próprio corpo. Coisa mais bizarra...

— Pode ser... Mas acho que a explicação é outra — disse Macrux, despindo toda a roupa de baixo e entrando na tina de carvalho com água quente e perfumada. — Gárgulas costumam ter asas. Elas crescem quando são crianças. Acho que Verônica as escondeu o tempo todo. Mas o que aconteceu? Como ela foi apanhada?

Adnail passeou os dedos pela borda da tina. — Havia outras pessoas além do marido dela observando tudo. Um grupinho no alto do rochedo... Alguns eram daquele grupo de inspeção, outros eram capitães de Octoforte... Enfim, viram *tudo*, Macrux, tudo mesmo.

— Quer dizer que me ouviram conversar com ela — ele disse serenamente.

— É, mas queriam pegar a mulher por matar o tal Miriér — Adna fez uma careta de nojo. — Coisa mais brutal, enfiar a ponta do rabo no peito do homem com quem dividia a cama... Eu sempre fui mais sutil em dar fim nos meus amantes... Um dedinho de veneno no vinho, uma adaga gentilmente enterrada no coração... Verônica é mesmo uma gárgula.

— Certamente... — Macrux mergulhou, livrando-se dos resquícios de sangue. Não havia nenhum arranhão na superfície de sua pele, nem um defeito em toda a extensão muscúlosa de seu tórax, nenhuma ruga além das que ele desejara manter no rosto jovem, congelado eternamente aos trinta e cinco anos. A barba e o cabelo ruivos estavam compridos e Adna enrolava as pontas dos dedos neles.

— Nunca consegui entender essa sua fixação por mascotes — a mulher continuou. — Sim, por que a Verônica está mais pra bicho do que pra gente.

Macrux riu, passando uma escovinha nas unhas para tirar os restos de sangue.

— Não vou fazer dela minha amante nem minha esposa, Adna, se é isso o que te preocupa. A monogamia me tem feito muito bem ultimamente... — Adnail sorriu sedutora, e sentou-se na borda da tina. — Mas às vezes é útil ter loucos como ela ao meu lado, desde que eu possa controlá-los. São capazes de atos inacreditavelmente estúpidos, como fazer um pacto sem perguntar as consequências de quebrá-lo, ou matar o próprio marido sem um álibi convincente.

— Ou encher o mundo com um monte de bestas amaldiçoadas... — a mulher provocou.

— Zebarã chegou ao ápice de um lunático, mas tem muito valor e faz o que eu mando, o que é o mais importante. Não vou imortalizar Verônica, eu te garanto. A gárgula já era instável, e a influência das joias a deixou pior. Mas ela ainda pode ter alguma serventia... E, se Agerta já sabe que há outra pessoa dando ordens, então não tem porque eu continuar nas sombras.

Adnail suspirou aborrecida, deixando-se cair, ainda vestida, dentro da tina de banho de Macrux, e aninhando-se no peito dele.

— Outra guerra, querido? Você acabou de voltar de uma... E não gosto quando você chega aqui todo empapado de sangue, é tão desagradável...

— Você tem seus divertimentos e eu não os questiono, não se incomode com os meus. Dentro do campo de batalha eu me sinto vivo! Tão vivo quanto...

— Quanto quando você podia morrer?

Se Adnail fosse um pouquinho mais sensível, teria percebido a sombra que caiu sobre a face de Macrux. Teria visto que o rutilar de seus olhos não era o mesmo com o qual ela estava acostumada. Teria entendido que a insinuação de que a imortalidade tinha se tornado aborrecida era suficiente para que Macrux a encarasse de forma diferente: não como a ambiciosa que fora um dia, mas como uma mulher comum entediada. Mas ela não viu nada disso, e continuou enrolando as pontinhas dos seus negros e lisos cabelos na ponta do indicador.

— Preciso encontrar Verônica — Macrux falou, deixando a pergunta no ar. Agora ele não precisaria tomar nenhuma atitude sobre Adna, mas em outro momento... Em algum tempo no futuro, quem sabe. Levantou-se, deixando a mulher afundar na água perfumada, dispensando os carinhos dela. — E falar com Decaiko. Pelo que vi na batalha, falta muito pouco para requisitar os serviços dele.

— Outro dos seus mascotes...

O feiticeiro enrolou-se na toalha, deixando a mulher sem resposta e sozinha na sala de banho. Vestiu um par de calças e uma bata branca que, não fosse por aquele olhar assassino, o fariam parecer um homem normal. Saiu, conjurando um cavalo pardo de fumaça para esperá-lo do lado de fora, com o qual seguiu até Zebelim, cavalgando tão rápido quanto o vento.

Quando Shenu desceu as escadas com a informação de que estavam se dirigindo ao Nepcoutem, as sentinelas quase ficaram felizes em ouvir a notícia: certamente ficaram aliviadas por saber que em breve desembarcariam daquela nave odiosa na qual tinham passado os últimos seis dias, mas a aproximação inexorável das fronteiras do Reino Maldito não era exatamente animadora. Mas Shenu estava satisfeito: se havia alguém que queria muito sair daquele navio, mais do que qualquer dos amigos, este alguém era ele. Embora, em momentos diferentes, cada sentinela tivesse se oferecido para tomar o lugar dele no disfarce como mercenário, Shenu era o único que sabia imitar os traquejos daqueles homens, e isso não era algo que se podia disfarçar com magia, então ele foi o único a se disfarçar.

Enquanto estiveram escondidos, Dominique e Pablo vasculharam o que puderam dos compartimentos mais próximos que se podia alcançar através das portinholas quando estas ficavam descobertas; Márcio usara o Cetro para enxergar outras cabines dentro da embarcação, e Yoná usara seu mac do som para escutar conversas sussurradas ou distantes. Jadhe e Diana, que não puderam fazer muito com seus mac'z, estavam ambas assustadas e permaneceram coladas uma à outra, ajudando na vigilância enquanto os amigos se dedicavam às buscas. Conseguiram, assim, suprimento para passar aqueles dias e algumas coisas para carregarem com eles: água, bebida (da qual Shenu fazia um enorme esforço para ficar longe), algumas mudas de roupas e facas de cozinha. Havia pistolas na embarcação, mas preferiram ficar longe delas, até porque não ajudariam muito contra os arquedemon'z nem contra homens que não podiam morrer.

Descobriram que havia postos de troca entre mercenários e arquedemon'z. Os diabos podiam entrar e sair do reino à vontade, e vinham negociar com aqueles miseráveis pagando com ouro por escravos encomendados ou por iguarias, como peixes, temperos, roupas e objetos. Por isso, aquele navio estava cheio de baús com quinquilharias roubadas e tantas outras porcarias.

Estavam no Oceano Norte do Continente Maior quando a embarcação começou a se preparar para utilizar a magia mais aterradora que tinha, aquela que criava o portal para o Nepcoutem. As velas-carapaça se deitaram sobre o convés e cobriram com sua extensão todas as janelas; os corações pulsantes, centro da magia aterradora, pulsaram acelerados, e seus batimentos puderam ser sentidos e vistos em veios de líquido carmim através das veias lodosas que se estendiam ao longo da madeira; o maquinário aumentou a velocidade espalhando água salgada e fumaça quente pelo compartimento dos barris, e quase não se podia identificar seus movimentos de subida e descida; um som aterrador estremeceu o navio, como o das linhas de sustentação quando serpentearam arrebatadas como chicotes

gigantes cortando o ar. E uma luz amarela preencheu o convés e inundou o espaço em que os sete se escondiam através das frestas da porta e da madeira, e tudo vibrou loucamente, e pregos saltaram das paredes, e a madeira entortou para dentro, e o som aumentou tanto que forçou Márcio a fechar os olhos, torcendo para que o navio aguentasse e não implodisse com eles ali dentro.

Então, tudo parou de repente e a pressão abandonou os ouvidos dos viajantes. A escuridão tomou a embarcação e o som dos aros bamboando do lado de fora foi desaparecendo lentamente. Quando cessou por completo, o Sambuk foi impelido para o alto. Subiu lentamente do fundo do mar e, uma vez sobre as águas, sua carapaça se levantou e voltou a se parecer com velas sobre um navio normal.

Nem mais um minuto os jovens esperaram para ver o que acontecia. Pela janela enxergaram, bem próxima, a muralha rochosa das terras do Nepcoutem, perto o suficiente para se arriscarem a nadar ou voar até elas. O tempo estava quente e a noite inexpugnável, o que fez Márcio pensar que “Mundo de Bhardo” não era um nome muito adequado para aquele planeta. “*Devia ser Mundo de Trux’o*”, pois *trux* era a palavra em bhardanathé antigo para “noite”. Depois achou que “trux’o” seria muito feio, que ninguém falaria o “cs” corretamente, e, então, percebeu que estava pensando um monte de bobagens. Estava frente a frente com as terras malditas, e isso não estava fazendo muito bem para sua cabeça.

Dominique ajudou os amigos a saírem pela janela e chegarem até a água sem se machucarem na queda da janela, que ficava uns doze metros acima do nível do mar, e depois, enquanto os amigos nadavam, levou Diana voando até a praia — um pedido de Pablo, pois a garota parecia doente. Colocou a jovem em segurança e voou para o mar para carregar, uma por uma, as sentinelas para a areia mais rapidamente.

Reunidos, olharam para os lados. A faixa de areia de cerca de vinte metros separava o mar das rochas amaldiçoadas, que se avolumavam num paredão negro praticamente liso e vertical de duzentos metros. Não podiam enxergar muito mais, porque Larehssu ainda não tinha surgido no céu e apenas a lua verde, de luz esvanecida, estava visível, e não queriam usar o Cetro da Luz ou qualquer fonte de luminosidade para não atrair a atenção dos mercenários, que desembarcavam em barcos pequenos ali perto, carregando suas encomendas. Era chegada a hora: pelo que Ártemis dissera, bastaria tocar nas rochas da falésia para que fossem transportados para cima, para dentro do território do rei.

Deram uma última olhada para o Sambuk, e os pensamentos das sete sentinelas se conectaram outra vez. “*Seria muito bom se essa coisa desaparecesse para sempre*”, Márcio ouviu Jadhe pensar.

Então algo muito estranho aconteceu. Márcio percebeu que, assim que o desejo foi colocado em palavras, a mente de Dominique se turvou. Os

companheiros olharam para o gênio, que devolveu os olhares com uma expressão de quem tinha visto o próprio Zebarán atrás deles. Então Diana segurou o Medalhão dos Elementos com uma mão e ergueu os dedos da outra na direção da embarcação.

— Seria muito bom mesmo — ela disse com um ar sonhador.

As sentinelas sentiram um calafrio percorrer seus corpos; uma ligeira luz branca fulgurou na superfície do Medalhão e desapareceu, mas a mão de Diana continuava estendida. Pablo chamou a esposa, mas ela não o ouviu: seus olhos vidrados estavam cravados no Sambuk à frente, e por causa da escuridão ninguém via o que acontecia ali, não até os bulbos pulsantes brilharem em vermelho e roxo e iluminarem a embarcação. Do meio para frente uma espécie de ferrugem negra cresceu e espalhou-se pela madeira, queimando as veias babosas e enfraquecendo a estrutura da nave. Gritos de desespero dos homens que nela estavam ecoaram pela praia; uma sirene agourenta alertou os mercenários, que acorreram à embarcação com barquinhos pequenos procurando o atacante, mas o Sambuk ruía e dobrava-se sobre si mesmo como se fosse de papel. A destruição acelerou e a embarcação implodiu inteira, deixando apenas fragmentos de madeira e mercenários estupefatos em barquinhos pequeninos.

Desesperados, os mercenários perscrutaram a praia em busca de agressores e foi inevitável localizarem os jovens e deduzirem sua culpa, ainda mais com a mão de Diana erguida daquela forma na exata direção do Sambuk.

Pablo sacudiu a esposa, tirando-a do transe. “O que foi isso”, ele perguntou, mas não esperou resposta. Grudando sua mão na dela o rapaz começou a fugir, os amigos atrás dos dois, pois estavam em menor número e os marinheiros disparavam balaços de chumbo de pistolas contra eles. Conseguiram tomar uma boa distância, o suficiente para pararem e estenderem suas mãos para o paredão. “Preciso dizer uma coisa”, Dominique gritou, o olhar urgente cravado em Pablo, mas o general sacudiu a cabeça.

— Pode esperar um pouquinho, não pode? — e cerrou os dedos no pulso do amigo.

Ártemis dissera para tocarem o paredão juntos. Seriam sugados para dentro juntos, então deviam manter as mãos unidas para fazerem a travessia. Um tiro ricocheteou bem ao lado da orelha de Yoná, que cravou os dedos na mão de Diana; Márcio segurou Yoná com uma mão e Jadhe com outra, e esta, por sua vez, entrelaçou os dedos nos de Shenu. E Shenu estendeu a mão e tocou a pedra, no instante crucial para salvar Jadhe de levar um tiro nas costas. E todos foram puxados para dentro, e tudo se tornou escuro.

Havia um céu avermelhado sobre Márcio, uma massa gigante de nuvens que emitia raios de cor violeta silenciosos que se espalhavam pelo céu e não chegavam a se voltar para o solo. Sorveu o ar devagar, sentindo os olhos arderem com o cheiro nauseabundo de enxofre que entrou pelas narinas. O garoto ficou um minuto olhando para as nuvens, tentando se lembrar de quem era e o que fazia ali. “Sentinela, Octoforte, Nepcouthem”, ele pensou, e se sentiu muito cansado ao perceber o quanto ouvira estas palavras ultimamente.

Levantou-se. Quando fechara os olhos parecia que estava de volta à clareira após a grande onda, e que seu coração tinha parado de bater. Então via aqueles selvagens de uma perna só sibilando seus “*sacis*” como sentenças de morte. Calculava que não poderia ter se passado muito tempo desde que cruzara a barreira, mas não podia ter certeza, tampouco, de que não tinha dormido um dia inteiro estirado no chão. Todo em seu corpo doía. Ao seu lado estava Jadhe, ainda desfalecida. Foi até ela arrastando o Cetro da Luz atrás de si, segurou a cabeça dela no colo e deu tapinhas leves no rosto dela, tentando fazê-la despertar. Pelo menos desta vez não estavam gravemente feridos: ninguém tinha se afogado, ninguém tinha a ponta de um cetro enfiada na barriga, nem um corte purulento na perna, nem nada assim, e as feridas antigas que tinham sido abençoadamente fechadas com magia ao longo da viagem até ali, não reabriram. A garota abriu os olhos assustada; abraçou Márcio de repente e o largou do mesmo jeito, e os olhos dela vasculharam os arredores.

Estavam num descampado seco e rochoso, num planalto de onde se podia enxergar, à frente e abaixo, uma vasta planície onde um rio sinuoso refletia o vermelho das nuvens, causando a horrenda impressão de um rio feito de sangue. Uns cem metros ao longe brotavam as primeiras árvores de uma floresta de plantas espinhosas e tortas, e todas as folhas tinha a cor do outono, embora Márcio não tivesse certeza se era a cor real das plantas ou mais um reflexo das nuvens pesadas. À direita e ao longe havia montanhas pontiagudas; uma delas expelia uma nuvem negra e espessa. Fora isso, não viam nada. Nem ninguém.

— Onde estão os outros? Onde estão nossos amigos? Não consigo me comunicar com ninguém, eles não estão perto! — Jadhe se alarmou, e levou as mãos à cabeça.

— Ou só estão inconscientes, se acalme! Vou consultar meu mapa — Márcio sugeriu, puxando o papiro de dentro do cilindro de Ártemis e torcendo para que ele ainda funcionasse. Milagrosamente, mesmo com tudo o que tinham passado, o documento permanecia intacto.

Márcio murmurou as palavras que a Caçadora os ensinou e ele e Jadhe viram surgir cinco pontos marrons no desenho do relevo, o que garantia que todos

estavam dentro do território de Zebarã. Porém ele e Jadhe eram os únicos naquele descampado.

— Duas pessoas na Floresta, duas pessoas ao sul da Cidade do Rei e uma pessoa sozinha! Pertinho da Cidade Alta! — Jadhe exclamou, e Márcio passou a mão pela testa.

— Como foi que conseguimos nos separar assim? — disse ele. Dentre todos, ele e Jadhe eram os mais afastados da cidade.

— Não importa — disse a garota, apanhando o mapa de Márcio, enrolando-o e enfiando-o no cilindro preso ao Tesouro do amigo. Ela tentava manter o controle, mas respirava como uma grávida em trabalho de parto. — A mestra nos disse que isso podia acontecer. Vamos seguir com o plano, vamos todos para a cidade. É só fazer o encanto para descobrir o norte e teremos nossa direção. Os outros vão nos esperar chegar e...

Subitamente, um calafrio percorreu a espinha de Márcio e o fez arrepiar. Uma sombra avolumou-se ao lado da dupla e ergueu-se mais e mais, até que a coisa que a provocava ficou três metros acima dos dois. Márcio e Jadhe giraram as cabeças vagarosamente e depararam com um abdome escuro e escamoso, acima dele um pescoço sinuoso, culminando com os dentes babosos, o focinho espinhento e os olhos enevoados de uma criatura que ambas as sentinelas ficariam felizes se parassem de encontrar tão de perto.

Um dragão. Um lendário dragão negro.

E salivava enquanto olhava para as sentinelas.

— Jadhe ... — o garoto começou a sussurrar, mas nenhuma palavra mais foi necessária. A fera tomou impulso e se lançou contra os jovens, fazendo pedras e terra estourarem ao acertar o solo com uma dentada. O dron urrou, ergueu as garras das patas e investiu contra as sentinelas, e os garotos se esforçaram para não se separarem enquanto corriam morro abaixo. Mas a criatura expeliu um jato de fogo e os cercou, e Márcio soube que não escapariam da besta sem usar o *mac*. A mente de Jadhe se uniu a do rapaz, e os dois se voltaram para encarar o inimigo, que parou à frente deles como se os analisasse.

O dragão abriu o par de asas negras de couro, tão diferentes e mais assustadoras que as asas de penas dos dragões vermelhos do Continente Maior, e, embora fosse uma criatura infinitamente menor que seus parentes do leste, era tão terrível quanto aqueles, e seu rabo cheio de espinhos chicoteou contra os jovens, que despencaram cada um para um lado e perderam a concentração. Márcio puxou o Cetro da Luz para a mão, sentiu Jadhe fazer fluir a energia do *mac* da água, e os dois atingiram o dragão com um jorro de fogo e outro de água. Mas a fera rugiu e não se abalou: bateu asas, derrubando-os com o vento delas, e expeliu um jato ácido de fogo roxo sobre os dois, que se esquivaram do jato principal, mas que

deixou queimaduras feias nos braços de Jadhe, que gemeu de dor. E quando Márcio tentava se aproximar da amiga, foi apanhado pelos dentes da criatura, e sentiu as presas da fera se enterrarem em um braço e em uma perna.

Gritou apavorado, esquecendo-se completamente do que a mestra havia dito sobre a impossibilidade de morrer naquele lugar. Estava prestes a ser devorado vivo por um faminto dragão que deveria estar extinto, e não conseguia raciocinar nem pensar em algo que lhe fornecesse uma fuga. Seus olhos encontraram Jadhe, abaixo, que tentava congelar o animal a partir dos pés, mas, pela velocidade como a coisa ia, estaria em pedacinhos dentro do estômago do bicho antes que ela conseguisse pará-lo. Fechou os olhos esperando o fim...

— Pare com isso, Bergamota! São gente! Sabe que não pode comer humanos — disse uma voz ribombante.

Márcio foi cuspidado para o chão junto com um punhado de saliva ácida, e sua pele toda começou a arder. “*Queime*”, ele pensou, e fez o *mac* fluir e aquecer o próprio corpo, fazendo o ácido evaporar e eliminando seus vestígios da pele. Logo, todo o seu corpo estava livre da substância, embora a pele toda estivesse sensível.

— Humanos? Humanos não vêm aqui! Tem certeza? — Perguntou a fera que atacara Jadhe e Márcio.

Os jovens se aproximaram um do outro e encararam mudos os dois dragões. O que os atacara tinha cerca de cinco metros da cabeça à cauda e outros seis de envergadura, enquanto o outro era, pelo menos, duas vezes maior. Além disso, o maior era mais gordo e tinha uma grande barriga de gomos que certamente o deixava muito pesado para voar.

— A catarata já tirou toda sua visão, velho? Não sobrou nadinha de nada?

— Ah, eles parecem gostosos, olha lá!

Os dois animais se voltaram para os jovens, que se encolheram junto a uma pedra.

— Parecem nada, estão que é puro osso! E você sabe o que acontece quando comemos um destes — disse o gigante fazendo uma careta, e Márcio torceu o nariz: se, como Ártemis falara, humanos não podiam morrer no Nepcoutem, então não devia ser nada agradável ser mastigado e acabar preso no estômago de um dragão... — Quem são vocês? Acabaram de entrar?

— S-sim — Márcio respondeu hesitante, procurando a mão de Jadhe com a sua. — Somos sentinelas de Octoforte, já ouviu falar?

— Hm... Não. Não conheço não.

— Eu conheço! — interferiu o menor, o tal Bergamota.

— Conhece? Verdade? — questionou o maior.

— Não... — Bergamota sacudiu a cabeça. — Na verdade não...

O dragão maior fez um som que lembrava uma risada, mas como o réptil não tinha expressões lá muito definidas, e Márcio não soube dizer se ele ria ou rosnava.

— Desculpem o velho Bergamota! — ele disse, enquanto o menor se afastava devagar, murmurando sozinho. — Eu sou Porgopavolópolis, mas podem me chamar de Lópolis. Bergamota está um tantinho caduco e muito cegueta. Uns tempos atrás ele comeu uma pessoa, e o resultado foi muito constrangedor, se ouvissem os barulhos! Levou três dias para que o coitado... Hã... Saísse naturalmente... Às vezes tenho que lembrá-lo desse trauma antes que ele faça outra bobagem, principalmente porque ele não enxerga quase nada...

— Então é verdade? Não se pode mesmo morrer aqui? — Márcio questionou.

— Ah, não, homens não morrem nestas terras esquecidas pelos Senhores. Nem os dragões. Todos os seres que se comunicam com palavras ficam presos na barreira do rei, foi a forma que ele conseguiu bolar para manter os animais separados da maldição.

— E por que ele manteve os animais de fora? — Jadhe perguntou adiantando-se, enquanto se concentrava em resfriar as queimaduras nos braços. — Para poupá-los?

O zaundron riu de novo.

— Poupá-los? É claro que não, o rei não poupa ninguém! Ele fez isso para poder comê-los, é claro!

— Ah, é claro... — concordou Márcio, sentindo o descontentamento de Jadhe, cujos hábitos alimentares só incluíam carne quando notadamente não havia nenhuma outra opção.

Lópolis sacudiu a cabeça e Márcio percebeu que muitos de seus cornos estavam trincados. Várias escamas lhe faltavam ao longo do corpo e os dentes estavam quase verdes. Agora que aparentemente o perigo tinha se afastado, os jovens podiam observar a fera com mais atenção, e um pensamento trocado com a amiga fez Márcio entender que ela também concluía que aquela espécie, dentre todos os dragões com que se depararam, aqueles lendários e considerados extintos dragões negros, de chifres e espinhos pelo corpo serpentino, de duras escamas que refletiam espectros do arco-íris como madrepérolas, e asas encouraçadas como as de morcegos, que tinham unhas nas extremidades das cartilagens que sustentavam as membranas, tinham a aparência mais horripilante. Nas histórias, eles eram tidos como a espécie mais agressiva, mas o desgastado Lópolis parecia pouco interessado em perseguir ou morder as sentinelas. Debruçou-se sobre as patas e deitou-se como um enorme cachorro.

— Então, são novatos? — ele perguntou. — Coitados. Não posso dizer que sinto muito. Depois de tanto tempo aqui, você acaba se esquecendo do que é sentir pena pelos outros. Acabaram caindo num bom lugar, já que não podemos comer vocês. Antes estas montanhas eram infestadas de marrotes, mas nós os expulsamos.

— Não gostamos daqueles “coisos”, eles fedem! — berrou Bergamota, coçando as costas na pedra grande.

— Eles são criaturas horrorosas, de contos de terror — falou Lópolu, e Márcio trocou um breve olhar com Jadhe, os dois não podiam imaginar criatura mais aterrorizando que o próprio dragão em frente a eles. — Vocês tiveram sorte de nos encontrar.

— Sorte... Há! Até parece...

— Pare com isso Berga, tiveram sorte sim. Já foi azar suficiente terem sido apanhados pelos mercenários — disse uma nova voz cavernosa, ligeiramente feminina, e outro dragão serpentino e totalmente negro surgiu detrás do rochedo onde Bergamota se coçava. Márcio e Jadhe estremeceram ao vê-lo, apesar de saberem que não seriam devorados. Era menor que Lópolu, pouco maior que Bergamota, e Márcio suspeitou de que fosse uma fêmea. — Mindotárita, me chamem de Tárita.

— Não fomos apanhados — disse Jadhe timidamente. — Nos escondemos no Sambuk e viemos...

— *Se esconderam no Sambuk?! —* Bergamota se sobressaltou, soltou um rugido e expeliu um jato de chamas roxas para o alto. — Mentirosos!

— Quem se esconderia num navio daqueles? — Lópolu indagou, desconfiado.

Jadhe inspirou para começar a falar, mas Márcio a interrompeu. A garota já estava mais calma, mas Jadhe tinha a mania de ser sincera demais, mesmo quando não era o recomendado. Enchendo-se de coragem, o garoto começou a falar.

— E se eu disser que somos mercenários — ele disse, segurando o Cetro da Luz como se fosse uma longa espada. — E se eu disser que, sem querer, tocamos nas rochas do Nepcoutem e viemos parar aqui, o que vocês diriam?

Os zaundron’z ficaram inquietos e chacoalharam suas cabeças. “*O que está fazendo?*”, Jadhe perguntou na mente de Márcio, e ele respondeu: “*Testando-os*”. Jadhe era muito confiante, mas Márcio queria saber a quem os dragões eram leais. Se não fossem partidários de Zebarãn, tanto melhor, mas e se fossem? Os levariam cativos diretamente para o rei. Agora que já estavam totalmente despertos, ele tinha certeza de que ele e Jadhe poderiam derrubar os três zaundron’z sem problemas. Então as feras os rodearam, seus focinhos aspirando o

cheiro das roupas de mercenários que as sentinelas tinham roubado, e Márcio começou a suar frio: talvez não tivesse calculado muito bem suas palavras.

— Se fossem mercenários — falou Mindotárta — não estariam aqui até agora. Eles nos odeiam.

— Eles nos odeiam, e nós os odiamos! — completou Bergamota.

— Nós os detestamos — anuiu Porgopavolópolis. — Mas vocês não são mercenários. São só ratinhos. Os mercenários têm um cheiro muito ruim...

— Eles também cheiram mal, Lópolis!

— Mas não cheiram como mercenários, Berga. Estão usando roupas deles, vieram no navio deles, mas não têm o cheiro de feitiço que eles têm.

— Cheiro de feitiço? — Jadhe indagou, e um toque elétrico passou pela nuca de Márcio, que compreendeu o que ela tentava fazer: mantendo o contato visual com os animais, Jadhe tentava ler as mentes deles.

Mas Bergamota gargalhou com aquele riso gutural, e os garotos se voltaram para ele.

— Não tente fazer isso, menina! Seus truques de gente não funcionam na cabeça de um dragão!

— Estava tentando ler minha mente? Há! Há, há, há, há, há!!! Isso faz cosseguias!

Os três dragões caíram na risada, contorcendo-se e rugindo a uma altura que Márcio achou que seria fácil para os moradores da Cidade do Rei acreditarem que os vulcões estavam entrando em erupção, e o rapaz aproveitou o momento para usar um feitiço curativo e conseguiu fechar os machucados dolorosos na perna e no braço provocados pelos dentes de Bergamota. No entanto, os lugares ainda ficaram doídos, como uma quebradura antiga que sempre dá pontadas no frio.

— Querem saber o que é *cheiro de feitiço*? É só perguntar! Os mercenários têm uma marca em alguma parte do corpo. Todos eles têm e é como uma tatuagem: uma marca negra, que os mantém prisioneiros do contrato com Zebarân. Se eles tentarem quebrar o acordo, o veneno da tatuagem entra em ação e os mata. E, se eles sem querer entram aqui, o que às vezes acontece, vão direto pra Cidade do Rei, e são mandados de volta. Eu nunca vi um deles aqui nas montanhas, mas se viessem parar nesses cantos, já teriam se mandado.

— E essa marca cheira muito esquisito, é uma coisa meio picante, parecida com mostarda apimentada — disse Lópolis.

— O que nos leva de volta à pergunta — falou Tárta. — Se vocês se esconderam no Sambuk por vontade própria... que tipo de vermes vocês tem na cachola?

— São doidos! — exclamou Bergamota. — Loucos de pedra. Suicidas!

— Suicidas não vêm pra cá, Berga!

— Vêm sim, eles não sabem que não se morre aqui...

— Verdade, Lópolu! Se lembra daquele brucutu, um marrentinho de barba da cor de gema de ovo?

— Ei, ei vocês! — Márcio chamou, chamando a atenção das feras. Ele nem tinha certeza de porque fazia isso, seria fácil deixar os animais debatendo seus assuntos e sair de fininho com Jadhe, mas, de repente, quis terminar sua história. — Não queriam saber o que estamos fazendo aqui?

— Eu queria! — Bergamota falou, e chegou mais perto dos jovens, colocando-se ao lado de Jadhe.

— Bem — a garota estremeceu, mas falou. — Somos sentinelas da Fortaleza Dourada. Estamos aqui para enfrentar o rei Zebarãn e destruir a barreira mágica dele.

Todos os rosnados, unhadas, grunhidos, cessaram, e os dragões torceram as cabeças fitando as sentinelas com grande intensidade. Depois desataram a rir, e os jovens precisaram esperar vários minutos para que a conversa voltasse a fluir.

— Quanta mentira! — gritou Bergamota. — Mas quanta mentira!

— Não precisam acreditar que vamos conseguir o que queremos, mas estamos dizendo a verdade.

— Sabem, pensando bem... Eu me lembro do nome que vocês disseram — disse Tárita. — Octoforte. Há um tempo, um tempão... Muitos grupos de gente foram mandados pra cá. Todos viraram escravos.

— Por que vocês acham que não vão virar brinquedinhos dos marrotes e dos arquedemon'z?

Márcio e Jadhe se entreolharam. Jadhe tomou a palavra.

— Por que temos uma coisa que eles não tinham.

— E o que é?

— Armas. E um plano.

Em algumas palavras, Márcio e Jadhe discursaram a respeito de seu plano de destruir o feitiço de Zebarãn, e falaram também sobre os Objetos Supremos. Quando falaram das joias os dragões rugiram uníssono: aparentemente, a história dos Tesouros era mais antiga do que as sentinelas imaginavam, já que os três estavam presos naquele reino maldito desde que a barreira mágica fora erguida, há quase mil anos, e mesmo assim conheciam a lenda das relíquias. Mas foi a menção do nome “Ártemis” que fez as feras se agitarem.

— Ártemis?

— A prisioneira?

— A Ártemis?

— Pensei que ela fosse uma lenda...

— Mas, esperem... Como vocês conhecem Ártemis?

Jadhe empinou o queixo e Márcio viu a velha altivez de princesa coroá-lhe a face.

— Ela me criou. É minha mestra e a mulher que me deu um lar.

— Não! — exclamou Lópolu. — Não é possível, como ela pode ainda estar viva?

Os jovens não responderam; pelo pensamento que trocaram, imaginaram não ser prudente levantar a hipótese de que a mulher, talvez, ainda fosse prisioneira de um sortilégio de Zebarân.

— Esperem... Isso foi há uns trinta anos! Ela pode estar viva sim... — disse Tárta.

— Não foi não, já faz bem trezentos anos que ela saiu daqui! — retrucou Bergamota.

— Eu achei que fazia muito mais tempo... — Lópolu falou sonhador. Depois perguntou, o queixo apontando para o Cetro da Luz na mão de Márcio. — Fala pra mim, este é o cetro mágico?

— Sim.

— E o que ele faz?

— Amplifica a intensidade do meu poder normal. Ilumina. E ele vê a verdade a respeito das coisas e das pessoas.

— Ah! — exclamou Tárta, aproximando-se. — E você já o usou pra ver a verdade sobre nós?

Jadhe coçou a cabeça. Não Márcio não tinha feito isso, mas agora parecia a coisa mais óbvia que deveriam ter feito.

— Deixa eu ser o primeiro, deixa eu ser o primeiro! — exaltou-se Bergamota, empurrando os outros dois e se colocando exatamente à frente de Márcio. O rapaz estremeceu, ainda não tinha se acostumado a ver um predador daquele porte tão próximo do seu rosto, menos ainda o mesmo que tinha tentado comê-lo minutos antes.

— Muito bem... — ele afastou-se um passo e fez o próprio *mac* ativar o feitiço do Cetro. Deixou a energia fluir através dos dedos e ligar-se ao seu espírito, e o Tesouro abriu uma brecha de luz à frente de Márcio, numa iluminação que só ele enxergou. E o rapaz soltou um palavrão e deu dois passos para trás, pois o que viu no lugar do dragão foi algo parecido com os malditos na forma de réptil, mas ainda mais destorcido.

— O que foi? O que você viu? — Bergamota perguntou, parecendo mais curioso do que ansioso.

Márcio pensou por um momento, sentiu um formigamento na parte de trás da cabeça e a imagem que viu passou por seu pensamento. Jadhe conseguira

vasculhar a mente dele quase imperceptivelmente de modo a fazê-lo se lembrar do que vira, e a garota ficou surpresa.

— Então, o que você viu? — Mindotárta insistiu.

— Bem, é que, Bergamota... você está morto!

— Eu estou? Ah! Céus... Gostaria de ter deixado o corpo para trás! — disse o dragão bem-humorado.

— Não, ele está falando sério! — Jadhe interferiu. — O Cetro mostra que, na realidade, você deveria estar morto!

— Em que ano estamos? Digo, fora daqui, no Continente Maior? — o zaundron perguntou.

— No Ano da Sombra de 872 — Jadhe respondeu.

— *Ano da Sombra*? — questionou Bergamota, um tanto surpreso. — Então o Imperador ainda não morreu?

— Fazia quarenta e cinco anos que o Imperador tinha trancado o Sol no próprio corpo quando Zebarân enfeitiçou este lugar — disse Tárta, se explicando por Bergamota. — Eu, pessoalmente, jamais vi a luz do Sol, porque eu e Porgopavolópolis estávamos no ovo quando ficamos presos... Nunca vimos como é o mundo fora daqui... mas, se um dragão vive no máximo mil anos, Berga tinha seiscentos e trinta quando ficou preso e já faz oitocentos e vinte e sete que estamos aqui...

— Hm... Então você está mesmo morto, velho! — falou Lópolu, também risonho.

As três feras desataram a rir sem parar, deixando as sentinelas confusas.

— Então, se derrubarem a barreira, eu vou morrer, é isso?

— E nós? Eu e Lópolu, nós estamos mortos?

Márcio usou o Cetro novamente, mas continuou a enxergar os dragões exatamente do mesmo jeito, apenas um tanto mais destroçados.

— Não estão não.

— Isso é ótimo! Se vocês conseguirem, ainda temos uma chance de ter filhotes!

— E nos juntarmos aos dragões pretos do Continente!

Márcio mordiscou o lábio segurando as palavras, mas Jadhe falou, e Márcio ficou pensando que, talvez, Yoná estivesse errada sobre qual sentinela não conseguia segurar a língua dentro da boca.

— Não há mais dragões negros no Continente — ela disse. — Eles... Vocês são lenda lá fora.

— Oh! — exclamaram as feras.

— Mas ainda existem os dragões azuis, não é? E os dourados...

— Não conhecemos os azuis, mas parece que a espécie vai bem. Os dourados também quase desapareceram, embora tenhamos conhecido um deles que está quase louco. Mas os vermelhos têm aparecido bastante ultimamente. E sei que os verdes vivem bem em Gehenmy e em Zebelim — Jadhe disse, falando tudo muito rápido e de uma vez.

— Hm... Que pena... Os dourados tinham um brilho legal, era fácil perceber que estavam chegando por causa disso. Nunca nos pegavam de surpresa... Uma família deles era minha vizinha quando eu era jovem e vivia em Darfindor... — falou Bergamota. — Então, acho que os nossos jovens vão ter que dar conta de recriar a raça dos Dragões do Breu.

— Mas... Mas... — Márcio tentou falar, mas não conseguiu terminar a frase. *Como dois dragões conseguiriam reviver uma raça inteira?*

— Ah, não sobramos só nós três, se é o que está pensando rapazinho — disse Tárta. — Doze ovos ficaram presos, além de quatro dragões adultos, incluindo nosso Bergamotinha.

— Então vocês são dezesseis? — Jadhe indagou. — Dezesseis dragões pretos?

— Sim, por quê?

— Ajudem-nos! Ajudem nesta batalha que pode decidir o futuro da sua espécie! Ajudem-nos a derrotar o rei tirano e mandá-lo para os braços de Zey, onde será acolhido como o vilão cruel que é, e pagará por tudo o que fez!

“E lá está a princesa de novo...”, pensou Márcio.

Mas o discurso da garota não convenceu os dragões.

— Como um pedido de desculpas por terem quase sido comidos vivos por nosso velho Bergamota, eu, Porgopavolópolis, o grande dragão negro, vou carregá-los até as proximidades da Cidade do Rei. Mas só até lá. Aí nos separamos, eu volto pro meu ninho, vocês vão pra missão de vocês, e tudo fica bem.

— Mas... Vocês têm a chance de ajudar a salvar sua própria espécie! Têm a chance de participar da derrubada deste reino maldito e recuperar a glória dos dragões da noite...

— E temos a chance de sermos mandados para as prisões nas masmorras de dragões — interrompeu Tárta. — Sua mestra Ártemis passou um bom tempo lá, sabia disso? Imaginei que não, não é o tipo de lembrança que alguém gostaria de reviver... — completou ela, respondendo a um aceno de cabeça de Jadhe.

— Agora, se não precisam de mais nada, subam nas minhas costas — disse Lópolis. — Vou levá-los onde querem ir e vamos acabar logo com isso.

— Mas... Se não vão nos ajudar — Márcio questionou, — por que nos levar até lá?

Os dragões se entreolharam de um jeito engraçado, como se pensando se precisavam dar uma resposta. Então Mindotárta disse:

— Não temos nada mais interessante pra fazer mesmo!

— E quanto tempo vai levar até a cidade? — o garoto perguntou.

— Uns três sonos.

— Três o quê? — Jadhe estranhou.

— Três sonos. Temos que dormir três vezes até chegar lá — disse Bergamota.

— Mas, quanto tempo isso é *em dias*?

Os dron'z se contorceram em risadas escandalosas outra vez. “Em dias?”, Lópolu perguntou. “Não contamos o tempo em dias!”, Tárta falou. “Cinco dias, cinco semanas, quem sabe? Só sabemos quantas vezes temos que parar para dormir durante o caminho, e está bom pra nós”, Bergamota concluiu.

Resignado, Márcio subiu nas costas de Lópolu, Tárta se ofereceu para carregar Jadhe e, desajeitados, alçaram voo nas costas dos dragões rumo à Cidade do Rei.

Os desejos de Dominique

Nique abriu os olhos já em pânico. Torceu o corpo e começou a vomitar, o que foi sorte: seu primeiro impulso fora gritar por Jadhe, mas, se fizesse isso, provavelmente teria chamado atenções indesejadas. Sentou-se, enxugando o suor da testa, e enxaguou a boca com um gole de água do cantil. Girou a cabeça alucinadamente procurando por alguém, tomou fôlego para gritar, mas sentiu uma mão lhe cobrir a boca e Pablo apareceu em seu campo de visão.

— Está ficando doido? Estamos dentro! Não grite aqui!

Nique se levantou e sacudiu as penas. A bolsa com os mantimentos que conseguira do Sambuk estava intacta, assim como sua joia e o cilindro de Ártemis. Só o que estava maculado era seu ombro, pois o rapaz tinha desmaiado sobre o Tesouro e a joia produzira um hematoma de forma estranha. No geral estava inteiro, pelo menos mais do que quando despertou em Terem após a uldomaratha. Ao redor, árvores retorcidas de copa baixa e folhas pequenas cresciam em um terreno acidentado.

— Onde estão os outros? — sibilou para Pablo. — Onde está Jadhe, onde está Diana?

— Não sei, não sei e não sei, se acalme! Acordei agorinha e só vi você, mas acho que nos separamos. Eu senti a mão de Diana escorregar...

— Como é que você pode soltar a mão dela?! Ela é sua esposa!

Pablo se irritou, agarrou Dominique pelas vestes e falou bem perto do rosto do gênio:

— Exato, ela é minha esposa, então veja se abaixa essa sua crina, franguinho, e faça mais silêncio! — Depois, empurrando de leve o amigo e bufando, desabafou: — Que droga! Eu não faço ideia de onde estão os outros, só vi você! Que foi que deu nela pra atacar o navio daquele jeito?

Dominique mordeu o lábio, sabendo que não podia mais esconder o que pensava estar acontecendo.

— Eu preciso confessar uma coisa...

— Sh!

Um barulho agourento cheio de cliques e zunidos espalhou-se acima das árvores: algo se aproximava, como gigantes baratas cascudas. Pablo puxou Dominique para perto dele, e os dois se abrigaram num buraco sob uma grande pedra no exato instante em um bando de arquedemon'z vermelhos infestava o local onde tinham despertado. Havia cerca de trinta deles, número alto demais para que os jovens pudessem derrotá-los só com as mãos e com facas de cozinha. Nitidamente as bestas vasculhavam o lugar, provavelmente procurando pelos

garotos: a magia de Zebarã certamente devia alertá-los sobre a presença de novos inquilinos.

— Não temos nem uma espada! — lamentou-se Pablo. — Como vamos derrotá-los com as mãos nuas?

— Podemos usar magia...

— Você sabe lutar com magia? Usando um feitiço atrás do outro, bloqueando ataques? Nós nem somos bons o suficiente pra curar um machucado sem deixar cicatriz!

As sentinelas procuraram um caminho de fuga, mas as criaturas se espalharam por todo o lugar como uma doença, farejando. Um deles apontou para a rocha sobre os rapazes. Era hora de tomar decisões irresponsáveis.

— Yoná disse que podemos usar os Tesouros de duas formas — Dominique falou rapidamente. — Podemos aproveitar a força deles e para alimentar um feitiço nosso, ou podemos usar o poder de verdade que eles têm. O Relógio é uma bomba, então...

O gênio puxou o Relógio do Último Tempo e olhou para a ampulheta presa no invólucro de madeira carmim. Hesitou por dois segundos, mas as criaturas estavam próximas demais para que ele pudesse pensar muito. Ouviu Pablo censurá-lo, mas tinha certeza de que não havia nenhuma alternativa: três arquedemon'z se aproximaram e enxergaram as sentinelas, espremidas que estavam sob a grande rocha. Suas pinças hediondas clicaram em satisfação.

Então Dominique tocou a joia e clamou por seu poder. Uma corda de energia eletrocutou o braço com que o gênio segurava o Tesouro, e o rapaz chacoalhou convulsivamente enquanto o poder da relíquia fluía através dele e fazia a joia brilhar numa luz ofuscante. Um a um os arquedemon'z explodiram, como mosquitos estourando ao tocar a chama de uma vela. Patas encouraçadas e asas chamuscadas foram lançadas aos ares, e preencheram o ambiente com enxofre e podridão, e eles foram rechaçados antes que percebessem o que os estava atingindo. E quando o último deles caiu, Dominique estava totalmente dominado pelo Objeto. Árvores explodiram, galhos pegaram fogo, a rocha sobre os rapazes estremeceu. E ambos os amigos teriam ficado presos sob o peso da grande pedra se Pablo não arrancasse a relíquia da mão do gênio e afastasse a coisa o máximo possível do amigo, o que era pouco, já que a corrente de Ártemis o mantinha preso ao rapaz.

Ao tocar o Objeto, Pablo também levou um choque que o jogou para trás, mas o general conseguiu segurá-lo outra vez e resistir por algum tempo. Manteve o Relógio numa mão e a outra mão no peito de Dominique, prendendo o amigo no chão, enquanto ondas elétricas passavam pelo rapaz e faziam a barba de Pablo soltar faíscas azuis. A luz da joia foi desaparecendo gradativamente até

desaparecer, ao mesmo tempo em que o gênio se acalmou e as batidas de seu coração voltaram ao normal.

Ofegante, Pablo saiu do esconderijo e olhou ao redor. Dos arquedemon'z, só aquele cheiro ocre restava, emanando de pedaços de carne tostada. Várias árvores em volta haviam estourado; das que restavam, muitas estavam em chamas. Passou a mão pela cabeça e voltou para ajudar o gênio a se levantar. O amigo ainda tremia e estava ensopado de suor.

— Foi uma ideia estúpida — admitiu Dominique.

Suspirando, Pablo disse:

— Eu não posso te recriar. Estávamos sem opções.

— Eu poderia ter morrido. E te matado.

— Não podemos morrer aqui, lembra?

— É, mas eu prefiro não testar esta teoria na prática, certo? — Nique respondeu, e Pablo apenas concordou.

Caminharam alguns metros para se afastarem do local do ataque, Nique se apoiando em Pablo e sentindo pequenas correntes de choque dispararem pelo corpo de tempo em tempo. Certamente aquele estardalhaço todo não passaria despercebido, nem a destruição de um enxame de bestas vermelhas, e os jovens não queriam ficar ali para receber a próxima leva de visitantes. Era estranho caminhar ao lado do general, ou, na verdade, de qualquer das sentinelas, sem sentir a ponte mental construída por Jadhe, e que, mesmo quando a garota tentava fazer desaparecer, ainda os fazia ficar suficientemente unidos para perceberem as flutuações de sensações e angústias por que o outro passava. Naquele momento, Dominique não fazia ideia do que poderia estar se passando na mente de Pablo, mas pela expressão preocupada no rosto do rapaz, podia imaginar ser algo envolvendo sua esposa. Assim que se afastaram o bastante, o general puxou a Cuzpola para frente do corpo e sibilou palavras na língua antiga para ativá-la, pois, embora Diana conseguisse se comunicar com a bússola facilmente na língua comum, Pablo não tinha a mesma facilidade. Quando viram as localizações dos amigos aparecerem, os dois dispararam xingamentos.

— Estamos espalhados! Cada um em um lugar. Vai levar dias para encontrarmos uns aos outros... — Pablo suspirou cansado.

— E podemos nos desencontrar... Se um decidir ir atrás do outro, podemos ficar perdidos numa caçada desencontrada — disse Dominique, imaginando qual daqueles pontinhos marrons representava Jadhe.

Ajeitando a postura e tomando fôlego, Pablo falou:

— Vamos manter o plano. Seguir para a Cidade do Rei, que está bem no meio de todos nós. Se ficarmos procurando uns pelos outros vamos gastar dias inúteis aqui, e vamos ter mais chances de ser apanhados.

— Acha que os outros vão fazer o mesmo? Seguir com o plano?

— Tenho quase certeza de que sim, mas mesmo que tentem nos achar, vão perceber o que estamos fazendo quando consultarem os mapas. Só esta pessoa — Pablo apontou para o pontinho solitário próximo à Cidade Alta — tem apenas mais uma chance de consultar o mapa. Espero que não seja Diana... Ela não conseguiria esperar muitos dias para olhar de novo e saber se tem alguém se aproximando. Nem Márcio. Ele é muito ansioso.

— Então vamos para a cidade. Assim? Sem armas, sem um plano?

— Vamos procurar algum... Campo de trabalho escravo, não sei. Qualquer aglomerado de pessoas onde possamos achar um machado, um martelo, qualquer coisa que sirva como arma.

Dominique não disse nada, mas aquilo parecia menos que um plano. Seu corpo ainda estava cheio de estática e ele levava choques a cada vez que sua pele entrava em contato com o Objeto Supremo. O Relógio disparava faíscas quando Nique olhava para ele, como se zombasse do gênio e sua inocência de pensar que podia controlá-lo. Embora o plano de Pablo fosse desesperado, o amigo estava certo: precisavam agir rápido, e precisavam se livrar daquelas coisas atreladas a eles antes que fossem consumidos por elas. Voltaram a caminhar senindo um calor abafado e desconfortável, e desceram o flanco de um morro de terra dura e vegetação espinhosa, onde tudo o que a vista tocava era vermelho e ressecado, consequência do reflexo de um céu encoberto por um manto de nuvens vermelhas.

— O que você queria contar? — Pablo perguntou, fazendo Dominique engolir em seco. Ele sabia que precisava confessar o que pensava, mas não tinha segurança se sua suspeita era real ou pura alucinação.

— Bem eu... Bom... Pablo, eu... Bom, é que eu sou um gênio...

— Não brinca!

— Não, é sério, eu sou um... um *gênio*. De *verdade*. Eu acho...

— Do que é que você está falando?

Nique segurou o passo e ficou um pouco atrás do líder.

— General, os gênios são famosos por algumas características. Na minha raça todos possuem asas, são morenos e... bem... têm facilidade com um tipo bem específico de magia...

— Então você conseguiu melhorar seus feitiços? É isso o que está falando? Por isso achou que fosse controlar sua joia, porque está controlando a magia como um feiticeiro graduado? — Pablo perguntou impaciente.

— Gênios podem *realizar desejos*, Pablo — disse Dominique, e os dois pararam de andar. Tinham chegado à borda de um pequeno despenhadeiro e, lá embaixo, poderiam seguir o vale entre aquela escarpa e a montanha gigantesca e nua que lançava sombras escuras às terras do sul.

— Como assim “realizar desejos”?

— É o que eles fazem... *nós fazemos*. Gênios conseguem realizar desejos, dependendo da sua própria vontade. Claro, vai do poder de *mac* do gênio: quando mais poder, desejos mais complexos ele vai conseguir transformar em realidade. Eu ouvi dizer que alguns conseguiam até fazer chover por vários minutos, o que não é nada simples. Normalmente os desejos que conseguem fazer são menos complicados, como fazer uma criança ganhar um presente ou fazer alguém ganhar algum ouro. Basta desejar que os pais tenham vontade de dar o presente para o moleque ou que o infeliz ganhe um sorteio qualquer...

— Então... Você está querendo dizer que você pode nos levar pra cidade num piscar de olhos? Ou pode... Acabar com Zebarân, se for o seu desejo? Por que não faz isso?!

— Você ouviu o que eu falei? Não é assim! — exclamou Dominique, sentindo a aflição do amigo. — Eu te falei, são coisas pequenas, a influência é mínima. Um gênio não pode fazer brotar uma mina de moedas de ouro do meio do nada, mas pode usar o dom dele pra interferir no destino da pessoa que quer ficar rica, para que ela encontre uma bolsinha de ouro enterrada há muito tempo, por exemplo, se ela já estiver ali e se a coisa for acontecer logo. São interferências imediatas...

— Então... você está fazendo isso? Interferindo no nosso destino? Desde quando?

— Desde que acordamos em Terem após a onda. Da primeira vez eu não tive certeza, estava tão grogue... Nem sei se foi só impressão ou não. Desejei ter mais poder para expandir a luz mágica e enxergar melhor, e o desejo me fez tirar energia do Relógio, mesmo sem eu saber controlá-lo — Nique se explicou, mas Pablo continuava tenso.

— E depois?

— Depois... — o gênio se envergonhou, o que vinha depois ele nem queria se lembrar. — Falei aquelas besteiras pra Jadhe. Falei da boca pra fora, eu não queria que ela fosse embora, mas ela foi! E eu percebi que foi essa coisa de gênio. Eu senti o *estalo*.

— E aconteceu de novo? — Pablo questionou, parecendo desconfiado. Talvez ele achasse que poderia ser um engano de Dominique, mas o rapaz sabia bem o que tinha sentido, e como a sensação da mágica do desejo realizado estava mais nítida a cada vez que aquilo acontecia. — Depois desejei que ela voltasse, e ela apareceu.

— Jadhe nunca foi embora, Nique. Você só está influenciado pela quantidade de coisas pelas quais estamos passando. Isso tudo foi coincidência...

— Mas isso é manipulação mágica do destino! — Dominique contestou.
— Interferir em algo que pode acontecer normalmente, e fazê-la acontecer exatamente *quando* se deseja...

— Aconteceu mais alguma vez?

O gênio encarou Pablo e depois desviou os olhos.

— É, aconteceu. Não tive a menor intenção de fazer acontecer, e senti muito mais forte que antes. Quando Jadhe pensou que aquela coisa podia sumir da face de Bhardo pra sempre...

Um segundo se passou antes que Pablo assimilasse a confissão.

— Então... Foi por isso que Diana fez o que fez? Você a fez usar o Medalhão e destruir aquele navio?!

Dominique bufou: Pablo o tinha segurado pela frente das vestes outra vez, mas o gênio estava perdendo a calma. Tinha explicado com bastante cuidado, mas o general não estava fazendo nenhum esforço para entender.

— Provavelmente ela estava na maior vontade de fazer aquilo. A minha influência foi mínima!

— Todos nós queríamos aquele navio arrebentado! Você só fez isso pra agradar a Jadhe!

— E provavelmente a Di era quem tinha melhores condições de fazer isso acontecer, por causa da joia dela! Me larga!

Pablo balançou a cabeça e afastou-se do gênio. Pediu desculpas e ficou um momento em silêncio, fazendo a respiração voltar ao normal até conseguir raciocinar direito. Por fim disse:

— Pelo que você me falou, as coisas não têm saído exatamente como num “desejo” quando essa coisa sua acontece. Alguma coisa sempre sai errada... Você não tem o menor controle sobre esse negócio, tem?

Nique balançou a cabeça num “não”.

— Então você não pode desejar trazer nossos amigos até nós por vontade própria.

— Acha que já não tentei?

— Precisamos sair daqui — disse Pablo. — Estamos parados há muito tempo. Imagino que você não consiga um par de espadas pra nós...

— Bom... — Nique ponderou. — Eu poderia *desejar* que surgisse um jeito de encontrarmos armas e...

Dominique congelou. Aquela sensação de formigamento, aqueles pequenos estalos de estática na nuca e nas costas, aquela sensação que fazia suas penas se arrepiarem. Sua expressão o condenou e Pablo entendeu imediatamente: acontecera outra vez, e o gênio não fazia ideia do que isso significava.

Não precisou pronunciar uma palavra. Seis espadas surgiram no caminho das sentinelas, e todas tinham as lâminas apontadas para eles.

A maldição da sereia

Diana já tinha vomitado duas vezes, mas a agitação de Yoná não ajudava a aliviar seu mal estar. Passar pela barreira mágica devia ter afetado suas estruturas corporais, dissera a amiga, porque ela também passara mal, mas, assim que conseguiu se levantar, a ranzinice costumeira de Yoná voltou à tona e ela passou a resmungar sem parar. “Por que você se soltou de Pablo”, ela perguntou, ao que Diana devolveu com outra pergunta, “por que você se soltou de Márcio?”. Quando não encontraram ninguém o primeiro impulso de Diana foi consultar o mapa preparado por Ártemis, mas Yoná a impediu e as duas não entraram num consenso. Enfim, Diana disse que esperaria sentada enquanto a amiga escarafunchava embaixo das árvores e atrás de pedras em busca de sinais das outras sentinelas até que, enfim, Yoná se deu por vencida e se juntou à Diana para usarem o mapa.

— Só temos duas consultas por mapa, então temos que ser razoáveis. Se os outros estiverem muito longe, precisaremos racionalizar as consultas pra que tenhamos tempo de...

— *Graodéci, morano tat' elweh gat cenetarili'z* — Diana recitou ao mapa, ignorando completamente a colega.

— Ah! Mas que maravilha, que maravilha! Quatro grupos. E alguém está sozinho justamente dentro da Cidade do Rei. Perfeito. Que gente mais...

— Isso tudo é nervosismo por ter acordado longe do Márcio, Yoná?

A garota bufou, lembrando a emburrada Sr^a Patinhas, que fazia sons esquisitos quando não queria ser acariciada.

— Se situe Diana! Eu sei que você é toda sossegada, mas não é momento para isso. Esta é a hora de decidirmos nosso próximo passo, e ele tem que ser bem calculado. Estamos sozinhas no meio de... de...

— Da *Floresta Manazgul* — Diana respondeu, consultando o papel e olhando a topografia da área no entorno da Floresta. — Na verdade não é tão ruim, estamos bem próximas da Cidade do Rei. Todo mundo vai pra lá, não vai?

— Eu não sei — disse Yoná, mexendo o queixo rapidamente, como se estivesse no meio de um ataque nervoso. — E se alguém resolver vir atrás de nós? Nunca vão nos encontrar se não ficarmos paradas.

A loira olhou ao redor. O solo da floresta era úmido, as árvores, muito próximas, altas, de copas espessas, uma névoa gelada estendia dedos esbranquiçados sobre as raízes no chão e sons agourentos e lamentosos preenchiam o ambiente, dando ao lugar um ar mais macabro do que ele já possuía só por estar no Nepcoutem. Ela deu um salto.

— Mas nem que comece a chover bolinhas amarelinhas eu fico aqui plantada nesse lugar feito uma samambaia! — exclamou. — Nem de jeito nenhum! Nós vamos pra Cidade do Rei e pronto!

— Você está louca? — ranhetou Yoná. — Quer sair por aí andando pelo Nepcoutem só com uma faquinha de manteiga nas mãos? Não vamos a lugar algum, está decidido.

— Pode levar uns vinte meses pra alguém nos encontrar aqui! Pode levar um trilhão de anos! E aí, como é que você vai conseguir comer ou beber água?

Yoná cruzou os braços. — A Caçadora explicou que não podemos morrer aqui dentro. Ficaremos com fome e com sede, mas não morreremos. Aguentaremos bravamente, como sentinelas que somos.

Diana encheu as bochechas com ar e segurou a respiração um instante. Uma criatura próxima a elas soltou um gemido que lembrava muito uma pessoa dando suspiros finais, e fez os ossos da espinha da garota enregelarem e Yoná revirar os olhos e morder o lábio.

— Quer saber, fica você — falou Diana, jogando a bolsa de lona de qualquer jeito nas costas e desaparecendo entre as árvores.

Poucos segundos depois, entretanto, Yoná a alcançou, exatamente como Diana sabia que a amiga faria.

— Não vou te deixar andar sozinha por aí — falou empertigada, mas seu queixo estava um tantinho mais baixo que de costume. Diana sorriu.

Diana executou o feitiço do norte para conseguirem se localizar e, embora Yoná protestasse a respeito do caminho a seguir, depois de pouco tempo avistaram a silhueta da gigante *Portol tr’Groush*, a “Montanha de Vômito Incandescente”, o maior vulcão ativo do Mundo de Bhardo. Mesmo à distância via-se a luminosidade de pequenos filetes de lava que desciam por fissuras na montanha, e a massa pesada de nuvens negras que coroava o vulcão espalhava-se pelo céu e se misturava à névoa vermelha que tingia o bojo e carregava o entorno com a cor da guerra. Raivosos raios arroxeados chicoteavam as nuvens. Ao sul do vulcão, à distância suficiente para não serem atingidas por materiais de erupção, cintilavam as janelas da Cidade do Rei.

De longe já era possível perceber o quanto aquela era uma cidade ímpar. Pelo que as garotas podiam divisar, a cidade fora construída sobre um extenso planalto que se estendia a partir de *Portol tr’Groush* por dez ou quinze quilômetros, quando era interrompido abruptamente por um penhasco que o cortava de fora a fora e rebaixava a altitude do terreno em cinquenta metros. Na parte alta da cidade ficava o Palácio, construído na beirada do penhasco: uma construção mirabolante em arcos de mármore furta-cor que refletiam as nuvens e o tornavam rosado e parecido com uma grande rosa. Duas torres sinuosas estavam voltadas para o sul,

ladeando a entrada principal, mas um único e largo torreão no centro da construção chamava a atenção. Sobre ele, grandes janelas encurvadas e sobrepostas davam a impressão de pétalas e, bem no meio delas, um teto abobadado e translúcido refletia cada relâmpago roxo do céu, como o miolo de uma flor. Ao redor do Palácio, casas magnânimas de mármore e granito estavam dispostas em ruas largas e brilhantes, e embora as sentinelas não pudessem enxergar, havia árvores frondosas, mas ressequidas, plantadas a espaços milimetricamente calculados em jardins.

A parte baixa, porém, era praticamente um cenário de guerra. Cobertos pelo horizonte elevado, os moradores da Cidade Alta não viam o que acontecia nas minas escuras dos escravos, e o cheiro pútrido dos marrotes não lhes chegava às narinas. Pois além do planalto viviam os condenados, aglomerados em barracas amontoadas em desordem por acampamentos dispersos em vários pontos do reino, conduzidos por arquedemon'z de mão de ferro e marrotes — mas essas eram coisas que nem Yoná nem Diana podiam enxergar. Só o que elas viam eram as construções da Cidade Alta e o Palácio.

Em silêncio, as meninas começaram a caminhar. Seriam necessários pelo menos três dias para chegarem à fronteira da floresta se não tivessem nenhum contratempo e, pelo jeito como Yoná jogara os ombros para trás numa pose determinada, Diana achou melhor não fazer muitos comentários sobre o quanto estava cansada e apavorada.

Os dragões tinham um sono pesado e muito mais longo que o dos garotos, então, quando acordaram, cada um despertado por pesadelos mais sufocantes que o do outro, Jadhe e Márcio voltaram à tarefa que realizavam antes de adormecer: tirar microespinhos da pele.

— Nem que tivéssemos caído de peito aberto numa roseira repolhuda, não ficaríamos com tantos espinhos — Márcio reclamou. Os zaundron'z, além de cornos grandes e pontudos no longo focinho, no corpo e na ponta da cauda, tinham pequenos e finos espinhos nas bordas das escamas, e apesar de estenderem os casacos de lona dos piratas sobre eles para montá-los, as sentinelas não conseguiram evitar ficar com um punhado de farpas na pele. — Bem diferente de voar com Dominique, não?

Jadhe corou e não olhou para o amigo quando respondeu com um sorrisinho tímido:

— Bem... Dominique não é exatamente um veículo, não é? Ele só nos dá carona quando precisamos...

Calou-se. Pensar em Dominique fez a garganta dela arder, e Márcio a viu segurar a respiração para ajudar a conter a aflição. Angustiado, o rapaz pensou nos amigos, e o pensamento dele pousou em Yoná e no pedido que ele fez a ela antes de partirem, e não conseguiu evitar que Jadhe visse exatamente o rosto da amiga.

— Droga... — ele deixou escapar.

— O que foi?

— Nada, é que... Eu pedi a ela que ficasse perto de mim aqui, sabe? Pra evitar que se metesse em confusão. Yoná não sabe reconhecer quando um problema é maior do que dá conta de resolver.

— Gosta muito dela, não gosta? — Jadhe perguntou, e Márcio empinou o nariz para responder.

— Gosto de todos os meus amigos.

— Você entendeu minha pergunta.

Márcio riu.

— Tá brincando, né? Yoná é a criatura mais irritante e arrogante que existe nesse mundo! — depois, ao muxoxo de Jadhe, completou: — Você... Você sabe que sim. Mas não a deixe ouvir isso, tá bem? Ela me enlouqueceria.

Jadhe sorriu e Márcio sorriu também, mas logo o silêncio voltou entre eles, ainda mais austero do que antes. Pensar nos amigos só fazia aumentar a ausência, e cada rosto que passava na memória de Jadhe aparecia na mente de Márcio em meio às lembranças dos caminhos percorridos por eles. Os sete naquela primeira viagem sob Melvim, quando pensaram que iriam se afogar. Melvim... Márcio viu Jadhe engolir em seco quando os dois pensaram na tartaruga e no barqueiro, e em como poderiam jamais voltar a vê-los.

Os sete no deserto de Chivin. No templo de areia. No bonde. A queda do bonde, um dragão furioso a persegui-los. O dragão da floresta adormecida. A corrida. A sereia em Terem. A separação. Arquedemon'z no oceano, malditos em terra firme... Os sete separados... E tudo o que podiam dividir era apenas o mesmo céu.

As mesmas estrelas...

Só o mesmo céu...

O céu... Um ótimo lugar para se ver tudo. Mas só se...

Só se você estivesse na altura das estrelas...

Uma estrela espiã...

Uma estrela *andante*...

Uma lufada de ar quente esturricou os pelos da nuca de Márcio e cortou seu raciocínio. Não importava. Enquanto estivessem naquele lugar ficaram sob um manto de névoa vermelha, e o que acontecia lá fora não os atingia. Deu a mão à

amiga para se levantar, e ela quase escorregou por causa do suor: o calor era forte e insuportável naquele reino. Mas não haveria refresco. Era hora de partir.

— *Manzgul... Manaz... Guul...* — repetia Diana num sibilo demorado perto do ouvido de Yoná.

— Você quer parar com isso? Já está me deixando nervosa. Parece doida repetindo o nome deste lugar! — Yoná brigou. Já estavam andando havia seis horas, a garota tinha os pés inchados, aquela roupa horrorosa dos mercenários pinicava e, se Yoná costumava ser mal-humorada, naquele momento ela estava no ápice de sua rabugice e sabia disso. A floresta as havia engolido totalmente depois da primeira hora de andança, e as meninas quase não viam sinais do céu através das copas espessas. Para completar, tudo ao redor era quente e úmido, as superfícies das árvores e das pedras eram pegajosas, o cheiro que emanava das raízes e dos troncos era podridão misturada com enxofre, e havia muitas raízes saltadas no solo acidentado que, no escuro e sob a camada de neblina que se espalhava pelos cantos, ocultavam os obstáculos e faziam as meninas tropeçarem e caírem várias vezes.

— Mas não é legal? Olha: *Manazguul* — ela fez de novo, e Yoná respirou muito fundo para se controlar. — Parece o nome de alguma coisa assombrada ou coisa assim.

— Mas é bem isso o que a palavra quer dizer! — falou a negra Yoná. — *Manazgul* quer dizer “espírito podre”, ou alguma coisa do tipo. Era usada pra falar dos espíritos de pessoas que morreram em guerras, espíritos de assassinos, gente bem ruim.

— Como as *maellem*? — Diana perguntou, lembrando-se das mulheres etéreas à margem do rio da sereia Yara. Diana não as tinha visto, mas Yoná as descrevera com perfeição.

— *Maellem* quer dizer “espíritos de águas”, são os espíritos de pessoas que morreram afogadas ou em lugares de água, como *manazcárfh* são os espíritos dos queimados.

— Hm... — a loira coçou a cabeça, pensando em quantas palavras diferentes as pessoas do passado inventaram pra falar de gente morta. — Não tem uma palavra que signifique só “espíritos” não?

— Claro, *manarell* — Yoná respondeu, dando de ombros. — Enfim, você não devia fazer piada com essas coisas.

— Ah, estamos num lugar onde as pessoas não morrem, não pode ter assombração nesta floresta...

Naquele instante um lamento quebrado e retumbante ecoou entre as árvores fazendo as jovens estacarem. Diana puxou a faca de cozinha da bota e Yoná tirou outra da bolsa, e se aproximaram uma da outra com os olhos cravados em direção à fonte do som. Outro plangor, desta vez mais forte, mais choroso, mais parecido com o de uma pessoa amordaçada. Sons nas árvores atrás delas; as sentinelas se sobressaltaram, uma cobra enorme deslizou pelo tronco de uma árvore até o chão e passou sibilando rente aos pés de Yoná, que se manteve rígida como uma estátua. O lamento outra vez, as moças se voltaram para o lugar e perceberam algo surgir entre a escuridão das árvores. A cobra seguiu seu caminho, sem se importar com sentinelas ou monstros lamuriosos, e não deu atenção quando a coisa apareceu. Uma cabeça de homem as encarava, branca como a Larehssu, e saltou da penumbra, balançando-se lentamente sobre o pescoço como se tivesse que se equilibrar sobre ele. Ele aproximou-se mais um pouco: havia sulcos finos sob os olhos dele, e sua boca estava entreaberta. Mas os olhos... Ah! Os olhos! Não eram olhos normais. Havia dois grandes olhos redondos e escarlates sem pálpebra, e logo abaixo deles, mais quatro olhos pequeninos. Acima da cabeça, dois brilhos ligeiros indicavam a presença de outro par de olhos grandes: olhos como os de aranhas.

Diana agarrou o pulso de Yoná pedindo num sussurro petrificado: “não me solte”, ao que Yoná engoliu em seco, despindo-se de sua carapaça de orgulho, e respondeu, agarrando de volta o braço da amiga: “nem pensar!”. As duas viram a criatura se aproximar e puderam ver seu corpo: peludo, sobre seis patas aracnídeas e com duas pinças gigantes de caranguejo, sustentava-se um corpo humanoide do qual saía o pescoço e a cabeça da criatura.

O monstro gemeu. Não atacou, mas não houve tempo para isso: com os corações disparados, as jovens sentinelas abandonaram toda a coragem guerreira que as guiara até ali e dispararam pela floresta, fugindo o mais rápido que as pernas puderam aguentar.

Yoná e Diana teriam seguido na correria e despencado de um penhasco altíssimo, não fosse terem sido atacadas, de forma quase providencial, por um bando de corvos supercrescidos com garras de ferro. As duas receberam cortes nos ombros e acabaram desviando-se do caminho, parando só quando não restava fôlego a nenhuma das duas. Desabaram, exaustas, num espaço entre quatro árvores grossas, mas descobriram ali um ninho de lacraias e saíram em pânico. Enfim, quando não conseguiram dar mais um passo, caíram, uma se apoiando nas costas da outra, numa clareira sem nenhum esconderijo.

Ficaram assim por vários minutos até conseguirem respirar normalmente, quando beberam um pouco de água e olharam ao redor. Não havia sinal da criatura, mas viram, com horror, que parte do solo ali perto se movia: um emaranhado de serpentes, que se entrelaçava numa dança sinuosa e pegajosa. Apesar de assustadoras, as cobras não pareciam cientes da presença das jovens, e continuaram cuidando de suas vidas emboladas como se as moças não estivessem ali.

— O que era aquela coisa? — Diana perguntou num sussurro, sem tirar os olhos das serpentes. — Um tipo de “homem aranha”?

— Eu não sei, só sei que não é normal! — Yoná respondeu olhando ao redor. Ela procurava uma fissura entre as árvores por onde pudesse enxergar a montanha, mas, se quisesse avistar acima das folhas, teria que escalar uma delas e encarar sozinha o que havia no meio das copas acima. Desistiu sem pensar duas vezes.

— É claro que não é normal! Nada aqui é normal!

Um novo gemido se ouviu, vindo de um ponto acima das garotas, e Yoná convenceu-se de quão acertado fora sua decisão de não subir naquelas árvores horripilantes.

— Não é isso. Aqueles selvagens que nos capturaram em Terem, os que chamamos de sacis, eles são normais. *Existem* no mundo, entendeu? São esquisitos pra nós, mas foi a natureza que os criou. Aquela coisa lá atrás... Aquilo não é parte de uma espécie — Yoná concluiu num tom sombrio.

— Você acha que... que aquilo já foi *alguém*?

Um grito interrompeu a conversa. Vindo de lugar nenhum, um grito rápido de mulher, como o de uma pessoa sendo atacada. Em seguida um novo gemido, um soluço que parecia vindo das entranhas da terra, fez as jovens se entreolharem. Ajeitaram as mochilas nos ombros, e Yoná tomou a iniciativa de agarrar a mão de Diana e entrelaçar seus dedos nos dela bem apertados, como se aquele gesto pudesse aumentar a coragem das duas. Voltaram a andar, sem nem cogitar procurar a fonte daqueles sons.

As moças passaram tantas horas sem dormir que, quando o sono lhes sobreveio, mal conseguiram se revezar para manter a vigília. Só a lembrança da criatura aranha conseguiu manter acordada aquela que vigiava enquanto a outra dormia. Ao despertarem, conseguiram encontrar a montanha de fogo e perceberam que, sem querer, tinham se mantido no caminho certo. Provavelmente tinham andado um dia inteiro sem dormir, mas jamais conseguiriam ter certeza: mais difícil que no resto do mundo, onde as estrelas ajudavam o bhardano a se localizar

no tempo, a cobertura de nuvens vermelhas e relâmpagos roxos não dava a menor pista de quanto tempo havia se passado.

Poucas horas depois chegaram a um pântano largo. Testaram sua profundidade com uma vara e parecia possível atravessá-lo caminhando, mas preferiram gastar algum tempo contornando-o a arriscarem afundar naquela água envolta em neblina. Árvores apodrecidas cheias de cipós se projetavam dele, e sons de sapos, sibilos de cobras, chacoalhar de penas somados aos barulhos de insetos compunham uma sinfonia sinistra.

As moças levaram uma hora para dar a volta ao lugar e encontrar o ponto onde o pântano afunilava e o riacho que o alimentava surgia límpido. Subiram escorregando por um morro arenoso e encontraram o topo de Portol tr’Groush entre a folhagem, uma ponta flamejante erguendo-se acima das nuvens. Continuaram num silêncio cauteloso, quebrado aqui e ali por silvos e chiados enregelantes.

Então Yoná estacou e até os fios das sobrancelhas dela se arrepiaram.

— Está ouvindo isso?

— Parece... um canto — constatou Diana, espantada.

— É, e eu sei de quem é essa voz — Yoná falou, dirigindo-se para a direção de onde a voz vinha.

— Como poderia saber? Como pode conhecer alguém aqui no Nepcoutem?

— Ah! Eu nunca me esqueceria da dona desta voz...

À frente, a neblina se tornava mais espessa e tinha uma doentia cor amarelo-forte. Um cheiro ácido preenchia o ar e dificultava a respiração, e Diana agarrou o braço de Yoná, chamando a amiga baixinho para que as duas saíssem dali. Yoná, quase vinte centímetros mais baixa que a amiga, prendeu o braço de Diana mais forte e puxou a garota com ela; as duas seguiram em direção à neblina, e à medida que chegavam mais perto dela conseguiram enxergar a cabeça de uma pessoa apoiada num tronco apodrecido de árvore, de costas para elas. A mulher, fosse quem fosse, cantava numa voz entrecortada, e não se podia ver o corpo dela entre a névoa.

“Três pescadores, uma linda flor...

A fera rugiu, rasgou a flor, levou a pedra...”

A música não fazia sentido nenhum para Diana, mas Yoná conseguiu entender do que se tratava. Quando chegaram mais perto, Diana quase arrastada pela amiga, pararam em frente a uma poça de água borbulhante e amarelada, onde a mulher de longos cabelos brancos cantava e se penteava com uma escova de pedra, o corpo afundado naquele líquido mal cheiroso. Um leve movimento criou ondas na superfície da água e o queixo de Diana caiu: no lugar de pernas, ela tinha

uma grande cauda azulada de peixe. A garota afrouxou um pouco o aperto no braço de Yoná, e as duas contornaram a borda da água para enxergar a mulher de frente. Seus olhos azuis continuaram vidrados e ela continuou cantando, mal percebendo a presença das sentinelas ao lado dela.

— Esta é... *A sereia*? — Diana perguntou, e Yoná assentiu sem palavras. Sim, aquela era Yara, a mesma sereia que hipnotizara Shenu e Márcio e quase os fizeram matar a garota meses antes. Diana não a tinha conhecido porque, junto com o restante do grupo, estava sob um feitiço que lhe roubara a juventude e a transformara num saco de ossos que quase não resistiu àquela noite fatídica. — Mas o que ela faz aqui?

— Eu não sei, pensei que ela estivesse morta! — falou Yoná. — Eu a vi envelhecer séculos em poucos segundos, e agora ela está...

— Jovem e bonita — Diana completou, embora isso não fosse totalmente verdade. Havia uma grande marca negra no rosto da sereia, uma espécie de cicatriz que estendia raízes negras na metade esquerda do rosto de Yara, sobre os olhos, a boca e o pescoço.

— Ela não tinha este estigma no rosto. Isso é marca de uma maldição... A maldição de Zebarã. — Yoná comentou, abaixando-se para ver melhor a sereia. A água em contato com o corpo da mulher criara feridas e bolhas, que só de olhar pareciam doer bastante. Diana abaixou-se também e tocou a água com um dedo: em poucos segundos o tirou rapidamente: um vergão vermelho havia se formado ali. — Deve ser algum tipo de lago ácido, contaminado por causa do vulcão — Yoná cogitou.

— Mas por que ela está aí? Por que não vai pra outro lugar?

— Talvez não saiba de nenhum outro lugar — disse Yoná, levantando-se com o rosto franzido numa careta nervosa. — Por tudo o que ela fez, ela merece ficar onde está.

— Então... Vamos deixar ela aí?

Diana ergueu a cabeça e ficou encarando os olhos negros da garota de ébano. Alguns dias antes ela talvez ficasse convencida da dureza de Yoná só pelas palavras dela, mas depois de vê-la tão apavorada quanto ela no meio daquela floresta, duvidava um pouco de que a garota fosse aquela pessoa desalmada que parecia às vezes. Mas Yara tinha causado mal demais, e Diana não queria interferir no julgamento dela.

Yoná cerrou os punhos e estremeceu de tanto apertá-los. Virou as costas para a sereia, chamou Diana para ir embora, mas, quando a loira ficou de pé, a garota suspirou aborrecida e pediu:

— Vem, me ajuda aqui.

As garotas retiraram cuidadosamente a mulher-peixe de dentro do lago puxando-a pelos braços, e descobriram uma cauda cheia de lascas e feridas. Yoná fez de tudo para não aparentar nenhum sentimento, mas Diana percebeu quando a garota disfarçou uma careta chorosa quando ela mordeu o lábio ao ver um machucado particularmente feio que havia nas costas da sereia. As duas carregaram-na colina abaixo até chegarem ao pântano, que não era o lugar mais lindo do mundo, mas cujas águas pelo menos não eram ácidas. Quando depositaram a criatura na água Yara parou de gemer, e nadou um pouco por ali parecendo feliz, embora seu olhar continuasse tão perdido quanto antes.

Yoná e Diana sentaram-se numa pedra, que parecia mais segura do que o chão de insetos, para recobram o fôlego. Enquanto observavam a cauda da sereia se levantando e abaixando na água, Diana aproveitou o momento para colocar a amiga contra a parede.

— Como é que você pode saber tanto a respeito das coisas do Nepcoutem? De Sambuk’z e maldições, essas coisas?

— Oras, eu estudei muito — respondeu a outra, sem tirar os olhos da sereia.

— É eu sei! — Diana protestou, puxando o braço de Yoná e obrigando-a a encará-la. — E sei também que essas coisas não são matérias normais nos Educandários daqui. Eu pensava que o ensino de Octoforte fosse mais brando, mas Jadhe e Nique me disseram que nunca tiveram aulas específicas que tratassem deste lugar, e Shenu, que conheceu o mundo todo, falou que nunca ouviu falar de um curso extensivo sobre “Ameaças do Mundo Antigo nos Dias de Hoje”. Por que esse interesse todo, mesmo tanto tempo antes de virar sentinela?

Yoná desviou os olhos e Diana sacudiu os braços da amiga para que ela voltasse a encará-la.

— Poxa Y, depois de tudo o que já passamos, você não vai contar mesmo o seu segredo?

— “Y”? — Yoná sorriu ao ouvir um diminutivo tão singelo do seu nome. Olhou para cima, depois para Yara, e tomou uma resolução. — Se eu te contar alguma coisa, você vai contar tudo para o Pablo assim que o vir, não vai?

Diana pensou um pouquinho, mas não mentiu: fez um “sim” contundente com a cabeça.

— Logo, Márcio vai ficar sabendo de tudo na primeira oportunidade, não é?

— Hm... É, eu não acho que consigo esconder muita coisa dele... Então todos os outros vão saber, porque somos todos linguarudos, temos um troço cerebral que junta nossas cabeças, então... É, é melhor você não contar nada...

A negra riu e depois mordeu o lábio.

— Ai, tudo bem! Sabe Di, quando eu digo que sei que Ártemis é a Caçadora, a mesma da lenda, não é uma suspeita. Eu sei — falou Yoná, e Diana se endireitou curiosa, tentando entender o que aquela afirmação tinha a ver com a conversa anterior. Então Yoná puxou a gola de sua roupa para baixo e deixou à mostra uma pequena marca, uma ranhura preta de dois centímetros um pouco afundada na pele da garota, pequenina, mas indiscutivelmente similar às marcas no rosto de Yara.

As duas começaram se aprontar para voltar a caminhar.

“No dia em que conheci o *Estigma de Zebarã* eu colhia batatas com minha mãe. Nós ouvimos um barulho no meio da mata e vimos uma pessoa: um homem branco, coisa que eu nunca tinha visto antes na vida. Ele tinha olhos sem cor como os de Ártemis, um estigma enorme, como este de Yara, que tomava o peito dele quase todo, e tinha presas de urso no lugar de dentes. Um estrangeiro provavelmente seria levado à tribo e morto, os Sanai não são um povo sociável, mas fomos atacadas antes que pudéssemos pensar no que fazer. O estranho atacou minha mãe como um bicho faminto, e ele a teria matado rapidamente se não tivesse me visto. Eu era criança, acho que ele pensou que minha carne fosse mais macia, eu não sei...”

“Lembro de tropeçar e cair e sentir uma físgada na perna. O tombo me salvou de uma mordida violenta, os dentes dele passaram raspando pelo meu ombro. E, quando ele investiu contra mim de novo, conheci a Caçadora. Ártemis apareceu de lugar nenhum e atacou a criatura. Para matá-lo, ela cravou os dentes no pescoço dele, igualzinho ele fez com minha mãe. Eu vi uma coisa *descer* por dentro da pele dele, pelo pescoço, como se ela o estivesse envenenando! Quando ela terminou, olhou para mim e deu dois passos pra trás. Ela tremia e suava, e esbarrou em minha mãe, caída no chão, agonizando. Eu a vi se abaixar e tocar o pescoço dela. Ártemis provou o sangue dela, eu vi! Depois a Caçadora correu, e o homem que nos atacou envelheceu, virou esqueleto e depois virou pó em instantes.”

“Os Sanai nos encontraram caídas e nos levaram para a aldeia. Passamos por um ritual cheio de fumaça e incensos, e ouvi minha mãe agonizar o tempo todo. Eu comecei a passar mal, minha perna doía e havia vergões esquisitos no meu tornozelo. Alucinava... Só consigo me lembrar de lampejos daquele pesadelo. Eu não havia sido mordida, mas os índios não acreditaram nisso. Minha mãe foi morta e cremada em alguns minutos, e me lembro de que o pajé me tirou de cima da pira que a aldeia ia acender pra mim. Fui mandada para uma casa de cura na cidade, e fiquei convalescendo por três semanas até me recuperar. Quando despertei finalmente, estava sozinha na cidade, um lugar onde eu jamais tinha

estado, com uma vaga comprada num Educandário, sem falar a língua daquelas pessoas e sem conhecer ninguém.”

— Que idade você tinha? — Diana perguntou, abismada. Tinham retomado a caminhada e agora aumentaram o passo quando ouviram um estranho urro de gorila vindo de um buraco numa árvore de tronco grosso. Fizeram silêncio até a deixarem bem para trás.

— Cinco pra seis anos. Fui enviada para viver num orfanato. Durante o dia eu frequentava o Educandário e, à noite, voltava para lá como se fosse minha casa. Um casal e uma mulher sozinha quiseram me levar como filha, mas parece que o pajé tinha feito um acordo com o orfanato, e eu voltei à tribo algumas vezes para visitá-lo. Nunca fiquei mais que uma noite, do mesmo jeito que aconteceu da última vez, quando estive lá com vocês.

“Depois de algum tempo, quando comecei a entender a língua comum, a senhora Rosalice, matriarca do orfanato, me contou o que aconteceu, pelo menos do jeito que ela tinha entendido. No momento em que fomos atacadas e eu caí, fui picada por uma aranha muito perigosa, e o veneno me deixou entre a vida e a morte. Nas palavras dela, as ‘bestas desapropriadas de civilização e de pensamento racional que eram os Sanai acharam que tivéssemos as duas, eu e minha mãe, sido amaldiçoadas, e como animais que são, a mataram, e fariam o mesmo comigo se meu pai não tivesse impedido e inventado uma história de que um *espírito da floresta* tinha contado pra ele que eu não estava amaldiçoada, e que eu devia ser poupada.’ Foram bem essas as palavras dela, talvez não tão delicadas... Até têm uma certa verdade.”

— Mas eles mataram sua mãe...

— Ela já estava morta — disse Yoná friamente, fazendo Diana se arrepiar ainda mais. — Se não tivessem feito isso, ela teria se tornado uma besta igual à Ártemis.

— Então... eles pensaram que você também tivesse sido mordida.

— É... E, pensando bem, talvez o Espírito da Floresta realmente tenha falado com meu pai. Talvez Lhênus tenha interferido naquela época e me poupado...

— Então... Então, se Lhênus salvou sua vida, significa que ele estava de olho em você há muito tempo!

— É como Ártemis falou, ele pode ver todo mundo o tempo todo.

— Então, você ficou morando no orfanato e no Educandário... E eles tinham lições sobre essas coisas? — perguntou Diana, que apesar de admirada, ainda não conseguia ver a relação dos acontecimentos na vida de Yoná com o conhecimento dela sobre as coisas do Nepcoutem.

— Não. Eu tinha muito tempo livre, então usei para procurar informações produtivas. Pelo menos pra mim — a jovem disse, e como Diana continuasse com um olhar confuso, Yoná explicou: — Esta marca no meu ombro, eu precisava descobrir o que era, e se ela me transformaria na mesma coisa que Ártemis. É meu estigma, e eu precisava saber se, em algum momento, eu estaria amaldiçoada. Comecei a procurar informações aqui e ali, e, por sorte, pude viajar e conhecer a biblioteca do Educandário Azarvat de Gehenmy, a melhor de todas nesses assuntos. Acabei encontrando muita coisa sobre estigmas e maldições, achei a lenda da Caçadora e cheguei a um artigo do mensário de Ylhuah sobre Ártemis, a mulher que trabalhava como caçadora da Ordem do Meio do mundo, e que usava o mesmo nome da lenda para meter medo nos foragidos que ela caçava. Sabe, eu... meio que fiquei obcecada até conseguir uma imagem dela, mas isso comprovou o que eu já sabia: que Ártemis não era só uma detetive habilidosa e violenta, mas era *a Caçadora*, a mesma que conheci quando criança.

“Isso aqui — ela apontou com os olhos o local da marca — é um estigma. Uma marca de maldição. Depois que descobri o que pude sobre a Caçadora, cheguei ao mito de que a mulher era foragida do Nepcoutem, por isso tinha todos esses poderes sobrenaturais. Quando esgotei todas as informações sobre ela, comecei a procurar o que podia sobre o Nepcoutem e Zebarân. Quase tudo o que está nos livros é contado como lenda, muita coisa é tão absurda que não se pode dar nenhum crédito. Mas, às vezes, dá pra encontrar alguma coisa que parece sério, como informações sobre o *estigma*. Parece que muitos venenos mágicos deixam cicatrizes, mas só a marca da Caçadora é chamada de estigma, porque não é só um veneno, é uma maldição. Quando confrontei Ártemis, ela me disse que o meu não tinha atingido meu sangue, ficou só na superfície, então eu não tenho a maldição. Uma marca de que a pessoa deixou de ser quem é e mudou sua natureza”.

— Então Ártemis... É uma espécie de monstro?

— Prefiro enxergá-la mais como uma predadora. Mas ela é venenosa, pode se descontrolar, e pode infectar outras pessoas com essa coisa dela... Acho que é por isso que atacou aquela coisa que matou minha mãe, ela queria destruir o que ela criou antes que ele fizesse mais vítimas.

Um pássaro de som fantasmagórico gorgolejou ali ao lado. Ofegantes, as duas se aproximavam da poça borbulhante onde tinham encontrado a sereia. A floresta estava ainda mais quente do que antes, e tanto Diana quanto Yoná tinham ardores nos braços por terem carregado a sereia cheia daquela substância.

— Mas, se o estigma fez Ártemis se tornar uma... uma predadora bebedora de sangue — considerou Diana, esfregando os braços para afastar um

calafrio — então por que Yara não nos atacou? Digo, ela parecia alucinada, meio fora de si, mas não parecia doida por um pescoço...

— Não sei Di, mas aquele cara... Aquele aranha-homem-carangueijo, sei lá o que era aquilo, aquele homem também tinha um estigma, você se lembra?

— Talvez este veneno seja usado pra várias maldições de Zebarân... — cogitou Diana.

— E talvez ele prenda todas essas pessoas aqui, e elas sejam as assombrações vivas... — imaginou Yoná, encolhendo com um arrepio provocado por mais um ganido sinistro bem próximo a elas.

— Mas, então... O que será a maldição de Yara? Será que a marca a deixou louca?

Nenhuma das duas precisou imaginar muita coisa. Logo um som preencheu o ar, e as moças, boquiabertas, se aproximaram trêmulas do local de onde ele vinha. “*Três pescadores, uma linda flor...*”, ouviram.

Apoiada no mesmo tronco apodrecido, Yara penteava lentamente os cabelos com a escova de pedra. Cantava, os olhos sem vida fitando o além. Havia lama do pântano nos ombros da sereia, e feridas voltavam a aparecer em sua pele. Seu canto era entrecortado por um soluço pavoroso, e uma lágrima após a outra escorria por sua face.

— Acho que descobrimos qual é a maldição da sereia — disse Diana. Puxou o braço de Yoná e forçou a amiga, que tinha ficado petrificada, horrorizada com tamanha maldade, a avançar, e as duas trataram logo de sair dali.

Coelho em toca de serpente

Shenu tossiu e cuspiu sangue. Tinha apanhado tanto que seu olho esquerdo estava fechado com o inchaço, e algumas partes do corpo estavam insensíveis. Se já não conseguia ouvir bem, o ouvido esquerdo estava quase imprestável. Tinham tirado quase toda sua roupa, só deixaram suas calças, e o atiraram naquela cela emporcalhada com grades de barras, espessas como braços de um lutador. No entanto e pela primeira vez, Shenu não estava apavorado.

Ele podia ver as luzes do lado de fora da cela, o que significava que não estava esquecido para sempre no porão escuro, e sabia bem o porquê. Arquedemon'z e marrotes, aquelas criaturas bizarras parecidas com escaravelhos mutantes, nenhum deles conseguiu tirar dele a joia que a Caçadora prendera ao corpo do rapaz, nem abrir o cilindro onde estava seu mapa. E não conseguiram desmembrá-lo, tampouco. Os demônios odiosos bateram em Shenu o quanto puderam, mas suas lâminas não conseguiram perfurar a pele do rapaz, embora fizessem machucados bastante doloridos, e Shenu teve que reconhecer que Ártemis, fosse o diabo que fosse — porque ele sabia que ela era bem mais do que uma caçadora comum do Meio do Mundo — tinha salvo sua pele e protegido cada um de seus dedinhos. Jogaram-no naquele canto podre do castelo, mas, se estava à vista de outras pessoas, não tinham se esquecido dele. Os captores queriam o Lampejo, e não iriam desistir de pegá-lo. Agora ele ria sozinho largado no chão, satisfeito com a frustração das criaturas, enquanto esperava o tempo passar e as forças voltarem aos braços para poder alcançar o cilindro no peito.

Não ficou surpreso quando se descobriu sozinho ao consultar o mapa — afinal, fora ele mesmo que ficara na ponta da fila e soltara a mão de Jadhe — mas ver que havia amigos seus espalhados por todo aquele maldito lugar o fez ficar preocupado. Cada um deles tinha motivos para estar ali — a não ser por Jadhe, ela não queria estar naquela missão, e, se dependesse dele, a garota estaria a salvo em Agerta (esperando por ele, de preferência) — mas, se ele pudesse, teria vindo sozinho e deixado todos os outros protegidos. Mesmo assim, sentia-se um traidor, tendo ido parar na Cidade Alta daquele jeito furtivo. Pois foi terrível se passar por um mercenário no Sambuk, mas o disfarce lhe valeu uma coisa útil: um estigma temporário, um símbolo marrom que ele não reconhecia tatuado no pulso direito, algo que ele se esforçou para esconder da telepatia de Jadhe. O sinal já estava desaparecendo, mas tinha cumprido seu papel: o levava o mais perto que era possível do rei Zebarân, e esperava que esse trunfo o ajudasse a completar seu intento antes que seus amigos precisassem se colocar em risco. Mas ele havia sido apanhado cedo demais, e agora só havia uma alternativa, aquele velho ditado que

Astur ensinara a ele há tantos anos: *“na toca da serpente, até coelhos comem ratos”*.

Tinha que ser esperto.

Caiu no sono e despertou horas depois, percebendo as dores pelo corpo aumentarem e fazerem os músculos enrijecerem. Através das grades havia uma parede arenosa iluminada por quatro archotes. Do prédio era só o que conseguia ver, mas uma sombra grande e com imensas asas de mosquito se projetava na parede, indicando que ele estava sendo vigiado por pelo menos um arquedemon. Permaneceu imóvel na mesma posição que tinha caído, esperando o próximo passo dos seus captores. Sentia uma sede enlouquecedora e tinha fome, mas os demon’z tinham tirado todos os seus pertences, inclusive a água.

Uma silhueta delineou-se na parede e, logo em seguida, uma mulher surgiu através das grades, uma moça de rosto redondo e pálido, olhos castanhos e cabelos dourados. Por seu olhar, Shenu imaginou que ela devia estar naquele reino há muito tempo, porque parecia um tanto perturbada.

— Sua marca é a dos escolhidos para viverem na Cidade Alta, mas você usava roupas dos sambukeiros. Só que você não é mercenário, porque não tem a marca dos mercenários. Muito bem, quem é você? — ela perguntou, tanto impaciente quanto intrigada.

Shenu sorriu de leve com um canto de lábio, feliz por ter podido ponderar a respeito do que iria responder. Naquele exato instante, decidiu entrar num jogo perigoso.

— Férík. Este é meu nome — ele disse.

— Férík é? Talvez... Embora seja difícil dizer debaixo de tanto inchaço... — ela falou, e, depois de um segundo contemplativo, continuou, apontando para o Objeto Supremo: — O que está esperando? Pode falar! De onde você está vindo e o que é essa coisa aí?

— Eu falo quando ganhar um pouco de água — Shenu barganhou, e a mulher, como se já esperasse por isso, jogou o cantil do rapaz de volta. A sentinela sorveu cada gole como se estivesse bebendo néctar. — Ah, isto é bom!

— De onde você vem?

— Do sul — respondeu Shenu, mantendo a calma e a segurança, forçando-se a lembrar do papel que iria representar. — Do grupo de rebeldes.

— Hm... — fez a moça, seus olhos cintilando. — Continue! O que é isso aí e por que veio para cá?!

Shenu ergueu a corrente que sustentava o Lampejo dos Desesperados, cuidando para que a garota olhasse bem para a joia.

— Isto aqui? Isto é uma caixa mágica — ele disse num tom teatral, girando lentamente o Lampejo, certificando-se que o poder sedutor e repulsivo daquela joia fosse o mais forte possível. — Uma bomba capaz de destruir toda a Cidade Alta.

Um sorriso doentio se estendeu lentamente pelos lábios da mulher.

— Ah! — ela riu. — Então isso aí é uma bomba mágica? E de onde veio uma coisa tão poderosa?

— Do tesouro pessoal do rei — Shenu respondeu sem pestanejar. — Foi roubada há muito tempo, antes de o Palácio ser concluído.

A garota levou a ponta do indicador aos dentes e mordeu a beirada da unha pensativamente. Shenu não evitou um sorriso, tinha conseguido colocar dúvida na cabeça da mulher. Mesmo que ela estivesse no reino desde os tempos em que o castelo estava em construção, mesmo que ela fosse esposa de Zebarân, ela não poderia conhecer de todas as joias e artefatos mágicos que ele mantinha em segredo.

— Hm... Então, você veio até aqui pra isso? Ameaçar explodir a Cidade Alta? Quais são suas exigências?

— Explodir? Não, eu não sei usar essa coisa! — a sentinela mentiu, e bebeu mais um gole do cantil. — Seria bom comer um naco de carne, sabia? Uma coxinha de frango... Talvez um faisão? Carne de javali? Tem alguma coisa aí que se possa comer? Estou faminto!

Irritada, a mulher mandou que o arquedemon, de que Shenu só podia ver a sombra, se levantasse e trouxesse uma trouxa de comida, e a criatura voltou três minutos depois com pedaços rasgados de frango mal passado num saco de pano. Shenu se aproximou bem da grade, não para olhar fundo nos olhos da garota, como ele fez, mas para aguçar o pouco que restara de sua audição e tentar identificar pelo som o caminho que o arquedemon fazia para a cozinha. Com as mãos entre as grades da cela, começou a comer o frango rapidamente.

— Então, senhor Férik, o que você pretende se não é ameaçar a Cidade?

— Qual é o seu nome, meu bem? — Shenu perguntou, e em toda a conversa, tentava fazer a voz mais cínica que conseguia.

— Há! Então não me conhece? Sou Alhena — a mulher respondeu, erguendo o nariz um tantinho, numa típica “postura Yoná”. — Primeira Guardiã dos Arcanos Maiores do Esquadrão de Feiticeiros de Aduna.

Shenu não conseguiu evitar um sorriso desdenhoso desta vez. Bruxos que faziam parte de grupos hierarquizados adoravam usar aquelas nomenclaturas enfeitadas, ao invés de dizer simplesmente “chefe de feiticeiros”, por exemplo. No entanto aquela era uma informação importante: estava lidando com a líder dos

bruxos do reino e, se conseguisse dominá-la, estaria com uma vantagem imensa nas mãos.

— Tem algo engraçado nisso, rapaz? — Alhena perguntou ao ver o sorriso de Shenu, mas o andarilho fez uma negativa com a cabeça.

— Desculpe-me. Eu não converso com uma pessoa tão importante há... Nem sei quando falei com alguém importante na vida — disse. — Sobre isto aqui, nenhum rebelde conseguiu usar essa coisa, nunca.

— Então por que a trouxe aqui?

— Porque... Eu cansei — Shenu falou, simulando desânimo. — Há séculos esta caixa passa de mão em mão pelos líderes rebeldes, e eles ficam com ela por anos sem fim estudando-a, cutucando-a, tentando fazê-la funcionar. Já faz um longo tempo que estou com esta coisa presa no corpo esperando o dia em que alguém descobrirá como usá-la. Eu não aguento mais isso. Ninguém vai entender nada disto, é pura perda de tempo, e continuamos na mesma situação de sempre!

Alhena cruzou os braços e andou de um lado para o outro na frente da cela, os olhos cravados em Shenu. O rapaz franziu o cenho: aquele jeito ferino de andar lembrava muito como Ártemis se portava diante de um problema.

— Há quanto tempo está com isso aí, Férik? Quanto tempo faz que está neste reino?

— Não sei há quanto tempo estou com essa coisa, mas entrei no reino há dezessete anos — Shenu respondeu prontamente, e depois acrescentou, pensando que as pessoas no Nepcoutem não deviam ter uma noção tão exata de tempo: — mais ou menos.

— Sei... O que você quer então? O que quer por essa caixa?

— Quero o que todo rebelde quer: uma vida melhor. Em troca desta prova de minha lealdade, eu quero um lugar na Cidade Alta, e não quero mais ter contato com estas crias hediondas que ficam vigiando os escravos. Não quero ser escravo nem rebelde, não quero ter que me esconder nunca mais. Quero uma vida, e quero comida de verdade na mesa.

Alhena segurou as grades com as duas mãos e olhou bem fundo nos olhos de Shenu.

— Como vou saber se essa caixinha não é só um pedaço de cascalho que você enfeitiçou pra ficar soltando faíscas? — ela perguntou rapidamente.

— Ora, por favor! Não me diga que não sente o poder desta coisa? — ele rebateu, sabendo que Alhena, pela primeira vez na presença do Lampejo, devia estar sentindo desde náuseas a desejo de tomar o Tesouro para si. — Uma das vantagens que terei será me livrar deste fardo. Eu não aguento mais carregar esta bodega, está me levando à loucura!

— Então me diga, Férik dos rebeldes — a mulher sibilou, colocando o rosto bem perto das grades. — Porque você está aqui, se foi visto nas pradarias do sul da cidade há menos de cinco sonos?!

Shenu sorriu de novo. Tinha que parar com isso, ia acabar se entregando, mas não resistiu. Sem querer, Alhena tinha entregado a informação mais importante que Shenu precisava.

— Eu toquei na barreira três vezes neste tempo até conseguir ser jogado aqui — respondeu.

A mulher ficou inquieta de novo, e tornou a caminhar de um lado para o outro, desta vez olhando para o chão e lançando pequenos olhares para o rapaz. Ele sabia que suas expressões faciais tinham colocado minhocas na cabeça dela, que certamente já suspeitava de cada vírgula que Shenu tinha colocado na sua fala, mas por tudo o que Ártemis contara e pelas informações de que ele mesmo dispunha, se Alhena realmente conhecia o tal Férik ela não podia duvidar da mentira de Shenu.

— Você é um homem estranho, senhor rebelde. Cheio de farsas, eu tenho certeza... E talvez você seja outra pessoa.

— De que pessoa você está falando? — o homem perguntou com interesse.

— Alguém que talvez nos fizesse uma visita, mas que provavelmente ficou no caminho — ela respondeu, e Shenu entendeu que Alhena, e consequentemente Zebarân, estavam a par da ida das sentinelas ao Nepcoutem. O rei devia ter perdido o rastro dos jovens quando a grande onda os afundou. — Muito bem, vamos ver o que você tem aí. Me entregue essa coisa e vou avaliar seu valor, aí veremos o que o rei dirá sobre seu pedido de viver na Cidade Alta.

Shenu suspirou e balançou a cabeça com um ar fingido de lamentação.

— Infelizmente eu não posso fazer isso — disse. — O homem que colou esta coisa em mim fez um serviço muito bem feito. Você viu seus marrotes tentando arrancar a caixa de mim, eles quiseram até me desmembrar! Só Zebarân tem poder pra tirar isto.

Alhena riu irritada e começou a gritar.

— Você quer o que, que eu chame o próprio rei para pegar essa coisa? Isso é uma armadilha, eu tenho certeza de que é uma armadilha! Seu canalha farsante...

— Pode até ser — Shenu admitiu, calculando as palavras seguintes — porque eu não estava presente quando essa bomba foi roubada. Pode ser que os ladrões tenham colocado alguma armadilha nela, pode ser que o bruxo tenha feito algo com este artefato que só fique ativo quando Zebarân tocá-lo... Mas eu não posso dizer, não sei usar magia! E, se Zebarân é tão poderoso quanto diz, então ele não deve ter medo de um truquezinho feito por um bruxo de araque dos rebeldes,

não é? Nem você, que é a Primeira Guardiã deste lugar, deve temer algo assim, ou estou errado?

Alhena emitiu um som como um rosnado e Shenu deu um passo para trás, dando tempo para que a mulher pensasse. Virou-se de costas, e viu um novo saco de carne pousar ao lado dele, jogado pela mulher, que desapareceu no corredor. Ele sorriu, tinha acertado no ponto exato que todo feiticeiro dessas ordens fechadas tinha em comum: o orgulho. Ela iria pensar a respeito, mas a sentinela tinha certeza: iria ceder à tentação de tentar colocar as mãos na joia.

E seria neste instante que o andarilho iria agir.

— Coisinha engraçada o que você fez — disse o ruivo, os olhos perdidos na vastidão do deserto rochoso. Do alto da montanha escarpada a maioria das pessoas sentiria vertigem, mas Macrux estava de tal forma acostumado a essa sensação que já não sentia nada. No fundo da caverna, Verônica gemia trêmula, encolhida contra a parede.

— A ilha... Eu perdi a ilha... Perdi o governo...

— Claro que perdeu. O que esperava? Matou seu esposo na frente de moradores. Eles não perdoam, sabia?

— Eles viram você também. Sabem que você estava lá.

O feiticeiro sorriu.

— Eu ainda era seu pai na ocasião, se lembra? Se tivessem me visto com você, seria um grande rebu. Eles pensariam que Ólie e você tramavam um grande complô familiar para se apoderarem de Agerta fingindo a morte dele, ou alguma coisa do gênero. Sabem que você age com alguém, mas não sabem quem sou. Aliás, nem você sabe quem sou — ele observou, girando nos calcanhares para observar a garota.

Verônica estava empoeirada, com a pele ressecada e cheia de fissuras. Comia o pão que Macrux lhe trouxera com a voracidade de um animal, e as asas recentes e as garras lascadas nas mãos e pés não amenizavam seu aspecto.

— Mas eu falava dessas coisas aí — Macrux apontou os membros nas costas de Verônica. — Você sempre as teve ou elas só “brotaram” como pés de feijão?

— Meu *mac* é a fauna — a gárgula começou a se explicar. — Sempre pude me comunicar com animais. Não “falar” com eles como se fossem gente, cada um tem sua compreensão das coisas... Mas consigo fazê-los entender quando precisam fugir e quando precisam atacar. É pouca coisa, mas consigo mudar algumas partes de mim. As gárgulas todas têm asas, garras e rabos, e eu consigo

guardar minhas garras e disfarçar as asas. Só não consigo mudar o rabo... Este sempre esteve aqui...

— Hm... Então são asas embutidas. Seria mais impressionante se você as tivesse feito do nada, demonstraria que tem mais poder do que eu pensava...

— Se eu tivesse tanto poder, teria a ilha sob meu comando agora! — bradou a gárgula, e seu grito se dissipou no vento ululante das montanhas. — E, se eu não tivesse permitido que as sentinelas levassem as joias, eu teria este poder!

Macrux suspirou, aborrecido. Pensou em transformar as próprias mãos em garras, como Verônica fazia, mesmo sabendo que o processo mágico daquilo era um pouco doloroso, diferente do que era para a gárgula, que tinha as suas por natureza. Pensou em usar essas garras mágicas para rasgar a mulher como um trapo sujo, e ninguém ouviria mais falar de Verônica, nem sentiria falta dela, mas Macrux sabia que pessoas sem propósito e desesperadas para ter algum papel importante na vida eram as melhores seguidoras que ele poderia ter. Instáveis, mas leais, pelo menos até certo ponto.

— Os Objetos Supremos... Quem diria que eles ainda teriam tanto poder depois desse tempo... Na verdade, acho que o tempo os deixou ainda mais interessantes do que eram no passado — disse, então se aproximou da garota até ficar a um palmo do nariz dela, abaixou-se e olhou bem nos olhos dela. — Se você tocasse num deles por um momento, em qualquer um, no estado de cobiça em que está, ninguém jamais a encontraria de novo. Ficaria perdida dentro de si mesma com um olhar bobo de quem assiste a uma peça de teatro muito interessante. Até morrer, garotinha.

O bruxo deu um tapinha ligeiro no rosto da mulher, que sentiu um arrepio percorrendo a pele. Um calafrio passou pelas costas da mão de Macrux — a sombra da sensação que Verônica sentia — e o homem sorriu. Depois de séculos, ele aprendera a usar telepatia, e gostava principalmente de identificar quanto medo as pessoas sentiam dele. Só Adna não tinha aquele pavor, e Macrux sabia que não encontraria nenhuma mulher como ela.

— Tenho uma missão para você, gárgula. Algo que vai deixar este mundo um lugar... muito mais interessante. Suas asas vão ajudar bastante, vai ser mais rápido com elas.

— E a ilha? — a gárgula indagou, os olhos cintilantes. — O que vai acontecer com a ilha? Vou poder voltar para a ilha?

— Agerta, Agerta, Agerta... Agerta vai continuar no mesmo lugar! Ela ainda está nos meus planos, mas agora que as joias não estão lá e ninguém tem poder para destravar o portal, ela não tem muita importância. Mas, — acrescentou, sabendo que aquele pedaço de terra minúsculo e aquele portal sem sentido eram as

únicas preocupações de Verônica — ela cairá, e eu mantereí minha palavra: se você mantiver sua lealdade, a ilha será sua.

Admirada, Verônica deixou o queixo cair em gratidão e assentiu mil vezes, concordando em fazer o que quer que Macrux desejasse. Ele então estendeu uma folha de papel comprida, onde havia uma lista de nomes de pessoas numa coluna e, em outra, uma lista de endereços.

— Quero que tire essas pessoas do mundo. Mate, inutilize, destrua, coma, capture, o que quiser.

— Mas... Mas... são umas setenta pessoas — ela falou, ligeiramente perturbada pelo número de linhas naquela lista.

— Problemas? Talvez porque não haja nenhum conhecido seu no meio dessa lista? — e, quando Verônica ergueu os olhos para o homem, ele acrescentou: — Sim, porque você não tem problemas em matar gente que conhece bem... Façamos o seguinte: você quer a ilha e os Tesouros, e eu quero estes homens mortos. Você faz o que eu quero e, quando chegar a hora, eu entrego as sentinelas nas suas mãos para você fazer o que quiser delas. Poderá escolher um Objeto Supremo para você, e, se tiver vontade, terá total liberdade para tirar a vida de Márcio, Dominique... E manter Diana viva e torturá-la bem devagarinho, tirando dela tudo o que você sempre quis e que ela tem: a aparência e o rapaz.

Apavorada, a gárgula rosnou e mostrou as presas para Macrux, e este sorriu. Quando ela atacou, ficou congelada num encanto simples, que ele lançou apenas com os olhos. Não, não era fácil ter segredos com o bruxo por perto esmiuçando a cabeça dela, que já estava tão perturbada, e Verônica faria o que ele queria, Macrux tinha certeza. Saiu, deixando a mulher petrificada numa posição de ataque para só ser libertada em duas horas, tempo suficiente para que ela pensasse na situação e, com sorte, passasse a controlar melhor aquele gênio. Antes de partir, porém, olhou mais uma vez a paisagem ao redor: ali, no deserto de Gehenmy, do alto de uma das montanhas mais altas, era possível enxergar toda a extensão do planalto rochoso com seus picos nus e, ao fundo, o início da Grande Floresta, casa daquele imprestável Senhor Lhênus. O céu estava claro, pois naquela região sem pessoas o ímã de magia não conseguia atrair a noite eterna com muita eficiência. Afastou as mãos como se segurasse um globo entre elas e deixou o mac das sombras, sua energia primordial, fluir entre os dedos. Aquilo demandava muita energia vital, era algo que ele não fazia havia muito tempo, mas era uma coisa que ele desejava: ficar exausto gastando até a última fagulha de seu mac. Um ponto negro se formou no meio do céu, e como tinta nanquim derramada sobre uma folha de papel, se estendeu como uma teia por toda a extensão do céu visível. Ao longe, no distante norte, a escuridão somou-se à noite da cidade, e o deserto, que antes conhecia o que era a luz, tornou-se totalmente treva.

Horas depois, Macrux encontrava-se diante das chamas alaranjadas do círculo estrelado no chão da Morada de Dron'z. Nos tempos de Ainda Luz aquele salão fizera parte do castelo dos três príncipes, cujo mais jovem irmão, o cego, foi responsável por unificar seu reino já esquecido, sacrificando-se e criando o Cetro da Luz, que fez seus irmãos se reconciliarem. Macrux não entendia como aquela tal Ayana Ártemis conseguia essas informações tão perdidas no passado, mas o fato é que a mulher tinha escrito as histórias de seis dos sete Objetos Supremos, e planejava entregar os livros aos seus pupilos. No entanto, histórias passam, pessoas morrem e reinos desaparecem, e agora o Salão do Círculo Estrelado, única coisa que sobrou do castelo avantajado do passado, era o local de encontro dos dragões vermelhos e morada do ulon, rei das tais criaturas. O bruxo lançou pó de urtiga às chamas e, assim que a poeira tocou o fogo, uma nuvem espessa tomou o salão, e Decaiko surgiu dela.

— Você poderia encontrar um meio menos incômodo de me chamar, mestre — disse Decaiko. Macrux sorriu: sabia que a urtiga provocava ardência nos olhos e entre as escamas da fera, mas era mais rápido e mais divertido do que elaborar o feitiço convocatório. Mas logo em seguida, um fio de excitação foi transferido do dragão para a pele do bruxo. — Chegou a hora, mestre? Chegou a hora de interferirmos?

Os olhos brilhando, Macrux deixou um sorriso satisfeito se estender pelo rosto, deixando sua expressão ainda mais sombria.

— É bom saber que meu amigo continua aí, Decaiko, mesmo depois de tanto tempo enfurnado neste lugar perdido! As coisas tomaram rumos interessantes: os Tesouros estão fora do tabuleiro, Agerta está sem líder, o maremoto que separou Terem também devastou boa parte do Continente Maior e levou muitas vilas. Até a guerra entre Zefim e Yatzarem foi afetada, e os soldados dos dois lados acabaram largando as armas e estão ajudando os desabrigados. Eu me encarreguei de devolver um pouco de pânico àquela região, não vou deixar que a interferência dos Senhores estrague meus planos. Se preciso for, farei tudo com minhas próprias mãos... E a próxima etapa está em andamento: em pouco tempo os relojoeiros estarão mortos e minha sombra será tão intensa quanto a cobertura de enxofre do Nepcoutem. Então, se for do seu interesse, meu caro, os ramaddron'z estão convidados a se espalhar pelos campos do oeste, onde espero que encontrem os nômades do deserto que Inish mandou para ajudar os refugiados e engrossar o número de soldados que podem segurar nossos ataques. Eles nem sabem por que estão lá, são joguetes nas mãos dos Senhores tanto quanto são nas minhas. Façam o que quiserem com eles.

— Ah! — exclamou o ramaddron, satisfeito como nunca. Será mais que um prazer, mestre. Será uma honra! — rugiu, e partiu do Salão para encontrar os anciãos.

Às vezes, Decaiko nem percebia a temperatura do vento que passava por suas asas. Ele já era idoso quando ganhara a imortalidade, e conforme o tempo passava, sua disposição ficava mais e mais frágil. Depois de sete séculos como rei, três deles governando os ramaddron'z como imortal, decidira entrar em hibernação e aguardar que o chamassem, o que não havia acontecido até então. Seu sonho se tornara tão profundo que, por algum tempo, ele acreditou já estar morto. Mas, agora que o mestre tinha chamado, ele precisava atender. Era este o chamado que ele aguardara por toda aquela longa hibernação, e depois de fazer o que quer que o mestre mandasse, ele poderia pedir o que quisesse, e tudo o que Decaiko queria era ter de volta o direito de morrer.

Assim o rei dragão convocou o conselho de anciãos, sete feras vermelhas que, como ele, receberam a dádiva da imortalidade no passado e viviam em reclusão, aguardando uma mudança nos tempos. Quatro hibernavam e três permaneciam acordados, dois deles praticamente inativos: um enlouquecera, outro permanecia meses no alto de uma grande montanha nua sem mover um músculo, apenas observando as mudanças do clima. O último era o único ainda alerta e vivo, e mantinha o gosto pela vida criando intrigas entre as novas gerações de dragões. A verdade é que, sem a morte à espreita, os dragões acabaram perdendo o interesse em realizar coisas que poderiam ser feitas amanhã, ou depois, ou depois, a não ser aquele que, para manter a mente funcionando, encontrou na malícia o estímulo que precisava para se interessar pelo cotidiano.

Então, quando Decaiko chegou trazendo aquela novidade, a batalha que eles tanto aguardaram e que não podia ser adiada nem mais um momento, não houve dron que recusasse a peleja. Partiram barulhentos, cortando o céu do deserto de rochas de Gehenmy rumo à batalha iminente, uma corja escarlate devastadora, e teriam chegado a seu destino em três dias não fosse uma inesperada interrupção.

Quando saíram do território de Gehenmy e entravam em Namor n'Chivin, um globo de fogo foi lançado contra Decaiko e explodiu no rosto do ramaddron, que perdeu o equilíbrio no céu e foi lançado sobre o velho Dagréta, e ambos caíram com um estrondo na areia gelada. Desnorteados, os outros anciões pousaram ao lado do líder, e viram chegar, vindos da direção da rajada flamejante, um grupo de treze dragões vermelhos.

— Ítaga! — trovejou Decaiko, com um rugido capaz de provocar avalanches e tirar as nuvens de seus lugares. — Eu conheço você! Como se atreve

a atacar o seu rei?

A dragonesa pousou, e em cada lado dela seis dragões vermelhos e jovens se posicionaram defensivos.

— Perdoe-me, Decaiko ramaddron — ela falou, cada palavra era carregada de autoridade. Ítaga tinha metade do tamanho de Decaiko, o fogo em sua cauda era mais brilhante, o vermelho das escamas mais vivo, e as asas eram fofas de tantas penas, assim como o resto de seu bando. Havia dragões entre eles com menos de cinco metros, jovens demais para encarar de igual para igual os anciãos — estes com mais de vinte e cinco metros da cabeça à cauda — mas os jovens tinham uma bravura desmedida nos olhares. — Não podemos permitir que interfiram na guerra dos homens, isto não é certo!

— Não cabe a você decidir, dragonesa — Decaiko replicou rugindo, estufando o peito e abrindo as asas. — Eu sou Ulon Ramaddon, Rei dos Dragões Vermelhos, e eu decido as atitudes que nossa espécie deve tomar!

Ítaga empinou-se nas patas traseiras, seus três pares de asas inclinados para trás.

— Caro Decaiko, seu tempo já passou. Eu sou Ulanæ Ramaddon, Rainha dos Dragões Vermelhos, e você foi destronado!

Os anciões rugiram e lançaram chamas pela garganta para o céu.

— Traição! Motim! — esbravejou Verdute, o maior dentre os antigos que havia acordado da hibernação. — Você será morta junto com toda sua corja!

— *Com toda a minha corja?* — Ítaga indignou-se, cada palavra acompanhada de um gesto agressivo como uma patada. — Minha corja está bem atrás de mim. Estes doze pertencem à Chefia, e mais sessenta adultos estão espalhados pelo nosso território. Somos menos de cem no total. Fui escolhida por todos para tomar decisões quando necessário, e você vai matar minha *corja*? Vai destruir toda a *sua* espécie?

Decaiko ficou um tanto confuso. Olhou para os anciões, mas embora Verdute, Dagréta e especialmente Oléque, o intrigueiro, estivessem atentos à conversa, os outros pareciam alheios a tudo ao redor.

— Como podem ter escolhido um novo rei se o anterior ainda está vivo e bem? — Decaiko contestou, batendo as patas na areia e levantando poeira.

— Como poderíamos saber que você estava vivo e bem? — retrucou um dos pequenos dragões de Ítaga.

— Você estava desaparecido há mais de oitenta ciclos — concluiu um jovem dron ao lado da líder, mencionando os ciclos de cinco anos de mudanças no clima que os dron'z usavam para contar seu tempo. — Quatrocentos anos, Decaiko, queria que ficássemos sem um líder?

— Você foi declarado morto — outro dos jovens falou. — A maioria de nós nunca o viu, e só conhece você por causa das histórias.

— Precisávamos de um líder presente! — Uma dragonesa completou, jogando areia para trás com suas garras poderosas. — Ítaga é nossa Ulanæ há trinta ciclos! Ela representa a opinião de todos os ramaddron'z!

— Por isso, eu não posso deixar que vocês cheguem à guerra. Já causaram estragos suficientes destruindo as linhas de sustentação de bondes. Você ordenou o envio de Obirtó ao Bruzombo! — Ítaga falou, e Decaiko rugiu raivoso, então percebeu que um dos ramaddron'z, o que estava mais atrás de Ítaga e oculto pelas asas dela, encolheu-se. Moveu a cabeça para enxergá-lo direito e reconheceu o mesmo Obirtó que ele pensara já estar congelado no fundo do Oceano Bruzombo há meses. — E tudo por quê? Por um acordo feito há um milênio!

— Acordo este que salvou sua espécie da extinção! — bradou Decaiko, avançando lentamente na direção da dronæ. Ítaga percebeu o movimento e começou a andar ao redor dele também, e os outros dragões se afastaram, abrindo um círculo entre os dois, no qual as duas realezas circundavam e se encaravam.

— O qual já pagamos cem vezes no passado! Você foi amaldiçoado, Decaiko! Vocês todos foram. Não deveriam estar vivos ainda, mas estão.

— Com inveja, criança? — o rei provocou. — Todos vocês podem ter a imortalidade. Mas precisam aceitar os pedidos do mestre...

— Uma vida eterna de hibernação, sem sanidade, sem filhos e sem expectativas, esperando o mundo acabar — o dragão ao lado da rainha observou. — Nós não queremos este fim.

— Volte Decaiko — pediu a rainha dragonesa, com uma esperança mínima de que ainda houvesse algo a ser feito para evitar o que estava por acontecer. — Por seus filhos que já voltaram ao centro do mundo, volte. Desista desta batalha sem sentido. Que os homens resolvam as coisas dos homens, e nós, dragões, fiquemos em nosso terreno. Deixe que seu amigo feiticeiro cuide dos próprios problemas.

Os três anciões mais participativos junto a Decaiko se mexeram inquietos, enquanto a fera, de cabeça baixa, lamentava-se em silêncio. Ítaga poderia ter pensado que o antigo dragão decidira ir embora, mas, na verdade, esta decisão não estava mais nas mãos do velho rei. Uma vez ele já pensara em abandonar tudo, em nunca mais atender Macrux e deixar que a morte o levasse. Mas isso não aconteceria. Estava nas mãos do feiticeiro, e só aquele homem poderia lhe conceder a libertação. Sua última recusa resultara na morte de seu irmão, um dragão jovem que não desejava morrer na época. E, se a lealdade que tinha para com o feiticeiro não era totalmente de coração, a ideia de matar homens guerreando não lhe era avessa. Ítaga era jovem, não conhecera os homens do

passado, não tinha recordações de como as pessoas fizeram a raça dos dragões sofrer.

Como se tivesse lido os pensamentos de Decaiko, a dragonesa suplicou:

— O mundo mudou Decaiko. Os homens não são os mesmos que atacaram vocês. Nós podemos viver tranquilos hoje, ninguém nos persegue e não perseguimos ninguém. Basta que fiquemos no nosso lugar, e eles permanecerão no lugar deles.

O Ulon Ramaddron suspirou uma última vez num lamento pelo que estava prestes a fazer. Os anciões eram maiores, mais lentos, mais velhos, seu fogo mais brando, mas ainda tinham um trunfo, o mesmo de sempre: não podiam morrer.

Rugiram uníssonos e dispararam sobre os jovens dragões vermelhos, que não tiveram escolha senão revidar.

Partidários de Ayana

— Nós vimos o que fizeram — acusou o homem de cabelos desgrenhados, a lança apontada para as sentinelas. — Derrubaram aquele monte de arquedemon’z com um ataque mágico. Quem são vocês? De onde vieram?

— Nós acabamos de chegar — Dominique respondeu, mostrando as mãos vazias.

Estavam diante de um grupo de cerca de quarenta pessoas. Amontoados em cabanas improvisadas, Nique via, ao longe, o restante do bando, e calculou que devia ter mais ou menos mil integrantes no total. Eram homens e mulheres na casa dos vinte e poucos anos, mas a aparência era o que menos importava: segundo Ártemis, a barreira mágica que prendia as pessoas ali mantinha todos estagnados na faixa dos vinte e cinco anos, idade em que Zebarân considerou ideal paralisar o tempo, para que os escravos tivessem força para o trabalho. Aqueles homens estavam subnutridos, mal vestidos e maltratados, sem sapatos e seus olhos ficavam fixos muito tempo num só local, mas mantinham lanças e armas rústicas apontadas para Pablo e Dominique e, se não podiam matá-los, poderiam mantê-los presos por uma longa e torturante eternidade, se quisessem.

— Quem são vocês? São soldados de Zebarân? — bradou Pablo corajosamente, mas já sabendo qual seria a resposta, já que Zebarân não tinha empregados humanos senão os mercenários dos Sambuk’z fora daquelas terras.

— Não nos ofendam! Nós somos os Partidários de Ayana! — um deles respondeu orgulhoso, erguendo a lança e gritando um “Ahrra!” que todos os outros imitaram.

— *Partidários de Ayana?* — Dominique questionou.

— Somos os rebeldes! — gritou alguém.

— Lutamos pela causa de Ayana! — outro apoiou.

— Defendemos a liberdade que Ayana buscou! — um terceiro gritou também, e Dominique ficou boquiaberto.

— Essa Ayana... É a minha mestra? É como Lhênus a chama... — Nique murmurou para Pablo, cujos olhos se iluminaram.

— Nique, por favor, fique quieto! — o general pediu, tomando fôlego para colocar a ideia que tinha lhe ocorrido naquele minuto em prática. Em seguida dirigiu-se aos homens. — Vocês falam de Ayana Ártemis? — Muitos deles responderam que “sim”. — Conhecem Ayana Ártemis, aquela que fugiu deste lugar?

— Ayana é nossa inspiração — disse uma mulher na linha de frente.

— É nossa mentora espiritual — falou outra mulher.

— Fez parte deste bando quando ainda eram só trinta pessoas — disse um rapaz ao centro e colocando-se à frente dos outros, e seu rosto estava coberto por uma máscara de tecido. — Ela subiu a escadaria e conseguiu sair fora daqui. Isso faz muitos anos. Ela é nossa bandeira, pois por causa dela sabemos que é possível sair daqui. Somos a Resistência. Aqueles que o rei não pode dominar.

Dominique segurou a respiração, percebendo que Pablo diria alguma coisa potencialmente perigosa. O general inspirou, suor escorreu por sua testa, e disse:

— Nós fomos enviados por ela! Enviados por Ayana Ártemis Caçadora para fazer parte da resistência e libertar o reino de Aduna das garras de Zebarân.

Um grande “oh!” correu pelos rebeldes e muitos outros surgiram detrás das pedras, das matas e das tendas para se juntarem ao aglomerado de soldados. Espremeram-se no espaço entre as rochas do sopé da montanha e as árvores da mata para poderem olhar os estranhos, e se aproximaram o quanto puderam até que o homem da máscara deu ordem para que as pessoas se mantivessem afastadas.

— Eles têm poderes além dos que conhecemos — disse ele. — Podem ser aliados do rei com um sortilégio diferente para nos capturarem! — Depois, voltando-se para as sentinelas, perguntou: — Ayana escapou há muito tempo, muitos, muitos sonos atrás. Como ela pode estar viva fora daqui e ainda enviar pessoas para nós? E, se isso é verdade, porque ela mesma não veio?

O gênio franziu o cenho para Pablo.

— O que você está fazendo? — perguntou entredentes.

— Confie em mim — o amigo respondeu e, em seguida, adiantou-se dois passos e se colocou o mais visível possível para que todos os rebeldes, tanto os que estavam em frente a eles quanto os que estavam lá embaixo no acampamento, no sopé da montanha, pudessem enxergá-lo. Mesmo que não o ouvissem veriam sua postura e o enxergariam como alguém com alguma liderança.

— Meu nome é Pablo Adenetti — ele começou. — Sou sentinela de um lugar chamado Octoforte, já ouviram falar?

Todos acenaram um “não” com as cabeças, exceto o líder mascarado, que permaneceu imóvel.

— Ayana Ártemis é nossa mentora e nossa mestra, é verdade! Ela é mãe do meu amigo, o gênio Dominique de Crimehuór — ele estendeu a mão e apresentou o companheiro.

— Zebarân tem gênios trabalhando nas minas das montanhas! — alguém berrou, e o coração de Dominique deu um salto. — Eles conseguem chegar voando onde ninguém mais alcança!

— Por favor, Nique, contenha-se! — Pablo pediu num sibilo, pois o gênio ameaçava avançar e arrancar mais informações daquele garoto naquele

instante.

— Se é verdade que é um enviado, prove! — alguém gritou do meio do povo, e o líder rebelde pediu:

— Conte alguma coisa que só Ayana poderia saber. Conte como ela veio parar aqui.

Pablo cerrou os punhos e voltou-se para o gênio, o general não sabia se Nique tinha aquela informação. Mas Dominique respondeu:

— O navio dela naufragou. O Serpente do Mar. Era um navio pirata. Ela era pirata antes de vir parar aqui. Ele foi... o navio encontrou Dolmeq, foi arrebatado, e assim ela veio parar aqui.

O gênio engoliu em seco. Na verdade, Ártemis nunca dissera com todas as letras como ela tinha ido parar naquele lugar hediondo, mas Nique e Jadhe sabiam juntar agulha e linha e fazer uma meia. Todas as histórias de pirataria, a informação concreta de que a mestra realmente vivera no mar, e depois o modo como ela repetira o nome de Dolmeq cem vezes após descobrir que Jadhe e Nique tinham passado pelo monstro e saído com vida. Jadhe... Não era exatamente doloroso pensar nela, era mais revoltante: revoltante saber o quanto ela estava distante e como ela podia estar precisando dele, e lembrar-se de como ele a tinha tratado.

Sacudiu a cabeça. Mais uma vez Jadhe atrapalhava seu raciocínio nos momentos mais impossíveis. Sons metálicos o fizeram despertar: as lanças dos rebeldes se abaixando ou cortando as cordas que prendiam Pablo e ele.

— Como é possível que a mulher ainda esteja viva? — o líder questionou.

— Não sabemos — respondeu Pablo, cortando a fala do gênio. O general não tinha nenhuma intenção de deixar que os rebeldes suspeitassem de que a fuga de Ártemis não fora tão romântica como eles pensavam. — Mas sabemos de uma coisa: ela foi enfeitiçada, de modo que não consegue voltar aqui. A barreira mágica que nos prende também a mantém de fora. Por isso, ela nos mandou.

— E ela mandou vocês exatamente pra quê?

— Para colocar a barreira mágica abaixo — Nique falou, fitando os olhos de Pablo para certificar-se de que não estava dizendo nada errado.

Muitos homens resmungaram incrédulos, e Pablo levantou o queixo enquanto, discretamente, Nique via a mão dele escorregar para o lado do corpo onde estava pendurado um artefato muito peculiar: a Pedra de Mavhtus.

— Sei que vocês têm dúvidas, mas não devem temer — ele disse. — Ayana se tornou uma feiticeira poderosíssima fora deste reino, tão poderosa que pode enxergar coisas que acontecem aqui dentro. E ela sabe da existência de vocês, os rebeldes que lutam por ela. Por isso nos mandou. Somos sete. Nós dois estamos

aqui, mas há outros de nós, outras cinco sentinelas em três regiões deste reino maldito, e temos um plano para libertar a todos! Não pensamos que os encontraríamos tão rápido, mas aí estão vocês, então precisam acreditar em nós quando falamos: temos um plano. E, quando funcionar, e vai funcionar com a ajuda de vocês, a barreira mágica cairá, e a estrutura do reino de Zebarân será colocada abaixo, e então, Ártemis marchará em direção ao Palácio do Rei, e trará a cabeça dele numa bandeja de presente para vocês!

A eloquência de Pablo foi tão efusiva, tão contagiante, que Dominique se viu engolfado por uma onda eufórica de inspiração frente a um grupo de pessoas ofegantes e reluzentes de esperança. De repente, Ártemis havia se transformado de bandeira a símbolo esplendoroso de orgulho, e até Dominique, crescido e criado à sombra da mulher, sentiu brotar no peito uma admiração mais intensa do que ele jamais sentira na vida.

— Sentiu isso, homem-pássaro? — Pablo sussurrou, e o gênio percebeu um leve movimento da mão de Pablo justamente onde deviam estar os enormes pingentes das correntes de Ártemis.

— Isso não foi...

— Bem vindo ao meu mundo — disse Pablo triunfante, olhando brevemente para o amigo e, em seguida, para o grupo que começara a dar gritos de guerra “*Ahrra! Por Ayana!*”. — Imagine agora o que é carregar essa coisa o tempo todo, beira a insanidade!

O mascarado aproximou-se e, efusivo como os outros, tirou o capuz e sacudiu veementemente a mão de Pablo e de Dominique.

— Finalmente! — ele exclamou. — Sinto que finalmente teremos uma chance contra o tirano! Os homens... Vamos lutar, todos vamos lutar por vocês, basta pedirem! E, a propósito, sou Férik, atual líder deste acampamento de rebeldes. Bem vindos!

Pablo e Nique se entreolharam abismados. Ou havia alguma conspiração cósmica muito estranha agindo ali, ou eles tinham esbarrado sem querer num segredo muito bem guardado. Pois Férik, prisioneiro do Nepcoutem há tempo suficiente para se tornar líder dos rebelados, tinha exatamente o mesmo rosto da sentinela Shenu.

Os rapazes preferiram fazer silêncio e não mencionar o nome Shenu na frente de Férik, o que exigiu um enorme esforço. Pablo percebeu que não seria fácil manter os rebeldes motivados, pois só aquela primeira carga de inspiração provida pela Pedra de Mavhtus não fora suficiente para manter a chama acesa. Aquelas almas eram prisioneiras há tempo demais, algumas, segundo Férik, desde que o Nepcoutem foi enfeitiçado, há quase mil anos. Por isso, quando foram

levados ao acampamento, o general começou a convocar o poder da joia quando percebia alguém muito disperso, e isso estava deixando Dominique maluco.

— Você quer parar de usar essa coisa? Estou começando a ficar obcecado por Ártemis e por liberdade, como se ela fosse uma Senhora libertadora e eu estivesse preso como estes homens há milênios!

— Sinto muito, colega! — Pablo respondeu. — Vamos precisar dessa energia se quisermos invadir o palácio e provocar uma revolta.

— Provocar... *Isso não fazia parte do plano, Pablo!*

— O plano mudou — o general respondeu simplesmente. — E tudo porque alguém se esqueceu de contar que pode mudar o destino!

— Eu expliquei, não posso... — Mas Dominique se calou. Tinham chegado à tenda de Férik onde discutiriam um plano de ação, e não achavam uma boa ideia espalhar muitas informações àquele homem que mal conheciam.

Os jovens se sentaram no chão a uma mesinha baixa que um dia fora um caixote e puseram Férik a par de parte da situação: eram sete, tinham uma arma secreta que lhes dava uma chance de destruir o rei e pretendiam invadir o Palácio Nácar, o nome que Zebarân dera ao seu castelo. Não contaram que arma era aquela, e só com muito uso da Pedra de Mavhtus conseguiram contornar todas as outras perguntas do rapaz, tanto sobre o que tinha acontecido com Ártemis depois que saíra dali (coisa que nenhum deles sabia responder com certeza), como sobre as armas secretas.

Férik era um homem perspicaz, e Nique percebeu que Pablo começara a vacilar por usar demais aquela joia. De repente, as mãos de general se fechavam em garras e o rapaz começava a suar, e Nique se lembrou de como, na praia de Algavar meses atrás, o uso indiscriminado da Pedra fez Pablo trocar amigos e inimigos de posição e, com isso, quase matou o gênio. Decidiu que era hora de mudar o assunto e fazer o general ouvir ao invés de falar.

— Então, vocês têm essa arma, essas pessoas... E querem invadir o Palácio, o que é uma ideia muito estúpida...

— Há quanto tempo você está aqui? — Nique perguntou, interrompendo o líder antes que Pablo começasse a soltar faíscas pelos olhos, o que ele podia literalmente fazer se usasse demais o mac do trovão.

Férik pareceu surpreso, e teve que pensar um pouco antes de responder.

— Hã... Quinze ou dezesseis... Dezesseis anos.

— Como conseguiu contar o tempo se não há meios para isso aqui? — Pablo questionou, num tom mais ríspido do que era seu normal.

— Por que... Bom, quando vim pra cá eu tinha um relógio. Aí, antes que ele parasse de funcionar, eu medi o tempo de algumas coisas... Como o tempo que eu gasto dormindo. Assim dá para eu perceber as horas. E o tempo maior... Bom,

algumas coisas ainda têm seus ciclos. Como o ciclo do rio. Eu não vejo as estações do ano, mas eu sei que elas são normais fora da área da barreira, e que Aduna continua existindo fora daqui. A única coisa que eu percebo mudar é o rio, que aumenta e diminui de volume duas vezes por ano. É assim que eu sei que um ano já passou, e é assim que eu sei há quanto tempo estou aqui. Bom, mais ou menos...

— Por que “mais ou menos”? Não é um sistema seguro? — Pablo perguntou, e Dominique não pode deixar de notar quantas vezes o rapaz disse a palavra “eu”.

— Não quando vamos presos. Aí... Aí... — a voz de Férík morreu, e as sentinelas acharam melhor não insistirem na pergunta.

— Entendo, e quando você veio pra cá se tornou um rebelde logo de cara?

— Ah, não, não... Eu tinha doze anos quando eu fui pego pelo Sambuk — Férík estremeceu. — Eu só escapei da guarda de arquedemon’z aqui dentro porque eu fui resgatado pelos rebeldes. Depois disso já eu fui preso duas vezes, fui solto para trabalhar nas minas e eu consegui fugir nas duas vezes. Da última, eu acabei assumindo a liderança do bando...

— Se tem tanta gente mais antiga que você aqui, por que te escolheram para liderá-los? — Pablo perguntou, outra vez ríspido como uma lixa, e Dominique teve certeza de que o amigo não estava conseguindo controlar o poder da Pedra de Mavhtus. O gênio tinha que dar um jeito de tirar o amigo da influência da coisa.

— Por que... por que... Bom, não tem muita gente pra liderar aqui, sabiam? As pessoas vão perdendo a motivação depois de séculos. Entendam, o corpo é imortal, mas a alma envelhece como qualquer outra — disse Férík.

Pablo bufou. Nique tinha que tentar alguma coisa que tirasse o foco dele daquela pedra maldita.

— E como era sua vida fora daqui? — perguntou.

Férík pareceu ser pego de surpresa outra vez. Nique imaginou que, se dezesseis anos ali dentro podiam fritar o cérebro de uma pessoa daquele jeito, o que não fariam centenas de anos, como os outros? Mas o rapaz respondeu entristecido:

— Eu tinha... um monte de gente. Irmãos... É, um monte de irmãos. Eu não me lembro dos rostos deles. Um gêmeo... Mas eu não... Eu não lembro muito de nada... Nada mesmo.

Nique sentiu o ar se tornar mais respirável e a tensão que mantinha seu cérebro alerta se dissipou um pouquinho, sinal de que a revelação fizera Pablo recobrar o foco. Pelo menos um pouco.

— Acho que descobrimos o que Shenu queria aqui — o general murmurou de modo que só Nique ouvisse, enquanto Férík, sonhador, olhava para

um ponto indistinto sobre a cabeça das sentinelas. Depois o rapaz sacudiu a cabeça, como se afastasse um enxame de abelhas, e perguntou:

— Então, qual é o plano de vocês?

Aliviado, o gênio percebeu que Pablo tinha voltado completamente a si quando pediu o mapa de Nique e o estendeu sobre a mesinha. Não ousou revelar a Cuzpola, nem convocar a magia que mostrava a localização de seus amigos, mas apontou onde cada grupo estava, recusando-se a responder de que modo conseguira saber isso.

— Nosso plano inicial era avançar para o Palácio, destruir os últimos degraus da *escadaria* e depois enfrentar o rei — disse Pablo, e Nique notou a informação errada: eles não iam destruir os degraus da escada, mas sim o cristal. Pablo não confiava naqueles homens, afinal. — Mas fomos separados. Infelizmente, um erro nos nossos cálculos fez com que nos espalhássemos em grupos pequenos, o que vai atrapalhar nossa ação em conjunto.

Dominique coçou a cabeça. O “erro de cálculos” era ele, apesar de que, desde o início, nenhum deles tivesse grandes expectativas de que tudo correria conforme o planejado. Mas Pablo estava tentando fazer tudo parecer mais calculado do que era na verdade, certamente para atrair a confiança dos rebelados. Vários outros membros do bando se aproximaram e se agruparam ao redor de Férik.

— Com um de vocês ou com sete, já começa errado do começo — disse um homem ao lado de Férik, de olhos cor de avelã, cabelos curtos e louros e com um lenço colorido no pescoço. Pablo perguntou por quê. — Ninguém entra no Palácio desse jeito. Ninguém sobe a escada para palácio.

— Nós subiremos — afirmou Pablo com segurança. — Conseguiremos avançar, mesmo que precisemos atravessar um exército de soldados.

Nique viu o amigo dirigir a mão novamente para o local da Pedra, mas colocou-se ao lado dele e deu um jeito de cutucar o braço de Pablo. Não era nada prudente usar o artefato como ele estava fazendo, menos ainda já tendo sido afetado como ele demonstrava.

— Você não me entendeu — disse o homem. — qualquer pessoa, escravo, mercenário ou morador da Cidade Alta, qualquer um tem autorização para pedir favores do rei ou desafiá-lo. Basta, para isso, que passe pelo portão de entrada do Palácio Nácar no alto da escadaria. Qualquer outra entrada só pode ser transpassada se o próprio rei marcar o convidado, e quem entra por uma delas só consegue fazer lá dentro exatamente o que foi convidado pra fazer. Se tentar algo diferente, a marca manda a pessoa direto para os campos de escravos, pra que ele entre do jeito certo para pedir o que quer. Se um escravo disser que vai até o Palácio, os guardas têm que deixá-lo ir. Mas ninguém sobe as escadas. Não porque

alguém os impeça, mas porque não conseguem. Há um sortilégio muito poderoso naqueles degraus.

— Perdão, como você se chama?

— Ártol — o homem estendeu a mão. — Eu costumava ser líder antes de Bretom, que liderou antes de Férik, e que foi capturado alguns anos atrás. Conheci sua mãe e posso dizer que, se você é filho dela como diz, então ela deve ter lhe contado o que acontece com quem sobe as escadas.

Dominique encarou o homem que não parecia ter malícia nas palavras, apenas uma tristeza profunda.

— Sim, ela disse. Ela contou que o encanto fica mais forte a cada degrau que se sobe, e tenta repelir quem quer que tente chegar ao patamar do Palácio. E também contou que não é impossível subir os degraus. Ela conseguiu.

— Sim, ela foi a primeira. E única.

— Não será a única depois que nós subirmos — disse Pablo, e ele falava sério. Não podia contar o motivo de tanta segurança, mas Dominique sabia: Pablo era a pessoa mais indicada para alcançar o cimo da escadaria justamente por causa da sua joia. No plano original, Pablo e Dominique, ambos protegidos pelo poder da Pedra de Mavhtus, subiriam os degraus e, por causa da peculiaridade dos efeitos daquele artefato, não seriam afetados pela tormenta que ela causava.

— Hm... — Férik resmungou. — Vocês estão muito seguros. Mas, digam, o que pretendem depois que subirem até lá? É um lugar perigoso, cheio de magos, arquedemon'z, marrotes e o próprio rei.

As sentinelas trocaram um breve olhar. Seria muito bom ter a telepatia de Jadhe naquele momento, pensou Dominique, e logo em seguida sentiu um nó no peito. A lembrança de Jadhe era como uma farpa direto na garganta.

— Quando chegarmos no Palácio, ajudaremos nossos amigos a subirem. E quebraremos os sete últimos degraus.

— Os degraus? — Férik, Ártol e outras pessoas ao lado estranharam, e Férik perguntou: — E por que destruir os sete últimos degraus?

Pablo e Dominique se entreolharam, e o gênio resolveu dar uma informação correta encoberta pela outra falsa para dar a veracidade de que precisavam para aquela mentira.

— Porque eles constituem o centro de magia deste lugar — afirmou ele. — Destruindo os últimos sete degraus, destruímos a barreira mágica que aprisiona estas terras.

A afirmação pareceu surpreender os homens, que nunca tinha ouvido aquilo antes.

— Quem disse isso pra vocês? Ártemis? — Ártol perguntou, e as sentinelas assentiram. — Puxa! Nós pensávamos que eles fossem só a parte mais

terrível da subida...

— Mesmo se vocês subirem, eu não consigo imaginar como o rei permitiria que estragassem a escada dele — Férík comentou.

Nique olhou para Pablo, pensando no plano verdadeiro e esperando a resposta. Se os sete estivessem juntos, Pablo ajudaria Dominique a subir voando e, quando estivessem lá em cima, Dominique cobriria Pablo para que ele usasse a magia da Pedra de Mavhtus em seus amigos, lá embaixo, e eles subiriam sem problemas. Uma vez lá em cima e com todos os Objetos reunidos, os sete derrotariam facilmente a guarda real — Nique voaria com Márcio até o telhado, encontrariam o Cristal e derreteriam o cristal usando o destrutivo mac do fogo do amigo, sempre encobertos pelas sombras de Shenu, enquanto os outros lutariam com a guarda real para abrir caminho até a sala do rei, onde as meninas lutariam com os feiticeiros e Pablo desafiaria Zebarân, sustentando a disputa por tempo bastante para que os amigos se reunissem a ele.

Este era o plano, mas agora, separados como estavam e desnorteados após tantos percalços, o gênio só podia pensar com desânimo que, antes de colocar tudo em prática, tinham outra busca pelos Objetos Supremos pela frente.

— Nós tínhamos uma estratégia... — Pablo começou. — Mas houve uma mudança de planos. Não vamos mais quebrar a escadaria primeiro. Vamos pular essa parte.

— O quê?! Está ficando doido? — Dominique exclamou. — Ártemis nos disse claramente que destruir o Cr... *aqueles degraus* é um ponto crucial do plano! É o que vai garantir que os outros que entrarem no palácio possam fazer o que quiserem lá dentro, vai quebrar a magia da escada também! E que tem que ser a primeira coisa a ser feita!

— Ártemis não faz ideia de como os rebeldes estão bem organizados — Pablo falou num tom perigoso. — Nem de como será fácil para nós conquistarmos o Palácio com eles ao nosso lado.

A confiança começou a brotar em Dominique e ele percebeu que Pablo ativara a Pedra de novo. Uma gota de suor escorreu da testa do amigo e, apesar do clima ser realmente quente, Nique sabia que aquele suor não era causado por calor, pois suas próprias mãos estavam geladas. Aquilo era o Tesouro.

— Vamos invadir o Palácio! — Pablo exclamou, e os rebeldes da sala, incluindo Férík e Ártol, deram vivas. — Os arquedemon'z não são imortais como os homens! Nós os matamos lá fora, e vocês testemunharam! Somos muitos! Vamos destruir e conquistar o Palácio de Zebarân, e vamos matá-lo! E, quando nossos companheiros destruírem os sete degraus, vamos todos sair daqui vitoriosos!

— É!!!

O rugido ergueu-se da tenda espalhando excitação e esperança entre os homens. Prisioneiros de almas há muito tempo adormecidas despertaram, e logo a notícia se espalhou entre os rebeldes. Foram mil anos de escravidão, mil anos esperando alguém que tivesse coragem de erguer o estandarte da liberdade e coordená-los ao desafio. Agora este homem havia chegado, e depois de tantos outros, finalmente os rebeldes estavam prontos a entregar seus corações e sua força a ele: Pablo, o guerreiro de Octoforte, enviado pela grande heroína Ayana Ártemis.

— Não sei como você fez, mas conseguiu mover toda esta gente, coisa que tenho tentado desde que assumi a liderança — disse Férík, colocando a mão no ombro de Pablo e admirando os rebeldes, reunidos no campo em frente à tenda com lanças e espadas toscas em riste. — Mas eu ainda não entendi uma coisa: se qualquer um pode subir a escadaria quando quiser, pra que vocês precisam de nós?

Pablo pousou a mão no ombro de Férík.

— Quando o rei cair, os lacaios dele assumirão a liderança — respondeu com segurança. — E, se não houver ninguém lá para defender os escravos, os demon'z e os marrotes irão se espalhar e matarão quem estiver em seu caminho.

Dominique ficou impressionado, e se perguntou se Pablo havia tomado lições com Shenu sobre como inventar uma mentira convincente tão rápido. Ele não fazia ideia do que aconteceria se Zebarân fosse derrotado, e talvez os escravos precisassem mesmo de uma ajudinha para se livrar dos criados do rei, mas, se seus cálculos estivessem corretos, aqueles quase mil rebeldes eram menos que uma gota se comparados ao mar de inimigos.

Férík ainda parecia desconfiado, mas coçou o queixo e disse:

— Vamos seguir você. Afinal, se não der certo, o máximo que pode acontecer é sermos apanhados e voltar à escravidão ou à prisão. Quem precisa se preocupar com isso quando se tem a eternidade pela frente, não é?

Deu mais um tapinha no ombro do general e voltou ao interior da tenda, onde Ártol, o único que não tinha vibrado de emoção mesmo com toda a influência da Pedra, observava com o olhar triste, deixando Pablo e Nique sozinhos em meio ao bando de rebeldes que começavam a se preparar para uma inédita investida armada contra o Palácio de Zebarân.

— Que bodega foi essa? — Nique perguntou na primeira oportunidade que teve de conversar em particular com Pablo.

— Férík não gostou da nossa interferência no bando. Acho que ele considerou como um ato ofensivo, sei lá, como se tivéssemos vindo roubar a liderança dele.

— Isso é absurdo! Qualquer ajuda neste lugar tem que ser bem vinda!

— Não necessariamente — Pablo disse, analisando a situação com cautela. — Pense Nique: ninguém, além de Ártemis, jamais saiu daqui, e sua mestra, quando saiu, não pode ajudar ninguém de dentro. Quantas vezes Octoforte mandou grupos de ajuda para cá? Quantas pessoas que tinham acabado de chegar aqui já tentaram instigar rebeliões? Quantas vezes eles falharam? E, no início, quando este lugar foi criado e a barreira foi construída, devem ter acontecido muitas rebeliões, todas sem sucesso. Essas pessoas não acreditam do fundo de seus corações em nenhuma saída, não conseguem enxergar nenhuma luz no fim do túnel.

— É por isso que está usando a Pedra de Mavhtus desse jeito? Vai acabar se envenenando, Pablo! — Nique observou, mantendo a voz baixa.

— Não tenho escolha! — protestou o general. — Não *temos* escolha. Se não agirmos rápido vamos perder a chance de estimular essa gente, e podemos acabar como eles. Presos aqui pra sempre, só imaginando como seria viver em liberdade. Esperando alguém chegar com uma solução, mas, quando esta pessoa chegasse, pensando que se tratava de mais um farsante com promessas vagas. Temos que usar o que pudermos e agora!

— Então... porque o encanto não surtiu efeito em Férik ou em Ártol? Por que eles não se contagiaram com a animação geral?

Pablo espiou por trás do ombro para certificar-se de que os dois homens estavam dentro da tenda.

— A Pedra tem um poder muito, muito específico. Ela transforma as emoções em opostos. Eu consegui perceber que os rebeldes estavam dominados pela desesperança. Foquei neste sentimento e usei a Pedra para revertê-lo, dando-lhes força, autoestima, inspiração.

— E o que deu errado?

— Acho que Ártol, assim como muitos outros aqui — Pablo indicou algumas pessoas com o queixo que perambulavam sem expressão pelos cantos, e outros tão encurvados que suas costas faziam uma curvatura quase impossível — está num estado de apatia tão avançada que não sente mais nada. E a Pedra não pode inverter um sentimento que não existe.

— Entendi. E foi isso o que aconteceu com Férik também?

Pablo fez uma pausa e procurou Férik mais uma vez antes de responder.

— Não. No começo Férik sentiu a mesma coisa que os outros rebelados, então consegui fazê-lo confiar. Mas, na barraca, a coisa mudou. Acho que ele percebeu minhas intenções e isso não o agradou. Os sentimentos dele mudaram, e, como eu estava concentrado demais nos outros, não percebi que a joia não estava surtindo o efeito necessário...

— Suas intenções? — Nique interrompeu. — E quais são suas intenções, Pablo?

O general encarou o gênio com um olhar astuto, e o rapaz já tinha se arrependido de ter perguntado antes do amigo responder.

— Eu quero liderar essa gente, gênio. Quero o controle sobre os rebeldes. Ou, no mínimo, quero que Férík os conduza ao Palácio e comecem uma batalha.

— Não me admira que Férík não tenha gostado... Mas pra que? O que você quer fazer? Sei que está cheio de ideias, mas eu não vejo como vamos conseguir manter o plano original sem encontrar os outros!

— Eu falei sério: não podemos seguir com o plano! — Pablo exclamou, olhando para o gênio como se o garoto não conseguisse perceber algo muito óbvio. — Escute: estamos divididos em quatro grupos, e todos viemos com a mesma missão. Muito provavelmente os outros estão rumando para a cidade neste momento, todos com a ideia de derrubar o Cristal. Deixaremos que eles se encarreguem da coisa, enquanto nós abrimos caminho dentro do Palácio, derrotando os feiticeiros e as armadilhas; assim, quando o Cristal cair, Zebarân já estará enfraquecido. Mas quando chegarmos, precisaremos desviar a atenção do Palácio para o que acontece aqui fora, e atrair uma boa quantidade de monstros para longe dele. Ainda que a escada esteja liberada, Zebarân nunca aceitará nossa subida com a ajuda dos Objetos Supremos, muito menos sabendo que viemos destroná-lo, e ele vai saber que somos as sentinelas assim que bater o olho em nós.

Dominique enxugou o suor da testa, os dedos trêmulos de nervosismo, e perguntou:

— Como podemos ter certeza de que os outros vão seguir com o plano? Como saber se não estão... Se não foram capturados quando chegaram?

Os rapazes andaram um pouco entre o bando fingindo estarem distraídos, Nique atrás de Pablo, até encontrar uma tenda vazia onde entraram. Ali Pablo consultou a Cuzpola e os dois perceberam a movimentação dos amigos, não sem certo espanto: enquanto a pessoa sozinha continuava praticamente no mesmo lugar na Cidade Alta, a dupla em Manazgul tinha andado um bocado e estava quase deixando a floresta em direção à cidade, e, o mais impressionante, os dois que estavam nas Montanhas, na região mais afastada, se dirigiam rapidamente ao Palácio, velozes demais para estarem apenas andando.

— Será que existem bondes no Nepcoutem? — Pablo sugeriu, mas Nique coçou o queixo pensativo. Se o caminho fosse um rio ele acharia que tinham conseguido um barco, mas a única coisa de que podiam ter certeza era que aqueles amigos não estavam a pé.

— Só espero que não estejam num comboio de arquedemon'z — o gênio comentou, estremecendo logo em seguida. Os bichos vermelhos eram bem capazes de transportar duas pessoas pelo ar. — Mesmo se estiverem todos livres, como saber se vão conseguir destruir o tal Cristal? Era pra eu e Márcio executarmos esta parte do plano!

Pablo enfiou a Cuzpola dentro das vestes e espiou do lado de fora da barraca. — Tenha um pouco de fé, Nique — ele disse. — Márcio vai arranjar um jeito, ele sempre acha uma saída.

Nique suspirou, não totalmente convencido.

— E o que fazemos com o duplo do Shenu ali atrás? — perguntou.

Pablo enganchou o dedo indicador na corrente que segurava seu Objeto Supremo.

— Vou ter que me concentrar nele de um jeito diferente dos outros — disse, e o gênio percebeu olheiras cansadas no amigo. — Só espero continuar lúcido quando tudo isso acabar... Esta Pedra... está me tirando o juízo.

Os dois voltaram à tenda do líder dos rebeldes, comeram uma refeição que mais parecia areia misturada com água, e dormiram algumas horas enquanto o bando se preparava para sua surpreendente marcha ao Palácio de Zebarã.

Convergência

— Então, o que posso fazer por você? — perguntou o pardo feiticeiro, com capa de placas de couro em escamas.

— Bom, você pode... me trazer um cachimbo com fumo do sul de Gehenmy, uma garrafa de rum, uma rabeca e uma certa senhorita de lábios de morangos, cabelos curtos e pele suave como uma cama macia — respondeu a sentinela, e recebeu mais um cutucão do cabo da lança do homem por isso.

— Senhor Férik, preciso lembrá-lo de que você nunca *fugiu* da prisão — disse o homem de voz grave. — *Foi libertado*. E, é claro, temos monitorado seus passos desde então. Então diga: como veio parar aqui se o vimos há alguns ciclos do sono *sem* nenhum apetrecho mágico, e como você provocou as explosões que mataram uma horda de arquedemon'z inteira no mesmo momento em que apareceu aqui?

Shenu ergueu o queixo e coçou a barba que estava enorme. Ele queria muito uma navalha para se barbear, elas faziam milagres. Não curavam costelas quebradas nem olhos roxos, mas certamente aliviavam a sensação de pelos pinicando. “*Então*”, pensou, “*explosões matando arquedemon'z na mesma hora que ele aparecera? Só podia ser um de seus amigos. Márcio com seu mac do fogo, talvez Diana com aquele Medalhão dos Elementos. Quem quer que tenha sido, deu cabo dos demon'z e estava perto dos rebelados. E há uma chance que tenha se unido a eles, e uma pequena possibilidade de se deparar com Férik. Que beleza!*”

— Eu já disse: desisti daquilo. Quer saber o que matou as crias de Zey? Esta coisa presa em mim. Ela me trouxe aqui também. E você me pergunta como fiz isso? A resposta é simples: eu não sei! Não sei como se usa essa coisa! Não faço ideia de como ela explodiu aquelas bestas nem como vim parar aqui só pensando neste prédio. Eu toquei na barreira um monte de vezes até me concentrar e ser transportado pra cá. O que eu sei é que prenderam isso em mim achando que, por ser líder, seria confiável me entregar a coisa até que alguém descobrisse como usá-la. Mas adivinha: ninguém descobriu em séculos, e eu não estou com disposição de perder minha cabeça pensando nisso! Eu quero me livrar dessa caixa e quero comida de verdade, uma cama e uma lâmina para me barbear! E só posso conseguir isso se o próprio rei tirar este troço do meu corpo. E já falei tudo o que sei — Shenu disparou, tomando cuidado para não pensar em tirar a corrente do corpo enquanto falava, pois o pensamento poderia extinguir o feitiço.

Ao lado do bruxo grandalhão Alhena fez um gesto com a mão e chamou outras pessoas. Três outros feiticeiros, e Shenu sabia que o eram por causa do broche de madrepérola em forma de pétala da Ordem dos Arcanos de Aduna que

todos usavam para prender as capas, entraram na cela. Arrastaram a sentinela por um corredor até uma sala maior e o jogaram sobre um balcão gelado; as costas nuas sentiram o frio do mármore branco contra a pele. Shenu estava atemorizado imaginando horrores que poderiam fazer com ele, mas lutava para não demonstrar medo e estava ferido e cansado demais para se livrar dos cinco feiticeiros. No entanto, tudo o que fizeram foi executar dúzias de feitiços diferentes sem tocá-lo, na tentativa de desfazer a magia que Ártemis tinha lançado. Aqueceram, resfriaram, deram choques, jogaram poções. Nada funcionou, mas quase todas as ações provocaram algum tipo de machucado no peito de Shenu, onde a corrente repousava. Mal perceberam o cilindro do mapa; todos os seus esforços se concentraram na joia.

No fim, se deram por vencidos. O que quer que Ártemis tinha feito funcionara de forma perfeita, e os seis juntos não foram capazes de desfazer o que a Caçadora armara.

— Está jogando um jogo perigoso, rapaz — disse um dos magos, um negro cego mais baixo que Shenu, mas de músculos que pareciam capazes de levantar uma montanha.

Quatro dos feiticeiros saíram, deixando apenas Alhena na sala com o rapaz. A mulher rodeou a mesa onde ele estava deitado, olhando, cheirando e cutucando Shenu como se farejasse resquícios de magia. A sentinela mal se movia, gemia, e todos os seus músculos doíam, o golpe na cabeça inchava mais e mantinha seu olho fechado. Por fim a mulher deve ter concluído que não encontraria mais respostas ali, pois saiu da cela e passou uma chave enorme no trinco, deixando-o sozinho.

Mal a bruxa tinha se afastado, Shenu saltou do balcão e passou os braços pela grade. O vulto de Alhena saiu do limite da sua visão assim que ele encostou nas barras, mas não era o corpo dela que ele buscava. No chão, a sombra da bruxa se projetava comprida por causa dos archotes, e Shenu só precisou de meio segundo e um leve movimento de olhos para lançar mão de um velho truque. Voltou então para o balcão e deitou-se com os braços cruzados sob a cabeça e os olhos fechados, como se estivesse apenas descansando numa esteira na praia, enquanto seu *mac*, acoplado à sombra da inimiga, percorria os caminhos do Palácio e levavam as imagens direto para os olhos da sentinela.

Acompanhou cada passo de Alhena até a mulher se reunir ao grupo de feiticeiros que, aparentemente, eram apenas aquelas cinco pessoas que o testaram, e, depois de uma breve conversa que ele não ouviu, seguiu a mulher por corredores largos ladeados por portas suntuosas, até que ela passou pelos portais de bronze gigantescos gravados com relevos de guerra que davam acesso à sala do rei.

Pensou no que Yoná diria se soubesse que ele podia usar um truque como aquele. Provavelmente ela entenderia que tipo de andarilho ele fora realmente. Nada daquela visão romantizada de buscadores de tesouros enterrados com roupinhas enceradas e cabelo penteado para trás, mas um ladrão que usava muito bem o *mac* das sombras que possuía.

Mas, se ela soubesse de todo o seu passado, poderia culpá-lo? Quando se está morrendo de fome e frio, roubar pães e meias não podem ser um crimes assim tão graves...

— Uh-hu! Isso é bom demais! — gritou Márcio com todo seu fôlego. Abriu os braços para sentir a corrente de vento cortando o corpo e empurrando-o para trás, enquanto Mindotárta dava piruetas perigosas no ar ao lado de um cordão de lava que descia do vulcão. A sentinela estendeu a mão apontando os dedos na direção do líquido incendiário, sentindo o sangue fluir mais rápido nas veias com o poder do fogo da montanha, e seu corpo todo começou a brilhar como se uma luz vermelha estivesse acesa *dentro* dele, e o Cetro da Luz, descontrolado, brilhou também.

— Não coloque essa mão aí!!!

— Oh, ela ficou gelada! — disse o dragão quando entortou as asas na diagonal e, com um giro acentuado, contornou o topo flamejante de Portol tr’Groush, e Jadhe, agarrada às suas costas, perdeu totalmente o controle sobre as emoções, sobre a telepatia, sobre o mac, e involuntariamente baixou a temperatura do próprio corpo, ficando parecida com uma estátua de gelo. Lópolu e Tárta pousaram sobre o topo do vulcão, uma cratera rochosa com espaço para abrigar o Forte de Agerta inteiro, cheia de saliências preenchidas com magma fervente, colunas de fumaça e filetes líquidos de enxofre verde.

Agradecido, Márcio saltou do pescoço de Mindotárta sentindo uma energia revigorante vinda do vulcão, e caminhou entre os lagos de magma como se estivesse num parque aquático. Voltou à companhia das feras quando as sensações que Jadhe esparramava ficaram insuportáveis e ele percebeu que a amiga não conseguia encontrar coragem para soltar o pescoço de Porgopavolópolis.

— Eu não me importo — disse o zaundron quando Márcio se aproximou e estendeu a mão para a garota, que a segurou como um náufrago agarrando-se a um bote salva vidas. — Se quiser ficar aí o tempo todo, por mim tudo bem, eu até gosto do geladinho. Mas bem que podia segurar um pouco essa coisa doida de atirar pensamentos pra todo lado. Está me dando dor de cabeça.

Mas Jadhe desceu da fera e agarrou o braço de Márcio, que se assustou. Ele nunca vira a amiga daquele jeito, nem pensava ser possível apavorar a garota

daquela maneira. Ela tinha se agarrado com tanta força ao animal que seus braços estavam cheios de vergões e cortes provocados pelos espinhos das pontas das escamas da criatura, e ela estava tão gelada que até queimou os dedos dele. Lópolu aproveitou uma fonte que expelia gás violentamente, abriu as asas e deixou a rajada quente levantá-lo.

— Pensei que você gostasse de voar! — Márcio comentou. — Com Dominique você não fica assim!

— Não fale de Dominique! — ela ranhetou histérica, e rajadas de raiva laceraram o peito de Márcio como se fossem chibatadas fazendo-o se afastar três passos. — Nique não tem espinhos, não voa tão rápido, e *nunca* viria parar na cratera de um vulcão!

— Esse é o melhor lugar pra se ver a cidade — retrucou Lópolu, descendo do ar numa espiral decrescente, sem se perturbar nem um pouco com a agressividade da garota.

— O que é um *Dominique*? — Mindotárita perguntou. — Um *zizerválido*?

Márcio sacudiu a cabeça sem entender e explicou quem era Dominique e soube que os zizerválidos eram máquinas esquisitas que os feiticeiros do Nepcoutem usavam para voar.

— Não temos essas coisas no Continente Maior — ele comentou. — No máximo usamos balões... e nosso gênio, é claro.

Ainda que toda a luz daquele reino fosse vermelha desde o céu até a incandescente lava ao redor e a cor se refletisse na pele deles, Márcio tinha certeza de que o rosto de Jadhe tinha adquirido um tom de magenta nada natural, mas ele não fez nenhum comentário.

Os jovens se encaminharam para a borda da cratera, onde picos rochosos se erguiam como os dentes afiados de um predador perigoso. Entre dois deles Márcio e Jadhe puderam visualizar a Cidade Alta: ao longe, brilhando em reflexos rosados, casas de ângulos retos cheias de pedras cintilantes foram erguidas sobre o planalto deserto, e as árvores que se viam entre as construções ou estavam mortas ou suas folhas eram totalmente escuras e ressecadas. Mas, se não soubessem a história do lugar para o qual olhavam, as sentinelas poderiam dizer que era uma bela cidade, onde uma grande e larga avenida reta se estendia desde a última das casas até o Palácio do Rei, dividindo-a ao meio e mantendo uma simetria meticulosa. De longe as casas pareciam limpas e bem cuidadas, e os belos e jovens moradores se estiravam em espreguiçadeiras do lado de fora de casa, como se cada um deles fosse um artista pobre de rico. Abraçando a cidade no final da avenida o majestoso palácio assomava com a altura de vinte casas, uma construção monumental de paredes circulares sobrepostas em arcos que, de longe, davam a

aparência de uma rosa com pétalas abertas. As Torres Curvas que ladeavam o grande portão principal ficavam voltadas para o sul, para a escadaria, e dali só podiam vislumbrar seus andares mais altos além das paredes de mármore. Ao centro da construção a torre central se erguia, encimada por um conjunto de janelas triangulares sobrepostas que, pelo formato, lembravam as pétalas de uma flor de lótus. Bem no meio desse conjunto ficava o domo central que cobria a área que devia ser o salão central do palácio, e ali ele resplandecia.

— O... Cristal Rosa... Aquilo é?... Mas ele... ele... ele é...

— Ele... Ele é... *gigantesco!* — Márcio exclamou, completando o que Jadhe não conseguia dizer. O enorme cristal mais se assemelhava a um pequeno morro côncavo, pois ele inteiro era a abóbada translúcida e rosada que cobria a área central do Palácio.

— Como vamos quebrar aquela coisa?! — questionou Jadhe, com a voz falha, sentando-se e passando as mãos nos cabelos.

— *Não vão ter dificuldade em localizar o cristal porque ele uma grande pedra engastada na abóbada que cobria o salão principal do palácio onde Zabarân vive* — Márcio falou, imitando Ártemis. — Sua mestra não é nada assertiva, não é?

— Não me admira que ela tenha dito que as pessoas não sabem que o cristal é um objeto mágico. Ele faz parte da arquitetura, da decoração! Não está engastado no domo, ele *é* o próprio domo! Nunca vamos conseguir roubá-lo para desativar o que ele tem de magia...

Um baforejo varreu os cabelos dos dois para o alto. Lópolu arranhava o chão e tinha baixado a cabeça até seus olhos chegarem à altura dos olhos dos garotos. Atrás dele, a dragonesa Mindotárita passeava de poça em poça de lava, admirando-as e torcendo o pescoço fascinada, como se estivesse fitando grandes espelhos no chão.

— Hm... Aquilo é uma coisa mágica então? Vocês vão ter que chegar pelo alto para alcançarem a coisa. Subir pelo chão nem pensar, a escadaria é amaldiçoada, e ninguém consegue pisar no chão do Castelo se não passar por elas primeiro, a não ser que seja convidado pelo rei. Pena que vocês não têm asinhas, não são baratinhas...

— Mas *vocês* poderiam voar até lá — Márcio afirmou com astúcia. — Vocês conseguiriam alcançar o teto do Palácio.

— Claro! Somos zaundron'z! Dragões do Breu. Não conseguiríamos *entrar* no Salão, entendam. A magia daquela construção é muito forte... Mas já houve revoltas antes, e em algumas delas vários dron'z se empoleiraram nas torres da Cidade Alta... Mas... Ei!

— Não vamos voar com vocês até lá, menininhos! — Tárta exclamou, aproximando-se com um animal engraçado, um lagarto cinzento de pele parecida com lava resfriada, entre os dentes. Pelo visto ela estivera caçando.

— Por que não? — Jadhe perguntou, mas pelo estado de espírito dela, Márcio sabia que ela adoraria se nunca mais voasse nas costas de um dragão tão cedo. Talvez por causa dos loopings consecutivos que Lópolu dera no ar com ela quando estavam bem acima do vulcão...

— Bom, nós... — Tárta falou.

— Não costumamos nos dar muito bem nas revoltas, sabem? — Lópolu continuou.

— Vários dron'z foram aprisionados nas outras vezes...

— É, e “aprisionados” significa “torturados até a eternidade”!

— Então... Não estamos afim.

— Não mesmo — Tárta concluiu, mas depois acrescentou: — A não ser que exista um plano...

— Sim — Lópolu apoiou. — Um plano! Uma ideia que nos tirasse de lá antes de qualquer coisa acontecer.

— E teria que ser um plano muito bom.

— Um plano ótimo!

— Um plano... — Márcio murmurou e olhou para Jadhe. Eles tinham um plano antes de chegarem até ali, um que parecia muito bom: subir a escada, quebrar o cristal, matar o rei. Simples assim. De repente percebeu o quanto haviam sido ingênuos em pensar que seria fácil. Mas uma ideia começou a se formar no fundo da mente de Márcio, uma ideia que Jadhe conseguiu ler até melhor do que o próprio garoto.

— O ideal seria que outros dos nossos amigos estivessem conosco — Jadhe falou, deixando os dragões confusos. Pegou seu mapa no cilindro e o entregou para Márcio, voltando, de repente, ao seu habitual autocontrole. — Tome. Um dos nossos está naquela cidade, posso tentar contato com ele. Vamos descobrir onde estão os outros.

Márcio murmurou as palavras de acionamento do feitiço e imediatamente sete pontos marrons surgiram, indicando a localização dos amigos. Pensou no que os outros iriam pensar ao perceber em que ele e Jadhe tinham se deslocado no mapa por toda aquela distância em apenas três dias (ou seriam mais? Tinham parado para caçar, comer e dormir três vezes, mas o tempo era interminável!). Ao ver a posição de cada um, Jadhe abriu um largo sorriso e debruçou-se sobre as rochas no cume da montanha.

— Olha só Lópolu! Eles são bruxinhos! Que gracinha! Magia é tão interessante...

— Se pudéssemos usar magia a coisa seria diferente... — o zaundron comentou.

— Pensei que dragões fossem criaturas mágicas por essência... — Jadhe falou confusa, e os dois dragões torceram o pescoço de um jeito engraçado.

— Só porque soltamos fogo roxo pela garganta? Isso não é magia, é natureza!

— Só dragões que estudam conseguem se tornar magos. Igualzinho a vocês, cabeças de peixe — falou Mindotárita, enquanto Lópolu se contorcia todo para deixar o olho bem próximo ao mapa estendido no chão. Márcio ficou imaginando se, além de muito estranho, Porgopavolópolu não seriam um pouco míope.

— Tem dois pontinhos no acampamento dos rebeldes!

As sentinelas empurraram as cabeças do dron para ver o que eles diziam. Dois pontos entre as colinas ao sul da Cidade do Rei se moviam lentamente em direção ao Palácio.

— Aí fica o acampamento dos revoltosos — disse o zaundron. — São os *Partidários de Ayana*.

— Partidários de Ayana?

— É, de Ayana. Isso mesmo, da sua mestra-chefa — a dragonesa falou.

— Ayana é uma inspiração pra essas pessoas, a única que escapou.

— Então... — Márcio pensou. — Nossos amigos podem ter encontrado essas pessoas. Podem ter se juntado a eles para atacar o Palácio com um exército!

Os dragões caíram na gargalhada.

— Exército?!

— Não delira, garoto! — Tárita riu. — Deve ter umas mil pessoas no máximo naquele acampamento, e todas estão neste reino há tanto tempo que não têm vontade de fazer muita coisa. Seria difícil até fazê-los andar!

— Eles têm muito medo — Lópolu acrescentou. — Perder uma batalha na Cidade do Rei, seja na Alta ou na Baixa, significa ir para a prisão por muito, muito tempo. E sair de lá só pra trabalhar debaixo de chibatadas e do cheiro horrível de barata que têm os marrotes.

— Vocês têm uma coisa com baratas, não? — Jadhe comentou.

— Mas, mesmo se estiverem sozinhos — Márcio disse, — nossos amigos estão vindo pra cá, para a Cidade. Podem estar feridos ou até ter sido capturados, porque vêm devagar. Mas eu prefiro acreditar que há uma chance de terem conseguido algum apoio.

— Talvez estejam com um grupo pequeno — Lópolu falou. — Férik, por exemplo, é o líder de agora e chegou há poucos ciclos do rio, então ainda deve

restar alguma força de vontade nele, assim como numa meia dúzia de pessoas. Pode ser que seus amigos os tenham convencido.

— Consegue contato com eles Jadhe? Por telepatia?

A garota estudou o mapa por um instante e balançou a cabeça.

— Estão muito distantes. Mas... Olhe! Tem dois aqui! Duas pessoas! — a garota exclamou excitada.

— São os dois que estavam na floresta. Eles conseguiram sair!

— Poxa! Vocês têm que dar os parabéns pra esses seus amigos — disse Mindotárita, enfiando o focinho por cima do ombro de Márcio e girando a cabeça para enxergar melhor o mapa. — A floresta é assombrada por monstros horripilantes. Todo mundo evita aquele lugar.

— Como pode ser assombrada se ninguém morre?

— É pra lá que Zebarãn manda as pessoas que ele amaldiçoa... — a dronae respondeu soturna. — Mas vocês estão vendo que tem um amigo de vocês bem aqui perto? Ali na Cidade Alta?

O pontinho que representava a pessoa que ficara sozinha, que eles tinham certeza ser Shenu, estava ali, e Márcio suspeitava que ele tivesse sido capturado. As prisões, uma em cada extremidade da Cidade, lançavam sombras imperiosas às residências, mas Márcio tinha a sensação de que Shenu não estava em uma delas. Talvez estivesse no Palácio. Provavelmente não conseguia se mexer, ou já teria saído dali. Ele olhou para Jadhe, que tinha um vinco na testa e que transferia, involuntariamente, ondas frias de pensamentos, como a brisa úmida da manhã à beira de um lago.

— Não consigo contato com ele, Márcio.

— Está fora de alcance?

— Não, é que... eu consigo chegar até ele, sei que ele sabe que estou tentando me comunicar com ele. E ele não está inconsciente, eu consigo senti-lo... — ela olhou novamente pela borda para a cidade, e enxugou o suor da testa. O calor estava passando do tolerável. — Mas ele não responde. Ele deliberadamente está evitando meu contato.

Os jovens se entreolharam. Acima deles, Tárita e Lópolu repetiram o gesto, só por diversão.

— Tive vislumbres do que ele vê. Ele parece estar se movimentando no escuro, e as paredes do lugar são iridescentes, como madreperla.

— Definitivamente são as paredes do Palácio Nácar — disse Lópolu resolutamente.

— Você não acha... Sabe...

— O que?

— Bom Márcio... Essa história de que Zebarân estava nos seguindo de algum jeito, acompanhando nossos passos... Quero dizer... Não poderia ser Shenu, poderia? Afinal, só ele teve contato com os mercenários, e ele soltou da sua mão por querer quando entramos aqui.

A garota mordeu o lábio.

— Não sei Márcio. É estranho não conseguir uma resposta, principalmente porque ele é telepata também. Mas Zebarân tem tantas artimanhas e, se ele está mesmo no Palácio, pode estar sendo torturado neste exato momento!

Os dois ficaram calados e voltaram a olhar para a Cidade, pensando.

— Mas você pode sentir, não pode? — Márcio quis saber, mas Jadhe olhou para ele confusa. — Pode sentir se ele é verdadeiro ou não, não pode?

— Do que é que você está falando?

— Todos nós sabemos que você tem essas... essas sensações, Jadhe. Essas premonições. Você *sente* o que vai dar certo e o que vai dar errado. Pode sentir algo sobre Shenu?

— Juro que não compreendo o que você quer dizer!

O garoto ficou impaciente. Era consenso entre os amigos que Jadhe, além de telepata, tinha algum tipo de sensibilidade extra que a permitia vislumbrar o futuro. E, se isso era verdade e depois de tudo pelo que tinham passado, ela não podia continuar escondendo este talento.

— Qual é Jadhe! É por isso que todo mundo confia em você! Sempre dizendo “vamos confiar”, “sigamos por este caminho”, “os cavalos não estão mais lá”. Você sempre sabe de alguma coisa que nós não sabemos por que você *sente* alguma coisa que não sentimos!

Márcio testemunhou o rosto de Jadhe se desmanchar em assombro, e, em seguida, em constrangimento.

— Eu não sabia que vocês pensavam assim...

— Mas é verdade, não é? — ele insistiu. — Nós sabemos que é!

— Não! É que... Hm... — ela fez, pensando em como explicar a coisa toda. Os dragões se interessaram e se deitaram sobre as patas com as asas esparramadas pelo chão como se fossem enormes cãezinhos de estimação sob cobertores de couro. — Houve uma ocasião, quando encontramos os cavalos presos naquelas baías suspeitas, em que eu realmente tive algum indício de que as coisas iam dar certo...

Márcio acenou freneticamente com a cabeça num esforço para que Jadhe continuasse.

— Lembra-se do que te contei sobre o meu... Sobre quando eu fugi quando era criança?

— Sim.

— Naquela ocasião, corri através de uma nevasca e vi uma árvore no meio da neve, uma árvore de tronco de gelo e folhas como cristais. Eu mal podia enxergá-la, e, quando procurei abrigo sob ela, percebi que eu nunca conseguia me aproximar. Acabei encontrando a estrada para o porto e entrando no navio de Bháno, e percebi que aquela árvore era um sinal...

— Um sinal de Lhênus? Afinal, ele é o Senhor da Flora também...

— Não, não era Lhênus. Tenho certeza de que quem me salvou foi um Senhor, mas não foi Lhênus. Foi Caularom, o Senhor das Águas. O mesmo que me ajudou a vir ao mundo.

Márcio acenou de novo. Apesar de ser muito interessante, ele estava ansioso por ouvir o resto da conversa.

— No dia em que encontramos os cavalos vi uma árvore semelhante no campo, e tinha certeza de que ela não estava lá antes. Encarei isso como um sinal de boa sorte e, de um jeito estranho, algumas emoções e pensamentos dos cavalos passaram pra mim. Nada claro, nada coerente, só que, quando eu percebi que nunca tinha sentido aquilo na presença de nenhum animal, percebi que não eram cavalos comuns.

— Correto...

— Mas, nas outras vezes...

— Nas outras vezes você adivinhou o caminho, certo? Sabia para onde ir e como as coisas iam acabar, certo?

Jadhe fazia caretas cada vez mais estranhas enquanto falava.

— Quando eu estudava para ser rainha, minha mãe sempre dizia: “Jadhe, uma princesa não deve temer tomar decisões. E ela nunca pode vacilar, mesmo que suas decisões acabem erradas. Ela deve seguir o seu coração e fazer o possível e o impossível para que elas sejam o melhor para o povo. Só assim as pessoas confiarão na princesa e a aceitarão em seus corações quando ela se tornar sua líder”.

Lópolu virou-se de barriga para cima e coçou as costas na rocha incandescente. Estava muito quente mesmo, talvez estivessem perto de uma erupção, mas Márcio estava distraído e boquiaberto.

— Então, na verdade...

— Bom, você não pode negar que eu tenho bons palpites!

Um ronco quase imperceptível rugiu de dentro da montanha. Os dron’z se puseram em pé.

— *Palpites?!!!* — Márcio exclamou.

— Acho que esse lugar está um pouco bravo, não acham?

— O vulcão não vai explodir — Márcio afirmou com segurança, e provocou Jadhe em seguida. — E, eu tenho certeza disso, certeza *mesmo*. Mas vai

ficar mais quente. Vamos um pouco mais para baixo.

A garota concordou e os dois subiram nos dragões, Jadhe tremendo como se estivesse no meio de um terremoto, e voaram para um pico mais baixo da montanha. Enquanto desciam, o garoto ficou olhando para os fios de lava e para a fumaça lá em cima, Fora um pedido dele, se fosse possível, pousar na cratera e ver de perto os rios de lava, afinal, aquela poderia ser sua única oportunidade de fazer algo assim. Sentia a pulsação do coração em cada parte do corpo, como quando acontece depois de um grande esforço físico, e era tanto poder que ele estava ofegante e tinha dificuldade para controlar o mac, que ameaçava transbordar do mesmo jeito que acontecia com a telepatia de Jadhe. O Cetro da Luz devia estar recebendo muito deste poder, e Márcio teve uma ideia: enquanto os dragões desciam no ar com os jovens, ele ergueu a joia e usou aquele excesso de energia para ativá-lo e enxergar a cidade mais de perto.

Viu pessoas cantarolando, comendo, tocando liras e bandolins. Viu casais de mãos dadas, e jardineiros podando flores amarelas e vermelhas. Viu tudo isso e viu que não havia sorrisos nem tranquilidade, pois várias pessoas olhavam incomodadas por cima do ombro. Eram muito bonitas, sem cicatrizes, com rostos simétricos, cabelos bem cuidados, unhas bem tratadas, peles perfeitas e sem manchas, dentes brancos, cuidadosamente selecionadas pelo rei para deixar sua Cidade Alta com um padrão de beleza impecável. Não passavam de parte da decoração.

Mas o que Márcio queria enxergar ele viu usando um pouco mais de energia. Lá embaixo, nas ruas apinhadas, seus olhos enxergaram cadáveres. Centenas de cadáveres. Todas aquelas pessoas já tinham que estar mortas há um longo tempo. Só enxergou cores de vida em um ou dois, os mais apavorados, provavelmente capturados há pouco tempo. Se destruíssem o rei e os libertassem da maldição da vida eterna, aqueles cujo tempo já havia expirado seriam levados pela areia do tempo para sempre.

Era melhor não envolver os moradores nos planos dos jovens. Afinal, não se podia prever a reação das pessoas ao saber que a intenção deles era destruir a coisa que te mantinha vivo.

Pousaram, e Márcio explicou o que tinha visto. Então se sentaram e, enquanto os dragões resolveram brincar de gato e rato com os lagartos incandescentes que viviam nas fendas do vulcão, Jadhe se concentrou em buscar as mentes dos amigos mais próximos, os que estavam na beirada de Manazgul.

A Cidade Alta era brilhante, e suas construções, imensas, extensos prédios de dois andares com vários quartos em cada um, moradias de casais belos e

apáticos. Diana não pode deixar de relacionar as casas com uma colmeia de tamanho avantajado, onde a rainha (neste caso o rei) vivia no gomo central, ou seja, o Palácio. Ela tremia e não conseguia se concentrar adequadamente no que via: para ela tudo parecia um borrão de cores elétricas e sufocantes. Yoná, apertando o braço dela com tanta força quanto ela apertava o da amiga, ofegava e suava frio.

A floresta Manazgul lhes proporcionara dias de terror e fome antes de conseguirem sair de suas sombras e se verem, finalmente, no alto de uma colina descampada, longe das árvores e perto da cidade. Após o encontro com Yara, as garotas acreditaram estarem livres das surpresas daquele lugar horroroso, mas a floresta era o recanto das criaturas mais sombrias e mais torturadas do Nepctoutem. Fugiram de formigas do tamanho de coelhos que rasgaram um pedaço da bota de couro que Yoná usava, chegaram a um lugar onde jatos gritantes de gás quente estouravam do chão, encontraram uma garota pálida de cabelos escuros que lhe cobriam o rosto, que correu atrás das garotas e alcançou Diana, deixando um hematoma roxo no braço dela com o formato de dedos quando as sentinelas fugiram. Dormiram poucas vezes, sempre se revezando numa vigília paranoica, e em todas as ocasiões tiveram que despertar no meio do sono da que descansava e fugir. Quando finalmente acharam ter encontrado um lugar tranquilo, recostaram-se em árvores grandes e frondosas. A clareira era larga o suficiente para que as garotas não fossem apanhadas de surpresa, não fosse pelo fato de que os amaldiçoados, daquela vez, *serem* os troncos das árvores.

Yoná salvou Diana quando galhos pequeninos se transformaram em teias e a abraçaram, mas quase foi abocanhada pelos dentes de tubarão que surgiram em uma árvore atrás dela. Quando Diana usou o feitiço do escudo para protegê-las os galhos estouraram na redoma de energia e vários deles se partiram. Jatos de um líquido escuro espirraram das plantas, que gritaram e gemeram soluçantes, fazendo as entranhas das meninas revirarem.

Sem se importar com os efeitos colaterais que um uso tão prolongado de um Tesouro Supremo pudesse causar, Diana manteve o feitiço ativo até que conseguissem enxergar a saída da floresta, e evitou, com isso, o ataque de vespas grotescas e enormes com dentes lupinos. E Yoná usou a Pérola Negra para capturar a vitalidade de uma criatura tão estrondorosamente macabra que as duas mal conseguiram entendê-la. Pensaram estar sob uma gruta que formava um túnel, mas, quando perceberam o teto se contorcer numa textura viscosa e uma gosma esverdeada descer pelas paredes, se viram dentro de uma armadilha aterradora e, quando olhos surgiram espalhados pelas paredes e a entrada e a saída se fecharam como dentes babosos, as duas usaram indiscriminadamente os Tesouros para

escapar dali. Assim, saíram da mata num estado lastimável de terror absoluto, e não conseguiram pronunciar uma só palavra por um longo tempo.

Elas não imaginavam quanto tempo tinham passado na Floresta. Diana achava que tinham sido três ou quatro dias, mas não podia ter certeza. Agora, sentada numa planície descampada bem longe das árvores, toda vez que fechava os olhos imagens horripilantes surgiam na sua cabeça: criaturas de uma só perna e cabelos de fogo gemiam, baleias de dois corações pulsantes a engoliam e mastigavam, só para cuspi-la num turbilhão de água revolta no meio de uma tempestade onde encarava os soldados feridos ou mortos de Agerta. E, quando acordava, ou, o que era mais provável, quando voltava a si, conseguia perceber que ainda estava sentada, enrijecida por horas passadas na mesma posição, abraçada a Yoná, cujos olhos também estavam perdidos em pesadelos vorazes como os dela.

Aos poucos, porém, a consciência foi voltando às suas mentes, e Diana achou que, desta vez, o Medalhão de Ariell tinha feito mais bem do que mal. Quando voltou a si a garota percebeu que ainda estavam sob a redoma do *plactu*, o feitiço escudo, e entendeu que foi a influência do poder da joia que a impediu de enlouquecer completamente. Yoná dormia junto dela numa rigidez mortíça, e Diana só não teve medo de que a amiga estivesse mesmo morta porque sabia que ali não se podia morrer. Ficou imaginando, porém, como seria perder a sanidade num lugar onde se vivia para sempre. Não devia ser nada bom. E, apesar de querer que a amiga descansasse e ficasse bem, a loira estava muito apavorada para ficar acordada sozinha, por isso sacudiu Yoná e chamou-a com carinho e cuidado até que ela despertasse e conseguisse voltar a si.

Estavam agachadas numa saliência na colina, e as casas da Cidade Alta ficavam bem perto. Podiam vê-las atrás de um emaranhado de troncos e galhos escuros que não faziam parte da Floresta Manazgul, mas que fizeram o estômago de Yoná embrulhar só de se imaginar passando sob elas. Embora soubessem que a Cidade Baixa, lar dos escravos, estava bem próxima, logo atrás do Palácio de teto dourado e cristalino, não conseguiam enxergá-la, apesar de poderem vislumbrar sinais de fumaça negra e reflexos de fogo que vinham de lá. Na Cidade Alta não havia nenhuma criança, nenhum idoso, nada de animais de estimação e umas poucas plantas cor de outono nas janelas. Podiam ser belas construções: paredes retilíneas com adornos esculpidos nas pedras na forma de constelações, cenas históricas ou arabescos rebuscados, mas não havia alegria em nenhum lugar, só fantasmas.

Finalmente, Yoná conseguiu fôlego para falar.

— Você... Está bem?

— Na medida do possível — Diana respondeu, cessando o feitiço *plactu* e sentindo a cabeça ligeiramente zozna. O Medalhão sempre tinha o efeito de tirá-

la do ar, de fazê-la pensar em estrelas, na grandeza da passagem do tempo, em coisas que não se podia ver ou tocar e que a deixavam leve e maravilhada. Mas a floresta, junto com a magia da joia, tinham embaralhado a mente da garota, e ela se sentia olhando para uma praia agitada e ouvindo o rugido das ondas indo e vindo, indo e vindo.

— O que vamos fazer? — Yoná perguntou, sacudindo a cabeça para tentar clarear a mente. Se as duas continuassem perturbadas daquele jeito, ela pensou, acabariam perdendo a lucidez naquele lugar e esqueceriam até de quem eram.

— Faz quanto tempo que estamos aqui?

Yoná engoliu em seco.

— Não faço ideia — respondeu. Teriam sido horas, dias, anos? Nunca conseguiriam saber.

Diana puxou o mapa de seu cilindro. Disse as palavras para acionar o feitiço e respirou aliviada quando as marcas dos amigos apareceram.

— Bem, sabemos que faz menos de um mês que entramos, senão o feitiço do mapa teria acabado — ela disse sendo prática, e as duas se ajoelharam para analisar a posição dos companheiros.

— Todos se movimentaram pra cá, menos a pessoa que está sozinha e já está aqui — disse Yoná. — Dois deles estão bem aqui! Olhe...

— São os que estavam nas montanhas — observou Diana, e ela e Yoná se entreolharam. Ou aqueles amigos tinham andado muito rápido, ou elas tinham passado mais tempo do que podiam mensurar na mata, porque os mais próximos eram os que estavam distantes pelo menos um mês de caminhada quando consultaram suas posições da primeira vez.

— Estão perto do...

“Yoná! Diana!”

As garotas sorriram. A voz tinha falado dentro das mentes delas, e o toque gelado e familiar de Jadhe foi tão reconfortante que Diana sentiu os olhos marejarem.

— Somos nós — a garota respondeu em voz alta.

— Onde você está? — Yoná perguntou. — É você na base da montanha?

Um instante de silêncio e, então, as garotas vislumbraram imagens captadas pelos olhos de Jadhe. Como se sonhassem acordadas, as garotas enxergaram um extenso planalto visto do alto, onde a Cidade Alta surgia pequenina ao longe, como um grande conjunto de dadinhos de brinquedo feitos de vidro. À esquerda assomavam as horrendas árvores de Manazgul, e de cima parecia haver uma grande massa bolorenta cobrindo as copas e apodrecendo a floresta. À direita, o planalto se estendia desértico por milhas e milhas vermelhas, quando terminava,

escuro, numa cadeia de montanhas pontudas. Jadhe olhou para o lado e as garotas enxergaram, espantadas, a luz dourada do fluído luminoso das rochas escorrendo pelas lascas da montanha.

— Como é que você foi parar aí em cima? É Dominique que está com você? — Diana e Yoná perguntaram ao mesmo tempo.

“Não, estou com Márcio. Foi ele quem quis dar uma olhada no vulcão bem de perto. Vocês estão bem?”

Diana olhou para Yoná rapidamente, captando uma rigidez ansiosa da mandíbula da garota ao saber que quem estava com Jadhe era justamente Márcio. Mas a Sanai disfarçou rapidamente.

“Estamos inteiras e livres”, Yoná conseguiu responder depois de ponderar um instante. “Vivas” seria óbvio, já que não se podia morrer, mas ela não conseguiu afirmar que estivessem “bem”.

— Mas... Como chegaram aí em cima? — Diana insistiu em voz alta.

Uma nova imagem surgiu rapidamente nas mentes das garotas, desta vez uma criatura serpentina de couro preto, escamoso e espinhento, como as folhas de um abacaxi. As duas se assustaram, Yoná soltou um palavrão, mas, pelo modo como a mente de Jadhe estava calma, ela e Márcio não estavam em perigo.

“Fizemos novos amigos”, Jadhe falou.

“Então, nós nos separamos e o plano já era”, ouviram a voz de Márcio invadir a rede de pensamentos, e, apesar de torcer o pescoço várias vezes para espiar as sombras da entrada da floresta, certificando-se de que não havia nada saindo dali correndo, gritando, gemendo, nem brandindo um machado ou coisa parecida, Diana se sentiu um tantinho mais segura. Aquela ponte que as sentinelas compartilhavam era incômoda às vezes, mas também era a certeza de que não estavam sozinhos. *“Vocês têm alguma ideia do que fazer agora?”*

— Não sabemos de nada que vocês não saibam — disse Yoná.

— Na verdade, tudo o que sabemos é que vocês estão aí na montanha — Diana acrescentou. — E que tem alguém sozinho na Cidade, e duas pessoas vindo pra cá pelo sul. Isso não é muita coisa, é?

Um instante de silêncio. Na montanha, Jadhe e Márcio se entreolharam e Di e Yoná vislumbraram o rosto do garoto em seus pensamentos.

“Nós sabemos que é Shenu quem está na cidade”, Márcio falou.

— Sabem como? Você conseguiu falar com ele? — Diana perguntou para Jadhe.

“Não. Ele não respondeu meu contato. Ele... Escapou de mim quando passamos pela barreira. Achamos que ele pode estar preso no Palácio.”

De repente, as duas sentiram um golpe poderoso na cabeça, não dolorido, mas estridente, como se alguém tivesse tocado uma grande corneta bem no ouvido

delas. Uma voz diferente falou:

“É bem curioso que o seu amigo tenha ido parar na Cidade Alta. Ele deve ser uma pessoa muito bonita.”

— Mas, o que...

— O que é que foi isso? Quem é?

“Bergamota!”, ouviram o pensamento de Jadhe, que ao mesmo tempo falava e pensava. Tiveram a sensação de reencontrar alguém que não esperavam ver nunca mais, e tanto Diana quanto Yoná ficaram muito confusas. Era bem estranho ter sensações que não eram as suas relacionadas com pessoas (ou dragões) que elas não conheciam.

“Meninas, Bergamota é um dos dragões que nos ajudou...”.

“Mas só porque eu não podia comer vocês”, o dragão disse, e Diana entendeu que ele não estava brincando. *“Hm, isso é gostoso. Faz tempo que eu não uso a cabeça pra falar ao invés da boca...”*.

“Oras, deixe de ser ranzinza”, outra voz falou por telepatia, e tinha a mesma intensidade do toque de Bergamota. *“O velho Berga é mais caduco do que perigoso”*.

Para Yoná e Diana surgiram imagens curiosas de um dragão caçando criaturinhas que pareciam iguanas feitas de lava, que entravam e saíam de buracos no vulcão.

“Porque você fala que Shenu deve ser uma pessoa muito bonita?”, Márcio perguntou. Não que Shenu não fosse um homem bem apessoado, mas Márcio se perguntava se a quantidade de cicatrizes e manchas que ele tinha no rosto, resultado dos muitos anos de andanças pelo mundo e das últimas aventuras do rapaz, passariam no teste de padrão de beleza de Zebarân. Pelo que ele pode ver através do Cetro da Luz as pessoas da Cidade Alta tinham rostos afilados, sem sombra nem de marcas de expressão, corpos muito bem delineados e pele uniforme. Havia gente de todas as raças, mas não havia uma só pessoa com manchas, pintas ou cicatrizes.

“Por que você precisa ter uma marca para ser transportado direto pra Cidade Alta, e só se consegue essa marca se os mercenários acharem que você merece por que é bonito. Zebarân adora receber gente bonita!”

Por um instante, as mentes dos quatro amigos se tornaram um conjunto de ruídos sem sintonia. Então Yoná perguntou:

— Acham que ele pode... Bom, vocês sabem... Shenu estava tão interessado nesta viagem...

“Shenu tem os segredos dele”, Jadhe pensou, em tom de ponto final.

— Mas, sabem... — Yoná continuou, falando com um pouco mais de cautela do que os amigos estavam acostumados. — Ele foi o único que subiu no

convés do Sambuk, foi o primeiro a dizer que queria vir pra cá, e sempre soubemos que ele tem interesse nas joias...

— Não! — Diana exclamou no meio da conversa. — Não, não e não. Shenu tem umas coisas estranhas, mas o coitado não ia colocar a vida em risco e se enfiar no meio daquele terremoto de superonda que quase nos afogou pra vira pra este lugar maldito. A gente já duvidou demais uns dos outros, não acham que ele merece um pouquinho mais de crédito?

“Falou como Pablo”, Márcio comentou.

— É, e você sabe que seu irmão tem razão! Não sabemos o que aconteceu com o Shenu, mas vamos tentar não acusá-lo de nada por enquanto. Por mais suspeitas que pareçam as atitudes dele, pode ser que ele esteja até sendo torturado com aquelas torturas mentais que Ártemis contou pra gente!

Todos ficaram em silêncio. No vulcão, Márcio tinha certeza de que Yoná estava mordendo os lábios para segurar a língua.

— Tudo bem, então o que é que sabemos com certeza? — a garota falou, engolindo a vontade de falar mais alguma coisa sobre Shenu.

— Shenu está preso e Pablo e Nique estão no sul e vindo pra cá — Diana disse, e o coração dela deu um salto tão forte quando mencionou o nome de Pablo que até os dragões reclamaram do descontrole de emoções da garota.

“Cuidado aí, menina, se pensar com um pouquinho mais de intensidade, vamos todos acabar apaixonados pelo seu marido também!”, disse uma voz diferente, com um toque levemente mais sutil que o dos outros dragões, o que obrigou as meninas a perguntarem para a dupla do vulcão quantos dron’z eles tinham encontrado no caminho.

“Perdão”, disse Márcio. *“Bergamota, Mindotárita e Porvolópolis, três Dragões do Breu. Dragões negros! Eles não estão extintos, só presos aqui!”*

“Porgopavolópolis”, corrigiu o dono do nome. *“Podem me chamar de Lópolis”*.

— Tudo bem — disse Diana. — Três dragões negros.

— E vocês vão nos ajudar? — Yoná perguntou, e a resposta veio rápida e aguda, do mesmo dragão que começara a falar com ela primeiro.

“Como dissemos para os seus colegas que gostam de fogo, não vamos nos arriscar a ficar cem anos trancados numa prisão para dragões. É escuro, frio, não tem água nem comida... Ninguém fica muito bem lá dentro”.

“Que o diga sua amiga Ayana”, soou a voz da dragonesa Tárita, e Jadhe estremeceu.

“Mestra Ártemis ficou persa nestas condições? Por quanto tempo?”, ela perguntou, e Bergamota respondeu:

“Quanto tempo faz que você está aqui? Pode me dizer? Claro que não. Ayana não saberia também.”

— Bom, então somos só nós quatro? — Yoná tentou voltar ao foco da conversa.

“Não necessariamente”, Márcio falou. “Lópolu, você nos disse que o problema é a segurança de vocês. Se não houver nenhum risco de serem apanhados, vocês concordam em nos ajudar?”

A imagem do dragão apareceu nas mentes de todos. Um grito pungente e longo se ouviu vindo das entranhas da Floresta Manazgul, e Yoná e Diana levantaram-se e se afastaram mais um pouco das árvores, assustando inclusive os dois que estavam no alto do vulcão. Quando se encontraram a uma distância segura tanto da floresta quanto da cidade, as meninas conseguiram enxergar as cabeças dos três dragões encarando Márcio, um deles, o menor e mais magro, empoleirado sobre uma rocha com a cauda caída e balançando exatamente como o Sr. Pelos fazia quando estava aborrecido.

“Podemos pensar no caso”, disse a Mindotárta.

Márcio sorriu de um jeito astuto.

“Então vamos descer daqui. Acho que tenho um plano.”

Traidor

O homem ficou. Seu corpo já chegou sem vida ao chão empoeirado da sala onde tentara se esconder. O luar de Ginhaissu não era suficiente para iluminar a confusão de objetos e papéis espalhados pelo recinto, mas Verônica enxergava todo o rubor de cada gotícula de sangue que ela tirara do velhote. Ele não caíra sem lutar, apesar de ser um ancião flácido com mais de setenta anos. O corte superficial no braço dela provocado por uma faca de pão mal tirara sua concentração.

A gárgula tirou o papel do bolso do saiote e riscou o sétimo nome. Ela ofegava e o pedaço de carvão borrou as linhas acima e abaixo dele. Tinha que parar de tremer. O serviço tinha vindo bem a calhar: ela ganhara uma bolsa cheia de moedas de ouro, de prata e algumas joias, e estava vivendo como uma rainha em I’Jaboris, onde suas asas de gárgula e sua pele cinzenta não chamavam atenção. Mas ela tinha que parar de tremer. Tinha que parar de olhar nos olhos deles enquanto fazia o serviço.

Ou jamais teria os Tesouros. E ela queria os Tesouros. Ela queria muito os Tesouros.

Subiu no beirame da janela da torre e saltou, deixando para trás prateleiras e mais prateleiras de ampulhetas, lunetas, astrolábios, mapas estelares, mapas lunares, móveis, modelos e tabelas. Ela tomaria um banho quente naquela noite e procuraria o próximo relojoeiro no dia seguinte.

Um pensamento a acompanhava, atormentando-a. *Se uma profecia se cumpre, o mérito é do profeta ou de quem, a qualquer custo, decide fazer com que ela se concretize, só para satisfazer suas próprias vontades?*

— Eles se juntaram — disse o general, enquanto tentava disfarçar a luz da Cuzpola olhando para ela dentro da sacola de couro onde guardava os pães secos que os Partidários de Ayana lhe deram.

— Todos?

— Não, quatro. Quem está sozinho continua sozinho e na Cidade Alta. Imagino que deva ter sido capturado. Espero que não seja Shenu...

— Shenu? — perguntou o gênio, surpreso por ser justo em Shenu, e não na esposa ou no irmão em quem ele primeiro pensava. — Você não quis dizer Diana ou Márcio?

Pablo sorriu, escondendo a Cuzpola. Os rebeldes continuavam caminhando, porém mais lentamente do que antes. Apenas Férík estava à frente

deles, aliás, bem à frente, e não olhava para trás enquanto caminhava com uma lança de ponta enorme que fazia de cajado.

— Diana é muito mais durona do que aparenta, Nique. Eu sei que ela é chorona e delicada, mas por baixo daquela moça meiguinha existe uma leoa. Você não iria acreditar. É claro que eu não quero que aconteça nada com ela, mas Shenu está muito inconstante. Não tenho certeza do que ele fará se estiver sozinho neste lugar...

Nique olhou para os rebeldes por cima do ombro. Nenhum deles parecia nem minimamente interessado no que as sentinelas faziam ou diziam. Apanhou então a Cuzpola, tomando cuidado para que Férik não a visse, pois nele os rapazes não tinham confiança.

— Não dá pra enxergar o que estão fazendo? — o gênio perguntou. — Quero dizer, as meninas conseguem enxergar um monte de coisas nessa bússola!

— Diana tem um jeitinho de pedir respostas a esta coisa — Pablo falou. — Mas eu não faço ideia de como ela faz. Já tentei mandar, já tentei pedir “por favor”, nada funciona.

Nique tentou algumas variações de pedir e implorar, mas nada aconteceu. Aparentemente, Diana tinha mesmo um jeito especial de falar com o artefato, que só a ela respondia.

— Mas acho que sei o que estão planejando. Eles vão atacar o castelo — Pablo sentenciou.

— Se estão preparando um ataque — Nique ponderou — não vão nos esperar. Estamos muito longe. Talvez pensem que fomos capturados por estarmos andando tão devagar...

Jadhe, sem ele, contra o exército de arquedemon’z? Não, isso não podia acontecer. Ela já enfrentara vários deles, mas não estavam mais no mar. Estavam na terra daqueles monstros, e ali ela não tinha força nenhuma.

— Não... Precisamos nos apressar, eles precisam nos esperar, eles têm que...

SCINT!

— Nique? O que aconteceu, Nique?

O rosto do gênio se contorceu numa careta culpada. Ele sentiu quando Pablo lhe deu um empurrão no ombro e voltou os olhos lentamente para o amigo.

— Aconteceu de novo, não foi? — pelo canto dos olhos, Nique viu Férik voltar-se para os dois, e, apesar de ter o mesmo rosto de Shenu, havia algo de sombrio naquele homem que o gênio não via no amigo. — *Você fez de novo?*

Dominique assentiu.

— No que você estava pensando? O que desejou?

— Que... que nossos amigos esperem por nós...

— Prontos? — Márcio perguntou e os amigos e os zaundron'z assentiram.

Diana segurou o Medalhão dos Elementos com as duas mãos e preparou-se para usar o feitiço complicado que Márcio pedira. Mindotárita carregando Márcio e Porgopavolópolis com Jadhe nas costas prepararam um impulso. Yoná tomou fôlego, escondida sob os arbustos de onde ela lançaria mão de seu *mac* do som. Tudo dependia dela e de Diana. E só tinham uma chance de fazer aquele plano maluco dar certo.

Mas o mormaço fedorento que preenchia o ar do Nepcoutem transformou-se num vento de mau agouro e as sentinelas esperaram. Um barulho de bater de cascos e pinças preencheu o ar e pontos escuros tomaram o céu. Uma nuvem de criaturas horrendas se espalhou pelo espaço e pousou na campina bem em frente às árvores sob as quais o grupo de sentinelas e dragões se escondia, e os jovens observaram, cautelosos, um bando de coisas bizarras se aglomerar no espaço vazio.

“*Marrotes!*”, o berro soluçado de Bergamota estourou nas mentes dos garotos.

Eram criaturas esquisitas, mais horripilantes ainda que os arquedemon'z. Como eles, tinham carapaças avermelhadas, duas patas elefantinas com garras de urubu sustentando um corpo volumoso com alguns pelos escuros e grossos em tufos desgrenhados, quatro braços como patas de insetos, dois terminados em pinças como as dos escorpiões e dois maiores e mais finos saindo das costas, terminando como patas de gafanhotos. E, no lugar da cabeça, garras paralelas gigantescas como as das lagostas batiam pinças para o alto, seis olhos mínimos e pretos incrustados nelas. Da espinha saía uma cauda segmentada que se bifurcava em dois ferrões poderosos.

Havia no mínimo cem deles, um enxame, e quando pousaram, fechando asas côncavas similares às das baratas que pareciam muito pequenas para sustentar o peso deles, começaram a cavoucar o chão com as pinças e com os ferrões.

“*Não é possível!*”, exclamou mentalmente a dragonesa. “*Eles estão cavoucando pra procurar comida. Sabem, eles gostam de minhocas e raízes podres...*”.

“*Não vamos conseguir sair daqui garotos*”, disse Lópolis. “*Ainda bem que comemos aquele monte de ratoules de fogo. É melhor vocês se aprontarem e procurarem alguma coisa pra comer também. Podemos ficar uns dois dias aqui.*”

Pablo fechou os olhos e levou as mãos à cabeça. Seu rosto ficou vermelho e com as veias saltadas, e saiu pisando firme à frente. Nique sentiu um impulso de apressar o passo, como se andar mais rápido fosse a ideia mais feliz que tivera na vida, e percebeu que os quase oitocentos rebeldes que seguiam atrás aumentaram o volume das conversas e aceleraram também. Bateu asas algumas vezes até alcançar o amigo que já tinha se aproximado de Férík.

— O que está fazendo? Não disse que só ia lançar mão dessa coisa se fosse extremamente necessário?

— É extremamente necessário, Nique! O que você acha que seu desejo doido pode ter feito? Não sei se você já percebeu, mas seus dotes de gênio não estão funcionando tão bem como poderiam. Pode ter mandado um exército de arquedemon'z para atrasá-los!

Nique empalideceu, ele não tinha pensado nessa possibilidade.

— Eu posso me adiantar! Posso voar até eles e levar o recado que você precisa!

— Não. Você vai ficar aqui do meu lado. Os gênios do seu povo são todos prisioneiros e as únicas outras criaturas que voam neste lugar são os seguidores de Zebarân. Além disso, o desejo já está feito e você levaria um bom tempo pra alcançá-los. Vamos andar mais rápido, só isso. Em dois dias devemos chegar... — Pablo olhou para o céu e repensou sua frase: — ou melhor, acho que serão dois dias. Não faço ideia do tempo aqui.

Férík girou a cabeça e encarou os rebeldes que avançavam numa marcha crescente. Seus olhos faiscaram para Pablo, apertados numa expressão muito estranha. E Pablo estava mais nervoso do que Dominique jamais tinha visto. O gênio não estava gostando nada da situação.

Havia ratos e baratas nos cantos da cela, mas Shenu não se preocupava com eles. Sabia que, na situação em que se encontrava, com todo o corpo dolorido e com dificuldade para se movimentar, os bichos certamente o atacariam para morder seus dedos. Os ratos, mais vorazes, poderiam causar ferimentos bem sérios, principalmente se estivessem num bando. Nas prisões do Meio do Mundo, ratos podiam tirar vidas em segundos. Mas não era a primeira vez que o rapaz ficava preso, e as experiências anteriores o tinham obrigado a aprender a controlar seu mac para afastar as criaturas à espreita. Sob o balcão onde estava deitado, as sombras que faziam parte de sua natureza se transformavam: aos olhos dos animais elas viravam predadores perigosos, e eles não se aproximavam. Mantinham-se afastados ou fugiam, dominados por um terror primitivo que permitia que Shenu descansasse. Se não fosse pelo instinto de sobrevivência, nada os impediria de

chegar até Shenu, pois as sombras não podiam defendê-lo fisicamente. Podiam assustar, tomar formas aterradoras, mas, no final, eram apenas sombras.

Enquanto uma pequena parte de sua mente se mantinha concentrada na tarefa de manter a ilusão de perigo sombrio ao redor dele, a outra parte viajava, agarrada à sombra de Alhena enquanto a mulher perambulava pelo castelo. Deitado sobre o balcão, os olhos fechados como se dormisse, Shenu via que a Primeira Feiticeira passava pelos os quartos dos hóspedes, que se vestiam com seda e algodão, e por salões de banho e despensas cheias de alimentos, que os escravos nem deviam se lembrar de que existiam. Conversou com dezenas de pessoas, consultou diversos livros enormes com eras de informações mágicas, participou de rituais. Shenu a acompanhou mesmo quando ela adormeceu perturbada com o problema do prisioneiro com a caixa mágica que ela queria. Dormiu enquanto ela estava adormecida, e levantou-se quando ela acordou e desceu às masmorras, onde passou por celas lotadas de prisioneiros, cada cabina mais suja e mais apavorante que a outra. Em algumas, como a que ele estava, havia apenas um preso; em outras, eram tantas pessoas gemendo e estendendo mãos sujas pela grade, que elas mal podiam se mexer. Por todo o lugar pairava uma aura pesada, pois mesmo que Shenu enxergasse as coisas dessaturadas e escurecidas, parecia que o Palácio estava cheio de fumaça intoxicante e mal cheirosa. Por horas o andarilho viu a mulher ir de sala em sala convocando pessoas e conversando com elas. Ele não podia ouvir o que ela dizia, mas tinha aprendido a ler os lábios das pessoas e, quando a sombra lhe permitia enxergar o rosto de alguém, podia saber o que conversavam.

Alhena evitava o salão do rei, o único lugar onde ele verdadeiramente estava interessado, mas sem sombra de dúvidas o assunto que ela discutia com seus cupinchas era a aparição de Shenu e seu estranho objeto mágico que tanto os tinha fascinado. Provavelmente eles queriam a coisa para si. Shenu agradeceu mentalmente a Ártemis por aquele feitiço que o impediu de ser arrebatado para tirarem a joia dele, embora as tentativas tivessem doído bastante. Pensava sobre os machucados enquanto a mente passeava carregada por seu *mac*, concentrando-se em várias coisas ao mesmo tempo.

Ele sentiu quando o toque de Jadhe o chamou, mas não respondeu. Se perdesse a conexão com a sombra de Alhena, provavelmente não teria outra chance de ir tão longe no Palácio, e ele precisava saber como chegar ao Cristal e ao Salão do Rei. Torcia para que a garota e quem quer que estivesse com ela não pensasse besteiras sobre ele, mesmo que isso não fizesse diferença naquele momento. Ele não esperava reencontrar os amigos, não depois de fazer o que estava disposto a fazer. Mas, se seu plano desse certo, todos estariam salvos, sem precisarem se envolver. Inclusive Jadhe... E Férík...

Havia uma porta de folhas duplas no final do largo corredor de piso ladrilhado, em que se chegava após subir a larga escadaria circular e passar pela grande sacada, que também servia como mirante do reino. Era feita de bronze, e gigantesca. Shenu imaginou se o rei seria tão grande que precisasse de uma porta como aquela, mas lembrou-se de que ele esteve na ilha Agerta e que, quando derrubou Verônica com aquele golpe, Zebarân tinha a altura de um homem normal.

Prendeu a respiração involuntariamente. O portão se aproximava, e nele estavam gravadas cenas históricas e mitológicas, como a antiga Grande Guerra, o surgimento do Imperador, o roubo da luz do Sol, a morte de Ariell e a conquista de Aduna. No alto, Shenu estendeu seu *mac* o máximo que conseguiu para poder vislumbrar as imagens ocultas pelas sombras: a expansão da barreira mágica sobre o Nepcoutem, o visionário Kenrilóh delineando o mapa do Continente Menor e, ainda, uma mulher bebendo do cálice do rei, que Shenu pensou que devia representar Ártemis recebendo a maldição que ela carregava.

Mas a sombra de Alhena o puxou para o lado e a mulher refez seus passos e desceu as escadas de volta à nave principal do Palácio. Passou por uma porta suntuosa de madeira negra por onde entrou numa sala ampla e escura, com prateleiras e armários repletos de utensílios mágicos.

Ela apanhou um espelho oval com pés dourados e o colocou no centro da sala. Ao lado dela apareceram o segundo e o terceiro feiticeiros, que se postaram diante do espelho. Os três conjuraram um feitiço complicado usando gestos idênticos com as mãos e um mantra em uma língua que Shenu não reconhecia. A sala foi iluminada por uma luz esverdeada que emanava de uma névoa cintilante que tomou o chão do recinto, e Shenu viu surgir uma imagem apagada no espelho.

Seu coração deu um salto e a surpresa quase o fez perder a concentração no *mac*. Pois a imagem que se fez no espelho era um rosto muito familiar: o seu próprio. Alguns anos mais jovem, o cabelo mais curto, sem as olheiras que ele tinha e com a barba feita, mas sem sombra de dúvida, aquele era o *seu* rosto.

Merda! pensou.

— Férik, meu caro — Shenu conseguiu ler os lábios de Alhena. Por sorte, a luz esverdeada espalhou as sombras da mulher pelo quarto, e ele conseguia mudar o ponto de vista e visualizar os lábios de qualquer um na sala, mesmo os da pessoa na imagem do espelho. — Pensei que tivéssemos um trato. Cinquenta anos de informações dos rebeldes, só cinquenta anos entre os rebeldes, em troca de dez anos na Cidade Alta. Se esqueceu de que ele está selado com magia, meu querido?

— Nós *temos* um trato! — o homem da imagem falou; pelo modo como colocava a língua entre os dentes devia estar sibilando, os olhos giravam enlouquecidos para os lados e para trás. Certamente estava escondido de alguém.

— É mesmo? Então temos algumas perguntas pra você. Por que foi que matou os arquedemon’z que foram para perto do acampamento? Sabe que eles tinham ordens para não atacar. Aliás, *como* os matou? Foi com a coisa que mandou pra cá através do seu sósia? É uma bomba? — o terceiro feiticeiro questionou.

— Meu *sósia*? — Férík perguntou balançando a cabeça.

— E porque os rebeldes estão marchando para o Palácio? — o segundo comandante perguntou. — Não que causem preocupação, você sabe que serão todos capturados, mas não queremos mais prisioneiros. Queremos que tudo continue como está.

— Eu só os estou *acompanhando*! — Férík berrou. — Eu não... Eu...

Ele parecia abalado, e Shenu pensou estar olhando para uma pessoa à beira de um ataque nervoso. Parecia muito difícil para Férík encadear as perguntas, e ele precisou de um minuto para pronunciar alguma resposta.

— Eu não mandei ninguém pra vocês. Eu não tenho um sósia! Muito menos uma bomba. Por que eu mandaria um sósia com uma bomba pra vocês? E, se eu tivesse usado essa bomba pra matar os demon’z, ela já não serviria pra nada, serviria? *Não faz sentido!!!*

— Não tem um sósia? — Alhena duvidou. — Mas ele se apresentou com o seu nome. Disse se chamar Férík.

O homem franziu as sobrancelhas e pareceu fazer força para pensar em uma possibilidade.

— Não tem ninguém que poderia ter feito isso. Todos os rebeldes continuam aqui. Só se for alguém que não conheço...

Alhena deixou a cabeça tombar de lado no pescoço.

— E eu também não matei seus demon’z. Foram *elas*! Apareceram uns caras aqui... Vieram de fora. Chegaram agora. Eles disseram que foram mandados por Ayana!

Shenu achou que tivesse perdido o controle sobre o *mac* porque as pessoas pareceram congelar. Um leve movimento de olhos do segundo feiticeiro, porém, o fez perceber que as pessoas na sala apenas ficaram mudas.

— Ayana está morta — disse Alhena bem devagar e mal movendo os lábios. — Há muitíssimos anos.

— Eu não sei de Ayana nenhuma, eu acho que só falaram isso porque me ouviram dizer que somos “Partidários de Ayana”. Mas foi o que disseram.

— E eles têm alguma coisa com eles? Algum objeto suspeito ou mágico? — perguntou o homem ao lado de Alhena que parecia um urso.

— Não. Estavam acabados. Um deles disse que é general de Octoforte. O outro é soldado e tem asas. Não vi nada com eles, mas estão usando roupas pesadas, pode ter alguma coisa escondida... — “*Pablo e Nique*”, Shenu pensou.

Férik hesitou antes de continuar. Eles... eles têm... o general tem um jeito estranho de falar com os rebeldes que os convenceu a se mexer. Eles querem atacar o Palácio.

— Quantas pessoas? — o feiticeiro menor perguntou.

— Setecentas e quarenta — Férik respondeu, cada vez olhando menos para o transmissor mágico e mais por cima do ombro. Shenu estremeceu: *então era isso Férik que tinha se tornado? Um traidor?* Era repulsivo, muito embora Shenu não pudesse recriminá-lo sem saber o que ele tinha passado naquele lugar durante todos aqueles anos.

— E o que querem com tão pouca gente? Atacar o rei?

— Os dois instigaram as pessoas a segui-los e a enfrentar os demon'z e os marrotes. Disseram que podemos libertar os escravos no caminho, e que será uma grande revolução. Disseram também que, se destruirmos os sete últimos degraus da escadaria maldita, podemos derrotar o rei. Eles acham que ela é o segredo mágico de Zebarân, e que, se ela ruir, o rei ficará fraco e eles poderão matá-lo.

Shenu sorriu. Pelo menos os amigos tinham sido espertos e não contaram o plano verdadeiro para o traidor. Seu sorriso aumentou quando percebeu que os feiticeiros riam abobados, achando que as sentinelas estavam preparando um ataque realmente inútil.

— Que bobagem... A escadaria não possui magia própria — Alhena falou.

— E são só os dois? — o feiticeiro gigante insistiu. — Não tem mais ninguém com eles?

— Não Rasfát, mas disseram que têm cinco amigos espalhados pelo reino, e que estão preparados para atacar quando nos aproximarmos de vocês.

O feiticeiro mais baixo suspirou. — Quanta perda de energia — disse.

— Muito bem, deixe que cheguem mais perto — Alhena falou, e Shenu percebeu que Férik se levantava. Pelo que percebia da paisagem atrás dele através dos borrões de névoa escura que dominavam a visão através da sombra, o rapaz estava num campo de relva baixa sob alguma espécie de tenda.

— Preciso ir. Eles estão se preparando pra continuar.

— Em quanto tempo chegam aqui? — o urso Rasfát perguntou.

— Daqui a uma colina. É só subir por um lado e descer pelo outro e já estaremos aí.

— Quando chegarem — o menor falou — esconda-se em algum lugar. Num buraco ou numa casa. Finja estar ferido. Vamos te procurar e dar uma recompensa quando tudo acabar.

Férik concordou com um aceno e o estômago de Shenu embrulhou: trair os amigos e se esconder quando as coisas ficassem feias era justamente a primeira coisa que costumava passar pela sua cabeça. Mas, de repente, Shenu percebeu que fazia tempo que a autopreservação não era o primeiro instinto que despertava nele em situações perigosas.

— Só mais uma coisa antes de ir, Férik — Alhena chamou, e Shenu estava tão distraído que quase deixou as palavras passarem. — Você por acaso tem irmãos? Um gêmeo?

O rapaz respondeu imediatamente:

— Sou só eu. Não tenho ninguém.

— Certo, mas, lá fora, você tem um gêmeo? Um irmão igual a você?

Férik levou um tempo enorme para falar outra vez. Quando abriu a boca, disse simplesmente:

— Você disse que esse cara que está aí apareceu por vontade própria. Shenu jamais faria isso. Nunca viria pra cá, nem por mim, nem por ninguém. Ele não é assim. Esse cara que está aí não é meu irmão.

A imagem desapareceu, bem como a névoa esverdeada. A sentinela estava tão acomodada na posição que encontrara para observar que precisou de um esforcinho para direcionar seu mac para outro canto do quarto, de onde podia ver melhor os três feiticeiros. Quando conseguiu enxergá-los de frente, viu os cinco conversando. Um deles tinha perguntado alguma coisa, e Alhena respondia:

—... escondendo alguma coisa. Tenho certeza, não apareceriam por acaso. E os rebeldes não sabem que Ayana não morreu.

— Acha que são *eles*? Esses dois com os rebeldes, o cara lá embaixo, os outros que disseram estar espalhados... Acha que são os homens que o rei disse que poderiam aparecer?

— Provavelmente — Alhena falou, os olhos arregalados numa voracidade estranha.

— Vamos alertar rei Zebarân? — indagou o feiticeiro cego, num tom monótono que denunciava certo desinteresse.

— Não — a mulher respondeu e os outros se voltaram para ela, assombrados. Logo começaram a sorrir e Shenu pensou entender por que. Estavam desafiando ordens claras do seu rei o que, em qualquer outro lugar, levaria à condenação, mas ali eles já estavam todos condenados. Talvez estivessem pensando que teriam alguma diversão e que poderiam vencer as sentinelas facilmente no meio do ataque.

Mas eles não sabiam com quem estavam lidando. Não conhecia as sentinelas. Então Shenu percebeu o grandalhão falando de novo e leu:

— O que me intriga é outra coisa... Se Férik realmente está lá e ainda não foi afetado pelo encanto de segurança do pacto que fizemos com ele, quer dizer que ele *está* do nosso lado.

— E, se é assim, — perguntou um dos feiticeiros do canto — o que é que o irmão dele faz na nossa masmorra?

“Hora de sair daqui”, Shenu pensou. Cessou o uso do mac, que o fazia ficar cansado, é claro, mas bem menos do que aconteceria se estivesse usando magia ao invés de seu poder natural. Puxou do bolso um molho de chaves grandes e pesadas que ele conseguira sem nenhum truque de mac ou de bruxaria, mas com suas técnicas de larápio, coisa de que não se orgulhava muito, mas que já tinham salvado sua vida algumas vezes. Destrancou a porta da cela, derrubou o arquedemon que fazia a segurança com um golpe bem aplicado e saiu dali, tomando cuidado para que as sombras dos cantos o cobrissem por completo.

Do topo do monte escarpado onde estavam, parte integrante de uma cadeia de montanhas rochosas com pequenos arbustos e vegetação rasteira, Pablo e Dominique espiavam a paisagem cruel. De leste a oeste um planalto estéril se estendia, uma área deserta e plana que iniciava à altura de seus olhos. Bem em frente e muitos quilômetros distante, uma montanha pontiaguda assomava negra e austera. Seu topo flamejante expelia nuvens de fumaça que se espalhavam no alto e se juntavam à névoa vermelha, acrescentando um tom ainda mais sombrio à abóboda de relâmpagos roxos e silenciosos.

A vastidão era interrompida abruptamente alguns metros à frente, despencando numa fissura de trezentos metros de largura que cortava o terreno de fora a fora e se estendia por vários quilômetros, fazendo o planalto despencar verticalmente num despenhadeiro de mais de cinquenta metros de altura. Quando o terreno recomeçava no lado onde eles estavam, a altitude era trinta metros menor. No lado mais alto, bem na beirada do despenhadeiro, ficava o Palácio, a construção que limitava o território entre a Cidade Alta — cujas casas ficavam no planalto, logo atrás do Palácio, e a Cidade Mineradora ou Cidade Baixa, uma confusão de barracas e buracos lamacentos que apinhavam o fundo do cânion, abrigando pessoas com olhos esbugalhados e corpo cadavérico, tão judiadas pelas eras de servidão a que tinham sido submetidas que mal pareciam seres humanos. E eram milhares, talvez milhões. Sobre elas voejavam as hordas horrorosas de arquedemon’z, e por toda parte se ouviam os estouros de suas bolas incendiárias sendo atiradas, além do clique-clique que parecia com um ninho de vespas que Nique associou com as criaturas mais horrorosas que já tinha visto: os tais marrotes. Teve um calafrio ao pensar em encarar uma coisa daquelas cara a cara.

Ao longe e ao oeste Dominique enxergou os picos de altas montanhas arborizadas, cujos topos ficavam visíveis quando iluminados pelas luzes arroxeadas dos relâmpagos fininhos e constantes. Pelo que Ártemis disse não era possível chegar até aquelas montanhas: quando se alcançava o limite do cânion, onde a fissura afunilava e desaparecia engolida pela terra, chegava-se também ao limite da barreira, que fazia com que o fugitivo — pois só os fugitivos chegavam tão longe — fosse transportado de volta para algum lugar com muitos monstros à espera.

No leste estavam as árvores de Manazgul, as últimas bem próximas da Cidade Alta, e Nique pensou em como a floresta parecia uma grande massa podre esquecida na cozinha de alguém. Ele sabia, porém, que era ali que seus amigos estavam, e pensar que Jadhe poderia estar tão perto fez sua respiração perder o ritmo.

— Prepare-se, Nique! — Pablo convocou, e o gênio apertou a espada mal feita e sem corte que os rebeldes lhe tinham dado para lutar.

Pablo secou o suor da testa com as costas das mãos. Nique percebeu que as mãos do amigo estavam tremendo enquanto ele apertava o cabo da espada, e achou que tinha menos a ver com nervosismo do que com o uso que ele estava fazendo daquela pedra vil. Durante toda a marcha, Pablo mal tocara no nome de Diana, e, depois da última parada para dormir, ele pouco conversara com Dominique. O gênio pensou em dizer alguma coisa ao amigo, mas Pablo levantou-se e começou a falar aos rebelados, instigando-os mais uma vez.

Desta vez, no entanto, Nique não sentiu o furor pela batalha, mas uma raiva desmedida e gigantesca totalmente direcionada a Jadhe. Pensar nela o fez ter vontade de gritar, de xingar, de bater em alguém, e quando sua vista se turvou e ele começou a desejar que ela estivesse ali só para que ele pudesse estrangulá-la, sentiu uma mão no seu ombro e a sensação se dissipou, deixando-o desorientado.

— Pare de pensar na garota, amigo — disse Pablo. — A Pedra transforma tudo o que sentimos no oposto. Pensar nela com tanto carinho o fará desejar matá-la!

— Co-como... como você consegue?

Pablo respondeu entristecido:

— Não me atrevi a pensar em Diana por muito tempo, não durante todo esse caminho louco que fizemos. Enquanto não terminarmos esta missão, não haverá paz para nós.

— São três milhões de escravos e quinhentas mil pessoas na Cidade Alta — disse uma voz às costas de Dominique. Férik se agachou entre as sentinelas, e Pablo escondeu disfarçadamente a corrente da Pedra de Mavhtus dentro do casaco. Era estranho olhar para aquele homem que tinha o mesmo rosto de seu amigo e se

sentir tão incomodado, pois, se Shenu gostava de ser inconveniente e irritante às vezes, Férik parecia se esforçar para ser agradável e participar de cada conversa com Pablo, e Nique não conseguia desfazer a sensação de que algo estava errado toda vez que ele se aproximava. Férik falou: — Ainda acham que vai dar certo?

— Tenho certeza que sim — Pablo respondeu com convicção. Então o líder rebelde chamou o general, e os dois, acompanhados de Dominique, que vinha um pouco atrás deles, se postaram em frente ao bando para dar instruções.

O plano era simples, pelo menos para os rebeldes, e foi colocado em ação imediatamente após as instruções do general. Consistia em infiltrar os rebelados entre os escravos para que os primeiros instigassem os últimos a se juntar à causa, e o máximo de pessoas possível conseguisse distrair a atenção da escadaria. Mas, quando as pessoas se dispersaram com Férik entre elas, Pablo não tinha lhes contado que elas levavam consigo uma pequena carga de um feitiço executado com o poder da Pedra de Mavhtus, uma pequena transmissão de magia que possibilitaria aos rebeldes realmente convencerem alguns escravos. Lógico que não seria mágica suficiente para manter a motivação de tanta gente por muito tempo, mas seria o bastante para que conseguissem o que queriam: algum grau de confusão. Pois, quando a rebelião tivesse iniciado e enquanto os monstros de Zebarân estivessem ocupados demais contendo os revoltosos, Pablo e Nique estariam concentrados em sua parte do plano, que, para o bando, tinham dito que era destruir a escadaria.

As sentinelas se posicionaram no início de uma escada vertical de madeira velha presa na pedra, uma das muitas fixadas nas paredes íngremes do cânion que davam acesso às entranhas do Nepcoutem. Esperaram até que conseguissem ver algo diferente acontecendo, Pablo girando a Pedra de Mavhtus na mão e fazendo a magia dela se espalhar lentamente sobre os escravos. Ele conseguia sentir toda a depressão daquela gente, todo o sofrimento dilacerador a que aquelas almas haviam sido submetidas, e controlava a joia para que ela dissipasse só um pouquinho daquela dor, só o suficiente para que a indignação voltasse aos corações deles. Nique vasculhava a extensão da fissura, e se perguntava se a joia seria poderosa o suficiente para influenciar *todos* os escravos, se Pablo assim quisesse. O general tinha dito que limitaria a magia apenas aos mais próximos à escadaria, o que já era mais gente do que Nique achava que Pablo poderia aguentar, mas uma vez libertado o poder de um Tesouro era difícil parar de usá-lo, e o gênio temia que seu amigo se descontrolasse e fosse consumido pela Pedra.

O Tesouro de Pablo não brilhou, mas liberou um aroma estranho de ozônio que impregnou o ambiente, e quando Nique percebeu que o cheiro se tornava forte demais, colocou a mão sobre o ombro do amigo e concentrou-se em

doar seu próprio mac para que Pablo tivesse alguma energia humana em que se apoiar. O próprio Dominique não tinha certeza de que a coisa funcionaria, mas já tinha visto sua mestra fazer aquilo uma vez e achou por bem que, pelo menos, deveria tentar.

Quando o murmurinho se espalhou entre os escravos e o tumulto começou a tomar forma em pequenos grupos que erguiam armas um após o outro, os dois entenderam que era hora de agir. O gênio precisou dar uma sacudida enorme em Pablo para que ele se desconcentrasse e parasse de usar a joia, mas, quando o fez, Pablo ficou agradecido e começou a descer a escada rapidamente, com o gênio planando ao lado dele.

A rebelião começara. Focos de incêndio tornaram-se maiores e mais intensos, e gritos entrecortados se ouviram por toda parte, ampliados pelo eco nas paredes de terra; picaretas e pás se tornaram armas, e os escravos arrebutaram seu grilhões e lutaram contra os opressores. E os arquedemon'z rechaçaram quase entediados, pois eram muitos e muito mais fortes, enquanto os escravos mal conseguiam se sustentar em pé.

Pablo levou a mão à joia mais uma vez, mas Nique pediu para que o amigo não a usasse mais: o tumulto de que precisavam já estava criado, e nenhum dos dois esperava que os escravos conseguissem dominar os arquedemon'z. E inesperadamente, mesmo sem o Tesouro para empurrá-los, outros escravos da extensão da fissura se comoveram com a insurreição e resolveram por conta própria revidar, e a rebelião transformou-se e inflamou-se, e tomou proporções épicas. Pois os milhões presos com correntes e algemas decidiram agir uma vez na vida, e os demon'z e os marrotes não estavam preparados para tamanho confronto.

Pablo e Dominique mal enxergaram a confusão. Tudo o que queriam era chegar à escadaria sem nenhum ferimento que pudesse ser mortal quando destruíssem a barreira, e, quando estavam apenas alguns passos distantes dela, uma colossal criatura de pinças e cauda venenosa arrebutou o chão à frente deles e os deteve. Ergueu as pinças da frente e as bateu diante do nariz de Pablo, que só se safou porque Nique o puxou.

— Vá! — o gênio mandou, trocando a espada de mão. — Eu seguro esse aqui. Te encontro lá em cima!

Pablo passou entre as pernas do marrote evitando por pouco um de seus ferrões peçonhentos, e passou a espada pela base da coluna de seis arquedemon'z enquanto rumava para os degraus para o Palácio. Ao pisar no primeiro deles, porém, os ataques ao general cessaram, pois quem ali pisava deveria ser deixado em paz.

Porque a tortura da escadaria era ataque suficiente, e a sentinela sentiu uma imensa vontade de desaparecer.

Imediatamente levou a mão ao Tesouro. Então, sem ter certeza se estava realmente vendo ou se o que via era uma alucinação, ouviu um rugido, um estrondo vigoroso que sacudiu os degraus de ouro incrustados na rocha e fez pedras rolares e minas desabarem. Uma tropa de criaturas negras com asas de morcego apinhava os céus vermelhos, e Pablo ficou tranquilo, depois feliz, depois com raiva e por fim, com medo. Precisava subir rápido, ou jamais se livraria da polaridade mágica da Pedra de Mavhtus, ainda pior agora que combatia o encantamento dos degraus. Pisou no segundo, sem saber se estava desesperado para fugir ou louco de vontade de seguir em frente. Seus pés doeram como se tivesse sido picado por um bicho venenoso. Seu rosto sentiu o frescor de uma brisa fresca numa praia tranquila.

Sabia que ficaria louco se não fosse rápido.

A escadaria resplandecente

O estrondo sacudiu a fissura deixando todos, escravos e monstros, apavorados. Pois, em setecentos anos, ninguém jamais tinha visto nenhum zaundron, menos ainda tantos deles, voando sobre o reino. Eram cem, e os dragões urraram e ameaçaram todos na Cidade Baixa, e os marrotes e demon'z saíram de seus postos e dispararam na direção das feras enquanto, no Palácio, os feiticeiros se descabelavam para descobrir de onde tantas criaturas tinham vindo. Alhena sabia que, quando o Nepcoutem fora selado, havia apenas dezesseis deles no reino e que as feras tinham sido contidas pela mesma barreira mágica que prendia as pessoas, então a única explicação que lhe ocorria é que, de alguma forma, os dragões tinham descoberto um jeito de contornar o encantamento de Zebarãn e se reproduzirem.

Três feiticeiros subiram em veículos mecânicos esquisitíssimos, equipamentos com o formato de besouros com hélices superiores, engrenagens, manivelas e alavancas e que rangiam com magia e força para se movimentarem, e partiram atrás dos animais, deixando apenas a Primeira Feiticeira e o bruxo Rasfát, o de tamanho de urso, no Palácio Nácar, ambos observando enquanto fera atrás de fera passava sobre a abóbada do Cristal Rosado, o adorno mais bonito do reino, e se empoleiravam na beirada dos morros da fissura ao sul das minas.

As feras faziam movimentos velozes e até impossíveis para seu porte físico para se desviarem das investidas dos inimigos. Pois o enxame de demon'z e marrotes não podia descobrir que, na verdade, apenas três deles eram reais e nenhum dos três estava ali. Enquanto Diana mantinha a ilusão das criaturas, concentrada em seu encantamento alimentado pelo Medalhão dos Elementos até o limite do possível, Yoná usava seu mac para reproduzir e fazer reverberar o som dos rosnados dos zaundron'z, as duas usando os movimentos e sons de Mindotárita, que fazia largos movimentos e soltava altos rugidos, como modelo. Tudo para encobrir Lópolu e Bergamota que carregavam Jadhe e Márcio até o topo do Palácio de Zebarãn, e impedir que os dragões se arriscassem a ser apanhados.

Quando os verdadeiros zaundron'z retornaram à clareira, as meninas souberam que o plano tinha funcionado. E Jadhe se comunicou com elas e disse que conseguia ver Pablo e Dominique, e que o general estava no meio da subida pela escadaria, enquanto o gênio lhe dava cobertura pelo chão, lutando contra um marrote enorme. Flashes da luta relampejaram na vista das garotas, e elas viram quando o gênio saltou sob o inimigo, evitou um golpe de um dos ferrões venenosos e cortou uma das patas finas que sustentavam seu corpo. Então o outro ferrão atingiu sua panturrilha e Nique urrou de dor, mas cravou a espada entre as pinças

da cabeça, imobilizando a besta. A aflição de Jadhe foi tão intensa que transmitiu às meninas falta de ar. Em poucos segundos um líquido amarelento como pus escorreu da ferida, e o monstro tombou, aniquilado.

Diana e Yoná agradeceram aos dragões verdadeiros, mas mantiveram a ilusão da tropa de cem feras, e a fizeram voar para o sul para atrair os soldados do rei e impedir que descobrissem que tudo era uma fraude. E, enquanto elas se aproximavam da Cidade Alta, Dominique mancou até a escadaria e, uma vez pisando no primeiro degrau, os monstros cessaram de atacá-lo.

Jadhe não ousou se comunicar com os amigos mais que o necessário. Ela não conseguia pensar com palavras, não usando o mac da forma como estava fazendo. Toda sua concentração estava no novo plano: ela e Márcio quebrariam aquela coisa com choque térmico. Jadhe devia congelar o Cristal Rosa, e ele era gigantesco: uma cúpula espessa, circular e côncava que cobria o Salão Principal do Palácio, de doze metros de diâmetro. Raízes brancas já cresciam pela superfície da coisa quando Márcio começou a usar a ponta inferior do Cetro da Luz, uma pequena seta afiada que ele aquecera até o limite com seu mac, para golpear o cristal e tentar quebrá-lo.

Mas o Cristal era tão poderoso quanto qualquer Tesouro Supremo, e Márcio precisou libertar todo o poder que possuía dentro de si para fazer com que a sua joia funcionasse ao máximo. E, cada vez que Jadhe congelava um ponto do cristal, outro ponto simplesmente fazia o gelo desaparecer e a coisa voltava ao normal. Os olhos da garota já estavam brancos e luminosos, e ela usava todo o seu poder próprio. Exausta, ela puxou o Tesouro de Caularom e, segurando o diamante azul que pulsava e brilhava como se fosse feito do interior mais profundo do oceano, clamou pelo poder da joia.

Eram dois Tesouros contra a defesa mais poderosa do rei.

Nique sentiu o estômago revirar e vomitou. Seus pés doíam tanto que ele mal conseguia suportar o peso do próprio corpo. Pelo que percebera, não era o veneno do marrote que o fazia enxergar coisas e ouvir vozes que não estavam lá, mas o sortilégio que agia sobre os degraus de ouro. Só o que o fez continuar foi a certeza de que Ártemis já tinha subido por ali antes, e, se a mestra conseguira, ele tinha que mostrar que estava à altura dela.

O pensamento foi doloroso, fisicamente doloroso, e ele gritou.

Então sentiu um súbito alívio, e abriu os olhos. Lá em cima, Pablo estacara e olhava para ele com uma expressão imperturbável.

Nique subiu vários degraus rapidamente repuxando a perna ferida e aproximou-se de Pablo, que voltou a caminhar pesadamente. Então algo tocou

gentilmente seu pensamento, uma leve corrente fresca naquele forno de vulcões e nuvens vermelhas. Sabia que era Jadhe, que ela estava perto, mas obrigou-se a não pensar nela, apesar de imagens de gelo sobre uma superfície rosa polida surgirem na sua cabeça. Perguntou-se que lugar seria aquele, e quando entendeu que o chão *inteiro* era o Salcraléctér suas forças diminuíram novamente. Aquela coisa era monstruosa! Então viu Márcio, e a pele do amigo estava incandescente. Márcio junto com Jadhe no alto do Cristal Rosa. Que beleza! Teve vontade de gritar, de esmagar alguém, e foi consumido por uma raiva imensurável, que passou logo e em seguida voltou. De seis pessoas, Jadhe tinha que estar justamente com Márcio, aquele que ela salvara com seus lábios, aquele por quem ela chorara. Sacudiu a cabeça, e viu-se paralisado num mesmo degrau muito baixo. Empurrou a perna ferida degrau acima e gemeu novamente. As dores tomaram seu corpo e ele dobrou-se sobre o ventre, sentindo febre e náuseas. Percebeu a aflição de Pablo, e o poder de Mavhtus vacilou. Dominique tentou voar e terminar o caminho pelo ar, mas as asas pareciam feitas de chumbo e ele não conseguiu sair do chão. Olhou para elas, e viu mãos de pessoas de rostos distorcidos segurando-o, puxando-o para baixo, para trás, e braços, saindo do chão puxando seus pés. De repente elas tomaram a aparência de pessoas conhecidas, as baixas da Batalha de Agerta, homens e mulheres que ele via frequentemente em pesadelos. Teve um momento de pânico, mas foi breve porque, de repente, a maldição da escadaria oscilou, e as imagens desapareceram.

Mas, desta vez, não foi a Pedra de Mavhtus que agiu, mas outro Objeto Supremo. Pois lá em cima, na beirada do penhasco, apareciam os rostos de Yoná e de Diana, a primeira segurando a Pérola e fazendo a joia sugar a energia que alimentava o poder da escadaria.

Diana correu para o Palácio e desceu pelo flanco do penhasco para cair nos degraus mais próximos do topo. Dominique percebeu que a maldição agira sobre a garota, que prendeu a respiração e ficou paralisada por um instante antes de continuar a caminhar, mas logo ela suportou o feitiço, pois Yoná mantinha a Pérola Negra ativa. O gênio aproveitou para voar para o alto o resto do caminho, mas desviou o curso antes de apanhar Pablo ou Diana, pois um bando de marrotes surgiu atrás de Yoná, prontos para golpeá-la pelas costas.

O gênio achou que não chegaria a tempo de evitar que eles a pegassem; pensou com toda a determinação que lhe restava, que algo tinha que interferir, e um estalo alto acompanhado de um zunido surdo lhe informaram que seu desejo seria atendido. E ele viu, num susto, três daqueles ferozes dragões negros surgirem por trás da jovem e destroçarem os inimigos, protegendo a garota.

Diana subiu os últimos degraus quase sem sentir os efeitos da maldição e voltou-se para a escada para esperar que seu marido chegasse a ela, enquanto

Dominique estourava dois marrotes desgarrados com uma explosão provocada pelo Relógio do Último Tempo, que também o projetou no ar e o fez arrebentar-se na parede de uma das duas torres sinuosas que ladeavam a entrada do Palácio. Pablo pisava sofregamente cada degrau, e a garota mal podia conter os batimentos cardíacos enquanto ele se aproximava. Ela sabia o que ele estava passando por carregar aquela coisa, mas não queria imaginar até onde a influência da Pedra podia ter chegado, ou se a joia tinha destruído alguma coisa permanentemente dentro dele. Pablo mal voltava os olhos para ela, mas quando o fez, ela viu uma expressão de pavor, e achou que ele estivesse delirando.

Algo estourou atrás dela e tombou com um ruído aquoso. Um homem do tamanho de um urso, usando uma capa púrpura sob uma armadura negra e segurando um machado enorme, que caiu desacordado numa poça de sangue. Atrás dele, ofegante, um olho inchado, os lábios cortados, vestindo apenas calças, o que deixava seus braços, pés e peito expostos e com uma coleção de machucados assustadora, segurando uma pedra enorme na mão, Shenu sorriu com o canto do lábio.

— Onde foi que você se meteu?! Por que não respondeu os contatos de Jadhe? — Diana questionou com lágrimas nos olhos, mas abraçou o amigo cuidadosamente, temendo machucá-lo ainda mais.

Dominique pousou no patamar trazendo Yoná nos braços e, enquanto Diana estendia a mão para ajudar Pablo a vencer os últimos degraus daquela barreira insana, o gênio e Shenu lutaram brevemente com Yoná para conseguirem tirar a Pérola das mãos dela. A garota berrou e esperneou, seus olhos esbugalhados pareciam os de uma lunática, e Shenu começou a gritar quando uma de suas mãos perdeu um pouco da cor. Possuída pela joia, Yoná começou a usá-la no companheiro sem perceber, mas acabou cedendo, exausta, quando Shenu lhe deu uma bofetada no rosto e ela caiu sentada.

— Desculpe por isso — ele falou quando a garota voltou a si, e Nique notou o quanto ela parecia diferente. Aquela suprema arrogância que permeava cada mínimo olhar da menina tinha desaparecido, deixando a garota, a mais jovem e mais baixa do grupo, com a singela aparência de uma garotinha assustada.

Então ouviram outro grito, e outra vez Shenu e Nique tiveram que interferir para separar Pablo de Diana, pois o general, completamente alucinado, olhara a esposa, se atirara contra ela e apertava seu pescoço tentando sufocá-la.

Shenu e Nique arrancaram Pablo de cima de Diana; a garota caiu segurando o pescoço com as mãos e puxando o fôlego, e ficou assistindo, apavorada, os amigos tentarem conter o esposo que balbuciava como um cão raivoso, as mãos esticadas na direção do pescoço da moça. E Pablo só parou quando Yoná juntou as duas mãos e arrebentou os dedos num golpe na orelha do

rapaz. Então um brilho iluminou o teto do Palácio e, ofegantes, os cinco se entreolharam e suas mentes foram tomadas por imagens tão perturbadoras quanto às que tinham acabado de presenciar: num ato desesperado, Jadhe, no alto do Cristal Rosa, cessara o ataque à cobertura do Palácio para se lançar sobre Márcio, que perdera o controle sobre o Cetro da Luz e lançava fogo para todo o lado, sem se preocupar se ia queimar a amiga ou a si mesmo.

“Estamos todos enlouquecendo!”, pensou Dominique.

Nique fez menção de saltar e voar para o teto do Palácio Nácar, mas Pablo apertou o braço dele com muita força e o manteve no lugar.

— Não! — bradou o general, as veias do pescoço saltadas. — Eu preciso de você aqui!

O gênio engoliu em seco e assentiu quando Pablo cambaleou e se escorou no umbral do grande portão levando a mão à testa. Ele e Shenu deixaram o general se recuperar, rolaram o corpo de Rasfát para a escada e o viram descer os duzentos degraus até as profundezas da fissura, onde a rebelião dos escravos já tinha perdido força e o caos da batalha começava a se dissipar.

— Foi tempo o bastante só para subirmos até aqui — o gênio comentou, e desabou sobre os joelhos, se recostado a uma das colunas da entrada.

Então Shenu passou por ele e desceu alguns degraus e as sentinelas viram, espantadas, as dores e alucinações provocadas pela magia do rei tomando conta do amigo. Os quatro que estavam no patamar em frente aos portões do Palácio gritaram pensando que Shenu tinha perdido o juízo, mas ao chegar ao décimo degrau o andarilho girou e voltou a subir os degraus, e o gênio entendeu o que ele queria fazer.

— Ártemis disse que precisamos de quinze degraus — Yoná também se lembrou. — Os quinze últimos degraus para conseguirmos passar pelas portas do Palácio. É o trato.

Então a própria Yoná, a única entre eles que não tinha passado pela escadaria, tentou atravessar o portão de entrada para o Palácio, mas, embora a porta estivesse aberta e ela forçasse os passos para frente, não conseguiu avançar, como se uma parede fofa e invisível a pressionasse de volta. Decidida, a garota cerrou os dedos em torno da Pérola Negra lançando longe toda a prudência que ainda tinha; desceu os degraus rapidamente e usou a joia para absorver a magia da escada e ela e Shenu conseguiram voltar ao patamar da entrada entre as torres curvas.

— Mas Shenu já estava lá dentro! — Diana exclamou, enquanto ajudava os dois amigos a se recuperarem.

— Ele foi trazido direto pra cá, então já estava aqui dentro — ouviram uma voz retumbante ao lado e viram surgir, no planalto, a cabeça do grande Porgopavolópolis, empurrando umas pernonas encarapuçadas e vermelhas goela

adentro. Shenu mal o enxergou, Dominique voejou para trás, pois não tinha conhecido os dragões negros ainda e se assustou, mas as meninas apenas sorriram. Não restara nenhum arquedemon vivo ou morto no lugar, e Tárta e Bergamota pareciam empanturrados. — Carninha de “insetidemon’z”. Meio dura e sem gordura, fedida que só ela, mas a gente pode pensar que é crocante...

Nique pensou que, em outra situação, poderia se sentir nauseado, mas naquele momento só conseguiu agradecer aos dragões por terem salvado a vida de Yoná.

— Ah, as garotinhas são engraçadinhas! — disse Lópolu, e olhou para o céu em seguida. — Mas vocês precisam se apressar. Em uns minutinhos, zilhões de marrotes junto com os feiticeiros que foram atrás dos dragões de mentira vão perceber o truque e vão voltar aqui.

— Aquela horda de dragões... *Todos* eram de mentira? — Pablo indagou olhando para Yoná, ainda que Diana estivesse bem na frente dele.

Ouviram urros esganiçados e, no campo defronte à torre curva à esquerda do portão, viram os três dragões se agitarem.

“*É, nenhum deles existe!*”, os cinco ouviram dentro de suas mentes.

— Mas como...

Diana ergueu o Medalhão timidamente, ainda assustada, a outra mão apalpando o pescoço. Yoná, ao lado dela, segurava a corrente da Pérola, e não precisaram dizer nada para que os amigos entendessem a armação que tinham conseguido fazer.

— Uau! — admirou-se Dominique. Pablo não fez comentário, mas ficou boquiaberto.

— Quando os inimigos chegarem, vão atacar Jadhe e Márcio sem piedade! — exclamou Dominique alarmado, mas Bergamota o interrompeu.

— Nós vamos para o telhado, vamos ajudar seus amigos. Eu ainda não comi nada! — reclamou. — Esses dois têm estômagos de jiboia, vão colocando tudo pra dentro, e não deixam nada para os mais velhos...

Mindotárta riu.

— Ah, Bega, até parece que você não abocanhou um punhado de asinhas...

— Vocês vão? — Diana perguntou baixinho, um sorriso agradecido se formando no canto dos lábios.

— É... Vocês conseguiram convencer a gente, não é? — disse Lópolu.

Risonhos e barulhentos, os dron’z bateram asas e foram para o telhado, deixando uma nuvem de poeira vermelha para trás.

— Vocês conseguiram um feito incrível — disse Shenu, o rosto ferido transtornado numa expressão determinada. — Fizeram demais... Por favor, me

deixem continuar sozinho.

— Do que você está falando? — perguntaram Yoná e Dominique ao mesmo tempo.

Mas Shenu dirigiu-se somente a Pablo quando respondeu.

— Escute: vocês já fizeram quase tudo! A rebelião que provocaram esvaziou o Palácio, e sobraram poucos marrotes e demon'z aqui dentro. E os dragões tiraram os magos do rei do caminho, e eles são os inimigos mais perigosos. Ajudem Jadhe e Márcio a quebrar o Cristal e deixem que eu me encarregue do rei!

— Não seja idiota! — Pablo berrou, uma raiva desproporcional aflorando em sua voz e fazendo as duas meninas estremecerem e Dominique se posicionar em alerta. — Não viemos até aqui para deixar ninguém entrar lá sozinho!

— Sabemos o motivo de você estar aqui — disse Nique, tentando fazer o amigo voltar à razão. — Encontramos seu irmão. Ele esteve conosco.

Shenu não pareceu surpreso, mas falou:

— Não sabem da história toda.

— Seja lá qual for, não interessa — disse Yoná, interferindo na conversa. — Vamos acabar isso juntos!

Um estrondo soou no alto e uma lufada de frio e outra de calor atingiram os garotos em ondas violentas, e deixaram vergões vermelhos na pele de cada um. Viram imagens de Márcio e de Jadhe, mas não conseguiram distinguir o que estava acontecendo com eles. Lá em cima a coisa estava ficando feia.

— Estamos ficando sem tempo! — Shenu exclamou.

— *VOCÊ NÃO VAI SOZINHO!* — Pablo esbravejou de volta.

Shenu se aproximou. Colocou a mão no ombro do amigo e disse num tom mais brando:

— Escute: o Palácio é um labirinto. Eu sei como fazer para chegar ao Salão Principal, mas preciso fazer isso pelas sombras, e não posso gastar meu mac escondendo todos vocês. Tenho um plano para acabar com Zebarân. Se não der certo, vocês ficarão sabendo através da telepatia de Jadhe e aí vocês entram. Até lá, tentem destruir o Cristal!

— Pare de falar bobagens — disse Diana, esganiçada. — O Lampejo deve estar te afetando os miolos também. Ele não causa desesperança? Deve ser o primeiro que leva à loucura. Precisamos ir em frente.

Mas uma nova corrente de imagens piscou nos olhos das sentinelas, e elas assistiram, passivamente, lampejos de Jadhe e Márcio em uma pequena briga, que terminou quando os dois voltaram a si sem precisarem bater um no outro. Viram Márcio se assustar quando percebeu os três zaundron'z assistindo a discussão, todos empoleirados no alto das Torres Sinuosas como se fossem grandes

gatos observando uma batalha de camundongos. Quando voltaram a si, Shenu não estava mais lá. Desapareceu em meio às sombras por trás dos grandes portões de bronze.

— Tinha que ser um castelo todo escuro, é claro! — Yoná protestou.

Pablo urrou; cruzou os grandes portões numa fúria sem tamanho, sem se preocupar se poderia haver soldados esperando por eles. Os outros o seguiram e o viram paralisar ao lado de uma das muitas colunas cheia de entalhes, feita de mármore dourado com quinze metros de altura, e, ofegante, apoiar as mãos nela pingando suor.

Cautelosamente, Dominique, Yoná e Diana adentraram o Palácio. Passaram pelo patamar de ouro após a escadaria e caminharam entre as Torres sinuosas: dois enormes prédios curvos que ladeavam o gigantesco portão principal, onde uma grade negra e viscosa de vãos pequeninos fora instalada de alto a baixo, impedindo os jovens de enxergarem o que havia atrás delas. As sentinelas nunca saberiam, mas as torres eram usadas para estocar as coisas vis a que o rei se dedicava a criar: venenos, poções mágicas, máquinas, doenças terríveis, maldições incompreensíveis. Havia livros, frascos, amostras e experimentos, e os jovens sentiram um arrepio quando ouviram gemidos angustiados atrás daquelas paredes e grades.

O portão principal devia ter vinte metros de altura ou mais, e os jovens não conseguiram evitar olhar para cima ao cruzarem suas folhas abertas. Se não soubessem exatamente onde estavam, poderiam se maravilhar com a construção. As paredes tinha um metro e meio de espessura, e por fora e por dentro eram revestidas com mármore nácar, e a pedra conferia ao Palácio um ar transcendental. Ao entrar, viram-se diante de um extenso e impecável corredor, cujo piso de pedras polidas fora instalado com esmero, criando um padrão geométrico complicado em creme e vinho, que se repetia por toda sua extensão. A luz avermelhada do céu se infiltrava por claraboias no teto, dando ao lugar um tom rosado. De cada lado do corredor, dezenas daquelas gigantescas colunas delicadamente esculpidas com folhas e flores se estendiam em fileiras e, de um lado e do outro, sombras escuras escondiam do olhar as escadarias e portas que levavam às muitas dependências do castelo. Não havia ninguém à vista.

Aproximaram-se de Pablo com cautela, temendo não apenas encontrar inimigos, mas também receber um ataque do próprio general. Quando Dominique o chamou, porém, Pablo se endireitou, respirou bem fundo e voltou-se para os amigos com um sorriso extenso e o olhar tranquilo de quem acaba de acordar em um dia de folga.

— Vamos — falou suspirando. — Se andarmos depressa, tenho certeza de que alcançaremos Shenu. Ele está pensando que fará tudo sozinho, mas eu não

vou deixar não, vocês vão ver. Vem gente! Sem demora, sem demora!

E saiu na frente, andando displicentemente enquanto examinava os entalhes nas colunas douradas.

Dominique olhou para as meninas e as encontrou em estado de choque.

— Eu sei que você está doido pra ir lá pra cima — disse Yoná, sem tirar os olhos de Pablo. — Mas, por favor, não nos deixe sozinhas com ele.

O gênio assentiu. Nunca tinha imaginado ouvir um pedido como aquele vindo de Yoná, mas aquela missão tinha mudado muita coisa nela. Ele não seria capaz de deixar as amigas, não sabendo o quanto Pablo já tinha usado da magia de Mavhtus, principalmente vendo Diana atônita como estava ao olhar para o esposo. Antes de acelerarem o passo e emparelharem com Pablo, o gênio chegou mais perto das amigas e disse:

— Quando isso tudo acabar, vou jogar essa Pedra no fundo de um abismo. Eu prometo!

— Eu vou cobrar essa promessa! — disse Diana.

— E eu — Yoná acrescentou. — Por enquanto, vamos tentar seguir com o plano.

— Subir a escada, quebrar o Cristal... — Nique repetiu.

—... E trazer a cabeça do rei — Yoná concluiu.

Tomando o último fôlego de coragem, avançaram pelas sombras do Palácio amaldiçoado.

O Rei

Zebarân não estava preocupado. Primeiro tinha ficado ansioso quando Macrux lhe disse que as sentinelas, todas treinadas por aquela mulher odiosa, estavam se dirigindo para sua casa levando os Objetos Supremos. Macrux confiava demais que ele conseguiria dominar os jovens e Zebarân não queria desapontar seu mestre, mas tudo o que era referente à Ártemis o deixava apreensivo. No entanto, depois de já ter colocado quatro séquitos de arquedemon'z a postos nos pontos para onde seu Cristal enviava os recém-chegados, veio o terremoto devastador e com ele a tsunami que levou os sete para o fundo do mar. Depois disso, Macrux não conseguiu localizá-los de novo e, se nem mesmo ele tinha conseguido ver os sete, mesmo com todos os espiões que tinha, era porque estavam mortos.

Ele tinha se contentado em assistir as peripécias do mestre de longe, espiando o que ele fazia e fornecendo armamento quando solicitado. Em breve, dizia o mestre, o exército vermelho, as hordas de malditos e as bestas do deserto — os marrotes, que os antigos gostavam de chamar de besouros — marchariam sobre os homens e o mundo ficaria bem menos povoado. Mas, o que quer que acontecesse, Zebarân jamais sairia de suas terras de novo. Ártemis ficaria presa do lado de fora para sempre, Zebarân nunca mais a encontraria, e assim nenhum dos dois causaria problemas ao outro.

Certamente.

Mas poucos minutos antes uma sombra encobriu o glorioso vermelho de seu céu, e uma tropa — uma tropa inteira! — de zaundron'z, os dragões negros, cruzou o espaço, rugindo e ameaçando os moradores da Cidade Alta, que se desesperaram. Zebarân tentou entrar na mente de alguns dron'z, apesar de que um dragão não pensava como uma pessoa e que fosse bem difícil ler o pensamento das feras, mas descobriu que não sentia *nada* vindo delas. Então ele se espantou: sabia que não poderia haver tantos dragões negros em suas terras. Eram dezesseis no início, quando seu *Salcraléctér*, o Cristal Rosa, espalhou sua tríplice barreira mágica e os prendeu no Nepcoutem. Destes, o rei pessoalmente enfrentara onze; os derrotara um por um, e os prendera num cárcere feito só para eles. Outros quatro ele prendera mais tarde, durante um ataque mal sucedido das feras. O único que restou, o ancião Bergamota, fugiu e nunca mais apareceu. Sabia que ele cuidara de dois ovos que chocaram e deram origem a dois novos dragões, só dois. Aqueles cem dragões poderiam querer dizer algumas coisas: que havia mais ovos escondidos do que ele suspeitava; que os dron'z tinham descoberto um jeito de sair do cárcere, burlar o feitiço do cristal e tinham se reproduzido; ou, o que era mais provável, que aquilo tudo era uma farsa.

Mas feita por quem? Quem teria tanto poder para manter uma ilusão gigantesca e poderosa como aquela?

Então as bestas rumaram para o sul e um bando de arquedemon'z foi atrás delas, mas as novidades não pararam por aí. Porque havia uma rebelião entre os escravos. A revolta em si não causava preocupação ao rei, que sabia que aquelas pessoas não tinham forças para muita coisa. O que o preocupava era o que as tinha feito despertar. Porque eram muitas, milhares, milhões, criaturas que já nem se lembravam do que tinham sido antes da prisão e que, de repente, tinham decidido se rebelar.

Claro, o rei podia simplesmente diminuir a magia e deixar um punhado deles morrer de uma vez, mas além de perder mão de obra preciosa para seu mais novo empreendimento, a Cidade Flutuante, também arriscaria deixar a barreira aberta por um instante, um momento em que qualquer um poderia sair... ou entrar.

E Ártemis continuava na praia, esperando um momento de distração com a paciência de um cão de caça.

Por que ela ainda estava ali, e por que já tinha tentado ultrapassar a magia oito vezes nos últimos dias era um mistério para o rei, mas ele suspeitava que tivesse alguma relação com o prisioneiro misterioso que chegara com um objeto mágico preso ao corpo por uma corrente enfeitiçada. Talvez ele fosse uma sentinela, um bravo sobrevivente que tentava cumprir sua missão, e o objeto fosse um dos Supremos. Mas, talvez, ele fosse realmente aquele covarde Férik, o que trocara meio século de informações por uma década na Cidade Alta e que, por algum sortilégio, tinha conseguido algo valioso com que barganhar seu prêmio mais rapidamente.

Até então a Primeira Feiticeira de seu reino vinha se mostrando leal, mas Zebarân sabia que não podia confiar plenamente nela. Nunca se podia confiar em um traidor. Mas, como não havia problemas em seu reino que os feiticeiros não pudessem resolver, Zebarân não vasculhou a mente dela como de costume, e manteve-se concentrado em Ártemis, na praia. Por isso ele não soube que Férik havia falado de outras pessoas convocando rebeliões, ou com planos para destruir sua escadaria, ou enviados da própria Ártemis. Alhena conseguiu manter as informações longe do rei e ele, preocupado com sua velha inimiga, esteve cego para o que acontecia bem diante dele.

Como Ártemis imaginara que aconteceria, já que o rei não tirava os olhos dela quando a mulher estava por perto. Uma distração perfeita.

Até que Alhena trouxe a notícia de que o prisioneiro tinha escapado, e Zebarân não imaginou que o veria outra vez tão cedo. Muito menos no Salão Principal, a sala do trono, sob a luz rosada do *Salcraléctér*.

— É ele! — Gritou Alhena, pulando feito uma macaca e apontando com um dedo comprido. — É Férik! É Férik!

Shenu não tremeu nem saiu do lugar. Seus olhos tinham desinchado e o corpo já não estava tão dolorido, pois usara uma magia curativa, mas ainda havia vários pontos roxos que indicavam que ele não estava totalmente curado. Zebarã olhava para ele como se fosse um espécime muito curioso e, na penumbra, o andarilho só enxergava os olhos do rei destacando-se de sua silhueta avantajada. Então o tirano se aproximou da aura de luz rosada e Shenu o viu: maior do que ele se lembrava, mais forte do que Diana descrevera, um homem de ferro com uma armadura de placas de ouro pontiagudas com filetes de ródio negro, minuciosamente desenhada para proteger seu corpo e exibir poder. Dentro do capacete espinhoso e refulgente, com chifres como os do touro e cinco raríssimos diamantes vermelhos, encontravam-se os pequeninos olhos escuros e brilhantes do homem, emoldurados por sobrancelhas espessas e uma cabeleira negra e áspera, da qual se podia ver pequenos fragmentos através das nesgas das placas de ouro. Sua pele era vermelha e rígida como o couro de um lagarto, e suas unhas se alongavam enegrecidas dos dedos que seguravam um cetro de lâmina circular cheia de fissuras.

— Quem é você, rapaz, que teve coragem de chegar até aqui, entrar a sala do trono e se colocar diante de mim com tanta naturalidade?

Shenu posicionou-se no círculo iluminado projetado através do gigante berilo rosa que, visto de baixo, era um conjunto de estalactites prismadas, cintilantes e afiadas, que transformavam a luz num espectro iridescente. Puxou a corrente para frente do corpo e deixou à mostra o Lampejo dos Desesperados, e também um sinal que aparecera em seu peito, uma marca bruxuleante de magia que desapareceu tão logo Zebarã colocou os olhos nele.

— Eu subi os quinze degraus — ele respondeu, exibindo a marca que comprovava o feito. — Era disso que eu precisava, não é? Subir os últimos quinze degraus? Eu quero o meu desejo!

Alhena cuspiu xingamentos e tirou uma adaga das vestes, pronta para se atirar sobre Shenu, mas o rei a interrompeu.

— Ele está certo, Alhena. Ele tem seu direito. Diga rapaz — Zebarã perguntou, e sua voz ecoou por todo o salão, — o que quer para ter paz?

Shenu esperou um momento, saboreando as palavras que iria proferir. Imaginara aquela cena tantas vezes, sempre com tanto medo, e agora que estava vivendo aquilo simplesmente não parecia ser com ele. Parecia estar vendo a cena do alto, pelo corpo de outra pessoa.

— Eu quero lutar com você. Só nós dois.

Zebarãñ ficou em silêncio. Alhena estourou de novo, chamou Shenu de insolente e de energúmeno e de mais um monte de outros palavrões, mas nem a sentinela nem o rei se moveram.

— Cale-se, mulher! — esbravejou Zebarãñ, fazendo Alhena silenciar. — O rapaz terá o que quer. Embora, meu jovem, seja um pedido muito estranho. Quando você perder, será preso pela eternidade nos meus calabouços. É isso mesmo o que deseja?

Um leve sorriso perpassou os lábios de Shenu, e ele desafiou:

— Quem disse que vou perder?

— Saia do salão — falou o rei para Alhena, e sua voz era suave e tenebrosa, então ordenou, o pensamento ainda fixo em Ayana Ártemis: — Eu não quero ser interrompido. Faça a guarda e não permita que *ninguém* mais entre.

— Você é um lunático desvairado! — a mulher gritou esganiçada, olhando para Shenu como se eles fossem inimigos de longa data. — Vai cair em um segundo! Eu vou pisar em você, eu vou arrancar os seus braços e suas pernas, vou jogá-lo num poço de lava!

Imperturbável, Shenu sorriu para ela e lhe mandou um beijo pelo vento. Não ia dar àquela bruxa o gostinho de deixá-lo irritado. Quando ela bateu o portão, Zebarãñ perguntou:

— Quem é você, rapaz, e como conseguiu essa coisa? Sei que não é Férik. Aquele covarde encardido está escondido... — ele pareceu se concentrar em memórias longínquas para continuar — ah! Num buraco, debaixo de uma tábua lascada no meio do campo de escravos, esperando que a agitação passe pra que ele possa voltar aos rebeldes e continuar a ser o duas caras que é.

— Essa coisinha aqui — Shenu puxou a corrente, exibindo o Lampejo e fazendo o ambiente ficar ainda mais carregado — quem me deu foi uma velha amiga sua. Ayana Ártemis, lembra dela? Pois é... Tem razão, não sou Férik. Sou irmão dele. Meu nome é Shenu Argottem, sentinela das sombras de Octoforte. Já ouviu falar?

“*Não está dando certo!*”, pensou Jadhe, começando a perder a esperança. Já tinham congelado e golpeado o Cristal tantas vezes e usado tanto do poder do Cetro da Luz e do Tesouro de Caularom que ela começava a achar que a joia do tirano poderia ser mais poderosa que os sete Objetos Supremos juntos.

Ao lado dela, Márcio sentou-se, também exausto, o Cetro tombado de lado, e ficou arranhando a superfície da coisa com a extremidade afiada da ponta em forma de meia lua da sua joia.

— Ora, fiquem de pé, vocês não podem desistir! — Lópolu falou, mas não parecia nada preocupado. O jeito como falava e as emoções que ele deixava passar, e que Jadhe captava como se fosse uma antena, pareciam mais com um pai que testemunhava o esforço do bebê em dar os primeiros passinhos, ou talvez um professor, assistindo aos alunos executarem um exercício difícil; algo que, se quisessem, poderiam deixar pra outro dia.

— Vocês acharam que conseguiriam quebrar essa coisa com uma baforada só? — Bergamota perguntou, austero.

— Isso aí tem uns mil anos, meus queridinhos! — zombou Mindotárita.

Márcio olhou para Jadhe e a garota assentiu com a cabeça. Entendeu que ela não conseguia nem pronunciar duas palavras mais, tão cansada estava. Ele, por sua vez, sentia a garganta apertar e arder de um jeito que jamais tinha acontecido, e pensava que poderia deixar de respirar caso não tomasse um gole de água bem rapidinho. No próximo ataque da amiga, pensou, se concentraria em apanhar uma pelota de gelo antes que ele desaparecesse outra vez.

Ficou de pé e sentiu Jadhe procurando as mentes dos amigos, e os dois estacaram quando enxergaram, através dos olhos de todos e de cada um, relances do que acontecia no interior do castelo: enquanto Nique, Pablo, Diana e Yoná vasculhavam os corredores labirínticos em busca do Salão Principal, Shenu já estava lá dentro, e travava uma batalha desigual contra o gigante feiticeiro. A garota não conseguiu saber o que tinha passado na cabeça de Shenu para estar ali sozinho, mas entenderam que o amigo estava dando tudo de si contra aquele homem, e eles não poderiam fazer menos. Levantaram-se, concentraram sua magia, e voltaram a golpear a coisa com tudo o que podiam.

Nique meio voava, meio andava com a perna endurecendo dolorosamente como um peso morto. Os amigos estavam em posição de alerta, mas o castelo parecia deserto. Os três não faziam ideia de qual direção seguir, pois embora o Cristal ficasse exatamente no centro do Palácio, os corredores de pedra polida se estendiam ao redor do cômodo como a teia de uma aranha bêbada. Primeiro andaram, depois se apressaram, então começaram a correr, e Diana disse um sonoro “*landd*” e uma forte luz branca se projetou magicamente do teto, clareando o caminho deles.

Passaram por doze portas, treze, quinze portas, e pararam de correr quando Pablo se lançou ao chão num sério ataque de pânico. A Pedra de Mavhtus impregnava o ar com um cheiro intenso de ozônio, e Dominique começou a perceber efeitos visíveis da magia dela quando Pablo começou a perder os contornos e uma espécie de névoa cinzenta o envolveu. Ele entendeu que o amigo

não conseguia mais controlar o Tesouro, e agora a Pedra de Mavhtus disparava sua magia ao redor de todos, fazendo o coração de Dominique, que estava temeroso, se encher de carinho, e ele teve vontade de abraçar a todos um por um.

A sorte foi que se segurou a tempo de entender que o sentimento não era dele, e viu quando Yoná se curvou num inédito ataque de risos enquanto Diana, a única a perceber rapidamente o que estava acontecendo, aproveitou o surto raivoso que a Pedra lhe causara e acertou um grande soco no rosto de Pablo, que perdeu os sentidos. No mesmo instante, a Pedra deixou de agir através dele e o efeito dela se dissipou.

— Eu não queria machucá-lo — disse Diana suplicante, quando Yoná e Nique olharam embasbacados para ela.

Dominique puxou Pablo para as costas, ainda espantado com a força do soco de Diana, e os três dispararam pelo corredor, com o gênio um pouco mancando e um pouco voando com o amigo nas costas. Correram mais um pouco, surgiu um flash telepático, e viram Shenu tombar e contorcer-se de dor, cuspidando um líquido escuro no chão que parecia terrivelmente com sangue. Viram-no desaparecer numa névoa negra, e reaparecer às costas de Zebarã, e o rei o golpeou com o cotovelo envolto numa massa de luz roxa que se espalhou pelo tórax de Shenu e o jogou contra a parede. O rugido do rei foi absoluto e reboou como um trovão enquanto Shenu desabava, inerte. A imagem sumiu, e os três se viram num pátio com uma fonte no centro, para onde convergiam dez corredores diferentes.

— Mas que burrice a nossa! — Yoná exclamou, e puxou uma das correntes de Pablo do pescoço do rapaz, fazendo Nique se desequilibrar e derrubar o amigo. — *Cuzpola, morano tat elweh n' torntaru!*

Não apareceu um mapa dentro do globo transparente, mas a planta baixa do Palácio de Zebarã inteirinha. Havia locais denominados “quartos para cidadãos” em letras pequenas, e outros onde estava escrito “experimentação em magia”, “estudos naturais”, “masmorra superior”, “celas sangrentas”, “caverna de dragões”, “fosso” e “experiências mágicas exclusivas do rei”. O gênio se sentiu estúpido por não ter pensado em usar a Cuzpola antes, mas se sentiu ainda pior ao ler a definição de cada uma daquelas salas. A bússola mostrava a posição de cada um dos sete, e indicou, na planta que parecia aproximar-se e afastar-se à medida que mostrava andares diferentes, o caminho que os quatro deveriam tomar para chegar ao centro.

Seguiram a direção da bússola e passaram por corredores cada vez mais escuros, onde Diana usou seu feitiço de luz para clarear tudo o que podia e afastar o medo, mas à medida que se aproximavam do Salão, os corredores começaram a se transformar e o terror se instalou de uma vez nas almas dos garotos. Escadas sinuosas surgiram, portas entreabertas apareceram, e atrás de cada uma delas os

jovens esperavam encontrar algo tenebroso, embora o suntuoso Palácio fosse um espetáculo artístico. Então se depararam com um par de portas feitas de madeira e estacaram, e Dominique sentiu o coração bater tão violentamente que o peito doeu.

Elas começaram a se abrir e vários pares de olhos cintilaram atrás delas.

Era um Pátio e, no centro dele, erguia-se o Torreão Central, uma larga torre circular, cujo portão de bronze que dava acesso ao Salão Principal estava fechado. Entre as sentinelas e o portão depararam com uma mulher de cabelos claros e ar de louca. Em uma mão segurava um cajado com um globo leitoso e mal torneado de vidro na ponta, e uma espada dentada cheia de ferrugem na outra. Atrás dela, vinte marrotes e dez arquedemon'z sibilavam, pinçavam, clicavam e zuniam.

— Nique, vai! — Yoná falou. O gênio se virou para ela.

— O que?! E deixar vocês sozinhas?!

— Ela tá certa! — falou Diana, e estava prestes a chorar. — Você tem que ajudar o Shenu!

— São trinta bestas e uma doida — Dominique falou, e a mulher do outro lado, sem uma palavra, sorriu ensandecida.

— Se perdermos aqui, perdemos tudo! — Diana reforçou. — Vocês têm que dar conta do rei! Acorde Pablo, vocês três juntos podem com ele!

Dominique engoliu em seco, percebendo que as meninas tinham razão, mas que era uma razão louca. Aquela missão tinha saído totalmente do controle: não era pra ninguém chegar ali sozinho, não era para o grupo se separar. Os sete deveriam estar juntos às portas do salão naquele momento. Mas não havia retorno, e pelo jeito como Shenu tinha apanhado e com Pablo desacordado, estava nas mãos do gênio derrubar o rei.

Decolou com o amigo nas costas mirando o alto do Torreão; não passaria pelos portões fechados nem pela escada circular que levava até o Salão, entraria com Pablo direto pela sacada; foi seguido por uma dezena de bestas, mas sentiu, de repente, uma pressão familiar nos ouvidos, um tinido que o ensurdeceu, e entendeu que Diana lançara nele a mesma proteção que os magos lhe concederam na Batalha de Agerta. Arriscou uma olhada para trás; quase caiu com Pablo, sentiu uma nova pressão sobre o ombro, viu a feiticeira estendendo seu cajado na direção dele e olhando-o fixamente, mas também viu os demon'z e marrotes caírem de volta no chão. Jadhe estava muito perto, bem ali, no alto do telhado, mas não conseguiria voar até lá com os marrotes em seu encalço. Jogou-se em uma das janelas triangulares como pétalas, conseguiu passar pela abertura, e despencou de cinco metros de altura usando as asas para amortecer a queda, com Pablo ainda desacordado.

Yoná estendeu a mão para Diana, que a apertou.

— Vamos ficar bem — a primeira disse, e Di, chorosa, limpou lágrimas dos olhos.

— Eu acredito! Eu sei, eu sei que vamos ficar, é só que...

— Ah, Di! Não vai ficar apavorada logo agora, vai? Depois de tudo o que passamos na floresta...

— Não, é só que... Eles tinham que ser tão parecidos com grilos? Precisavam parecer tanto assim?

Yoná sorriu nervosa, mas Diana estava mesmo abalada. De repente, olhando para a amiga naquela angústia, com o rosto vermelho cheio de lágrimas, Yoná repassou rapidamente algumas lembranças das últimas semanas. Uma ideia passou por ela, que olhou para Diana como se fosse a primeira vez que a via na vida.

— Di, você...

Mas não houve tempo. Pois a feiticeira estendeu seu cajado na direção das garotas.

O gigante Zebarân parecia um monstro feito de fogo e fúria. A armadura de ouro ressaltava os músculos sob a couraça de pele vermelha, que aparecia ao redor dos olhos e no braço onde a carapaça havia sido arrebatada e atirada longe. Seus olhos eram feitos de fel, e suas feições delineavam uma besta raivosa muito mais do que um ser humano. Tinha a altura de um urso e a largura de um javali, e Dominique se surpreendeu por não encontrar presas saindo de seus lábios arreganhados.

— Quem é você?! — trovejou o rei, paralisando um machado de lâmina dupla no ar, um golpe que seria direcionado ao pescoço de Shenu, desfalecido e estirado aos pés do bruxo.

A resposta ficou presa na garganta do gênio, que não conseguiu pronunciar palavra. Os olhos de Zebarân disparavam faíscas incandescentes, e seu urro fez estremecerem as paredes e o teto de cristal. O gênio apertou o cabo da espada com mais força do que o necessário, sentindo um suor gelado escorrendo entre os dedos e muito consciente da diferença física entre eles. Não havia uma parte do corpo da sentinela coberta por uma armadura!

Mas, então, o salão que estava quente e embebido naquela parca claridade rosada tornou-se escuro, e os olhos dos dois oponentes se voltaram instintivamente para o alto. Lá fora, algo crescia sobre o domo de berilo rosa, encobrindo sua transparência e deixando todo o salão numa penumbra arrepiante. E o calor abundante, presente nos cantos mais escondidos daquele reino desgraçado, dissipou-se, e teias enevoadas desceram do teto e se torceram ao redor dos pilares

do Palácio, e as colunas foram congeladas. E Dominique sentiu uma pressão terrível na cabeça e dobrou-se nos joelhos, e foi como lâminas afiadas perfurando seu cérebro: Zebarã tinha invadido sua mente, e o toque do bruxo era avassalador. Nique se viu obrigado a reviver diversas lembranças do trajeto de Agerta até ali, e embora lutasse contra a investida do tirano, não foi capaz de impedi-lo de enxergar as imagens que tinha de Jadhe e Márcio no cimo do Cristal.

— Ataque! Ataque! — o rei gritou, e sua voz ecoou pelo salão vazio e reverberou por todos os cantos do país até chegar às bestas, que saíram de seus covis e voaram para defender seu soberano.

Nique não teve tempo de se levantar antes do golpe descer contra ele. O cabo do machado de Zebarã cortou o ar e arrebentou o rosto do gênio, que deslizou vários metros distante do rei.

— Suponho que você também deseje uma luta comigo, não é? Subiu a escadaria para me desafiar! ME DESAFIAR!!!

Nique passou costas da mão nos olhos para limpar o suor e se colocou de pé. Ainda segurava a espada, mas ela parecia de brinquedo se comparada às armas reluzentes do adversário, que caminhava lentamente até o rapaz. O veneno do marrote chegara ao ápice, e transformara a perna da sentinela num pedaço de chumbo.

— Insolente! O que vocês pensavam? Que entrariam aqui, no meu reino, e me derrotariam?!!! Que destruiriam tudo o que eu levei anos para construir?!!!

A sentinela tentou se defender; aparou um soco com o antebraço direito, mas não viu o joelho de Zebarã, e foi atingido no abdômen, e as pequenas protuberâncias afiadas da armadura rasgaram sua pele.

Um grito alto demais do lado de fora do Torreão. Lampejos. A bruxa loira caindo de joelhos com as mãos sobre os ouvidos. Diana empurrando marrotes com uma lufada de energia amarela como poeira. Um arquedemon atacando Diana pelas costas. Yoná entrando no caminho com um grito espetacular, subjugando Alhena. Alhena transformando-se numa besta careca e gordurosa de um olho só.

Dragões saltando sobre uma camada de gelo espessa. Lançando chamas roxas de suas gargantas para o alto. Queimando demon atrás de demon, que se projetavam em ataques suicidas contra as sentinelas no Cristal. Márcio queimando alguns, Bergamota comendo marrotes chamuscados, Jadhe criando um escudo de gelo sobre eles, como um iglu.

Voltou a si a tempo de dar um impulso com as asas e saltar para longe do rei. Enxergava luzinhas piscando na vista, e a mão que segurava a espada estava amolecendo, esquecida da arma pela dor do golpe. Tinha que fazer alguma coisa que não fosse se defender ou fugir.

Inspirou fundo, controlou a respiração até que a dor se tornou apenas um incômodo ligeiro. O que Ártemis tinha lhe ensinado? *Não importa qual seja o inimigo, ele sempre vai ter um ponto fraco. Procure por esse ponto, concentre-se nele, e você terá vencido a briga.* O que poderia tornar Zebarân menos impressionante? O ponto quebrado na armadura, onde Shenu devia tê-lo atingido, certamente era um começo, deixava sua coxa descoberta, e o gênio poderia atacar ali. O fato de ele não poder voar enquanto Nique tinha asas? Talvez. Mas o gênio pensou numa possibilidade, e achou que deveria tentar. Aquele monstro estava vivo há tantos séculos que sua pele tinha se transformado em algo parecido com as escamas de um crocodilo. Talvez, e só talvez, isso significasse que ele já não era tão rápido assim, e velocidade era uma habilidade que Dominique poderia aproveitar.

Deu um impulso, escapando do machado lançado pelo rei. Zebarân descartou a arma e voltou ao trono, ao lado do qual apanhou o cetro bifurcado, o mesmo que usara contra Pablo e Márcio em Agerta; voltou-se para a sentinela e as lâminas na ponta da arma começaram a brilhar e a vibrar avermelhadas.

O cetro do rei disparou um raio contra Dominique, que voou rapidamente para se proteger. Mas, enquanto fugia, a sentinela fez uma curva no salão e começou a rodear Zebarân em círculos cada vez menores, até ficar próximo o suficiente para arriscar um golpe contra o homem. O salão ficou gelado e, de repente, uma serpente de neve se enroscou na perna do rei e transformou-se num bloco sólido: um ataque de Jadhe, que prendeu o tirano no lugar onde estava. Pego de surpresa, o rei cambaleou, e Nique aproveitou a distração e estoqueou sua coxa descoberta, fazendo a lâmina penetrar dez centímetros na carne do inimigo, que zurrou, derrubou o cetro já desprovido de magia, e arrebentou um golpe com as mãos fechadas nas costas da sentinela.

Nique bateu de frente no alto de uma coluna e segurou-se nas laterais para se manter no alto e tossiu violentamente até recuperar o ar; enxugou o canto da boca, e viu uma mancha de sangue nas costas da mão. No entanto sorriu: *o rei era mesmo lento!* Tinha permanecido tanto tempo sem ninguém para confrontá-lo que devia ter se esquecido do que era ter alguém revidando, e o gênio usaria essa falha o quanto pudesse. Apoiou os pés para tomar novo impulso, e sentiu algumas penas serem arrancadas quando decolou: o gelo de Jadhe descera por ali e colara as plumas do rapaz. Estava ficando muito frio ali dentro, e a sensação que ele tinha era a de estar de volta ao Palácio de Landell antes de ele ser purificado.

Continua! Só mais um pouco! Márcio berrou, o Cetro da Luz, agora inteiro feito de energia branca, cravado no meio do gelo onde o rapaz o empurrava para o fundo. Márcio estava vermelho, alguém tinha acendido uma chama dentro dele, arquedemon'z e marrotes caíam como chuva em volta do garoto, todos mortos e defumados, e Jadhe... O cabelo dela tinha se tornado ciano, suas veias estavam azuis e coloriam seu rosto e braços, seus olhos estavam brancos e sua pele... As cores da pele dela começaram a vacilar, em um segundo ela estava ali, no outro estava no lugar dela uma réplica de Jadhe feita de água.

Diana quedara, e Yoná, esquecendo-se absolutamente de sua própria proteção, se lançou sobre a amiga para protegê-la. A Pérola e o Medalhão estavam ativos demais e enchiam o pátio externo com faíscas multicoloridas e eletrizantes, e os cabelos das meninas e estavam de pé. A inimiga grunhiu; o corpo caído de lado, transformado em uma criatura viscosa como um verme, voltando a se parecer com o de uma mulher. Diana clamou por um escudo para envolvê-las, enquanto Yoná, ajoelhada, recitou um encantamento e começou a tirar a vitalidade de marrotes e demon'z.

E Nique, no meio do ar, girou para se esquivar de uma ferroadada do cetro do rei; fechou as asas e desceu do ar num rápido giro em parafuso com a espada direto no inimigo, e o acertou num pequeno ponto desprotegido no pescoço.

Mas Zebarân conseguiu puxar seu cetro; girou-o e cravou-o no chão, e uma onda de choque trouxe o gênio para o solo e o colocou no chão pelos joelhos, fazendo o Salão estremecer como num terremoto. Arrancou a espada da própria garganta indiferente ao jorro de sangue que saía da ferida, e o ar em torno do rei tremeluziu e cintilou num tom de marrom. Quebrou a lâmina da arma da sentinela e atirou a espada longe e, com um sorriso triunfal, começou a chutar o gênio imobilizado com o máximo de força que podia empregar, uma, duas, três vezes, quatro, cinco. “*Acorde!*”, Nique ouviu, embora não soubesse por que razão Jadhe o chamara. Em poucos segundos ele ia apagar, tinha certeza, e não via como reverter aquele espancamento.

Mas um raio estrondoso reverberou e toda a massa monstruosa de Zebarân foi atirada longe, e o tirano foi bater na parede escura do salão, fora da área de claridade do Cristal Rosa.

Quando Nique procurou seu salvador deparou com Pablo de pé, Shenu ao lado dele, os dois, principalmente Shenu, mais arrebatados do que Nique achava possível uma pessoa sobreviver. Pablo tinha a Pedra de Mavhtus e a Cuzpola à mostra e, pelo modo como segurava a joia, tinha acabado de usá-la para

incrementar a própria força; e do Lampejo dos Desesperados descargas de energia branca envolviam o braço de Shenu até o cotovelo.

O gênio se levantou e se juntou aos amigos. Puxou a corrente do pescoço e deixou o Relógio do Último Tempo balançar pesado no peito. Olhou para a ampulheta com pesar, não queria usar o Tesouro mais uma vez, mas, do jeito como as coisas estavam, era isso ou ir parar em uma das salas de nomes cruéis que Zebarã mantinha nos andares inferiores. Uma imagem passou pelas mentes dos rapazes: num furor descomunal, a loira conseguiu convocar o mármore das colunas e parte do teto desmoronou sobre Alhena, a negra criou uma onda de som que fez todos os demon'z desabarem atordoados, e as duas criaram uma redoma explosiva de feitiçaria e mac que eliminou todas as bestas do pátio. Mas as meninas tombaram também, ambas desacordadas.

Nique e Shenu olharam para Pablo, e a expressão dele era de puro ódio, seu olhar irado cravado no rei, e avançou para ele desarmado e desprotegido. Ele rugiu e levantou as mãos e convocou uma saraivada de relâmpagos, que choveram dentro da sala e atingiram o inimigo como bombas caindo do teto. O gênio se colocou de um lado do amigo, Shenu do outro lado. O ar ficou leve, um cheiro familiar exalou da Pedra de Mavhtus, um cheiro de nuvens em dia de chuva de verão; o Tesouro se iluminou e Pablo invocou um feitiço que nunca tinha conseguido usar antes.

— *Dandátrêie!* — disse, e uma espada comprida de lâmina elétrica surgiu na mão dele, que se lançou contra o rei e se precipitou em um duelo ferrenho. Zebarã gargalhou e salivou, e invocou o mesmo feitiço, mas a espada que surgiu na mão dele era maior que a de Pablo e feita de fogo.

Nique e Shenu se entreolharam e Shenu estendeu o punho fechado. Os dois apertaram os braços, à maneira dos guerreiros e, sem palavras, se precipitaram contra o inimigo, cada um conjurando uma arma feita da magia dos Objetos Supremos e alimentada por seu próprio mac.

“Está rachando! Há uma rachadura!”, Márcio exclamou.

“Não parem! Não parem! Ninguém chegou tão longe antes! Nem os Dragões do Breu!”

A lâmina de relâmpagos explodiu nas costas do rei e encheram o Salão com centelhas incendiárias. O capacete do tirano foi lançado longe. Pablo arrancou a armadura das costas de Zebarã; fez um movimento ligeiro, conseguiu fazer um corte ácido na pele encouraçada do monstro, mas a ferida desapareceu num instante assim como as outras que Nique tinha provocado, e Pablo foi transpassado no ombro pela espada demoníaca do gigante. Berrou de agonia, sentindo as chamas

se espalhando por dentro da carne; Zebarân puxou a espada e chutou Pablo no peito para longe, e o monstro ria alucinado, mas Shenu atacou em seguida; conseguiu cravar sua espada de lâmina negra no abdômen do tirano por onde Pablo arrancara sua armadura, mas Zebarân puxou o rapaz mais para perto, segurou-o junto ao seu rosto e continuou rindo quando puxou o rapaz violentamente, bateu sua cabeça na dele, e o atirou para longe. A lâmina desapareceu, e Nique bateu as asas e desfez a espada de vento que criara antes mesmo de usá-la. Conjurou outra arma, um arco com flechas de vento e eletricidade do Relógio, e sentiu os pipocos de choque beliscarem seus braços. Estirou a corda, atirou três setas, uma após a outra, e elas caíram sobre o inimigo em explosões faiscantes, levantando uma nuvem de poeira que fez Nique pensar que tinha conseguido parar Zebarân.

Mas a besta reapareceu bem diante do rapaz, no ar, no meio da poeira, e agarrou seu pescoço com uma só mão.

— Quanta covardia, sentinela! Então, agora é assim que vocês agem? Três contra um?! — ele esbravejou, e jogou Dominique de volta ao chão, onde o gênio se chocou com as lascas da explosão e arrebitou o peito.

Dominique ouviu um gemido angustiado e olhou para Pablo. O general estava preso à parede em que Zebarân o lançara, um braço torto no alto da cabeça, uma perna num ângulo estranho... Não, ele não estava *preso* à parede, ele tinha *se tornado* a parede! A mágica brutal do rei fundira o corpo do rapaz com as entranhas do Palácio, deixando Dominique horrorizado. Mas seus olhos foram atraídos para uma forma que se avolumava no canto oposto do salão, e quando ele se voltou para lá, descobriu que a coisa que inchava lentamente como um balão era Shenu, as pernas e os braços de Shenu, e as veias do amigo já estavam saltadas e ele sofria, agoniado, tentando não sufocar com os próprios membros.

— C-Covardia? — ele engoliu em seco, e tomou fôlego para continuar. — Você falando em covardia? Vivo há oitocentos anos, acumulando magia e escravizando pessoas desde aquela época, mantendo-os vivos para satisfazer seu ego... Amaldiçoando a única pessoa que conquistou o direito de sair daqui a viver como você?! Justo você falando de covardia?! *Você é um monstro!* — Dominique trovejou, e nem ele mesmo soube de onde ainda brotava sua coragem.

— Outro protegido de Ártemis, não é? Aquela maldita... Eu não devia ter lhe dado minha bênção... Ela devia estar morta, mas o que está feito está feito, e eu a criei. Sabe, sua professora é tão monstro quanto eu — Zebarân falou com sarcasmo, mas Dominique percebeu uma coisa: as feridas que as flechas tinham causado estavam cicatrizando, mas não com a mesma velocidade que antes, e o rei estava ofegante.

Isso só significava uma coisa: Zebarân podia ser imortal, mas não era invencível. Precisava ganhar mais tempo: o veneno estava com Jadhe, e ele tinha

que conseguir imobilizar o homem até que a garota conseguisse destruir o Cristal e trazer a poção até ali.

— Ela não é minha professora — Nique replicou, sentindo espocar na pele faíscas de energia mágica do Relógio do Último Tempo. Ele explodiria a joia toda e destruiria Aduna inteira se fosse o único jeito de derrotar o rei, mas achava que ainda havia uma chance de saírem vivos dali. — Ayana Ártemis é minha mãe.

Os olhos de Zebarãn aumentaram de tamanho, e ele baixou um pouquinho a guarda. O rei não podia imaginar uma forma de a mulher ter burlado seu feitiço primordial, que para sempre a impediria de morrer e de gerar vida, e ser mãe daquele fedelho não era possível.

— Não pode... Não pode ser! Eu tirei tudo dela! Ela não tem nada! Não tem filhos! Ela não pode *gerar*, só amaldiçoar!!! — vociferou o rei, e Nique sentiu uma pressão enorme na cabeça que o feiticeiro fez para ler as memórias dele, fazendo-o voltar no tempo e rever imagens dele e de Ártemis na cabana onde viveram, várias com Jadhe presente, mas as mais antigas, só ele criança e a Caçadora.

E, enquanto o tirano se concentrava em vasculhar dolorosamente o pensamento do rapaz, não percebeu que Dominique se aproveitava e chegava mais perto, uma espada feita de vento e eletricidade do Tesouro na mão, até ficar perto o bastante para atravessar a lâmina pela armadura e cortar a couraça de Zebarãn até seu coração.

Nique segurou a espada. Viu o sangue do monstro ser bombeado para fora, e sentiu aquele coração enrijecido através da lâmina de energia, que chamuscava e eletrificava sua pele. Olhou nos olhos da fera quando Zebarãn o fitou, ergueu seu punho, e o afastou. Zebarãn atirou algo invisível com os dedos e Nique foi atingido com golpes de magia que fizeram seus músculos se contorcerem em câimbras descontroladas e ele não conseguiu mais se mover por causa da dor; gritou, mas o rei se aproximou cambaleante, e tombou de joelhos com a espada erguida pronta para separar a cabeça de Dominique do resto do corpo.

Alguma coisa tem que acontecer! Alguma coisa precisa acontecer agora!

Nique desejou, e o desejo foi tão intenso que provocou uma série de estalos nos ouvidos, no pescoço e na espinha do gênio.

E ele viu, pelos olhos de Jadhe, a rachadura que havia se formado sob o Cetro da Luz, e soube que uma ideia impensável enraizara na mente dela. E, num misto de bravura e imprudência absurdas, Jadhe abandonou o pavor e atacou a mente de Zebarãn. O gigante cambaleou; ninguém, exceto seu mestre, tinha se atrevido a atacar sua mente antes, e, na surpresa, a garota conseguiu ver exatamente o que precisava.

A sentinela rompeu a conexão bruscamente; viu que Márcio lançava bombas luminosas para dentro da diminuta fenda no Cristal fragilizado, e a grande pedra rosada emitiu um som espectral, como uma fera sendo cutucada no fundo de um rio, um ronco mais perturbador que os rebusnados furiosos dos dragões defendendo os garotos e destroçando os marrotes com presas e garras. E quando Zebarân rugiu e sua aura de tormenta preencheu o Salão numa erupção de calor, terror e enxofre, Jadhe tirou o cilindro do pescoço e apanhou o pequeno frasco com o veneno. Jogou o vidrinho com tampa e tudo na ranhura mais profunda e Márcio lançou uma última e poderosa massa de energia, que detonou o frasco e espalhou o veneno dentro do cristal.

A pedra estrondeou.

Um tremor sacudiu as paredes do Palácio e os olhos de Zebarân se encheram de medo. Um ronco sobrenatural se propagou da joia do Palácio Nácar e se estendeu por todos os cômodos do castelo até suas profundezas, e os prisioneiros nas entranhas do prédio gemeram em resposta, transformando a construção num aterrorizante organismo vivo. E o som continuou se multiplicando, e o tremor balançou as estruturas do prédio, e o enorme Cristal Rosa, encravado na pedra há mais de oitocentos anos, rachou em seu centro; pulsou em luzes aceleradas, o gigante coração maligno do reino de tormenta de Zebarân, e liberou três estouros: três ondas de choque de som grave e profundo, e partiu-se em vários fragmentos, que despencaram afiados de uma vez sobre o Salão, levando Márcio e Jadhe junto com eles.

E o rugido da Pedra se estendeu por todos os cantos de Aduna, e as ondas de choque derrubaram, uma a uma, as três barreiras de proteção mágica que envolviam aquelas terras desgraçadas. E a primeira derrubou a magia que cercundava o Palácio e que criava as alucinações da escada assombrada, e a segunda destruiu a barreira mais interna, a que impedia as pessoas de saírem. E os escravos, tomados por uma esperança que os séculos lhes tinham roubado, voltaram às armas e começaram a derrubar as bestas que os escravizavam.

E a terceira onda se dispersou. E esta derrubou a barreira mágica que enviava quem tocasse nela para o núcleo do reino de Zebarân.

E que impedia a Caçadora de entrar.

A inimiga de Zebarã

Os escravos a viram chegar, uma chama devastadora que desceu com um trovão, e o som que não era ouvido naquelas terras há tanto tempo apavorou os que ali viviam. Mas todos a reconheceram, pois não era possível se esquecer daquela que um dia viveu entre eles e subiu a escadaria sem magia e sem ajuda. Ártemis não via ninguém. Seus olhos de prata estavam tomados por um furor irracional, e ela só enxergava o desespero, e uma nuvem bruxuleante de energia dourada emanava de cada poro da mulher. Demon'z e marrotes se lançaram sobre ela, mas mesmo os diabos estavam apavorados. Nenhum conseguiu feri-la, nenhum chegou sequer a tocá-la: se transformaram em pó com gritos doloridos em pleno ar.

Ela fez uma dança de mãos e pés enquanto avançava, e a cada movimento seu algo arrebentava no meio da Cidade Baixa. Escadas se quebraram, encostas desmoronaram, grutas se fecharam e a fissura foi tomada por nuvens de fumaça do fogo que a Caçadora espalhou. Ela viu o Palácio ruir. Sua fúria estendeu-se em línguas torcidas flamejantes, que rechaçaram a escadaria peçonhenta, e ela a arrebentou. Viu cada degrau esboroar no chão num monte de entulho precioso. Sentiu o tremor da terra e ouviu o rosnado agonizante da fera de magia que Zebarã criara sendo destruída.

E sentiu o odor do desespero. O cheiro de pavor do rei amaldiçoado a quem seu destino estava entrelaçado.

Sorriu. Atirou os braços para o céu e um relâmpago estrondoso, como jamais se vira antes, arrebentou sobre ela e a carregou para o Palácio. Sim, ela ainda era imortal, o veneno ainda pulsava louca e dolorosamente em suas veias. Mas era por pouco tempo.

Demoliu a parte do teto do Pátio ainda intacta ao ingressar no Palácio com o trovão. Tudo cintilava em seus olhos ferinos, e a predadora viu dezenas de bestas estiradas e mortas aos seus pés. Diana e Yoná, aquelas duas menininhas que a haviam cativado com os outros garotos sentinelas, estavam desacordadas no chão, e resquícios de magia e exaustão exalavam de seus espíritos.

Uma mulher estava sobre elas, rastejando, com uma adaga na mão, em direção ao pescoço de Yoná, uma loira feiticeira de ar tresloucado que Ártemis ficou exultante de reencontrar, e ela soltou uma gargalhada demente.

Alhena congelou com a mão no alto e não conseguiu se livrar da magia de Ártemis, que emanava naturalmente da Caçadora, e a congelara naquele instante assassino. E Ártemis se aproximou bem lentamente dela, uma tigresa saboreando o ataque antes mesmo de sentir o gosto da carne. A predadora sorria de prazer encarando aquele rosto aterrorizado. Bem ali, no fim de tudo, o destino reservara

um último prazer à Caçadora, o de reencontrar sua velha inimiga. Agachou-se ao lado da feiticeira, abriu um sorriso insano e se deu ao luxo de se deleitar com o terror absoluto nos olhos de Alhena enquanto se aproximava muito lentamente do pescoço dela.

E nem o feitiço aprisionante da Caçadora foi capaz de conter o grito agoniado que escapou da garganta da feiticeira.

Ártemis não matou a velha rival imediatamente, mas a deixou em estertor da mesma forma que acontecera com ela mesma no passado, para que sentisse a tortura lancinante de alucinações e dores sob a pele e sobre os órgãos enquanto o veneno preenchia cada partícula do sangue dela. A Caçadora sabia bem o que era aquilo, e teria ficado satisfeita em passar os próximos meses assistindo Alhena se contorcer, mas ela estava com pressa. Abriu o grande portão de bronze sem esforço e subiu a escada espiralada do Torreão até o Salão principal, sem evitar a lembrança da última vez que tinha feito aquilo.

E se deparou com a devastação.

O Salão Principal estava destruído. O vermelho das nuvens derramava-se sobre os escombros, salpicando cada canto do recinto com a cor do sangue. Lá fora, os rugidos continuavam pelo reino e, apesar de o tremor principal ter passado, roncoss ameaçadores anunciavam que Portol tr’Groush, o adormecido vulcão, tinha despertado com a força acumulada de séculos de espera. O Saldraléctér se espalhava fragmentado em migalhas afiladas de diversos tamanhos, que tremelicavam numa só sintonia, como um animal abatido em seus momentos finais, um tinido retumbante e invariável ecoando baixo por todos os cantos.

A mulher sentia as cordas coronárias que regiam cada um dos vivos no salão. Mexeu mais os olhos que a cabeça ao vasculhar o lugar e localizou, no meio de toda aquela bagunça, cada pessoa no Palácio. Havia cinco desacordadas e uma, no centro do Salão, banhada diretamente pela parca luminosidade, em aflição. Seu corpo estava torcido para trás no ar, os braços pendendo frouxos ao lado e as pernas balançando-se em espasmos nervosos. O que o mantinha suspenso era o cabo do Cetro da Luz, que perfurara seu tórax e saíra pelas costas, cravando-se no chão. Ele sofria, sentindo as dores da morte, mas sem poder morrer.

— Dominique!

— Me-mestra... — gemeu o rapaz.

Ártemis correu até o pupilo e ajoelhou-se em frente a ele, apavorada pela primeira vez em toda sua longa existência. Nique olhou de volta para ela com carinho e sofrimento e ela o abraçou sôfrega, sentindo suas penas sujas de sangue e resistindo ao impulso feroz com que o veneno a compelia. Viu uma massa disforme

de pele e reconheceu o rosto de Shenu, quase inconsciente, no meio dela; ouviu grunhidos engasgados e viu Pablo colado à parede, sua pele absorvida inserida nas entranhas do mármore; viu Márcio estirado no chão, uma nuvem de poeira vermelha pairando sobre ele que ela reconheceu como sendo sangue evaporado, consequência do uso prolongado do mac do fogo. Então sentiu a peculiar presença de Jadhe, e, quando seus olhos a localizaram, viram primeiro a poça de sangue sobre ela: uma grande lança de cristal transpassada seu peito, muito perto do coração da garota.

E, ao lado de Jadhe e tentando se erguer, estava ele. O rei.

Machucado, com a armadura em pedaços, feridas de espada e queimaduras de relâmpagos, Zebarân cravou as unhas numa pedra e apoiou-se para levantar a cabeça. Quando abriu o único olho bom ele fitou Ártemis e o terror o dominou. Abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. A Caçadora o encarou de volta, e sentiu o pânico do tirano pulsar na veia do pescoço dele. Aspirou e sentiu o cheiro apodrecido que exalava da pele do monstro mesmo metros à frente, e suas veias captaram a magia modorrenta que exalava dos poros de Zebarân, magia feita com tratos sobrenaturais com os invasores arquedemon'z que não pertenciam àquele mundo.

— Me-mestra... Pode...? Você pode? — Dominique murmurou, e fitou a mulher com aqueles ternos olhos dourados, parecendo plenamente confiante de que ela poderia dar um jeito, poderia curá-los antes de acabar com Zebarân, e todos sairiam vivos dali.

A Caçadora olhou de volta, dentro dos olhos de Dominique. A magia cavalgar expandiu-se do corpo dela e chegou aos corpos das jovens sentinelas espalhadas no Palácio destruído, e curou suas feridas mais profundas num instante. Ela deu toda a energia que podia para tratá-los, sem nem mesmo precisar olhar o que estava fazendo. A maldição abandonou Shenu e ele voltou ao seu corpo normal; Pablo foi libertado da parede e deslisou para o chão, Márcio recuperou parte do próprio sangue e seu organismo voltou a trabalhar normalmente; Diana e Yoná tiveram grandes machucados internos tratados e ossos colocados no lugar. E quando Jadhe foi tocada, a estalactite de cristal fincada no corpo da garota partiu-se, e a ferida se fechou, e mesmo que todos ainda estivessem muito feridos, eles iriam sobreviver.

Mas em Dominique, que estava nos braços dela, a magia não tocou, e o garoto se desesperou enquanto, um a um, os guerreiros despertavam e presenciavam a cena.

Com ternura, a mestra segurou gentilmente a cabeça do pupilo, afagou seus cabelos e aproximou-se do ouvido do rapaz.

— Meu querido. Você conseguiu mudar sua aparência, sua voz, até seu cheiro. Mas não pode mudar a cor das batidas do seu coração. Esta é imutável, e nem sua magia mais perversa é capaz de transformar.

A mulher agarrou com violência os cabelos do gênio e o puxou para perto; cravou uma mordida no pescoço dele, e seus dentes, transformados em presas de víbora, expeliram um veneno negro que penetrou nas veias do rapaz, criando raízes pretas debaixo da pele, e o garoto gritou.

A Caçadora se afastou e ficou assistindo com aquele prazer desvairado enquanto o rapaz se contorcia e gritava, seus olhos se esbugalhavam, sua pele enegrecia e depois se transformava numa couraça, e as asas atrofiavam e regressavam às costas, e o rosto se esticava e alargava, e ele berrava em dor, e suas unhas se transformavam em garras, e as raízes de veneno negro se espalhavam por todo o corpo dele, fazendo-o revelar que era de fato Zebarân, não Dominique.

O feiticeiro caiu de joelhos, as mãos apertando as têmporas, pois a tortura era infinita. Seu urro ecoou pelo Salão e pelo reino, como mil cabeças rugindo de um monstro desvairado, e as paredes estremeceram. E as sentinelas testemunharam quando a pele do monstro se fragmentou e, como rocha derretida sobre lava, dançou sobre um corpo flamejante, e começou a se desfazer. E a sombra agourenta do espírito de Zebarân se agigantou sobre os restos de seu corpo e cresceu em luz e estrondo sobre as sentinelas e Ártemis, para em seguida debruçar-se sobre o Salão, derramando-se sobre o conjunto dos maiores fragmentos do Cristal Rosa.

— Não!!! — berrou Shenu, e atirou-se aos pés do resto do homem com o Lampejo dos Desesperados.

Shenu libertou todo o mac que ainda tinha para fazer sua joia peçonhenta funcionar, e o Lampejo impediu que o espírito de Zebarân se dissipasse para onde queria. Num turbilhão de ventania e luzes espectrais, a alma do tirano foi sugada para a joia, e Zebarân foi encarcerado junto a tantos que ele havia aprisionado para viver pela eternidade como um relâmpago, atormentado para sempre, como os escravos que ele torturara por tantos séculos.

Um clamor excitado ergueu-se da fissura e da Cidade Alta, e também da Cidade de Prata e da Alameda de Sblinc'z, cidadelas adjacentes onde outras pessoas e escravos viviam. E arquedemon'z zuniram e debandaram, mas foram arrebatados por relâmpagos negros e levados de volta por Zey, o Senhor dos Condenados, para o verdadeiro Nepcoutem, de onde tinham fugido e onde, agora, seriam punidos justamente, e nenhum deles escapou. E os marrotes voaram em bando num enxame barulhento de volta para o deserto de Chivin, para as profundezas das areias, que eram sua morada. Mas muitos não conseguiram chegar até lá, pois foram atacados pelos violentos zaundron'z, que, livres da magia

aprisionante, arrebutaram seu cárcere, romperam as masmorras inexpugnáveis, e atacaram todos os amaldiçoados que encontraram.

E um novo tremor sacudiu a terra, e os prisioneiros de Zebarã gritaram, não porque temiam o vulcão, pois sua lava e sua fumaça jamais chegariam à cidade, mas porque era o fim de seu tempo. Pois estavam livres da maldição, e a massa vermelha de enxofre que encobria o céu como uma mortalha desapareceu, e o mundo de calor desabou numa chuva abençoada e pesada, que lavaria aquela terra de toda a mácula.

Pablo e Diana se lançaram um nos braços do outro, em prantos. Márcio apoiou Shenu com um braço e Yoná com o outro, e os três começaram a rir e a chorar, sem lógica. E Dominique, libertado do feitiço ilusório que tinha lhe dado a aparência de Zebarã, curado por Ártemis assim como os outros, puxou Jadhe para junto dele, desesperado com a inconsciência da moça. Ele a beijou e chamou o nome dela, mas Jadhe não deu sinal de que iria despertar.

— Ela vai ficar bem — ele ouviu Ártemis dizer e, com lágrimas embaçando sua vista, voltou os olhos para a mestra.

Reencontro

A chuva fina que caía assentava a poeira e refletia uma luminosidade estranha que dominou os farrapos do reino de Zebarán. Em suas gotículas, brilhos dourados cintilaram de várias partes do reino iluminando as nuvens acima, não mais vermelhas, mas cinzentas, e as sentinelas se voltaram para a Caçadora, cuja pele rutilava como se feita de energia pura.

Nique depositou Jadhe delicadamente no chão e segurou as mãos da mestra, e as outras sentinelas se colocaram num meio círculo ao redor dos dois. Ártemis costumava ter mãos geladas, mas agora estavam quentes, como se ela estivesse com febre. Suas roupas deixavam seu braço esquerdo marcado, o braço onde a mácula da maldição se espalhava, mas o estigma negro se dissipou a olhos vistos e desapareceu por completo. Boquiabertos, os jovens viram minúsculas cápsulas de luz abandonarem o corpo da mulher e, rapidamente, ela começou a envelhecer.

— Mestra! — o gênio gritou. — O que... Isso não é justo! Não é justo! Você não pode... Não pode!

— Psiu, passarinho — sussurrou a Caçadora sorridente, e sua voz se transformava, à medida que falava. — Morrer é natural, e ninguém deve desejar o contrário. Porque o peso dos anos é um fardo difícil de carregar... — ela tocou o rosto cheio de lágrimas do pupilo, depois olhou para os outros jovens. Abaixou-se e beijou Jadhe na testa, então colocou as mãos de Dominique sobre a da garota. — Cuide dela, pequeno gênio. Foi uma honra poder criá-lo como meu pupilo... Não, como meu *filho*. Se me for permitido, eu vou olhar por vocês.

Então Ártemis já não era uma mulher, mas uma senhora, uma velhinha encurvada pelo tempo e por uma longa idade. E a luz se tornou mais intensa, e a pele dela começou a se desfazer em pó brilhante, deixando uma imagem translúcida de Ártemis no lugar. E os olhos dela, os olhos de prata, tinham se transformado. Já não tinham mais o brilho de aço, mas a cor do mar em tempos de claridade.

— Mestra, seus olhos... São azuis — Jadhe sussurrou, abrindo os olhos apenas para ver o último instante de sua mestra no mundo dos vivos.

E a mulher riu, feliz, e derramou lágrimas brilhantes e deixou que a luz e as almas daqueles que ela perdera há muito tempo a conduzissem para longe, para cima, para o céu. E, quando a chuva se dissipasse, os homens veriam que a Constelação do Navegante tinha ganhado uma nova estrela, e esta foi chamada de Ártemis.

E por todo o reino os escravos se libertaram, e homens, gênios, dragões, e muitas outras raças que lá estavam aprisionados envelheceram até a idade que deviam ter naturalmente, e os que tinham tempo para morrer se transformaram em pó e puderam descansar. E viram Bergamota se despedir deixando um rastro de luz púrpura sobre Lópolu e Mindotárta, que agora tinham escamas mais protuberantes e chifres mais imponentes, mas que ainda estavam vivos e sadios, e puderam se juntar a outros quatro zaundron'z libertados que também tinham tempo para viver.

“Ainda existe esperança para eles afinal”, pensou Márcio.

Juntos novamente, os sete se entrelaçaram em abraços sem palavras, e desfrutaram, exaustos, de um momento de paz em meio ao caos, deixando as mentes se unirem através de Jadhe e também de Shenu em imagens e sentimentos que traduziram o que cada um tinha passado. E houve surpresa e pesar quando cada um vislumbrou um pouco das angústias do outro. Depois, apoiando-se uns nos outros, escalaram os escombros do Salão Principal e descobriram que todo o Palácio Nácar tinha ido abaixo, e que o cenário ao redor era ruínas: um monte de pedras, metais retorcidos e cristais, em lascas, entulho e sobras de portões e janelas. Andaram no meio da confusão tomando cuidado para não escorregar nos escombros molhados, pois a chuva continuava a cair mansa e trovões rugiam à distância. Pararam à beira da fissura no ponto onde o cânion despencava terra adentro e onde antes havia a escadaria. Agora apenas seis degraus restavam e no fundo do vale só se via fumaça, uma assustadora escada para lugar nenhum, e os jovens não ousaram pisar nela.

Pablo testou a corrente que prendia a Pedra de Mavhtus ao seu corpo e conseguiu liberá-la, e imediatamente tirou o Objeto Supremo e também a Cuzpola do pescoço. Os outros fizeram o mesmo.

— A magia deve ter se extinguido quando Ártemis partiu — disse, falhando na última palavra.

Márcio atirou o Cetro da Luz ao chão, não porque a joia lhe influenciasse de maneira ruim, como acontecia com a maioria das joias, mas porque era um alívio se ver livre do peso do Objeto por alguns momentos. Diferente dos outros, ele não pode simplesmente deixar o Cetro pender ao lado do corpo, teve que segurá-lo o tempo todo.

— Por que fez aquilo, Shenu? — Márcio perguntou, as imagens da luta passando vívidas diante de seus olhos, como se ele as assistisse repetidamente. Levaria muito tempo para que sua cabeça voltasse a funcionar do jeito certo. — Por que simplesmente não o deixou morrer? Por que o prendeu dentro dessa coisa?

Entristecido, Shenu baixou os olhos para a joia caída no chão. A cada novo lampejo Márcio sentia o estômago revirar e, se fitasse o Tesouro por tempo demais, um cheiro podre invadia suas narinas e uma náusea doentia tomava conta do estômago.

— Essa coisa ficou ainda mais mórbida agora... — Jadhe comentou.

— Não perceberam o que o espírito dele estava tentando fazer? — Shenu indagou, e Yoná respondeu:

— Juntar-se ao Cristal Rosa. E aí estaríamos todos perdidos.

— Tudo seria em vão — Diana comentou. — A barreira do Saldraléctér poderia ressurgir, e não conseguiríamos sair daqui nem tirar ninguém. E ainda teríamos trazido os Objetos Supremos de presente para ele.

— Já foi bem difícil quebrar a joia do tirano sem que ela estivesse possuída. — Márcio ponderou. — Se a alma do rei se juntasse à pedra...

— Mas isso poderia acontecer? — Dominique quis saber, assustado com a possibilidade.

Os olhos de Shenu se desviaram para as joias, todas largadas no chão.

— Como acham que essas coisas foram criadas? — perguntou.

Um calafrio percorreu todo o grupo quando os sete olharam as joias novamente.

Pablo inspirou fundo e sacudiu a cabeça para espantar os pensamentos. Tinha sucumbido ao poder da Pedra de Mavhtus e, por causa dela, quase matara a mulher que ele amava desde criança. Pensou, desanimado, se seria possível voltar ao que eram antes de partirem naquela missão. Mas então Diana se aproximou manquitolando, abraçou-o e lhe deu um beijo leve, que ele retribuiu puxando-a mais para si, e soube que, de alguma forma, eles ficariam bem. Encontrariam um caminho.

Então se afastou delicadamente da esposa e ficou de frente aos amigos para avaliar os estragos. Depois do que tinha visto no Salão, era surpreendente que ainda estivessem conscientes, ainda mais andando: havia dezenas de arranhões e hematomas em cada um. Diana tinha vomitado de novo, e estava com dois dedos da mão virados num ângulo estranho; Yoná estava em frangalhos, mas os cortes enormes que os dentes da feiticeira loira transformada em monstro tinham feito na barriga dela, tinham desaparecido pela mágica de Ártemis; Márcio ainda estava vermelho como um tomate, e Pablo tinha certeza de que sua pressão estava nas alturas e que estava desidratado; Jadhe, que tinha sido transpassada por uma lança de cristal, mal conseguia se manter em pé, e sua pele estava vacilando entre o tom normal e uma estranha transparência aquosa; Dominique, ainda que de braço quebrado, cheio de roxos e com uma perna dura, sustentava a garota sem tirar os olhos dela, e tinha enormes bolsas sob os olhos vermelhos e lacrimejantes. Não que

os outros não tivessem chorado. No fim, fosse pelo estresse ou pela morte da Caçadora, não houve quem mantinvesse os olhos secos. Por último, Shenu estava arrebetado, com tantos roxos e inchaços que ficava difícil discernir suas feições e, pelo modo como mancava, devia estar com meia dúzia de costelas quebradas.

Mesmo assim, Pablo achava que os amigos estavam melhores do que o esperado. Ele próprio sentia uma perna doer de tal forma quando se mexia que sabia que a tinha fraturado, e outras dezenas de lugares doíam só de pensar neles. Estava com fome, com dificuldade de respirar, e estava gelado, pois a chuva trouxera a sensação de frio de volta às terras de Aduna, mas sentia que não havia nada errado *dentro* dele. Nenhum de seus órgãos tinha ficado preso dentro daquela parede. Ártemis havia concertado tudo o que precisava para sobreviver.

Então ouviram um rugido e se voltaram para o ponto de onde tinha vindo. No céu, seis dragões negros serpenteavam sobre os jovens, e dois se destacaram numa descida espiralada e pousaram diante deles.

— Temos que agradecer a vocês, ossudos de couro fino — disse Lópolu. — E eu tenho que admitir, não acreditei nem por um minuto que isso fosse dar certo. Não até o Cristal rachar.

— Eu acreditei! — exclamou Mindotárita. — Mesmo desacreditando... Ei, eu posso dar carona pra vocês até o litoral! Ou até o outro lado do oceano! Até a sua ilha, até onde quiserem! — ofereceu Mindotárita, solícita. Ela parecia mais lenta do que antes, mais não menos alegre, e Jadhe espalhou o sentimento de entusiasmo dela ao pensar em “litoral”, “oceano”, “ilha”, todas as coisas que ela não conhecia.

— Todos podem levá-los — reiterou Lópolu, e tinha um estranho sorriso reptiliano que se estendia até seus olhos. Os outros dragões, porém, continuavam no céu mergulhando entre nuvens de chuva e se esquivando dos relâmpagos, esparramando água por todo lado, totalmente alheios à conversa. Márcio só pode pensar que, seja lá qual fora a tortura à qual eles tinham sido submetidos, devia tê-los deixado totalmente desorientados.

— E Bergamota? — o rapaz perguntou, mesmo já sabendo a resposta.

— Ah... Ele desapareceu... — Tárita falou devagarinho.

— Já era hora dele né? Uma pena que não tenha conseguido comer nada fora daqui antes de se desfazer...

— Vocês... Estão em paz com isso? — Jadhe perguntou com a voz fraquinha, mas os dron’z fizeram aquele som meio rasgado que parecia ser uma risada e a dragonesa disse:

— Por que não? Era o maior desejo do velho!

— Todo mundo tem uma hora pra nascer e uma hora pra morrer. Bergamota viveu mais do que qualquer outro dragão, e agora a alma dele está livre

— Lópolu continuou.

— Ele teve uma vida longa e boa antes daqui, e foi útil ao clã quando ficou preso; afinal, só sobramos seis de nós...

— E foi ele quem criou nós dois! Quase metade da nossa espécie deve a vida a ele!

— Conta interessante — Dominique comentou, e tanto ele quanto Shenu se mantinham alguns metros afastados dos dron'z.

— Vocês podem mesmo nos levar para casa? — Pablo questionou, ainda que estivesse um tanto desconfiado das feras. Os últimos dragões que conhecera não foram lá muito prestativos.

— Podemos! Podemos sim! — Tárita exclamou excitadíssima. — Nós dois damos conta de carregar vocês todos!

— Por que não temos certeza se os caras lá em cima estão entendendo muita coisa do que está rolando por aqui... — Lópolu ergueu o queixo para olhar para os outros zaundron'z. Depois de tanto tempo confinados, não era estranho que os quatro fizessem todas aquelas piruetas lá no alto.

— Nós não vamos atacar vocês, podem ficar sossegados — Tárita se apressou a dizer. — Mas não dá pra garantir que os caras lá do alto façam o mesmo, entendem?

Pablo olhou para os amigos e, num consenso mudo, concordaram em aceitar a carona dos dragões. Até mesmo Dominique aceitou a carona de bom grado, pois suas asas estavam tão pesadas que ele nunca conseguiria abri-las.

Olharam ao redor uma última vez, só para ter certeza do tamanho do estrago. Aos poucos, sobreviventes desconfiados saíam de esconderijos sombrios e, ao longe, as sentinelas viram um aglomerado de seres alados se erguerem de um ponto da fissura, e o coração do gênio deu um salto atormentado. Ele apertou de leve os braços que envolviam Jadhe.

— Gênios — ela disse.

— Muitos deles — comentou Diana.

Um grupo de gênios batia asas e arrancava correntes uns dos outros. Eram dezenas, talvez centenas, e mais apareciam à medida que se libertavam.

— Vai até lá? — perguntou Yoná, e Dominique pensou por um instante. Olhou para os amigos, sentiu o vento e a chuva tocarem as feridas e fazerem as asas arderem, e seus olhos recaíram em Jadhe. Seu coração pesou cansado: aqueles gênios eram seus parentes, sua raça, mas sua família estava ali. E só de pensar em soltar a mão de Jadhe, em se afastar dela, mesmo que por um minuto, era doloroso, como se uma atitude como esta pudesse fazer a garota desaparecer.

— Outro dia — ele disse. — Outro dia.

— Vamos embora. Mas preciso deixar um recado. Sei que está esgotada Yoná, mas ainda resta alguma força em você para me ajudar com isso? — Pablo pediu, e a garota endireitou a coluna para receber a ordem do general. Os outros também se voltaram curiosos para ele, e os dragões se sentaram eretos, fingindo uma postura séria. — Quero que faça uma mensagem sonora reverberar por estas terras. Diga a eles que estão livres para ir para onde quiserem e para aproveitar o tempo de vida que ainda têm longe daqui. Diga para se afastarem das cidades do rei, principalmente das ruínas do Palácio, porque estas terras estão envenenadas para sempre. Espero que isso os mantenha longe.

— E por que deveriam se manter longe daqui? — perguntou Mindotárita.

— Vou enfeitiçar este lugar.

— Enfeitiçar? — indagou Shenu.

— Acha mesmo necessário, general? — Jadhe perguntou.

— Não quero ninguém espiando essas ruínas quando partirmos. Quem sabe que objetos mágicos podem encontrar? Além disso, quando o reino for evacuado e tivermos nos reestabelecido, vou voltar aqui. Quero colocar este lugar abaixo — Pablo respondeu, e não foi preciso colocar em palavras o desejo de todas as sentinelas de acompanharem Pablo na demolição. — Mas quero que pensem que a decisão de partir foi deles, e não fruto de outro feitiço. Essas pessoas já viveram sob o domínio de magia por tempo demais.

— Que feitiço você pretende fazer? — perguntou Dominique.

Pablo suspirou.

— Algo como o que estava na escadaria, mas sem provocar as alucinações torturantes de Zebarân — o general respondeu. — Um feitiço simples de repulsão.

— Parecido com o do portal.

— Exatamente como aquele — disse, e se preparou para começar a executar o encantamento sozinho, mas Diana se posicionou ao lado dele.

— Eu sou melhor feiticeira que você — comentou baixinho, não com arrogância, mas parecendo tímida, como se Pablo, de repente, tivesse se tornado um astro ofuscante e intimidador ou coisa assim. O rapaz, por sua vez, sorriu para a esposa e a puxou para mais um beijo que fez Porgopavolópolis ranhetar.

— Eu sei. É por isso que eu preciso da sua ajuda. Faz o feitiço comigo?

— Ah-ahm... Hã... Não querendo me intrometer mais do que já estou fazendo, — interrompeu Yoná — mas sete não é melhor que dois?

Cada um apanhou de volta seu Tesouro, sete era sim um número melhor. Com as joias nas mãos, formaram um círculo ao redor das ruínas do Palácio Nácar recitaram o feitiço de repulsão, que estendeu um domo desde as últimas casas da Cidade Alta até alguns quilômetros além da fissura. Quando terminaram, estavam

tão exaustos que precisaram de um longo descanso antes de conseguirem se içar para cima dos dragões, que, por sorte, resolveram esperar pacientemente que os sete se recuperassem.

Antes de subirem, porém, a sentinela das sombras chamou Pablo e surpreendeu a todos novamente.

— Pablo, peço desculpas pelo modo como agi. Pensei que teria chance sozinho e com o Lampejo contra o rei, e que ninguém mais estaria em perigo.

— Eu tinha certeza que você faria algo estúpido sozinho — disse Pablo, sorrindo. — Mas nunca tive dúvidas sobre a sua lealdade. Eu conheço seu coração, andarilho, ainda que você mesmo não o conheça.

Shenu esboçou um sorriso embaraçado, e pareceu ganhar confiança para continuar.

— É por isso que não vou voltar com vocês — disse ele. — Não agora, pelo menos. Não pretendo desertar, mas tenho coisas a resolver aqui, coisas que precisam de mim.

Shenu não precisou se explicar. Imagens de um homem com o exato rosto de Shenu pipocaram nas mentes dos amigos, e eles entenderam que não poderiam pedir que o ele deixasse o reencontro para depois. O sequestro de Férik definira a vida de Shenu, e ele precisava desesperadamente daquele recomeço para seguir em frente.

— Bem... Se todas as sentinelas concordarem em assembleia — disse Pablo, fingindo ponderar e olhando para os amigos — acho que posso conceder uma licença merecida por serviços prestados a...

— Ao mundo — Márcio completou, e todos riram juntos.

— Fique o quanto precisar, amigo — Pablo falou, tocando o ombro de Shenu. — Mas não demore muito. Você tem um lar e uma família em Octoforte esperando por você e por Férik também.

— Ele traiu vocês — Shenu contou, uma sombra pesando sobre os olhos dele.

— Eu sabia que tinha algo suspeito nele... — disse Dominique, sem muita preocupação.

— Nenhum de nós pode condená-lo — Pablo falou, diminuindo a angústia de Shenu.

— Uma última coisa — disse o andarilho, e ergueu o Lampejo dos Desesperados, e até os dragões torceram os focinhos. — Não posso ficar com isso. Não aqui.

Pablo ergueu a mão para receber o Tesouro, mas Shenu o puxou de volta.

— Desculpa irmão, mas eu enxerguei o que essa Pedra fez com você, e não acho que você deva receber mais este fardo — Shenu disse, fazendo Diana

respirar aliviada. Estendeu a joia para Márcio, que assentiu e a recebeu com pesar e responsabilidade. — Acho que você é quem menos ficou perturbado com sua joia.

Pablo suspirou e concordou com um aceno de cabeça. Despediram-se, então, e montaram nos dragões, e ficaram observando Shenu se transformar num pequeno pontinho molhado lá embaixo, e depois desaparecer.

As terras vermelhas se distanciaram e se tornaram cinzentas sob as asas encouraçadas dos dragões, e Jadhe se aninhou nos braços de Dominique quando olhou para baixo e viu o mar, ao longe. Tárita e Lópolu voavam na maior velocidade que podiam, testando suas asas, o ar e o céu, e os outros dron'z os acompanhavam de perto, fazendo volteios no ar. Nenhum deles se comunicou com as sentinelas, nem por fala, nem por telepatia, mas também não os atacaram. Quando venceram as nuvens de chuva ouviram um rugido estrondoso e uma onda de impacto estalou violentamente, fazendo os dron'z se desestabilizarem: Portol tr'Groush, finalmente libertado de suas amarras, regurgitou a fúria de Scarfér, Senhor do Fogo, e sua erupção lançou chamas e escória no ar. As feras ficaram paralisadas por um momento, admirando a tempestade de lava, e depois se voltaram para o litoral e subiram no céu até superar as nuvens; então planaram, graciosa e lentamente, deleitando-se com a visão das estrelas e das três luas — Larehssu e Ginhaissu em forma de foice e Ramadissu, a vermelha, parecendo um queijo partido, — e admiraram o tom de suas escamas sob ela, como se o toque de sua luz pudesse trazer a juventude que lhes fora roubada.

Depois dispararam para o litoral, mas quando a floresta Manazgul — agora um campo de galhos secos e sem folhas — foi ultrapassada, Márcio gritou para que pousassem. Pois lá embaixo, na praia, ele enxergou algo que fez seu coração disparar e todos exclamaram juntos alegremente:

— Melvim!

Os zaundron'z partiram sem destino, prontos para começar uma vida diferente, ainda que já tivessem tanta idade. As sentinelas os viram mergulhar e sair do oceano dezenas de vezes antes de desaparecerem no horizonte, e Jadhe comentou que, se continuassem comendo na velocidade que tinha visto, logo não haveria mais nenhum tubarão no oceano.

Como a magnífica donaeér tinha ido parar no litoral do Nepcoutem era um grande mistério. Talvez ela tivesse ouvido a mensagem que Yoná dispersara pelo Continente Menor, talvez tivesse percebido as oscilações mágicas no mundo quando a barreira caiu; o fato é que lá estava ela, a grande tartaruga marinha,

esperando por eles com a cabeça, as patas da frente e parte do casco fora d'água, onde era possível enxergar a Nalvim — ou o que restava dela: uma balsa rasa, sem banquinhos nem muretas, fixada num casco cheio de rachaduras e limo.

Melvim baixou a cabeça reptiliana na areia quando as sentinelas se aproximaram, e fez um som lamurioso — algo entre um cacarejo e um cântico de baleia, — ao ver os seis jovens arrebetados. Jadhe e Diana acariciaram o focinho do animal, Pablo e Yoná arrancaram um espinho do tamanho de um homem da pata de Melvim, e Márcio enxugou os olhos quando percebeu que a donaeér tinha perdido a visão de um dos olhos. Dominique voou para o alto, mas não havia nem sinal de Loberto.

— Venham. Vamos pra casa — disse o gênio. Ajudou os amigos a subirem na Nalvim e Melvim, solidário, afundou nas águas geladas levando os garotos com ele.

A Fortaleza dos Muros Dourados

Foram vários dias sob o mar, dias de silêncio e paz que as sentinelas usaram para se reestabelecer. Usaram magia para curar as quebras e os machucados mais sérios, e também para soldar partes do casco estilhaçado de Melvim, mas não ousaram tirar essa energia dos Tesouros.

A donaeér viajou mais rápido do que as sentinelas se recordavam, e saiu da água algumas vezes, deixando que os jovens caçassem e descansassem em terra firme antes de recomeçar a viagem. Todas as vezes que a tartaruga emergiu foi perto de ilhas pequenas e desabitadas, mas os jovens não sentiram necessidade de consultar a Cuzpola para saber onde estavam. Tinham plena confiança de que Melvim os levaria para o lugar certo.

Da última vez que foi à superfície, o animal não apareceu desacompanhado: outro casco quase tão grande quanto o dele, surgiu bem ao lado, e uma tartaruga enorme, com pintinhas amarelas ao redor dos olhos escuros, colocou a cabeça para fora. Melvim ergueu sua cabeça também e os dois animais se aproximaram de uma massa disforme de pedras e luzes, que as sentinelas reconheceram imediatamente: a ilha Agerta. Ao se aproximarem, porém, a outra donaeér ficou para trás, e assim que os jovens desembarcaram da Nalvim no velho cais de madeira, Melvim se afastou, e eles souberam que nunca mais veriam a bela tartaruga marinha.

— Obrigado, amigo. Tenha uma boa vida — disse Márcio ao oceano, com a certeza de que Melvim ouviria suas palavras e partiria em paz.

Não havia ninguém no porto; os pequenos barcos de pesca e os dois navios de viagem estavam desertos e escuros, e balançavam solitários agitados pelas ondas quentes do mar meridional. Caminharam pela areia devagar, contornando as rochas que escondiam o interior da ilha e elevavam o terreno em vários metros, e entraram no caminho de areia que levava à cidadela. O arco de Agerta tinha sido refeito, e suas pedras estavam polidas e decoradas com belos entalhes de bronze.

As casas da cidade estavam iluminadas e muita gente estava nas janelas. Havia uma grande agitação na Praça ao redor do pequeno lago, o mesmo que, semanas antes, as sentinelas ajudaram a recuperar. Parecia fazer séculos agora.

Um homem, que nenhum dos jovens reconheceu, falava às pessoas sobre um palanque, e as sentinelas se aproximaram devagar para ouvir. Quando entenderam o que estava acontecendo, nenhum deles encontrou palavras.

— Sei que todos querem ir, mas precisamos de bons homens para cuidar da ilha enquanto estamos fora. Temos crianças, plantações! Os grupos de busca podem levar meses procurando por eles, e vocês sabem que os líderes da Aliança Maior estão doidos pra colocar os pés aqui na ilha!

— Só acho que vocês precisarão de algumas mulheres de braços fortes! — disse uma mulher enorme, de braços que pareciam capazes de erguer uma donacér inteira. — Eles devem estar desnutridos! Vão precisar de muita comida!

— Já partiram cinquenta e estamos enviando mais cem pessoas atrás deles no Nepcoutem, não é possível que entre esses não exista ninguém capaz de preparar um cozido para sete pessoas!

— E curandeiros? Você escolheu bons curandeiros?

— Precisam mandar um bom encontrador!

— Talvez um caçador! Onde está Ártemis? Ela os acharia em minutos!

— Ela morreu.

Duas mil cabeças se voltaram para o fim da ilha, e o silêncio se espalhou entre os moradores. Como se dominados por um feitiço, uma estática os congelou em seus lugares enquanto eles processavam lentamente a presença das sentinelas entre eles. Então Pablo avançou um passo, depois outro, e pouco a pouco a existência surreal dos heróis entre os agertos se tornou plausível. O grupo avançou atrás de seu general, e à sua passagem um som se levantou da multidão, primeiro tímido, depois intenso, então fervoroso, pois os soldados de agerta ergueram lanças e bateram com elas nas estrelas de oito pontas esculpidas em seus escudos, formando um único clangor.

O gesto lembrou a Márcio que, depois dos dias debaixo d'água, havia um céu sobre eles. Olhou para o alto, e encontrou uma série de estrelas dispersas em fragmentos de espaço que apareciam entre nuvens esfarrapadas. As luas, mesmo entre nuvens, faziam a ilha cintilar multicolorida, e quando o rapaz voltou a olhar para os moradores havia no rosto daquelas pessoas um orgulho e um respeito que Márcio jamais vira antes em ninguém. Em um só movimento o povo se ajoelhou; mesmo as crianças menores abaixaram suas cabeças; lanças, pás, colheres, e o que quer que tivessem na mão, foram fincadas na areia. Todos se curvaram.

— Salve Pablo Adenetti, general de Octoforte! — bradaram uníssono. — Salve as sentinelas de Octoforte, que derrotaram o rei dragão vermelho, que foram até o Exílio e destruíram os portões do tirano! Salve!

Perplexos, os jovens não conseguiram falar, e a conexão de sentimentos entre eles tornou a explosão de orgulho e emoção tão violenta que lhes roubou o fôlego, e Márcio teve que se lembrar de que precisava respirar. Pablo deu um passo à frente e fez um gesto convocando as pessoas a se erguerem, e à frente delas um

homem negro de cabelos grisalhos, o mesmo que falava no palanque, desceu do pedestal e avançou com uma bandeira dobrada cuidadosamente nas mãos.

— Sentinelas, General — ele disse, e sua voz era cristalina e firme. — Eu sou Ínio, e fui indicado como o novo guardião da ilha e prefeito da cidade. Aceitem a humilde oferta dos moradores a vocês. Sabemos que nada neste mundo pode compensar o que fizeram por nós, pelo mundo todo, por isso, tudo o que temos a oferecer é apenas um símbolo de nossa lealdade, respeito, e de nossa palavra de que jamais serão ameaçados por qualquer pessoa daqui novamente.

Pablo a recebeu o estandarte verde e o desdobrou. O tecido ondulou a brisa leve, e o povo deu vivas novamente ao ver estampado nela a brilhante arara vermelha bordada com mínimas pedras preciosas.

— Uma caravana partiu há oito dias para tentar localizá-los, pouco depois de sabermos o tremendo feito de vocês — disse Ínio, parecendo inseguro. — Como não tivemos notícias ainda, estávamos mobilizando a segunda. Perdoem-nos, se soubéssemos que estavam a caminho teríamos preparado uma recepção à altura. Estávamos torcendo para que os sete voltassem vivos... Mas um se perdeu...

— Shenu não se perdeu, apenas se atrasou. Está desfrutando de um merecido descanso, mas virá em breve. Nós agradecemos imensamente — disse Pablo com uma reverência, e ia dizer mais alguma coisa, mas foi interrompido por um homem que se destacou da multidão e aproximou-se agitado; pálido, de cabelo ralo e desgrehado e com sobras de gordura balançando desajeitadas pelas laterais do corpo. Usava uma camiseta folgada com um desenho que deixou os sete desconcertados: eram pinturas estilizadas das sete sentinelas observando um vasto campo nebuloso, iluminadas pelas luas vermelha e verde. E pior: várias pessoas na cidadela tinham a mesma estampa nas camisetas.

— Meu nome é Lavoér, senhor, sou da Comitativa de Inspeção da Aliança Maior, você conhece, com certeza, e permita-me dizer: o trabalho de vocês foi fantástico! — ele disse rapidamente, e Pablo, olhando inseguro para os amigos, tentou fazê-lo parar, mas Lavoér continuou: — A Aliança não estava nada feliz com vocês, é claro, mas eles estão prontos para esquecerem qualquer insubordinação do passado, sabem, porque vocês são heróis agora, cara! Heróis! O próprio rei de Algavar queria vir pra cá, mas eu já interferei, entendem? Fiz com que ficassem lá mais um pouquinho! Lavoér, tudo bem? Não se esqueçam!

“Esse cara fala mais que a Di!”, Márcio pensou, e se arrependeu imediatamente quando lembrou que Jadhe mantinha a ponte telepática e Diana não só ouviu o pensamento como também torceu o nariz.

Mesmo Dominique, que costumava gostar de receber muita atenção, estava intimidado com tantos olhares. Nenhum deles esperava aquela acolhida:

quando partiram eram fugitivos, perseguidos por uma cidade que desejava lhes roubar as joias. Agora os cidadãos pareciam nem notá-las.

“Talvez”, Dominique pensou, “elas tenham perdido parte de seu poder quando as usamos da forma que fizemos”.

“Ou talvez”, Márcio concluiu sensatamente, “nós ganhamos o respeito deles, e agora ninguém tem vontade de nos desafiar”.

— Senhor Ínio, o que aconteceu com Miriér? — Jadhe perguntou, e Diana imediatamente pensou em Verônica. Por que ela não estava ali?

Os moradores mais próximos pareceram perturbados.

— Miriér... Não está mais conosco. Nem Verônica — disse o Prefeito encabulado, girando os polegares enquanto falava. — Vou explicar tudo a vocês, mas é prudente deixarmos essas coisas para mais tarde.

— Eles precisam de descanso e comida! — alguém gritou em meio ao povo, e outras pessoas concordaram.

Mas as sentinelas não queriam deixar nada para mais tarde, e não precisavam se estender num demorado relato para saber o que havia acontecido. Jadhe olhou no fundo nos olhos de mel de Ínio, e a luz que havia neles obscureceu e o homem rememorou o episódio macabro da morte de Miriér e da fuga de Verônica. Estarrecidos, os garotos permaneceram mudos e fingiram desconhecer o que Jadhe dividira com eles, e guardaram a surpresa para si. Assentiram, aceitando deixar as revelações para mais tarde, mas não rumaram para a Casa de Cura, local que normalmente recebia os soldados feridos, os doentes e os famintos. Tampouco se dirigiram para sua velha cabana no alto do rochedo.

Eles precisavam de um desfecho, e não queriam gastar mais nenhum minuto com conversas cansativas que poderiam ficar para outro dia. Precisavam concluir a missão, desejavam concluí-la. Com Pablo à frente puxando Diana pela mão, rumaram para o Forte de Agerta e apressaram o passo, ou nunca mais sairiam dali.

Ao chegarem aos portões de madeira do Forte apenas Ínio e outras oito pessoas continuaram acompanhando as sentinelas, o restante da população se aglomerou do lado de fora e permaneceu ali, uma multidão muda e imóvel de expectadores aguardando o grande final. Os jovens cruzaram a primeira muralha e viram uma quantidade de pessoas se juntando nos adarves do Forte, lá no alto, e acendendo as enormes lanternas a óleo no topo das torres. Cruzaram o pátio interno até a segunda muralha, passaram sob seus portões e viram vultos curiosos surgirem na escuridão das escadarias que levavam até o topo. Então cruzaram o segundo pátio descoberto, passaram pelo último portão de madeira, e pelo salão onde as sentinelas haviam se reunido com os membros da Aliança Maior e feito de Pablo seu general.

Burburinhos seguiram os guerreiros quando eles cruzaram o último portão do Forte e encontraram o caminho para a Fortaleza Dourada. Subir uma escadaria era a última coisa que desejavam fazer do fundo do coração, mas apenas Dominique era capaz de voar, e as escadas do rochedo eram a única forma de chegar ao portal. Forçaram as pernas a obedecerem-nos e subiram ao patamar em frente à tranquila lâmina azulada do portal para Cermalháct.

Lá, um grupo menor de pessoas esperava por eles: vários dos soldados originais de Octoforte. O moreno Evondér, a ruiva Dánae, o pequeno Lízio e outros vinte e seis soldados remanescentes dos quarenta que tinham atravessado junto com as sentinelas, cada um trazendo grandes fardos com provisões com eles.

— Evondér — Pablo cumprimentou.

— General Pablo, sentinelas — o capitão respondeu. Então cruzou os braços no peito num “X”, os punhos fechados, e bateu o pé esquerdo numa continência, o que foi imitado por todos os soldados. — Estou no comando dos soldados. Já tínhamos feito todos os preparativos e, quando os vimos chegar, viemos correndo apanhá-los. Pablo bateu a mesma continência e liberou os soldados da posição de guarda. Depois de tudo pelo que tinham passado, parecia ter brotado nos soldados um senso de comprometimento que não existia antes, assim como uma grande vontade de demonstrá-lo.

— Alguém tentou atravessar? — Pablo perguntou a Evondér.

— Não — o capitão respondeu. — Estávamos esperando por vocês.

Pablo assentiu. — Esperem aqui. Todos vocês — ele disse aos soldados.

O general estendeu o braço e o esticou para o portal.

Desta vez, ele estava aberto.

Era transcendental. Um túnel de luzes azuis e brancas, feixes que divergiam de um ponto fixo sempre à frente num túnel curvo. O corpo perdia o peso, a mente se esquecia da memória, o ar perdia o aroma, e os olhos que viam pareciam não existir. Não se via mãos, pele ou matéria, mas se podia sentir o vento frio e fragmentos de calor. Durava um instante, mas era infinito. Em dado momento surgiam estrelas, e fragmentos de explosões amarelas e vermelhas se fundiam ao caminho espectral. Tudo se tornava escuro e frio.

Então acabava.

Um solavanco no espírito os trouxe de volta. Primeiro, a sensação do suor gelado empapando a pele. Depois veio o odor característico que impregnava aquele pequeno espaço: o perfume das touceiras de lavandas que cresciam próximas ao Lago Borbulhante. Márcio sentiu a luminosidade infiltrar-se através das pálpebras antes de abrir os olhos, e quando o fez o brilho dourado invadiu sua

visão, ofuscante e onipresente, fazendo os olhos do rapaz arderem e a cabeça sentir uma pontada de dor.

Pouco a pouco a aura dourada dissipou-se e Cermelháct tomou forma: dez quilômetros quadrados de um gramado baixo sobre um relevo relativamente regular, dominado pela imperiosa construção de pedras cintilantes bem no centro.

— Octoforte!

As grandes pedras douradas trazidas de Bhardo para a construção sobrepunham-se num encaixe perfeito, formando as paredes da construção. Márcio perdeu o fôlego: tinha se esquecido da magnitude do Dilarahtorn, a Fortaleza Dourada. As oito torres de formato tão singular debruçavam-se sobre a muralha externa a espaços calculados, exatamente nas arestas de um octógono perfeito. Entre cada par de torres abria-se um grande portão de madeira e ferro, recuado nas entradas de arcos tríplexes na pedra, e só podiam ser abertos por dentro através de roldanas e engrenagens pesadas. Em cada um deles havia uma pintura única representando um dos oito elementos que as torres representavam. Era tradição que as novas sentinelas pintassem sobre os portões sua própria representação do elemento que representavam, mas não tinha havido tempo para que os jovens cumprissem essa formalidade, e as imagens desgastadas eram as mesmas deixadas pelo antigo grupo de sentinelas. O portão logo à frente era dedicado à Primeira Torre, a torre do Fogo, o primeiro elemento de Ariell, e labaredas vermelhas e amarelas descascavam na superfície da madeira.

Por trás dos portões ficava o prédio central, uma grande construção também octogonal coberta por um domo de pedras onde, em seu interior, ficavam afrescos que retratavam cenas impressionantemente belas e realistas, mostrando personagens históricos e mitológicos das três dimensões acessíveis por Cermelháct. No prédio funcionava o Educandário Dourado, a cozinha, a Casa de Cura, os depósitos, o Centro de Treinamento Militar, o berçário para órfãos muito jovens e os aposentos das tutoras, mas sua função mais importante era a de servir como a última defesa do Torreão, a grande torre central que se erguia imponente no centro de Octoforte, mais alta e mais larga que as oito das sentinelas, encimada por uma cúpula transparente em formato de chama de vela. Nela ficavam os aposentos do general, bem perto do topo, porém a principal serventia do Torreão era guardar o arsenal da Fortaleza, não apenas as comuns como também dezenas de Objetos Mágicos, além de servir como Cofre e também como Biblioteca, esta no nível mais alto, sempre vigiada por guardas encapuzados conhecidos como “silenciosos”, que nunca falavam com ninguém.

Só que agora não havia guardas calados à vista. Toda a Fortaleza estava num silêncio de tumba.

Apertando a mão de Jadhe antes de voar, Dominique bateu asas até os muros dourados enquanto os amigos, cautelosos, se aproximavam a pé. Não havia movimento no interior da Fortaleza, e seus muros dourados brilhavam levemente à claridade do ambiente sem que nenhuma sombra os perturbasse. Tudo estava em silêncio. Antes, porém, que chegassem ao portão de ferro, Nique retornou e pousou entre os amigos com um pergaminho na mão.

— Está tudo vazio — anunciou. — Não tem viva alma lá dentro, mas também não tem ninguém morto. Os pátios estão organizados e limpos, e os animais também se foram. Mas encontrei isto pregado do lado de dentro do portão de entrada.

Pablo apanhou o pergaminho e o entregou a Márcio, que o desenrolou e leu.

Ao general Ólie Fauret e aos moradores de Octoforte,

Caros companheiros,

Após meses de tentativas infrutíferas de forçar a passagem para Bhardo, nos demos por vencidos. Imaginamos que, do lado do Mundo de Bhardo, vocês também estejam tentando voltar, mas a força que nos prendeu aqui talvez tenha selado nossos destinos por muito tempo, senão para sempre. Como bem sabem, os recursos de Octoforte são limitados, e dependemos do abastecimento externo de vários itens básicos, que só conseguimos em Bhardo. Então, quando eles chegaram perigosamente perto de se esgotar, tomamos uma decisão radical.

Empacotamos tudo o que pudemos e, junto com os animais, cruzamos o portal para a Terra em grupos pequenos para não correremos o risco de aparecer de uma vez naquele mundo estranho no meio das pessoas e causar mais alarde que o necessário. Entendam: tínhamos crianças e doentes conosco, e precisávamos fazer algo pela nossa própria sobrevivência. Ir para a Terra nunca foi uma opção até se tornar a única saída possível.

Formamos cinco grupos. Levamos conosco os aparelhos de localização que os tais humanos usam, e que o senhor general trouxe para cá tempos atrás. Vamos mantê-los ligados o tempo todo, carregaremos as baterias como o general nos ensinou a fazer e, se um dia conseguirem voltar para a Fortaleza e puderem nos buscar, estaremos esperando por vocês. O sensor para nos achar está na sua mesa de controle de operações, general.

Pretendemos viver o mais distante possível das grandes cidades, nos mantendo nas regiões que os terráqueos consideram selvagens. E, se nunca mais voltarmos, não contaremos aos nossos filhos como usar o mac nem a magia, e não contaminaremos o mundo deles com o nosso.

Mas, por favor, se for possível, tentem nos buscar. Todos estão bem e vivos, mas ninguém está feliz em abandonar a Fortaleza Dourada, que é nosso lar e nossa vida.

Se esta tiver sido uma decisão errada, a culpa deve recair totalmente sobre mim.

Larezim, soldado da guarda do trovão, responsável por manter as pessoas a salvo.

— Estão com o localizador que Fauret trouxe — Jadhe sorriu.

— Nunca imaginei ficar tão feliz com os contrabandos do general! — exclamou Márcio.

— Ei, Pablo — Dominique chamou. — Não pode fazer muito tempo que eles fugiram. Alguns meses, no máximo. Vamos conseguir trazer todos de volta!

— *Todos estão bem e vivos* — repetiu Diana, o coração se enchendo de alegria. Lágrimas brotaram em seus olhos e ela riu, abraçou e beijou Pablo e puxou Márcio e Yoná pelos braços saltitando e repetindo “todos estão bem e vivos”, mas logo em seguida saiu apressada, a mão apertando a boca, prestes a vomitar.

— Di! — Pablo chamou, preocupado. Durante toda a viagem na Nalvim e agora também ali, a esposa continuava a passar mal continuamente e ela, que sempre sofrera com insônia, mal conseguia se manter acordada nos últimos dias.

— Deixe-a Pablo, agora ela vai ter muito tempo pra descansar, e ainda vai um bom tempo até ela melhorar... — Yoná falou tranquilamente, mas Márcio se alarmou.

— Acha que ela está muito doente?

— Não pode ser nenhuma maldição, pode? — Pablo arregalou os olhos.

— Alguma coisa do Nepcoutem? — Dominique sugeriu num tom funesto, e os rapazes encararam a moça com um terrível pesar nos olhos, principalmente Pablo. Diana voltou à companhia deles parecendo um pouco perturbada. Mas tinha uma expressão mais curiosa do que assustada.

— Di, você está bem? Temos remédios aqui, podemos procurar alguma coisa pra você... — disse Pablo, tomando as mãos da esposa nas suas, que estavam trêmulas.

— Podemos... Temos curandeiros do outro lado — Márcio lembrou. — Podemos conseguir os remédios que precisarmos...

— Ora, parem com isso! — exclamou Yoná, e Jadhe, ao lado dela, sorriu com leveza. — Deixem de ser tão bestas!

Os meninos olharam espantados para a garota. Será que Yoná tinha perdido o juízo de vez?

Mas Diana sorriu mordiscando o lábio e disse, com um sorriso brilhante:
— Senhor general, acho que você vai ser papai!

Pablo engasgou, e a informação ecoou no fundo da cabeça de todos do jeito que chegou ao general: sem que ele conseguisse juntar as palavras da esposa numa só frase. Era como se não fizesse sentido, mesmo fazendo todo o sentido. Ele ainda estava atordoado quando começou a sentir os tapinhas animados dos amigos, que se desmancharam em vivas e abraços ao casal. Uma nova vida nasceria, logo Shenu estaria de volta com seu irmão resgatado, os soldados perdidos seriam trazidos de volta e a Fortaleza Dourada, agora mais importante do que nunca, se encheria de alegria outra vez.

E aquelas sete pessoas, de passados e histórias tão conturbadas, tinham conquistado algo naquela longa jornada que não esperavam ter outra vez na vida: juntos, os sete se tornaram uma família.

Epílogo

Sete moleques com sete brinquedinhos mágicos. Tinham destruído o grotesco maquinário de Zebarãn, e colocado abaixo uma estrutura mágica que permaneceu intacta por oitocentos e três anos. Mesmo com os Objetos Supremos, como eles tinham conseguido aquele feito? Era impensável, a maioria das pessoas teria sido consumida pelo poder das joias.

A guerra provocara a ira dos Senhores, e Inish arrebentara o Continente com seu terremoto. Caularom castigara o sul com uma tormenta que não cessava; Ziziarom provocara seus tornados em Gehenmy e o grande furacão que o Senhor dos Ventos arquitetou forçou uma trégua no meio do conflito civil pelo poder do reino, conflito este que Macrux ajudara a criar. Por fim, Scarfêr se deleitava de prazer ao conseguir, finalmente, despertar a cadeia vulcânica de Aduna e cobrir de lava tudo o quanto podia, derretendo as ruínas das minas que Zebarãn escavara com tanto cuidado. E mesmo a guerra de Zefim contra Yatzarem tinha cessado. Os rivais sucumbiram juntos à uldomatratha e se tornaram irmãos na tragédia, e, quando o Nepcoutem desabou em ondas de choque que reverberaram por todo o planeta, decidiram abandonar as armas por completo.

Sete pessoas. Sete moleques. Em menos de um ano eles tinham conquistado e dominado as joias que Macrux não conseguiu usar no passado, o impediram de conquistar a ilha Agerta, e agora puseram um reino abaixo e interromperam a guerra que ele armara.

Tudo através de Lhênus. Tudo por causa dele.

Bastava.

As sentinelas nem imaginavam o que tinham provocado.

Agora era pessoal.

~ **MUNDO DE BHARDO** ~
A FORTALEZA DOURADA
- Livro IV –
Final

A sombra rosada

Márcio continuava mascando as folhas amargas, mas as pontadas na cabeça não davam sinais de melhorar. Parecia que a crise de enxaqueca que começava seria tão intensa quanto aquela que tivera após a queda de Zebarân, e que o deixara incapacitado por vários dias. A sorte é que esteve dentro da Nalvim naquele período, e quando Melvim o deixou com os amigos na praia de Agerta e os repórteres, soldados e membros da Aliança vieram assediá-los em busca de respostas, a dor tinha passado, deixando apenas a sensação de estar fora do corpo. Agora ela se intensificava e ele achava que seria difícil passar por ela, mas não queria guardar o material diante dele e ir descansar, como tinha sugerido a garota.

Seus olhos se estreitavam enquanto a acompanhavam se afastar. Ele reconhecia sem pestanejar: ela era uma obra de arte. Curvas perfeitas que fariam os maiores escultores jogarem fora suas criações só para poderem admirá-la. Alta e de postura ereta, a pele claríssima com algumas sardas, os olhos verdes apaixonantes e cabelos negros e volumosos em anéis pequeninos que lhe conferiam um ar de leoa. Era uma musa, uma rainha de corações, e nenhum homem conseguia desviar o olhar dela enquanto ela passava. Ele sabia que tinham sido esses atributos que o fizeram se encantar por ela tempos atrás, quando ainda era um órfão da Fortaleza e jovem e burro o bastante para pensar que uma mulher com tantas opções sequer olharia para ele.

Agora, tudo o que ele queria era que ela se afastasse e ficasse bem longe.

Octoforte estava viva novamente. A última das cinco missões de resgate havia terminado com o retorno dos últimos moradores que se abrigaram na Terra, e todas tinham sido um sucesso, ninguém havia ficado para trás. Desde então Samantha vinha assediando a sentinela, insinuando um interesse que ele sabia que ela não teria se Márcio não estivesse recebendo toda aquela atenção.

As sentinelas eram famosas agora. A Aliança estava tão impressionada com os sete que não se atrevera a questionar a decisão de Pablo de guardar as joias em Octoforte. Eles tinham ganhado uma recompensa absurda pelo feito extraordinário no Nepcoutem, e vinham sendo entrevistado assiduamente desde então. Os soldados tinham amadurecido, e os moradores da Fortaleza que foram forçados a fugir para a Terra tinham se transformado, e o Dilarahtorn refulgia com o brilho da antiga glória novamente. Em três meses, ele ganharia um sobrinho. Tudo estava em paz.

Então, porque ele tinha a sensação de que havia alguma coisa muito errada acontecendo bem debaixo de seu nariz?

Continua...

Mensagem da Autora

Obrigada por trilhar este caminho extenuante e complicado junto comigo. Será que você tem coragem de acompanhar ainda uma última aventura? No futuro das sentinelas ainda há uma missão, um último desafio, que decidirá o destino de todo o Mundo de Bhardo.

Conheça mais sobre o Mundo de Bhardo, sobre o próximo livro da saga das sentinelas, a autora, ilustrações, promoções, onde comprar e outras obras acessando:

www.bhardo.net

Table of Contents

[OdinRights](#)

[O aliado](#)

[A ascensão do general](#)

[A Porta Que Não Abria](#)

[Passados Cruzados](#)

[Uma missão para o rei](#)

[Decisão](#)

[Treinamento, magia e um casamento](#)

[As revelações da Caçadora](#)

[Viajando com velhos amigos](#)

[Cataclisma](#)

[Ruptura](#)

[Por uma gota de chuva](#)

[Selvagens](#)

[Uma Carona Indesejada](#)

[Disfarce de pirata](#)

[Dragões do Breu](#)

[Os desejos de Dominique](#)

[A maldição da sereia](#)

[Coelho em toca de serpente](#)

[Partidários de Ayana](#)

[Convergência](#)

[Traidor](#)

[A escadaria resplandecente](#)

[O Rei](#)

[A inimiga de Zebarã](#)

[Reencontro](#)

[A Fortaleza dos Muros Dourados](#)

[Epílogo](#)